

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DA CASA CIVIL
COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE
DOM HELDER CÂMARA

CADERNOS DA MEMÓRIA E VERDADE

VOLUME IV

PRÊMIO NOBEL DA PAZ
A ATUAÇÃO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA
CONTRA A INDICAÇÃO DE DOM HELDER CÂMARA

Parte do discurso pronunciado na Câmara Federal, sessão de 24 de maio de 1981, pelo então deputado federal Fernando de Vasconcelos Coelho, na comemoração do transcurso dos 50 anos da ordenação sacerdotal do arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara:

[...] Caros pernambucos, nordestinos, sul-americanos - Dom Helder Câmara - tem sido, sobretudo, como poucos, cidadão do mundo irmão, intérprete, pastor e advogado de todos os sem vez e sem vez, de todos os perseguidos, de todos os injustiçados, de todos os vítimas das estruturas tríplices que corrompem o homem e de todos que lutam para erradicá-las - não pelo ódio, mas pelo amor, segundo a lição de Cristo. Pela não violência ativa - única fórmula que abre caminhos eficazes e duradouros para a reconstrução da sociedade. Ninguma mulher que de tristes, hoje, o clamor dos perseguidos e marginalizados de todo o mundo e a esperança na edificação de um tempo novo.

[...] Por justiça, já certo Prêmio Nobel da Paz (...) não fazer a interferência injustificada das autoridades brasileiras junto ao Juri de Estocolmo.

[...] Realizem as vezes temas ocupado esta tribuna para prestar homenagem. Mas hoje sentimos a necessidade de fazê-lo - em nome dos pernambucos que representamos nesta Casa e por um dever de justiça - para assinalar nos cinquenta anos de sacerdócio de Dom Helder Câmara, a esperança de uma sociedade mais justa e mais fraterna, que nos profita de um tempo novo já começado a edificar. Com a sua palavra. Com a sua presença. Com o seu exemplo.

A escaridade da noite em que vivemos, na verdade - aprendemos com ele - apenas aumenta a claridade da madrugada que há de vir.

Fernando de Vasconcelos Coelho



GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

SECRETARIA DA CASA CIVIL

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA

CADERNOS DA MEMÓRIA E VERDADE – VOLUME IV

PRÊMIO NOBEL DA PAZ

**A ATUAÇÃO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA
CONTRA A INDICAÇÃO DE DOM HELDER CÂMARA**

**RECIFE
2015**

**COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA
CADERNOS DA MEMÓRIA E VERDADE – VOLUME IV**

Governador do Estado de Pernambuco

Paulo Henrique Saraiva Câmara

Secretário da Casa Civil

Antonio Carlos dos Santos Figueira

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE DOM HELDER CÂMARA

Fernando de Vasconcelos Coelho (Coordenador Geral)

Henrique Neves Mariano (Secretário Executivo)

Gilberto Marques de Melo Lima

Humberto Vieira de Mello

Jose Áureo Rodrigues Bradley

Manoel Severino Moraes de Almeida

Maria do Socorro Ferraz Barbosa

Nadja Maria Miranda Brayner

Roberto Franca Filho

Assessores da CEMVDHC

Fernando José Pereira de Araújo

Jacqueline de Araújo Florêncio

Joelma de Gusmão Lima

Lilia Maria Pinto Gondim

Monike Gabrielle de Moura Pinto

Rafael Leite Ferreira

Teresa Cristina Wanderley Neves

Vera Lúcia Costa Acioli

Zélia Maria Pereira da Silva

Colaboradores da CEMVDHC

José Almino de Alencar e Silva Neto

Lia Marques

Secretaria da CEMVDHC

Geraldo Cisneiros

Maria Nívea dos Prazeres Siqueira Melo

Priscila Gonçalves Ferreira

Ruth Lima de Araújo Coutinho

Secretaria dos Cadernos da Memória e Verdade

Rafael Leite Ferreira

Vera Lúcia Costa Acioli

Conselho Científico

Antonio Torres Montenegro, Universidade Federal de Pernambuco

Giuseppe Tosi, Universidade Federal da Paraíba

Maria de Nazaré Tavares Zenaide, Universidade Federal da Paraíba

Paulo Abrão Pires Junior, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Tânia Bacelar de Araújo, Universidade Federal de Pernambuco

Conselho Editorial

Aida Maria Monteiro Silva, Universidade Federal de Pernambuco
Christine Paulette Yves Rufino Dabat, Universidade Federal de Pernambuco
Leda Alves, Secretaria de Cultura do Recife
Luiz Carlos Luz Marques, Universidade Católica de Pernambuco
Marília Gama da Silva, Universidade Federal Rural de Pernambuco
Rita de Cássia Barbosa de Araújo, Fundação Joaquim Nabuco
Suzana Cavani Rosas, Universidade Federal de Pernambuco

Digitalização, Edição e Impressão

Companhia Editora de Pernambuco – CEPE

Diretor Presidente

Luiz Ricardo Leite de Castro Leitão

Diretor de Edição e Produção

Edson Ricardo Teixeira de Melo

Equipe

Igor Burgos, Ana Cláudia Alencar, Débora Lôbo, Denise Vieira, Fabiola Rodrigues, Fátima Pessoa, Luciana Lino, Martiniano Lins, Pedro Souza e Valdeito Souza.

FICHA CATALOGRÁFICA

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE.

Cadernos da memória e verdade. v. 4. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco, 2015.
226 p.

© 2015 Secretaria da Casa Civil - Governo do Estado de Pernambuco.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

O presente Caderno da Memória e Verdade, cujo produto é parte da relatoria temática “Violações de Direitos Humanos nos Meios Religiosos”, foi elaborado sob a responsabilidade dos relatores Manoel Severino Moraes de Almeida, Nadja Maria Miranda Brayner e Henrique Neves Mariano, e com a colaboração dos assessores Rafael Leite Ferreira e Vera Lúcia Costa Acioli.

Este texto contou com a ajuda de diversas pessoas e instituições. Na impossibilidade de citá-las em sua totalidade, mencionam-se aquelas que contribuíram diretamente para a efetivação deste trabalho. É evidente que nenhuma das instituições e pessoas mencionadas são responsáveis pelas possíveis falhas que este texto porventura possa ter. Os erros e imprecisões são de responsabilidade dos relatores. Dessa forma, a CEMVDHC agradece:

Ao Instituto Dom Helder Camara (IDHeC) e ao Centro de Documentação Dom Helder Camara (CEDHOC), especialmente a Lucinha Moreira.

Ao Ministério das Relações Exteriores, especialmente ao ministro Alexandre Peña Ghisleni.

Ao ex-diplomata Vasco Mariz.

À Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), especialmente ao padre José Ernanne Pinheiro.

Ao pesquisador Walter Praxedes.

À jornalista Denise Assis.

Ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Relações Internacionais e Direito (GERID) da Faculdade Damas, especialmente a Luis Emmanuel Barbosa da Cunha e Aleida Cristina Mendes Borges.

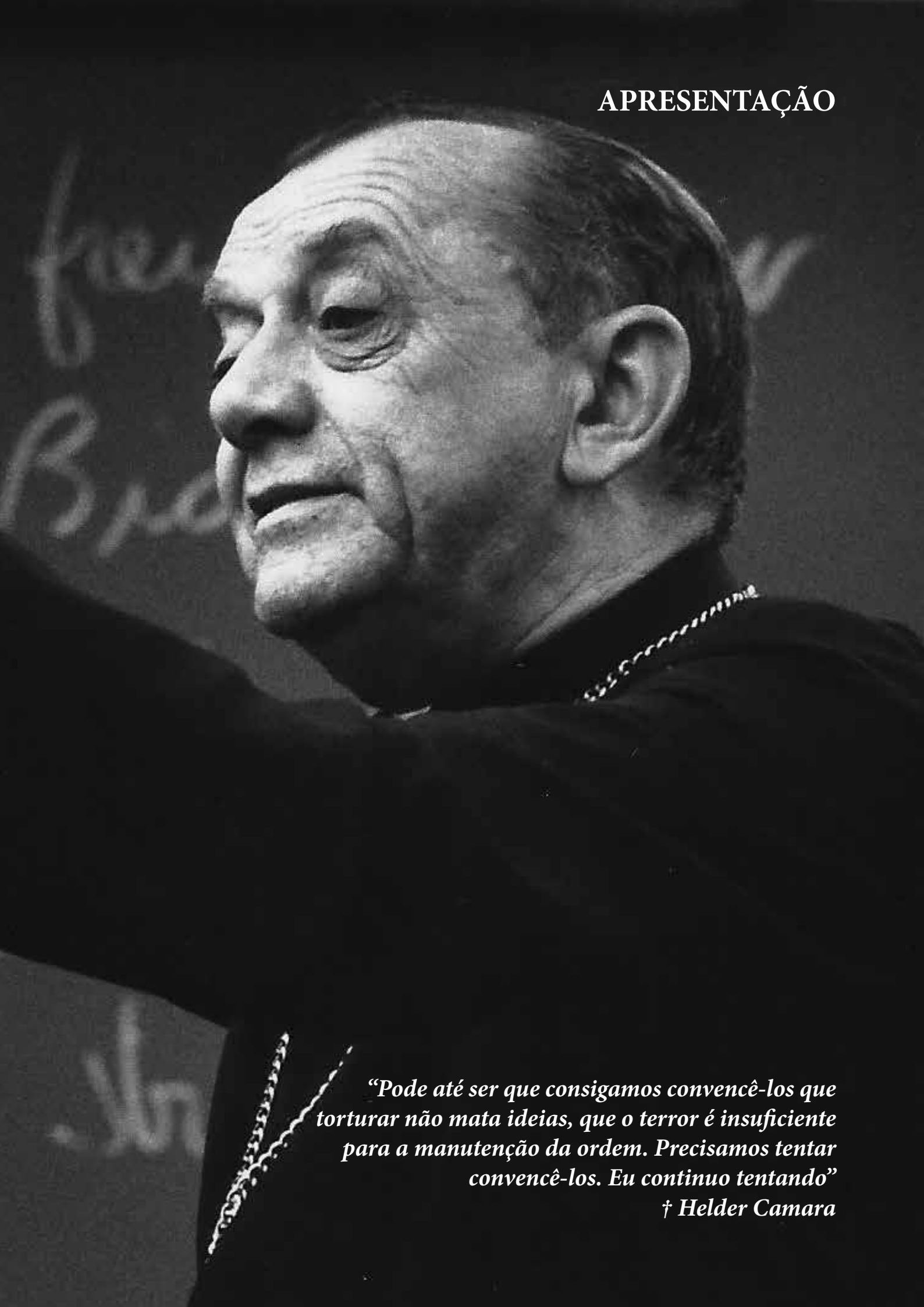
Ao Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

À Companhia Editora de Pernambuco (CEPE).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I	17
1.1. Origens, o sacerdócio e a opção pelos pobres.....	5
1.2. O Congresso Eucarístico e a CNBB.....	6
1.3. O Vaticano II e o pacto das Catacumbas	8
1.4. As Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979).....	8
1.5. A Comissão Justiça e Paz e a defesa dos Direitos Humanos	9
PARTE II	11
2.1. Primeiras tensões entre Estado e dom Helder em Pernambuco.....	13
2.2. O distanciamento entre os militares e dom Helder	17
2.3. A diplomacia sob tutela da Doutrina de Segurança Nacional	20
2.4. A ação diplomática contra dom Helder Câmara: documentos secretos do Itamaraty	24
PARTE III	35
3.1. Reação de dom Helder Câmara às indicações ao Nobel da Paz	37
3.2. Carta aberta escrita a Willy Brandt	41
3.3. O Prêmio Popular da Paz.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS.....	55

APRESENTAÇÃO

A black and white portrait of Helder Câmara, a Brazilian cardinal. He is shown from the chest up, in profile, looking towards the left. He has a serious expression and is wearing a dark clerical garment with a white chain of office. The background is dark and out of focus, with some faint, illegible text visible.

“Pode até ser que consigamos convencê-los que torturar não mata ideias, que o terror é insuficiente para a manutenção da ordem. Precisamos tentar convencê-los. Eu continuo tentando”

† Helder Camara

Sabia-se nos anos 70, em plena ditadura, da campanha que o governo desencadeara e vinha mantendo para impedir a outorga do Prêmio Nobel da Paz ao Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara. Sabia-se que ele fora indicado à honraria “em reconhecimento ao seu legado para a cultura da paz e por seu combate incessante na defesa da dignidade humana e da Justiça”. Que a indicação do seu nome partira de eminentes personalidades e importantes instituições culturais e religiosas da França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda e outros países. Sabia-se, também, que neutralizada a iniciativa em três oportunidades – apesar do favoritismo que lhe atribuía a imprensa internacional – a premiação não voltou a ser cogitada para nenhum outro brasileiro. Sabia-se muito pouco, em tempo de censura, e se sabia demais. Por tudo que se podia esperar daqueles a quem sua atuação incomodava.

Com o tempo, novos fatos foram se tornando conhecidos. Na medida em que sua candidatura ganhava mais apoios, a campanha contra ele recrudescia, chegando a patamares que depunham contra a tradição da diplomacia brasileira. Retratado como um “esquerdista perigoso” – dizia-se – seu prestigiamento com o Nobel da Paz “poria em risco os investimentos noruegueses no Brasil”. Seria um passo decisivo para a “comunização” do país. Ele próprio referiu a existência de maquinações para desqualificá-lo. Em dado momento as agressões passaram a assumir formas mais violentas. Sua residência e o local em que trabalhava foram metralhados, com a conivência ou, no mínimo, com a omissão dos militares responsáveis pela segurança pública. E o trucidamento do seu amigo e colaborador padre Antonio Henrique foi urdido evidentemente para atingi-lo e intimidá-lo. Sem o desgaste da repercussão internacional negativa que teria o seu assassinato. Para não referir a ameaça de suspensão da remessa de lucros às empresas escandinavas com atuação no Brasil, caso se recusassem a intervir junto à Fundação Nobel para evitar a premiação de Dom Helder. Como foi comunicado no Palácio do Planalto aos embaixadores da Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia e Presidentes da Scania Vabis, Ericson, Volvo, Facit e Nokia, em reunião que o embaixador Vasco Mariz registrou:

Foram convocados os presidentes e diretores de todas as empresas escandinavas no Brasil, como a Volvo, a Scania Vabis, a Ericson, a Facit, a Nokia e outras menores, e lhes foi solicitado que intervissem na Fundação Nobel para evitar a concessão do Prêmio Nobel a dom Helder Câmara. Todos lamentaram não poder intervir no caso, até que o oficial general que presidia a reunião deu um murro na mesa e anunciou: se os senhores não intervierem com firmeza e Dom Helder chegar a receber o prêmio Nobel da Paz, então as suas empresas no Brasil não poderão remeter um centavo de lucros para as respectivas matrizes. Naquela época do general Médici, o governo tinha meios de adotar tão grave atitude .¹

¹ MARIZ, Vasco. Nos bastidores da diplomacia: memórias diplomáticas. Brasília: FUNAG, 2013, p. 82

Esta é a história de que trata este caderno. Pela primeira vez contada por inteiro e com a revelação de documentos até agora inéditos. Que a CEMVDHC conseguiu recuperar, graças à colaboração do Ministério das Relações Exteriores e ao empenho em lidar com “salvados do incêndio”, à capacidade e à dedicação do professor Manoel Severino Moraes de Almeida, relator da matéria, e dos assessores Rafael Leite e Vera Acioli. História que merece esta divulgação menos pela importância maior ou menor que se atribua ao Prêmio Nobel da Paz – visto por Dom Helder na sua exata dimensão – que pela revelação de um campo em que a ditadura também atuou, desrespeitando os direitos humanos mais elementares e a própria história da diplomacia brasileira.

Fernando de Vasconcellos Coelho

Coordenador Geral da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara

Manoel Severino Moraes de Almeida

Relator das Violações de Direitos Humanos nos Meios Religiosos

Nadja Maria Miranda Brayner

Sub-relatora das Violações de Direitos Humanos nos Meios Religiosos

Henrique Neves Mariano

Sub-relatora das Violações de Direitos Humanos nos Meios Religiosos



INTRODUÇÃO

“É graça divina começar bem. Graça maior é persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”
† Helder Câmara

A justiça de transição vem sendo definida pela comunidade internacional como o conjunto de abordagens, mecanismos (judiciais e não judiciais) e estratégias para enfrentar o legado de violência em massa do passado, para atribuir responsabilidades, para exigir a efetividade do direito à memória e à verdade, para fortalecer as instituições com valores democráticos e garantir a não repetição das atrocidades¹. Uma das principais e mais freqüentes medidas que a integram é a instituição das Comissões da Verdade, criadas com o objetivo de analisar as violações aos direitos humanos contra pessoas ou grupos de uma determinada nação e recomendar políticas públicas onde esses mesmos direitos e garantias individuais e coletivas sejam assegurados dentro de um Estado Democrático de Direito consolidado.

Em 2011, o Estado brasileiro instituiu a Comissão Nacional da Verdade (CNV), através de Lei nº 12.528/2011. A partir de então, diversas comissões da memória e verdade se multiplicaram pelo país, a exemplo da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara (CEMVDHC), primeira comissão estadual instituída por Lei (nº 14.688, de 1º de julho de 2012), através da iniciativa do então governador de Pernambuco, Eduardo Campos:

[...] com a finalidade de examinar e esclarecer as graves violações de direitos humanos ocorridas contra qualquer pessoa, no território do Estado de Pernambuco, ou contra pernambucanos ainda que fora do Estado, praticadas por agentes públicos estaduais, durante o período fixado no art. 8º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a consolidação do Estado Democrático de Direito².

O efetivo reconhecimento das graves violações de direitos humanos praticadas pelo Estado brasileiro entre os anos de 1946 e 1988 implica necessariamente na ampla difusão de documentos e relatos sobre fatos antes encobertos para proteger os agentes da repressão e seus aliados naquele período. Tendo isso em vista, a CEMVDHC em parceria com a Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo do Estado (SEPLAG-PE) elaborou um Planejamento Estratégico que adotou como metodologia de trabalho a criação de dois tipos de relatórios: um primeiro tipo reuniria informações, documentos, testemunhos e investigações sobre os casos de pessoas mortas ou desaparecidas; e um segundo tipo de relatório, denominada de assuntos temáticos, cujo trabalho consistiria no exame de instituições, fatos, incidentes, grupos sociais, políticas de Estado, movimentos de resis-

1 Conforme Relatório do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) ao Conselho de Segurança. ONU. *The rule of law and transitional justice in conflict and post-conflict societies*, S/2004/616, 24 ago. 2004.

2 PERNAMBUCO. Comissão Estadual da Memória e Verdade. *Cadernos da Memória e Verdade*. v. 1. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco, 2013, p. 18.

tência que pudessem melhor esclarecer e denunciar o contexto das violações de direitos humanos.

No curso de seu trabalho, a relatoria temática que investiga as violações de direitos humanos nos meios religiosos destacou, entre outras questões, o papel e a relevância de dom Helder Câmara à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife, na sua luta permanente contra as torturas, mortes e desaparecimentos políticos e outros crimes cometidos pelo regime ditatorial.

Em linhas gerais, este Caderno Especial analisa a atuação internacional do regime militar brasileiro, entre os anos de 1969 e 1973, para impedir a indicação de dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz³ por toda uma vida em defesa da dignidade humana. Até então, muitas dessas iniciativas ainda estavam encobertas pelo silêncio dos seus responsáveis ou sepultadas em arquivos não explorados. Coube a essa Comissão trazer agora à tona informações inéditas que denunciam a maneira insidiosa como a diplomacia brasileira da época agiu – assim como as razões que a motivaram – contra um dos seus mais insignes cidadãos, a quem seria dada a oportunidade de receber uma das maiores honrarias contemporâneas.

É bem verdade que o episódio não era de todo desconhecido. Em 24 de maio de 1981, o então deputado federal pelo Estado de Pernambuco, Fernando Coelho – embora só dispusesse de alguns relatos que julgara fidedignos e de algumas poucas informações da imprensa da época – tomou a iniciativa pioneira de fazer um pronunciamento no plenário da Câmara dos Deputados denunciando as manobras do governo brasileiro junto ao Júri do Prêmio Nobel.

O presente Caderno tem a seguinte divisão:

A primeira parte esboça uma biografia de dom Helder Câmara, a sua trajetória na Igreja Católica e as suas ações como crítico do regime ditatorial, pelas quais veio a ser alvo de perseguições e agressões as mais diversas. Serão identificadas em subseções específicas algumas etapas ou episódios expressivos no curso de sua carreira, tais como o da criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1952), as Conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979), assim como a fundação da Comissão Justiça e Paz e a defesa dos direitos humanos.

Na segunda parte apresenta-se o dossiê sobre a retaliação do governo brasileiro contra a candidatura de dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel, através de documentos até então não revelados do Itamaraty. Introduce-se o tema por uma caracterização das tensões entre o governo e o Arcebispo, do estranhamento progressivo entre este último e os militares, assim como de algumas observações sobre a influência da doutrina da segurança nacional sobre a diplomacia brasileira.

A terceira parte registra algumas das mais expressivas manifestações de dom Helder Câmara – feitas à imprensa ou aos seus próximos e apoiadores – sobre as sucessivas indicações de seu nome ao Comitê do Prêmio Nobel da Paz para que lhe fosse outorgado o Prêmio. Inclui uma carta de congratulações antecipadas ao primeiro ministro alemão Willy Brandt que viria a ser o ganhador do Prêmio em 1971. Termina com uma narrativa da criação por parte de organizações populares e da juventude da Noruega, de um Prêmio Nobel Popular da Paz, verdadeiro desagravo às campanhas movidas contra o Arcebispo, homenagem e reconhecimento a seu legado para a cultura de paz, por seu combate incessante na defesa da dignidade humana e da justiça.

³ Ver Dossiê completo nos Anexos IX a XXXIV. Documentos cedidos a CEMVDHC pelo Ministério das Relações Exteriores.

PARTE I



“Um dos meus anseios de chegar ao infinito é a esperança de que, ao menos lá, as paralelas se encontrem”
† Helder Camara

1.1. Origens, o sacerdócio e a opção pelos pobres

Helder Pessoa Câmara logo cedo revelou sua inclinação para o sacerdócio. Ingressou no seminário aos 14 anos e, mediante autorização especial do Vaticano, foi ordenado sacerdote com apenas 22 anos e meio, abaixo da idade exigida pelo Código de Direito Canônico (CDC) para ordenação – 24 anos. Nascido em sete de fevereiro de 1909 e falecido em 27 de agosto de 1999, viveu praticamente a integridade do século XX, com seus conflitos, dilemas políticos e alternativas ideológicas e filosóficas que iriam dividir, por vezes violentamente, os homens de sua geração e de seu tempo.

Em Fortaleza, o padre Helder participou de várias atividades religiosas, desenvolvendo diálogos com operários, movimentos políticos e intelectuais integralistas. Por um período, seja provavelmente movido pelo sentimento anticomunista comum nos meios católicos; seja pela aspiração a uma sociedade comunitária baseada nos valores familiares e sustentada por um autoritarismo dirigista; seja pela adesão a um nacionalismo de forte apelo emocional, aderiu à Ação Integralista Brasileira (ABI), como de resto, e por razões obviamente diversas, uma parte da juventude de então abraçou os ideais comunistas ou socialistas.

As décadas de 1920 e 1930 foram de grande ebulição política no país, que inquietava e mexia os brios da sociedade, especialmente a camada jovem. Nesse período, como relatou o jornalista Nagib Jorge Neto:

[...] a pregação integralista atraiu muitos jovens, pois era contundente na condenação ao capitalismo e exaltação do nacional. [...] A forma da mensagem cativava os jovens e assim [tanto o advogado e ex-deputado pernambucano Paulo Cavalcanti quanto dom Helder] entraram no movimento, desfilaram e tocaram tambor, mas logo observaram as contradições da doutrina, da prática. [...] Apesar dos caminhos diversos – no caso do Paulo Cavalcanti, também de Dom Helder –, do encantamento restou o compromisso com as lutas de libertação, os ideais de liberdade e fraternidade. A linha de pensamento, pois, permaneceu idêntica na opção pelos pobres, próxima nas ideias e propostas para transformar o país.¹

Seu talento para o serviço público seria revelado desde cedo. Em junho de 1935, aos vinte e seis anos aceita o convite do então interventor do Estado, Menezes Pimentel, para assumir, em junho de 1935, a Diretoria de Instrução Pública do Estado do Ceará. Participou da Legião Cearense do Trabalho (1931), dos Círculos Operários, da Juventude Operária Católica (1931), da Sindicalização Operária Católica Feminina (1933) e da Liga dos Professores Católicos do Ceará. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1936, assumindo o posto de Assistente Técnico do Secretariado de Educação.

¹ NETO, Nagib Jorge. Paulo Cavalcanti 100 anos. CEPE, Recife, 2015, p. 6.

Logo veio a trabalhar diretamente com Dom Sebastião Leme, integrando-se à tarefa de uma maior participação da Igreja na sociedade e na política, objetivos adotados pelo Cardeal do Rio de Janeiro, como assinala o padre Joseph Comblin:

Quando dom Helder foi ordenado sacerdote em 1931, o plano pastoral de dom Leme – que não eram mais do que as orientações definidas pelo episcopado após a separação entre Igreja e Estado – já estava em andamento. O plano visava restabelecer o poder da Igreja na nova estrutura que lhe foi imposta. A reconquista se faria pela ação direta sobre as elites dirigentes do país, sobretudo através dos colégios católicos que deviam converter as crianças dos republicanos em políticos, senhores da terra, mestres do poder sob todas as formas. Os bispos logo perceberam os talentos do jovem Helder e resolveram direcioná-los a serviço de sua política: atuação no mundo da política através da Liga Eleitoral Católica (LEC), atuação sobre a opinião pública através da imprensa, atuação junto à nova classe dirigente através da educação católica. O jovem Helder se lançou neste programa episcopal com todo seu entusiasmo. Sua personalidade era tão privilegiada que o sucesso foi imediato e ele poderia ter sido o continuador natural da estratégia de dom Leme. Ele teria sido o líder de uma cristandade restaurada, dominando o Estado com seu poder cultural, como em outros tempos, e influenciando de modo decisivo o poder político. Helder já estava bem ligado às elites. As posições que ele ocupou no sistema educacional nacional rapidamente o colocaram em contato com as pessoas mais importantes da sociedade e do estado brasileiro da época. Todas as portas no Rio de Janeiro e no Brasil lhe eram abertas [...].²

No dia 20 de abril de 1952, Helder Câmara foi sagrado bispo. Tornou-se bispo auxiliar do Rio de Janeiro em 2 de abril de 1955, onde atuou por nove anos. Durante esse tempo, dedicou-se intensamente ao trabalho com as pastorais sociais da Igreja, fundando a Cruzada São Sebastião para enfrentar o problema das favelas do Rio de Janeiro e, pouco tempo depois, a Feira³ e o Banco da Providência⁴, atividades que dariam suporte financeiro às obras assistenciais da diocese. Nesse período, atuou diretamente na Ação Católica que integrava a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC). Com a morte prematura de dom Carlos Coelho, arcebispo de Olinda e Recife, em março de 1964, foi designado para essa arquidiocese pelo papa Paulo VI.

Dom Helder assumiu o posto poucos dias depois do golpe militar, em 11 de abril de 1964, tendo que enfrentar, portanto, de imediato, uma conjuntura política particularmente difícil. Em seu discurso de posse, faz um pronunciamento simbólico e premonitório do que seria sua liderança pastoral a frente da Arquidiocese de Olinda e Recife:

Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, anti-reformistas ou reformistas, anti-revolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boas ou de má fé. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno.⁵

1.2. O Congresso Eucarístico e a CNBB

A vida religiosa de dom Helder Câmara foi marcada por um intenso envolvimento nas mudanças políticas e institucionais de sua igreja, quando freqüentemente assumiu posições das mais destacadas.

2 MONTENEGRO, Antonio Torres; SOARES, Edla de Araújo Lira; TEDESCO, Alcides Restelli (Orgs.). Dom Helder, peregrino da utopia: caminhos da educação e da política. Recife. Editora Universitária da UFPE, 2002, p. 37.

3 Ação social filantrópica desenvolvida pelo Banco da Providência no Rio de Janeiro.

4 Entidade Filantrópica para promoção humana criada por dom Helder em outubro de 1959 no Rio de Janeiro. Fundado também no Recife, começou a operar em 1964.

5 CÂMARA, Helder. Utopias Peregrinas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1993, p. 17.

Em 1952, o então padre Helder Câmara apresentou ao pró-secretário do Estado, monsenhor Giovanni Montini, posteriormente eleito papa Paulo VI a proposta de criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Tornou-se o primeiro secretário da CNBB, fundada em 14 de outubro de 1952, no Palácio São Joaquim, sede da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Entre 1952 e 1964 ocupou esta posição onde exercera inegável liderança, criando consensos e definindo posições, como sugerem Nelson Piletti e Walter Praxedes:

Simultaneamente à preparação da instalação da CNBB foram se definindo na atuação de dom Hélder Câmara as duas marcas que imprimiria à Igreja do Brasil a partir dos anos 50: atuação conjunta do episcopado nacional e reavaliação da colaboração entre Igreja e Estado [...]. Essa habilidosa iniciativa foi muito importante para ele, pois, foi a partir dela que dom Hélder pôde crescer e desenvolver-se com seu espírito de liderança carismática.⁶

Em 1955, esteve profundamente empenhado na organização do 36º Congresso Eucarístico Internacional que teve lugar em julho daquele ano na cidade do Rio de Janeiro. Marco fundamental na história do catolicismo brasileiro, o evento veio a ser para dom Helder um ponto de inflexão no seu engajamento no mundo, ponto de partida para a sua adesão a uma nova visão sobre a sociedade e para a sua igreja:

A conversão de 1955, por ocasião do Congresso Eucarístico internacional é bem conhecida e foi relatada muitas vezes. Não é preciso repetir o que já foi bem escrito e comentado. Essa foi a sua conversão aos pobres. Foi então que dom Helder começou a descobrir outro mundo e passou a distanciar-se cada vez mais de seu projeto anterior. Isso ocorreu de tal forma que a convivência com dom Jaime se tornava cada vez mais difícil e o cardeal acabou solicitando a sua saída da arquidiocese. A mesma mística que ele dedicou ao poder da Igreja agora ele consagrava no serviço aos pobres. Essa conversão foi se desenvolvendo progressivamente. Helder não compreendeu tudo de uma vez. Mas seus olhos estavam abertos e ele começava a ver o mundo de outro ponto de vista e isso foi o começo de um novo processo que ele percorreu em etapas. Após descobrir a miséria das favelas e a necessidade de fazer alguma coisa – por isso idealizou a Cruzada São Sebastião – dom Helder percebeu pouco a pouco a complexidade do problema e a que ponto a pobreza estava relacionada à estrutura da sociedade. Nisso a evolução da Ação Católica, a preparação do Concílio Vaticano II, a personalidade de João XXIII, a influência do padre Gautier e do padre Leuret, dos bispos do Pacto das Catacumbas em Roma, do cardeal Lecaro e a evidencia escandalosa da opressão dos pobres pelos detentores do poder marcaram as etapas de um processo progressivo e decisivo que chegou a seu termo nos anos 70.⁷

Foi durante o 36º Eucarístico no Rio de Janeiro em 1955 que se realizou a primeira Conferência Geral do Episcopado Latino Americano.⁸ A reunião deu lugar ao Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), instituição permanente, com sede em Bogotá, representando todos os bispos do Continente e da qual dom Helder Câmara ocupou a segunda vice-presidência de 1958 a 1963 e a presidência, de 1963 a 1965.

Ambas as instituições, a CNBB e o CELAM foram posteriormente decisivas na implantação e assimilação das resoluções do Concílio Vaticano II (1962-1965), de Medellín (1968) e de Puebla (1979):

⁶ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: Entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997, p. 194.

⁷ COMBLIN, José. Espiritualidade de Dom Helder. In: MONTENEGRO, Antonio; SOARES, Elda; TEDESCO, Alcides (Orgs.). Dom Helder, peregrino da utopia, op. cit., p. 37-38.

⁸ Entre 25 julho e 4 de agosto.

Uma inovação-chave foi a criação, em 1952, da CNBB, uma das primeiras conferências episcopais modernas do mundo e uma das fundações do progressismo católico brasileiro. Dom Hélder, outros bispos do Nordeste, sua terra natal, e um pequeno grupo de padres e voluntários leigos dominaram a CNBB durante o período em que ele ocupou o cargo de secretário-geral (1952 – 64). A CNBB serviu de defensora da igreja em nível nacional e internacional, promoveu assembleias bianuais (e mais tardes anuais) e levantou numerosos problemas da igreja, inclusive o da necessidade de estabelecer estratégias pastorais e políticas nacionais. Mais importante, defendeu o nacionalismo econômico como caminho para o progresso social. Dom Hélder também ajudou a fundar o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), inaugurado depois do Congresso Eucarístico Internacional de 1955. Na II assembleia geral do CELAM em Medellín, Colômbia, em 1968, os bispos elaboraram uma declaração na qual clamavam por justiça social e condenavam o subdesenvolvimento e violência na América Latina. Essa declaração lançou a teologia da libertação e a Igreja progressista no continente. Medellín marcou o começo da conhecida “década gloriosa” de inovações na Igreja Latino-Americana.⁹

1.3. O Vaticano II e o pacto das Catacumbas

Sob a condução do papa João XXIII¹⁰, a Santa Sé convocou o Concílio Vaticano II, com o propósito de atualizar a Igreja Católica para os desafios da modernidade. Em 1962, o Concílio Ecumênico mudou definitivamente a face da Igreja, introduzindo em sua pauta de reflexão e em sua atuação religiosa temas e valores pouco defendidos e até pouco tempo hostilizados por alguns setores do catolicismo, tais como, a democracia, a tolerância, o ecumenismo, a liberdade religiosa, a liberdade de consciência.

Nas reuniões e debates que se seguiram, os bispos progressistas discutiam os caminhos e os métodos que propiciassem a afirmação de uma Igreja despojada de riquezas e de ostentações; mais coerente, portanto, com os votos de pobreza e de solidariedade com os desfavorecidos aos quais ela deveria estar, pela mensagem do Evangelho, naturalmente vinculada.

Personalidade carismática e agregadora, hábil negociador, dom Helder Câmara – já internacionalmente identificado com as causas sociais – teve intensa participação durante o Concílio e foi um dos principais articuladores do Pacto das Catacumbas¹¹, um documento assinado em 16 de novembro de 1965 por 42 Bispos de 25 países, representando os cinco continentes, composto de treze itens nos quais os signatários comprometeram-se a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral, a levar uma vida de pobreza e a se abster de todos os privilégios e ostentações do poder.

1.4. As Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979)

As grandes teses consagradas no Vaticano II são reafirmadas e aprofundadas nos encontros do CELAM em Medellín, na Colômbia em 1968 e em Puebla, no Chile em 1979.

Em seu tema principal, “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano reunida entre 24 de agosto e 6 de setembro de 1968, define explicitamente este objetivo. Medellín fez assim releitura do Vaticano II a partir da realidade da América Latina, um Continente, na sua linguagem demograficamente jovem, marcado pela pobreza e a injustiça; e onde haveria de se fazer renascer e fortalecer a fé e a esperança.

⁹ SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 98.

¹⁰ Seu papado durou pouco menos de cinco anos: entre 28 de outubro de 1958 e 30 de junho de 1963, data de seu falecimento.

¹¹ Assim denominado porque teve origem em uma série de reuniões e de celebrações nas Catacumbas de Roma.

As três partes do seu documento final – “Promoção Humana”, “Evangelização e crescimento na Fé”; “A Igreja visível e suas estruturas” –, distribuídas em dezesseis capítulos com títulos como Paz, Educação, Justiça, Pastoral Popular, Pobreza da Igreja, renovam o engajamento preferencial da Igreja Católica pelos pobres; assim como traduzem e reafirmam os compromissos da Igreja advindos do Concílio no combate às injustiças de seu tempo: as seqüelas do colonialismo, os conflitos inerentes à Guerra Fria, as explorações do sistema capitalismo prevalente no Continente.

Tal posicionamento naturalmente encontraria dificuldades e oposições. E a Igreja na América Latina, no período pós Medellín, deparou-se com divergências internas e confronto com os governos da época. Na abertura da Conferência de Puebla, o próprio papa João Paulo II, abriu os trabalhos com sua prédica pastoral, apresentando três denúncias:

Primeiro, o Papa denuncia a “releitura” da Bíblia que pretende fazer Jesus um líder político, um revolucionário; segundo, o Papa denuncia uma nova Igreja que está aparecendo e se levanta contra a Igreja de sempre – a Igreja Popular; e terceiro, o Papa denuncia um magistério paralelo que se opõe ao magistério da hierarquia católica.¹²

Em resposta ao pronunciamento do Papa, os bispos da ala progressista organizaram um texto onde corroboraram positivamente as palavras de João Paulo II. Afirmaram não haver na América Latina uma Igreja dita popular, segregada da Igreja Católica, negaram existir magistério paralelo em confronto com os desígnios da Igreja e muito menos uma releitura da Bíblia também denunciada pelo Santo Padre.

Após a manifestação dos bispos progressistas, o ambiente de diálogo desejado retornou a sua normalidade. O documento dos bispos finalmente assimilou os fundamentos principais definidos em Medellín e sua análise sobre os desafios mundiais passavam a ser documento oficial da Igreja latino-americana.

Mas o documento final, segundo alguns observadores como o teólogo José Comblin teria uma forma menos comprometida.¹³ As instâncias internas da Igreja agiram e modificaram o documento apresentando um texto que amenizava o impacto e críticas aos sistemas militares e evitava palavras como “libertação”. Resumindo, concluía ele: *“O milagre foi que em Medellín o grupo descomprometido fez prevalecer o seu testemunho profético. Outro milagre foi que, em Puebla, esta minoria tivesse podido influir na metade dos textos aprovados”*¹⁴.

1.5. A Comissão Justiça e Paz e a defesa dos Direitos Humanos

Entre as inúmeras ações desenvolvidas por dom Helder provavelmente as que dizem respeito de forma mais direta a sua luta em defesa dos direitos humanos foram as Pastorais sociais dedicadas à formação e à informação de diferentes segmentos da população: a Pastoral Familiar, a Pastoral dos Jovens do Meio Popular, a Pastoral dos Presidiários, a Pastoral das prostitutas entre outras. Vale também destacar o estímulo e a cobertura dada à Ação Católica Operária, organização extremamente atuante em seu meio, com sede no Recife, e que além de suas próprias atividades abrigava reuniões e encontros de outras entidades.

12 COMBLIN, José. Puebla e a opção pelos pobres. In: IGREJA NOVA. I Jornada Teológica do Recife. Recife, [s. ed.], 1998, p. 63.

13 COMBLIN, José. Puebla e a opção pelos pobres, op. cit., p. 63.

14 Ibid., p. 69.

Durante o seu episcopado, incentivou-se a formação de novos padres, abrangendo dioceses de Pernambuco e de outros estados do Nordeste, bem como colaboradores de pastorais e pessoas interessadas em teologia, com enfoques em temas atualizados e discutidos no Concílio, através do ITER (Instituto de Teologia do Recife).

Com uma nova metodologia, funcionando praticamente como uma faculdade, o Instituto oferecia aos seminaristas a oportunidade de viver em comunidades da periferia, de freqüentar diferentes ambientes e especialmente, de desejar uma nova forma de ser Igreja.

Talvez a iniciativa de maior amplitude e repercussão tenha sido a criação da Comissão Justiça e Paz (CJP) da Arquidiocese de Olinda e Recife, instituída nos moldes da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz. Essa iniciativa foi praticamente decorrente da necessidade de atender as pessoas que estavam presas ou procuradas pela repressão militar bem como seus familiares. Além disso, o drama da falta de habitação dos mais pobres causava as chamadas “invasões” (como ocorre até hoje) atraindo a repressão policial. A Comissão de Justiça e Paz também passou a prestar auxílio e solidariedade a esses desassistidos.

Concentrou-se assim pela sua importância e magnitude e apesar de seus outros objetivos, nesses dois problemas, ambos relativos à repressão: no âmbito político, a prisão, tortura e morte de militantes cristãos, por parte de forças militares; e, no âmbito social, atendimento àqueles que, na sua luta por habitação, eram vítimas da violência da polícia civil.

Vale ressaltar que a cobertura da igreja, tanto em nível nacional e até internacional, possibilitava inúmeras ações por parte da Arquidiocese. A CJP tinha um quadro de advogados da própria Comissão e contava também com estagiários e voluntários da área jurídica. Dom Helder dizia que a CJP era “o braço político da Arquidiocese”.

A black and white photograph of Helder Câmara, a Brazilian cardinal. He is shown from the chest up, wearing a dark clerical shirt and a long, thin chain necklace. He has a serious expression and his hands are raised in a gesture of prayer or blessing. In the background, another person is partially visible, also with hands raised. The lighting is dramatic, highlighting the textures of his clothing and the contours of his face.

PARTE II

“É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca”

† Helder Câmara

Documentos obtidos pela CEMVDHC, através do Ministério das Relações Exteriores, descortinam uma ação de “neutralização” do regime militar brasileiro à indicação de dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz. Recursos diplomáticos entraram em cena para organizar dossiês, difundir informações maliciosas e monitorar o Comitê do Prêmio Nobel durante quatro anos.

A campanha de difamação e perseguição política contra o Arcebispo Câmara ampliou-se com o seu afastamento político dos militares; um afastamento que veio naturalmente de par com atos unilaterais e a suspensão gradual de direitos civis e políticos que o regime foi adotando contra pessoas e instituições.

2.1. Primeiras tensões entre Estado e dom Helder em Pernambuco

Os momentos iniciais de dom Helder na condução da nova Arquidiocese de Olinda e Recife pareciam de acomodação com o regime militar. Contudo, em suas orações ao Espírito Santo em maio de 1964¹, já se vislumbra sinais de dúvida quanto ao regime que acabara de se instalar:

Dá-nos, ESPÍRITO SANTO, o DOM DO CONSELHO. A hora é tão extremada. Os espíritos se acham tão tensos. É tão grande a radicalização. Cada um tem sua parcela de verdade, mas fala como se, do outro lado, só houvesse erro e maldade. Não é fácil conduzir a uma atitude geral de humildade, levando cada um admitir que todos erramos, cada um a seu modo e em dose diversa.²

Percebe-se na leitura da prece acima, a perplexidade de quem é frequentemente pressionado a tomar decisões imediatas, “sem tempo para consulta, dependendo, quase sempre, o acerto ou o erro, da resposta a ser dada na hora, da atitude a assumir no instante mesmo!” como ele desabafava, em tom de angústia à “Família Mecejanaense”³. Pedia luz ao Espírito Santo para dizer um não, um basta, na hora certa, sem parecer “má vontade, propósito de sabotar”. E finaliza sua prece: “Iluminanos por dentro. Guia-nos sem pedir licença. Assume a direção. Comanda. Amém”⁴.

1 Ver 16ª Circular, datada do Recife, em 11/12.5.64. In: ROCHA, Zildo (Org.). Dom Helder Câmara: Circulares Interconciliares. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/Instituto Dom Helder Camara, 2009, v. II, t. I, p. 53. As circulares foram editadas em 13 volumes pela Companhia Editora de Pernambuco (a última circular publicada é datada 24/25 de janeiro de 1970) e divididas em “Circulares Conciliares” – as escritas em Roma por ocasião das sessões do Concílio Vaticano II; “Circulares Inter-conciliares” – escritas na arquidiocese de Olinda e Recife, a partir de 12 de abril de 1964; e “Circulares Pós-conciliares”, as escritas após o Concílio Vaticano II.

2 Ibid., p. 53. 16ª Circular, datada do Recife, em 11/12.5.64.

3 A “Família Mecejanaense” é composta de amigos e amigas colaboradores com quem Dom Helder trabalhara no Rio de Janeiro. Alguns nomes: Cecília Goulart Monteiro, a quem dom Helder chamava de Frei Leão, durante 28 anos sua secretária particular no Rio de Janeiro; Aglaia Blegi Peixoto, colaboradora no Secretariado Nacional da Ação Católica, desde a fundação da CNBB; sua irmã Wylma Blegi Peixoto, que atuou como colaboradora voluntária na Cruzada São Sebastião e no Banco da Providência; entre outros. O nome vem da cidade de Mecejana, onde dom Helder nasceu, no estado do Ceará.

4 16ª Circular, op. Cit. v.II, t.I, p. 53.

Poucos meses depois, em agosto de 1964, durante uma conversa de duas horas com o General Antônio Carlos Murici⁵, “conversa leal, com ponderações sérias e argumentos nada fáceis de responder”, em certo momento dom Helder Câmara disse:

Vocês estão superados. Enquanto se arrastam na busca de possíveis conspiradores de ontem, não estão acompanhando, dentro da própria casa, as marchas e contramarchas dos conspiradores de hoje. [...]

General: quem fala é seu Bispo. Um homem que cada vez mais deseja não ter nem sombra de travo no coração. Aceite este aviso fraterno: o tempo está correndo contra a Revolução. Ela venceu depressa demais. A sinceridade do anticomunismo de muitos militares foi envolvida, alargada, tornada irresistível pelo anticomunismo de homens de empresa que só queriam defender o próprio interesse...

Hoje são os mesmos, os mesmíssimos que jogam militares contra militares, numa insensibilidade de quem não tem a mais leve consideração pelo país, pelo bem comum, desde que os privilégios fiquem a salvo.⁶

A convivência entre a Igreja no Nordeste e os novos governantes não tardaria a se deteriorar. Em reunião realizada na Casa de Retiros⁷, em Beberibe, no Recife, nos dias 12 a 14 de julho de 1966, os bispos da regional Nordeste emitiram uma Declaração da Comissão Episcopal do Nordeste II⁸, sobre as condições do subdesenvolvimento da região, o que provocou uma reação agressiva dos militares, com repercussão na mídia local e a “interferência do IV Exército”:

O Jornal do Comercio do Recife, nas edições de 16 e 24 de junho p. p. [1966], investiu, injuriosamente, contra os Bispos do NE II, apontando, sem nenhuma base, como subversiva, a Declaração dos mesmos, decorrente de um Encontro em Beberibe. Houve uma troca de cartas entre o arcebispo de Recife e o Jornal do Comercio, tendo sido possível chegar-se a um acordo honroso. Mesmo assim, outros órgãos da Empresa Jornal do Comércio repetem, de vez em quando, os insultos de que se desculparam, alegando, privadamente, a direção da Empresa que se trata de interferência do IV Exército.⁹

A presidência da República logo interveio no conflito. Em visita ao Recife, em 14 de agosto de 1966, o então presidente da República, general Humberto Alencar Castelo Branco, convidou o arcebispo para um encontro na sede do governo do estado de Pernambuco. O presidente e o arcebispo conversaram por quase uma hora em clima de grande cordialidade, deixando o primeiro bem claro aos militares não admitir a continuação dos equívocos e provocações que vinham surgindo entre o IV Exército e a Igreja, na pessoa de dom Helder Câmara e demais bispos do Nordeste. Completou o recado: “só muita insensatez pode fazer esquecer que jamais um Governo, por mais forte que se julgue, leva a melhor numa luta contra a Igreja”¹⁰.

5 Militar curitibano, de grande destaque nas Forças Armadas, foi um dos articuladores do golpe de 1964. No Governo Garrastazu Médici (1969-1974), integrou o grupo de trabalho encarregado de estabelecer contatos com a Igreja, no auge das denúncias de repressão formuladas pelas lideranças religiosas, inclusive Dom Helder. ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/Instituto Dom Helder Camara, 2012, v. III, t. III, p. 374.

6 66ª Circular, datada do Recife, em 4/5.8.64. In: ROCHA, Zildo (Org.). Dom Helder Câmara: Circulares Interconciliares, op. Cit., v. II, t. I, p. 200.

7 Casa para Retiros, Encontros e Reuniões, então pertencente aos Jesuítas.

8 Reunião realizada de 12 a 14 de junho de 1966, onde os bispos da região emitem uma declaração sobre as condições de desenvolvimento. O documento foi escrito pelos três secretários das Regionais – Dom José de Medeiros Delgado, Nordeste I; Dom Helder Câmara, Nordeste II; e Dom Eugênio Araújo Sales, Nordeste III. Esta declaração trouxe reação agressiva de parte das autoridades militares.

9 Grifo nosso. Dom Helder fez uma nota – Algumas notícias de desigual valor – onde diz: “o IV Exército forçou o ‘Jornal do Comercio’ a receber com uma agressão insólita e descabida a nota inocentíssima que resultou do Encontro dos Bispos. O jornal foi proibido de publicar a nota e forçado a agredir a Igreja.” 118ª Circular, escrita no Recife e datada de 16/17.7.66. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, v. III, t. II, p. 76. E mais circulares que tratam do mesmo assunto, Op. Cit. pp. 83, 90/91, 93, 96, 99, 105, 113, 121, 125 e 127. Ver também sobre o assunto - documento ANEXO I.

28 Ibid. ANEXO I.

De sua parte, dom Helder manteve as suas posições. Por exemplo, em entrevista à Revista Con-firmando, de Buenos Aires, em 1969, ao ser perguntado pelo jornalista sobre o risco de esquecer os valores eternos e sobrenaturais para resolver os problemas cotidianos, respondeu:

Onde não existe perigo? Claro que existe o risco de esquecer os valores eternos e sobrenaturais por um excesso de preocupação com os valores terrenos, como existe o problema do excesso exposto: de pregar uma religião alienada, dando razão a Marx por apresentar uma religião ópio para o Povo.¹¹

A tensão entre os militares e o arcebispo progressivamente passou a ser permanente. Multipli-cavam-se os incidentes.

Tão logo foi decretado o AI-5, dom Helder Câmara teve um encontro cordial com o general Alfredo Souto Malan, que substituíra o general Rafael de Souza Aguiar no comando do IV Exército, e combinaram superar ou minimizar todos os incidentes que pudessem ser superados. Mesmo assim, já na semana seguinte, o mesmo general Malan interpelou o consultor jurídico da 7ª Região Militar para saber como enquadrar na Lei de Segurança Nacional o arcebispo de Olinda e Recife e o de João Pessoa, dom José Maria Pires¹², sendo aconselhado a conversar antes de qualquer medida a ser tomada, com o presidente da República.

Dom Helder Câmara não se intimidou. Deu continuidade ao seu trabalho em defesa liberdade e da democracia, apoiando, inclusive, as manifestações estudantis contra os efeitos do Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, conhecido como “AI das Universidades”, que estabeleceu de maneira sumária, a punição de professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimento de ensino acusados de subversão ao regime militar.

Em 1970, afirmava: “a censura proibiu qualquer alusão às torturas no Maranhão. Não vamos tomar o mais leve conhecimento da proibição absurda e comprometedora”¹³.

O prontuário de dom Helder Câmara no DOPS de Pernambuco¹⁴ é um documento ilustrativo de sua ação de militante. Lá se encontram registrados pronunciamentos e denúncias de dom Helder, em que pessoas que se sentiam atacadas, respondiam com interpelações judiciais, a exemplo do discurso que pronunciou na cidade de Carpina no encerramento do 1º Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais, sob o título “Conversa clara faz bons amigos”¹⁵.

Um advogado de Pernambuco, sentindo-se atingido, interpelou o arcebispo judicialmente. Dom Helder compareceu ao Tribunal de Justiça para sua defesa. Na ocasião, assim se expressou:

[...] Permita-me V. Excia, que transcreva, na íntegra, o trecho em que aludo a advogados no citado Discurso de Carpina, o que me dará oportunidade, após, de tecer os comentários que a interpelação judicial admite: ‘Permita-me que vos alerte para um segundo cancro que nos rói por dentro. Os trabalhadores precisam de Advogados. Mas devem repelir, como traidores, Advogados dos Sindicatos Trabalhadores que recebem

11 623ª Circular, Recife, 6/7.12.1969. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, op. cit., v. IV, t. IV, p. 271/277. Resposta 10.

12 Também conhecido como “Pelé”, arcebispo metropolitano de João Pessoa-PB (1965-1995).

13 110ª Circular, datada do Recife, 1/2.9.1970. Documento cedido pelo Instituto Dom Helder Câmara/Centro de Documentação Dom Helder Camara (IDHEC/CEDOHC). As circulares a partir de fevereiro de 1970 ainda não estão publicadas na Coleção das Circulares, editadas pela CEPE (a última circular publicada é datada 24/25 de janeiro de 1970).

14 Diversas matérias publicadas em periódicos do Recife negam ou confirmam a existência do prontuário de Dom Helder, a exemplo do Diário de Pernambuco de 24/05/1968 e 25/05/1968, e do Jornal do Comercio de 23, 24 e 26 de 05/1968. Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) – Acervo DOPS, Prontuário Individual Dom Helder Câmara, nº 16.906 B. In: <http://www.acervocepe.com.br/comissao-verdade.html>, p. 152/153 e 239/240, respectivamente.

15 Ibid., p. 44-45.

dinheiro dos Patrões para fazer os Trabalhadores aceitarem acordos injustos e imorais. Se os Trabalhadores abrirem os olhos, acabarão descobrindo que, ao lado de Advogados honestos e dignos, há Rábulas se enriquecendo a custa de lágrimas, suor e sangue dos Trabalhadores. Não me cabe ir mais longe. Mas, com a responsabilidade de Pastor, trairia a minha Gente se não denunciasse exploradores vestidos de Advogados, recebendo das duas partes, endossando contratos que são injustiças que atraem a maldição de Deus’.

Diante destas palavras, várias das mais expressivas figuras de nosso Foro, sentiram-se muito à vontade entre ‘os Advogados honestos e dignos’ a que tive o cuidado de aludir e apressaram-se em aplaudir o alerta contra ‘exploradores vestidos de Advogados,’ ‘que se enriquecem a custa de lágrimas, suor e sangue dos Trabalhadores.’ (...) Depois, meus Amigos, pensei em vocês! Pensei, sobretudo, naqueles a quem empresto a voz. Se eu não fosse ao Juiz e ao Tribunal, guardariam a impressão dolorosa de que eu me acovardava diante dos Poderosos. Quis deixar bem claro que para defender as verdades que sustento, estou disposto a enfrentar julgamentos, prisão, e a própria morte se entrar nos planos de Deus que eu dê minha vida por vocês.¹⁶

Em outro pronunciamento que intitulou “Exame de Admissão”, quando recebeu o título de Cidadão Pernambucano¹⁷, em 25 de setembro de 1967, na Assembleia Legislativa de Pernambuco, indagou do público presente o que pensariam os Abolicionistas de ontem – Nabuco, Castro Alves e até a princesa Isabel – se vissem a situação dos trabalhadores da Agroindústria de Pernambuco. Como reagiriam diante de salários, tantas vezes sonegados. E finalizou: “Urge completar a Abolição.” Na ocasião rememorou episódios libertários e a sede democrática dos pernambucanos. E deu sua “Palavra final de agradecimento e esperança”:

Percebestes, sem dúvida, meus Concidadãos, o que se esconde de amor por detrás de alertas que soam, por vezes, difíceis de ouvir.

Quando há agarramento excessivo aos anéis, importa lembrar que se pode criar o perigo de perder não apenas os dedos, mas as mãos e os próprios braços.

Notastes, certamente, que se sou exigente com a democracia é porque nela confio e aflige-me ver como estão perdendo terreno democracias em que os ricos se tornam sempre mais ricos e os pobres se tornam sempre mais pobres.

[...] Como estais sentindo, fica-me a esperança de levar o título, que me obrigará a dedicar-me ainda mais a este Nordeste querido onde nasci e, particularmente, a esta Gleba pernambucana com cujo destino a Providência fundiu para sempre o meu destino.¹⁸

No intento de conter pronunciamentos e ações considerados ofensivos à imagem do governo brasileiro, que incomodavam e repercutiam nacional e internacionalmente, sugeriu-se o afastamento do arcebispo Helder Câmara da sua “área de atuação”, tentando assim reduzir o avanço “da subversão que [ele] desenvolve, de modo sub-reptício”; embora considerassem ser difícil eliminar tal propagação “das distorções e deformações do Evangelho”¹⁹.

Protocolo sigiloso sobre o assunto, datado de 13 de abril de 1970, foi remetido pelo Coronel Octávio Aguiar de Medeiros, assistente-secretário do chefe do gabinete militar da Presidência da República, ao Chefe do SNI, contendo um cartão manuscrito do Oficial E2 do IV Exército, sem assinatura e dirigida ao “amigo Figueiredo”.

16 Ver o anexo à Circular nº 365. ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, op. cit., v. IV, t. I, p. 375-380 e ainda APEJE - DOPS, Prontuário Individual Dom Helder Câmara, nº 16.906 B. In: <http://www.acervocepe.com.br/comissao-verdade.html>, p. 39-41 e 42-43.

17 296ª Circular, escrita na cidade de Natal e datada de 14/15.9.1967. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, op. cit., v. IV, t. I, p. 92/99. Ver também prontuário cit. pp. 51/54. E, também, a notícia do Jornal do Comércio de 26/06/1967, mesmo documento, p. 229.

18 Prontuário citado, p. 229.

19 ANEXO II - Fonte: Arquivo Nacional de Brasília - AC_ACE_SEC_23582_70.

SECRETO

Prezado Figueiredo
Com grande abraço

Aí vai um exemplar do Diário da Noite, jornal do Recife, o qual retrata fielmente a atuação subversiva que se desenrola na igreja católica, sob a direção de D. Helder Câmara. Sua leitura dispensa comentários e serve como amostra das distorções e deformações do evangelho, com toda gama de consequências no campo psicossocial desta área nordestina.

Servindo no Recife há quase cinco anos, dos quais dois como E2/IV Ex., posso afirmar com segurança que toda a subversão desta área tem origem no clero, capitaneado, de modo particular, por D. Helder Câmara. Sua atuação tem sido contida dentro de nossas possibilidades. Entretanto, como prelado e com trânsito livre em quase todas as áreas, a subversão que desenvolve, de modo sub-reptício, poderia ser, se não eliminada, pelo menos reduzida, caso fosse ele removido desta área.

E julgando que você possa cooperar nesse sentido que ora lhe escrevo este pequeno e rápido bilhete. Continuo aqui como seu amigo.²⁰

2.2. O distanciamento entre os militares e dom Helder

A sua posição firme contra a perseguição, prisão, torturas e morte de trabalhadores e presos políticos, rendia, como retaliação, ameaças constantes a sua vida e de seus colaboradores mais próximos. E foram tais ameaças que se concretizaram no trucidamento de padre Henrique em 27 de maio de 1969, relatado em publicação apresentada por esta Comissão, onde foi ressaltado o caráter político de seu suplício e assassinato.²¹

O assassinato do padre Henrique teve como alvo atingir dom Helder Câmara, como destaca padre José Ernanne Pinheiro.²²

[...] O bárbaro trucidamento do Padre Antônio Henrique Pereira Neto foi o fato que mais o atingiu pessoalmente, o fato mais expressivo da perseguição perversa tanto a ele como à Igreja de Olinda e Recife. O Padre Antônio Henrique tinha sido formado na escola do seu Pastor. Também era fruto da renovação da Igreja, em pleno Concílio Vaticano II.²³

A censura contra o Bispo era acobertada pela Lei de Segurança Nacional. Silenciada a imprensa do país, o prestígio e reconhecimento internacional de dom Helder lhe permitia encontrar ocasionalmente outros espaços e públicos para sua luta contra as freqüentes violações de direitos humanos que ocorriam no país. Por sua vez, o regime procurava criar a imagem de uma igreja contaminada por um grupo de bispos inimigos do sistema. Como destaca Paulo Cesar Gomes:

[...] O discurso da comunidade de informações evidencia o que estava em questão entre os militares, ao construir a imagem de alguns bispos, também chamados de “bispos esquerdistas”, como adversários do Estado. De modo geral os analistas se colocavam em posição de superioridade moral com relação aos bispos. Para eles, era evidente a aproximação de determinada ala da Igreja das ideias comunistas, principalmente quando defendiam os direitos humanos.²⁴

²⁰ Ibid., grifo nosso.

²¹ PERNAMBUCO. Comissão Estadual da Memória e Verdade. Cadernos da memória e verdade: Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto. v. 2. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco/CEPE, 2014.

²² Padre José Ernanne Pinheiro, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), como secretário executivo do Centro Nacional de Fé e Política (CEFEP). Trabalhou 19 anos na arquidiocese de Olinda e Recife (1967-1986), com Dom Helder Camara, onde exerceu os cargos de Vigário Episcopal dos Leigos, coordenador da pastoral, diretor do Instituto de Teologia do Recife (ITER).

²³ Depoimento do padre José Ernanne Pinheiro à CEMVDHC, em sessão pública, no dia 16 de agosto de 2012.

²⁴ GOMES, Paulo César. Os bispos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 119.

Kenneth P. Serbin nos assinala que ao mesmo tempo o regime se esforçava para estabelecer a colaboração ou mesmo uma aliança política entre a cúpula da Igreja e da ditadura militar através de reuniões, relatórios e informações. Este processo foi denominado de Comissão Bipartite:

A Bipartite tocou em outros assuntos cruciais para a identidade religiosa e os interesses institucionais da Igreja. Em relação a alguns deles, os dois lados concordavam com facilidade. Um era o anticomunismo. Nos anos 70, a igreja se aliou a esquerda na luta pela democracia e teólogos de libertação, e bispos radicais abraçaram o socialismo como solução para os males sociais e econômicos do Brasil. Mas como o caso de dom Fernando demonstra, mesmo alguns progressistas se opunham fervorosamente ao comunismo. No encontro final da Bipartite, em agosto de 1974, o grupo religioso quis saber os motivos da decisão do governo Geisel de romper com Formosa e restabelecer vínculos com China Comunista. O general Muricy explicou que o enorme tamanho da China e sua afiliação ao conselho de Segurança das nações Unidas tornaram o reconhecimento diplomático inevitável. O Brasil, porém, não aceitaria a ideologia da China ‘a atitude do Brasil visava a abertura de novos mercados comerciais, dentro de um sadio pragmatismo’, observou o professor Padilha. Embora não se opusesse as relações com a China, dom Avelar não deixou de perceber a ironia. Em um fórum no qual o grupo da situação com tanta frequência alegara infiltração comunista na igreja, ele inverteu os papéis: como a nova política se enquadrava com a preocupação do regime em relação a guerra revolucionária no Brasil? A única resposta que Padilha pode esboçar é que o Brasil continua vigilante contra o comunismo.²⁵

É no cenário internacional que o silêncio de dom Helder é quebrado. Sua estatura moral e intelectual, sua circulação, sobretudo nos meios religiosos europeus, seus contatos com a imprensa mundial colocavam-no em posição estratégica para divulgar as suas idéias e denúncias. A proximidade do Arcebispo de Olinda e Recife com o papa Paulo VI, tornava-o também um interlocutor freqüente do Vaticano que esperava dele respostas cada vez mais difíceis para a definição de uma posição da Igreja no contexto político e social brasileiro.

O reconhecimento cardinalício seria verossímil e mesmo natural naquelas circunstâncias. Contra tal possibilidade, as ameaças contra dom Helder se multiplicaram: cogitou-se, por exemplo, de seu afastamento do Recife e até mesmo da retirada de seu passaporte:²⁶

Dom Hélder tinha agora acesso privilegiado ao papa. Tanto o governo quanto a oposição tentaram cortejá-lo para que ele apoiasse suas respectivas causas políticas. Em 1965, por exemplo, o embaixador do Brasil no Vaticano, Henrique de Souza Gomes, advertiu polidamente ao arcebispo que os exilados brasileiros em Paris esperavam explorar seu nome. Quando dom Hélder se mostrou ainda menos cooperativo com o regime, surgiram rumores sobre as pressões diplomáticas para removê-lo de Recife. Provavelmente, o governo já trabalhara contra a nomeação de dom Hélder para cardeal durante o Vaticano II outros bispos, porém, davam a entender que ele logo se juntaria ao mais exclusivo grupo da Igreja. De acordo com Raimundo Caramuru de Barros, assistente de dom Hélder nos anos 60, um dos embaixadores do Brasil na Santa Sé “vangloriava-se” de ter trabalhado com sucesso contra a promoção. Os burocratas do Vaticano também estavam cautelosos quanto a promoção de um bispo tão crítico do poder de Roma como dom Hélder. O mais importante crítico do regime no exterior. Para deter dom Hélder, o ministro da Justiça Alfredo Buzaid propôs ao presidente Médici que o governo revogasse o passaporte especial do arcebispo.²⁷

A medida de cassar o passaporte foi negada pelo ministro das Relações Exteriores, Mário Gibson Barbosa, que a vetou, temendo a repercussão da medida e o desgaste do governo:

25 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 305.

26 Sobre a concessão de seu passaporte ver: APEJE - DOPS, *Prontuário Dom Helder Câmara*, nº 16.906 B, op. cit., p. 109.

27 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 171. Dom Helder registra na Circular de nº 172-A, datada de 19/20.3.65, que o Itamaraty recebera um relatório do embaixador [Henrique de] Souza Gomes “não só chamando a si a glória de ter obtido o quarto cardeal brasileiro, mas, sobretudo, de ter conseguido afastar o perigo de o quarto ser D. Helder ou D. [José Vicente] Távora...”. In: ROCHA, Zildo (Org.). *Dom Helder Câmara: Circulares Interconciárias*, op. cit., v. II, t. II, p. 285.

O ministro das relações exteriores Mário Gibson Barbosa, vetou a medida, como sendo ilegal. Argumentou que a medida seria um tiro pela culatra e acabaria fortalecendo a posição de dom Hélder. Em consequência, disse a Médici, era melhor permitir aos bispos que agissem livremente para que não fossem criados mártires. Foi um sábio conselho, mas obviamente ignorado, desde que o regime e seus aliados continuavam a atacar. Em outro episódio, os opositores do dom Hélder alegaram que os comunistas sustentavam financeiramente suas viagens. O governo provavelmente investigou-as.²⁸

Para se contrapor aos canais abertos que dom Helder Câmara tinha na Europa, a ditadura, promoveu uma campanha de difamação buscando relatos e informes produzidos por padres ditos inimigos do arcebispo. Nesta fase, o foco era desmoralizá-lo em sua capacidade de gestor eclesiástico, confundi-lo como uma pessoa rebelde e sem compromisso com a espiritualidade cristã:

Um perfil detalhado sobre dom Hélder, feito pelo Dops-GB, revelava as estratégias da campanha de difamação movida pelo regime contra ele. O clero conservador não colaborava com o Dops-GB contra os progressistas porque também temia a repressão e tinha uma opinião negativa sobre a polícia. Segundo O Estado de S. Paulo, porém o documento de dom Hélder foi escrito pelo padre conservador Álvaro Negromonte e descoberto entre seus pertences após sua morte em 1964. A evidência, no entanto, sugere que a polícia produziu o documento consultando clérigos inimigos de dom Hélder, segurou-o durante anos e depois deixou vazar. O tom íntimo e o conteúdo bem informado do relatório aludem às realizações de dom Hélder antes do golpe e indicam que seus autores receberam ajuda de gente do interior da Igreja que pertencia ao grupo conservador de clérigos que apoiavam dom Jaime. Com o carimbo do “secreto”, o documento continha uma anotação não de autoria, mas sim de “apreciação do Pe. Negromonte”. Tinha também as iniciais “D.J.,” sugerindo que o próprio dom Jaime, que, por ciúmes profissionais, ajudara a forçar a partida de dom Hélder do Rio de Janeiro para o Nordeste em 1964, também dera sua opinião.²⁹

Documento confidencial, datado de 18 de agosto de 1970, memorando 806³⁰, do SNI, registra a carta do Núncio Apostólico do Brasil, dom Umberto Mozzoni, respondendo a consulta realizada sobre documentos atribuídos ao monsenhor Álvaro Negromonte³¹. Neste comunicado de dom Mozzoni responde simplesmente que não seria possível atestar a autenticidade do documento e que desconhecia parentes ou herdeiros do monsenhor Negromonte.

A escolha parecia clara, ou sucumbir à pressão dos generais; ou resistir, utilizando-se dos meios que lhes eram disponíveis. Neste contexto, um dos embates mais dramáticos enfrentados por dom Helder foi seu desentendimento com o general Antônio Carlos Muricy, em função de um convite para celebrar uma missa em comemoração ao segundo aniversário da “Revolução”.

[...] Logo depois do golpe, tropas invadiram a residência do arcebispo, porque ele dera refúgio a irmã do governador deposto Miguel Arraes. Oficiais do Exército no Recife queriam romper com o bispo, mas Muricy conseguiu contê-los e manteve as relações cordiais com seu amigo. Os dois trabalharam para evitar conflito entre a igreja e o Exército, mas Muricy também começou a ter divergências com dom Hélder quanto a prisão de militantes católicos e a algumas declarações públicas do bispo. Em 1966, a amizade entre eles teve um final abrupto. Em 31 de março no segundo aniversário da Revolução, os dois se confrontaram. A liderança militar, inclusive Muricy, pressionou dom Hélder a rezar uma missa em ação de graças para as tropas. Po-

28 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 172.

29 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 114.

30 ANEXO VIII. Memorando nº 806/SI-Gab, de 18 de agosto de 1970, do SNI. O documento na íntegra pode ser acesso no Arquivo Nacional, sob a seguinte base de dados: AC_ ACE_69955_73_001

31 Dom Helder parecia ter grande admiração pelo monsenhor Álvaro Negromonte. No dia de seu falecimento registrou em uma circular: “Morreu o querido Montblanc. É um pedaço de minha mocidade que se foi. Graças a Deus, digo isto tranqüilo porque a fé na vida eterna é absoluta.” 74ª Circular, Recife, 17/18.8.64. In: ROCHA, Zildo (Org.). *Dom Helder Câmara: Circulares Interconcliares*, op. cit., v. II, t. I, p. 225.

rém, os amigos e seguidores do bispo o persuadiram a não realizar a cerimônia. Ele alegou motivo de consciência e recusou formalmente o convite, por considerar o evento relacionado à campanha eleitoral e, assim, sobretudo político, não religioso. Muricy ficou perplexo. Por mera coincidência, uma bomba colocada por esquerdistas explodiu do lado de fora da casa do comandante do IV Exército, general Setúbal Portugal, com quem Muricy se encontrara. Uma outra foi detonada em um posto do correio. No total foram 9 explosões no dia 31 de março. Ao aparecer num programa de televisão para comemorar a Revolução, o general Muricy denunciou esses primeiros ataques terroristas contra o regime. Terminou criticando a recusa de dom Helder a celebrar a missa. Embora dom Helder não tivesse nada a ver com as explosões, Muricy fez a ligação entre o terrorismo e o protesto moral do arcebispo.³²

2.3. A diplomacia sob tutela da Doutrina de Segurança Nacional

Em 16 de dezembro de 1969, um grupo de 61 eminentes católicos belgas, franceses e italianos apresentou à Comissão Pontifícia de Justiça e Paz – organismo criado pelo papa Paulo VI, em janeiro de 1967, sediado em Roma, com representantes de todos os continentes – um documento em inglês, de dezoito páginas, intitulado “Terror in Brazil: A dossier”³³, baseado em informações providas do Brasil, com o pedido de que fosse encaminhado urgentemente ao papa.

O documento apresentava uma cronologia dos eventos ocorridos no país desde o golpe civil-militar de 1964, publicava a declaração de prisioneiras políticas encarceradas na Ilha das Flores (Rio de Janeiro) e informava sobre a oposição da Igreja Católica às políticas do regime. O prefácio, assinado pelo historiador Michel de Certeau, jesuíta francês, esclarecia que a documentação contida no relatório era apenas um esboço da violência política generalizada.³⁴

O dossiê foi igualmente publicado no número de dezembro de 1969 da revista mensal francesa *Croissance de Jeunes Nations*, com o título “Livre noir: Terreur et torture au Brésil” (“Livro negro: Terror e tortura no Brasil”). Continha onze documentos separados. Dois diziam respeito ao assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, ocorrido na cidade do Recife, em maio daquele ano. Três documentos adicionais, assinados pelo arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder Câmara, falavam no número crescente de padres e freiras católicos, além de leigos, vítimas da ação repressiva do governo.

A Comissão Pontifícia de Justiça e Paz transmitiu o dossiê diretamente ao papa Paulo VI. Cinco dias após a sua recepção, houve um encontro entre dom Helder Câmara e Paulo VI em Roma. Após a reunião, dom Helder comentou junto à imprensa que o Papa lhe declarara: “Lemos a documentação enviada pelo senhor sobre a tortura no Brasil [...] a Igreja não tolerará mais o conhecimento de atrocidades e torturas num país que se diz cristão”. No final de março de 1970, em um discurso na basílica de São Pedro durante a semana da Páscoa o papa Paulo VI fez uma intervenção em favor de prisioneiros políticos que estavam sendo torturados na América Latina³⁵.

Em outubro do mesmo ano, em Roma, por ocasião de uma reunião com dom Aloísio Lorscheider, então secretário-geral da CNBB, o papa Paulo VI voltou a tocar no mesmo assunto. Na ocasião,

32 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 155. Ver também matéria do Diário de Pernambuco de 02/04/1968. APEJE - DOPS, *Prontuário Dom Helder Câmara*, nº 16.906, op. cit., p. 138.

33 “Terror no Brasil: um dossiê”. O ativista norte-americano Ralph Della Cava, então professor de história do Brasil na City University de Nova York em Queens, coordenou a preparação do dossiê “Terror in Brazil: A dossier”, que documentava as violações aos direitos humanos em curso no Brasil. Além de entregue ao papa Paulo VI, esse dossiê foi também distribuído na Conferência da Latin American Studies Associations (LASA) [Associação de Estados Latino-Americanos], realizada entre os dias 16 e 18 de abril de 1970, em Washington, nos Estados Unidos.

34 GREEN, James N. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 221.

35 GREEN, James N. *Apesar de vocês*, op. cit., p. 222-223.

fez um pronunciamento a respeito da tortura, pedindo uma grande reflexão da sociedade, pois as crescentes denúncias de graves violações de direitos humanos na América Latina eram fatos que chocavam pela sua singularidade, sua gravidade e sua repetição.³⁶

Os militares presumiam que a luta contra o comunismo era um ponto pacífico que lhes permitiriam uma possível aliança com a Igreja Católica. Não suportavam a idéia de que um de seus bispos pudesse questioná-los internacionalmente. Crítico recorrente, dom Helder Câmara teve o seu comportamento interpretado como alta traição aos princípios defendidos pelo o golpe civil-militar no Brasil. Consagrou-se assim a tese de que os religiosos que lançavam ataques contra o regime seriam tratados como inimigos do Estado e enquadrados na Lei de Segurança Nacional³⁷. Kenneth Serbin assim caracteriza aquele momento:

Em maio de 1970, [dom Helder] denunciou a prática de tortura no Brasil em uma grande reunião em Paris. Esse e outros pronunciamentos levaram os furiosos generais a considerá-lo um traidor. O governo desencadeou uma grande campanha de difamação contra Dom Hélder e fez arranjos, afinal bem sucedidos, para que não ganhasse o prêmio Nobel da Paz. Proibiu, em seguida, que seu nome aparecesse nos meios de comunicação de massa. Muitos moderados e até conservadores foram afetados pela repressão. Por exemplo, o DOI-CODI de Belo Horizonte torturou até a morte Aldo de Sá Brito de Souza Neto, membro da ALN e sobrinho neto de dom Jaime suspeito de envolvimento no sequestro do embaixador suíço, preso depois de roubar um banco. Aldo era filho de um general, como todos os seus irmãos, frequentaram o colégio santo Inácio no Rio.³⁸

O general Sylvio Frota, ex-ministro do Exército do governo Geisel, registra em seu livro de memórias, a pressão que dom Helder Câmara exercia sobre o regime militar, quando denunciava, no plano internacional, a existência de tortura e de presos políticos no Brasil:

Esta campanha vinha se exercendo, no exterior, em virulência sempre crescente. Em 1969, o bispo brasileiro dom Hélder Câmara iniciou-se, na França, com a publicação de seu livro *Livre Noir – Terreur et torture au Brésil* [sic], dando, desta maneira, incentivo à Anistia Internacional para tomar a frente desse movimento de descrédito e difamações de nosso país. Durante os anos seguintes, por inspiração e apoio daquela organização, difundiram-se, na Europa e na América, publicações ostensivas e clandestinas sobre a tortura e o tratamento dos presos políticos no Brasil.³⁹

Uma das táticas utilizadas para diminuir o impacto de tais ações e denúncias de fatos era buscar denegrir a imagem dos exilados brasileiros. Um exemplo disso foi o Relatório elaborado pelo governo brasileiro, em junho de 1970, para responder à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), no caso nº 1684. Em 25 de março de 1971, o ministro da Justiça Alfredo Buzaid encaminhou ao presidente da República, através do Ofício GM nº 564-B, cópia do referido Relatório⁴⁰.

No título de seu primeiro capítulo, os seus autores propõem uma expressiva e simples identificação das motivações que levaram os opositores do regime a elegerem a campanha internacional de

36 GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 308.

37 Ver importante publicação sobre a doutrina da Segurança Nacional em: COMBLIN, Joseph. *A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

38 SERBIN, Kenneth. *Diálogo na Sombra*, op. cit., p. 108.

39 FROTA, Sylvio. *Ideais traídos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 219.

40 Esse relatório ficou conhecido como “Livro Branco” (também como “Livro da Verdade”). Segundo Carlos Fico: “Improdutivo e chamando demasiadamente a atenção para o tema, o relatório não seria divulgado, mas suas justificativas perdurariam. Diante do constrangimento que solicitações como a da OEA traziam, a ditadura militar decidiu-se pela forma mais dúbia de negação: o silêncio”. FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 84-87. No Arquivo Nacional, o documento pode ser encontrado através da seguinte base de dados: BR.AN,RIO.TT.O.MCP.AVU.64.

denúncias de torturas e violências perpetradas pelo regime militar como uma ação de combate: “O Malogro do Comunismo, Complexo de Frustração e Ação de Terroristas”.

O roteiro é conhecido. O Brasil antes de 64 vivia um clima insurrecional, incentivado ou mesmo planejado pelos que então detinham o poder. No Nordeste, por exemplo, o governador Miguel Arraes teria, supostamente, organizado milícias comunistas que se colocariam ao lado dos trabalhadores do campo contra os proprietários de terra. O presidente da República, João Goulart, tornara-se, se não cúmplice, pelo menos leniente com movimentos de revoltosos dentro das próprias forças armadas, como no caso dos movimentos dos sargentos⁴¹. Por sua vez, Leonel Brizola discursava abertamente contra a ordem constitucional. Nos meios intelectuais, a adesão dos professores e alunos as idéias críticas contra as instituições eram alimentadas por uma plethora de publicações esquerdistas.

As forças armadas com o apoio de setores expressivos da sociedade teriam se levantado e conduzido uma sublevação armada em defesa da democracia: “*E as Forças Armadas confraternizando-se com o povo, põem abaixo o Governo de João Goulart. Triunfa a Revolução Democrática de 31 de março de 1964 sem derramamento de sangue*”⁴².

O documento sustenta que as forças derrotadas teriam reagido de duas maneiras: por um lado, com a instalação de guerrilhas no continente (cita a presença de Che Guevara na Bolívia); e, por outro lado, com a campanha de denúncias contra o regime, acusando-o da prática de violências e de tortura contra os seus adversários.

De par de tais operações inicia-se a campanha difamatória contra o Brasil. Ela se desenvolve sistematicamente, acusando o Brasil de: a) manter presos políticos; b) promover o genocídio de índios; c) perseguir prelados e sacerdotes. d) submeter os presos ao regime de torturas. Estas injúrias se espalham facilmente, porque os comunistas, infiltrados nas agências noticiosas e nos mais diferentes meios de comunicação.⁴³

Em sua defesa, o regime se declara isento de preconceitos na sua luta contra a “subversão”, não distinguindo “ricos e pobres, sacerdotes e leigos”. “*A ninguém é lícito invocar privilégios ou franquias para incitar a desordem*”, diz o documento. A Igreja Católica mantinha tradicionalmente uma “situação especial” no país e a grande maioria dos religiosos estariam alheios a esses conflitos, mantendo-se, portanto, sob a proteção do Estado:

O Brasil é a maior nação católica do mundo. Possui cerca de duzentos e cinquenta bispos e milhares de padres. Nenhum bispo está sendo processado. Os padres (ou melhor, os seminaristas) são em pequeno número, não atingidos a vinte. A Igreja Católica goza de situação especial e mantém as melhores relações com o Estado. Como se pode falar, pois, de perseguição religiosa? O Governo, no combate à subversão, não distingue ricos e pobres, sacerdotes e leigos, intelectuais e elementos da subversão. Estes são processados e julgados pela justiça competente sem distinção de cor, raça ou confissão religiosa. Em suma: há amigos e inimigos do Brasil. A lei é igual para todos. A ninguém é lícito invocar privilégios ou franquias para incitar a desordem, estimular a luta de classes, promoverem greves ou subverter o país.⁴⁴

41 A rebelião promovida por cabos, sargentos e suboficiais, sobretudo da Aeronáutica e da Marinha, em 12 de setembro de 1963, em Brasília, motivada pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de reafirmar a inelegibilidade dos sargentos para os órgãos do Poder Legislativo (prevista pela Constituição de 1946).

42 Cf. Arquivo Nacional. BR.AN,RIO.TT.O.MCP.AVU.64.

43 Ibid.

44 Ibid.

As denúncias da prática de tortura passam a ser objeto de análise do Ministério da Justiça. Em uma das seções de seu documento – “A questão das torturas” –, identifica Miguel Arraes como articulador de uma cadeia de difusão dessas informações contra o regime que o documento atribui ao “Brasil”:

Como base de apoio, a “Frente Brasileira de Informações”, com escritório em Argel, dirigido pelo comunista Miguel Arraes, organizou uma rede de “Comitês de Solidariedade”, espalhados em vários países, destinados a difundir toda e qualquer notícia capaz de desfigurar o Brasil, além de patrocinar atividades culturais altamente denegridoras de nosso País.⁴⁵

Em outro texto, a “Análise Circunstanciada de Várias Acusações”, encontra-se a notificação nº 1684, capítulo 1, assassinato do padre Antônio Henrique Pereira Neto, onde se lê:

[...] o assassinato de Pe. Henrique recebeu especial destaque da imprensa da França, Itália, Bélgica e Alemanha. Várias mensagens de órgãos e pessoas estrangeiras reconhecidas como comunistas à Arquidiocese e foram publicadas pela imprensa [...] “represálias” do Governo contra D. Helder na pessoa do sacerdote assassinado. A imprensa parisiense, no entanto, se destacou na cobertura do fato notadamente os jornais de esquerda e ligados ao PCF. A notícia mais importante foi o “APELO EM FAVOR DO BRASIL” com a assinatura de quase quarenta intelectuais e grande quantidade de assinaturas de desconhecidos. A redação deste apelo conduz o problema para a faixa da calúnia e difamação contra o Brasil: “O assassinato de Pe. Antônio Henrique Pereira Neto, assistente da Juventude Católica do Recife, revela brutalmente à opinião mundial a violência dos grupos ocultos que, procuram mostrar ao povo brasileiro toda esperança de libertação.”⁴⁶

A preocupação do regime era, sobretudo, a de impedir notícias ou denúncias que caracterizassem o assassinato de padre Henrique como uma ação do regime militar contra dom Helder Câmara.⁴⁷ Neste sentido, o Relatório Buzaid simplesmente afirma que “a verdade sobre a morte do indigitado sacerdote está apresentada, em inquérito presidido por um juiz competente [Aloísio Xavier] e imparcial que já tramita na justiça civil para julgamento dos implicados”. O inquérito aponta o estudante Rogério Matos como autor confesso do crime entre outros envolvidos e caracteriza o trucidamento do padre como de motivação comum.

No dia 28 de agosto de 1969, a Arquidiocese de Olinda e Recife divulgou comentários de dom Helder Câmara a propósito do trucidamento do padre Henrique:

Como esquecer a coincidência de, poucas horas antes do que ocorreu a Cândido Melo, ter sido alvejado o Juvenato Dom Vital (local em que trabalhava o padre Antonio Henrique), havendo os assaltantes – segundo depoimento de duas testemunhas citadas no Relatório da Comissão Judiciária - (parte final do item V), disparado suas armas, aos gritos de CCC (versão do Ku-Klux-Kan) Como esquecer que, segundo o mesmo Relatório, no mesmo item, foi o CCC quem ameaçou o Padre Henrique pelo telefone?.⁴⁸

Além de tentar desmenti-lo, o regime através de vários porta-vozes procurava construir uma verdadeira caricatura de dom Helder, alinhavando uma fileira de calúnias e insultos, assim caracterizados por um dos observadores do período:

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid., grifo nosso.

⁴⁷ Ver o depoimento de Dom Helder Câmara sobre o assassinato do Pe. Henrique. APEJE - DOPS, Prontuário Dom Helder Câmara, cit., p. 61-63.

⁴⁸ CÂMARA, Dom Helder. A os homens de boa vontade. Recife: Centro de Documentação Dom Helder Camara. Mimeografado.

Ambição de glória e poder [...] Como as obras materiais no campo social dão glória fácil, orientou-se para elas. Realiza-as com verbas do Governo e com dinheiro tirado dos ricos por processos demagógicos. Como precisa de verbas, é amigo de quem as pode dar (seja quem for). O que explica sua fidelidade ao governo do dia [...] Daí ser cortejador de todos os governos [...] Para atingir o episcopado, infiltrou-se à confiança do cardeal dom Jaime, chegando a fazer voto de obediência a S. Emcia.; [...]. Não cumpre compromissos, com inaceitável facilidade. Capelão da escola de Ana Néri, no Rio, não cumpria os deveres da capelania, mas recebia integralmente os vencimentos. Em face dos problemas difíceis ou controvertidos, raro se define, ou se define dos dois lados conforme as circunstâncias [...] Não tem amigos, tem interesses: se estes o pedem, abandona os melhores amigos de ontem (assim como foi com o Carlos Lacerda), deixa-os em dificuldades desde que se saia bem, tanto que os que o conhecem dizem que se faz com os amigos o que fazemos com as laranjas: chupamos o caldo e jogamos fora o bagaço. O que fez com o cardeal Jaime é notório, insinuou-se à confiança dele, que o fez seu bispo “auxiliar”, mas logo entrou em oposição ao homem que devia “auxiliar”, com uma campanha de desgaste em que dom Jaime aparecia como “reacionário”, a ponto de chamar as pessoas que iam trabalhar com o sr. cardeal para afastá-las dele [...] Terminou numa manobra em Roma, conseguindo afastar dom Jaime da presidência da Conferência dos Bispos do Brasil, em favor do cardeal Mota [...].⁴⁹

Por vezes, buscava-se desqualificá-lo, apontando-o como uma espécie de populista religioso e que usava a pobreza como mecanismo para ganhar espaço e poder, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente acusavam-no de irresponsabilidade no uso do dinheiro que administrava:

Explora a pobreza que ampara, como um troféu [...] Desbarata os dinheiros que recebe (e dos quais jamais prestou contas a ninguém), desvia verbas para fins estranhos, e não tem mãos a medir gastos, embora seja pessoalmente pobre (a fim de poder colher com isso novas glórias) [...] Assim tem movimentado enormes verbas públicas, os dinheiros vultosos do Congresso Eucarístico Internacional, do que nunca prestou contas, e os do Banco da Providência.⁵⁰

As perseguições e o monitoramento à Igreja progressista foram estendidos até o governo Figueiredo, mas de uma forma mais atenuada:

[...] em março de 1974 o presidente Geisel tenha requisitado um amplo relatório com informações secretas sobre a igreja e a subversão. Esse relatório foi preparado pelo CISA. Em 1977 dom Ivo denunciou o fato de que as forças de segurança estavam investigando as finanças da Igreja e os antecedentes de cada bispo e cada padre. A administração Figueiredo também investigou as finanças da Igreja. Na realidade, a repressão já disseminada contra a Igreja e os processos instaurados contra bispos e ativistas leigos em tribunais militares tornaram desnecessário um inquérito maior durante os anos Médici. Os agentes do Rio, no entanto, continuaram a suprir os serviços de informações com relatórios sobre o clero progressista.⁵¹

2.4. A ação diplomática contra dom Helder Câmara: documentos secretos do Itamaraty

De acordo com a determinação de seu criador, Alfred Nobel, o Prêmio Nobel da Paz deverá distinguir “a pessoa que tivesse feito a maior, ou melhor, ação pela fraternidade entre as nações, pela abolição e redução dos esforços de guerra e pela manutenção e promoção de tratados de paz”. Desde 1901, quando foi instituído, o prêmio foi outorgado a uma gama bastante diversa de perso-

⁴⁹ SERBIN, Kenneth. Diálogo na Sombra, op. cit., p. 115.

⁵⁰ Ibid., p. 116.

⁵¹ Ibid., p. 117.

nalidades e instituições, desde aquelas que participaram da resolução a um conflito determinado, governantes ou negociadores; de organizações que promovam a solidariedade entre os povos e indivíduos, a exemplo da Cruz Vermelha; como também por homens ou mulheres excepcionais, cujas vidas, ações e testemunhos tenham contribuído para a convivência pacífica e fraterna entre os homens.

Esses últimos pressupostos eram plenamente atendidos por dom Helder Câmara, cuja biografia, personalidade e alcance de sua missão, eram atestados pelos inúmeros apoios e indicações que recebeu a sua candidatura para o Prêmio de 1970, inclusive do laureado de 1968, René Cassin⁵².

No Brasil, a reação do regime foi diferente. O ex-diplomata Vasco Mariz descreve em detalhes as primeiras iniciativas para impedir que dom Helder Câmara recebesse o Nobel da Paz de 1970.

Naquela oportunidade, Vasco Mariz era chefe do Departamento Cultural do Itamaraty, ainda no Rio de Janeiro, e teria sido convocado para uma reunião com o secretário-geral do Itamaraty, Jorge de Carvalho e Silva. Nesta reunião, Muniz recebeu a informação de que dom Helder havia sido indicado ao Prêmio Nobel da Paz por vários movimentos e entidades religiosas e que era o favorito.

Em ato contínuo a sua missão era de convocar uma reunião no Itamaraty com os embaixadores dos países escandinavos (Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia) e comunicar o desconforto do governo brasileiro com a questão. O encontro teve lugar na Sala dos Índios do Palácio Itamaraty, onde foi solicitado: “*à título excepcional, que interviessem junto à Fundação Nobel para evitar a escolha*”⁵³. Segundo seu relato, dias depois todos os embaixadores retornaram lamentando que seus respectivos governos não interferiam “*em temas do Nobel e não podiam fazer exceção naquela oportunidade*”⁵⁴.

Vasco Mariz encaminhou a resposta negativa dos embaixadores ao secretário-geral do Itamaraty. Porém, registrou:

Soube depois por Alarico Silveira, então chefe do Serviço de Informações do Itamaraty [...] que assistiu dias depois a uma reunião no Palácio do Planalto, em Brasília, que o assunto teve depois lances dramáticos. Foram convocados os presidentes e diretores de todas as empresas escandinavas no Brasil, como Volvo, a Scania Vabis, a Ericson, a Facit, a Nokia e outras menores, e lhes foi solicitado que interviessem na Fundação Nobel para evitar a concessão do Prêmio Nobel a dom Helder Câmara. Todos lamentaram não poder intervir no caso até o oficial general que presidia a reunião deu um murro na mesa e anunciou: se os senhores não intervierem com firmeza e Dom Helder chegar a receber o prêmio Nobel da Paz, então as suas empresas no Brasil não poderão remeter um centavo de lucros para as respectivas matrizes. Naquela época do General Médici, o governo tinha meios de adotar tão grave atitude.⁵⁵

Mariz ainda recorda que segundo Alarico Silveira, o general Juracy Magalhães (ex-embaixador do Brasil em Washington, ex-ministro da Justiça e ex-ministro das Relações Exteriores do governo Castelo Branco) protestou contra esta ameaça, na condição de presidente da Ericson no Brasil.⁵⁶

Ao mesmo tempo, mobilizou-se o embaixador do Brasil em Oslo, Jayme de Souza Gomes, para que ele monitorasse e informasse o governo brasileiro sobre a candidatura do arcebispo.

52 PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, op. cit., p. 10.

53 MARIZ, op. cit., p. 82.

54 Ibid., p. 82.

55 Ibid., p. 82-83.

56 Ibid., p. 83. Diante da gravidade do relato publicado em sua obra, a CEMVDHC entrou em contato com Vasco Mariz que confirmou as informações de seu livro.

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 26.032, datado de 11 de dezembro de 1970, do embaixador Jayme de Souza Gomes, informa o governo brasileiro sobre reações contra o resultado do Prêmio Nobel da Paz, denegado a dom Helder, onde se menciona:

para culminar [em] a entrada da sala [de] solenidades [da] Universidade [de] Oslo onde realizou cerimônia houve farta distribuição de panfletos [...] Mencionando [o] Conselho Norueguês [da] Paz nos quais pergunta. “Porque Comissão Nobel teve medo [de] apoiar Bispo Helder Câmara [na] sua luta contra [o] Fascismo [e] em favor [da] Justiça Social Brasil.⁵⁷

A mensagem indica que esta manifestação já seria uma estratégia para favorecer a indicação de dom Helder para o ano seguinte.

Em outro telegrama (Telegrama da Embaixada de Oslo nº 27.910, de 30 de dezembro de 1970), o embaixador manifesta seu pessimismo quanto a outra possível candidatura favorecida pelo regime brasileiro:[...] Procurei sondar não somente [o] senhor Tore Munck como também outros elementos [de] minhas relações igualmente suscetíveis [de] influenciar membros Comissão Nobel. Entretanto minha impressão pessoal [,] após ter lidado mais de meio ano [com] tão delicado problema é que Irmãos Villas Boas possuem reduzidas possibilidades [de] êxito por ser sua obra [de] caráter regional [,] não vinculada diretamente paz internacional⁵⁸.

O Telegrama supramencionado termina com uma mensagem reveladora:

[...] Esvaziamento este ano [de 1970] [da] candidatura Helder Camara [que] obedeceu [a] bem urdido plano executado [com a] maior cautela sem qualquer gestão oficial ou envolvimento [desta] Embaixada direta ou indiretamente. [O] êxito se deve [as] circunstâncias especialíssimas ligadas [à] proteção [de] capitais estrangeiros[,] ameaçados caso esquerdização Brasil[,] e [a] fatos ligados a vida pregressa [do] candidato habilmente explorados [em a] incisiva polémica jornalística [sic].

Outro Telegrama da Embaixada comunica ao governo brasileiro que o Presidente do Partido Democrata Cristão de Hamburgo, Dietrich Rollmann, apresentou a candidatura do Arcebispo brasileiro de Olinda e Recife, Helder Câmara, ao Prêmio Nobel da Paz em 1971⁵⁹.

Confirmada a candidatura de dom Helder Câmara, a Embaixada em Oslo encaminha às autoridades brasileiras um relatório confidencial (o “Relatório confidencial do Parlamento da Noruega”) através da Correspondência Especial nº 55, 640, 91 (77) – Prêmio Nobel da Paz de 1970. Relatório confidencial do Parlamento da Noruega⁶⁰:

[...] Referência ao telegrama secreto nº 101/70. Conforme foi prometido nos telegramas secretos 79/70 e 92/70, envio em anexo, em idioma norueguês, fotocópias do extenso relatório confidencial, composto de 61 fls, impressas e que me foi enviado pelo Senhor Tore Munck, Diretor do Grupo Industrial SverreMunck, de Bergen, Diretor da “Munck do Brasil S/A” e do matutino desta Capital, de orientação independente, “Morgensposten”.⁶¹

57 ANEXO IX. Telegrama da Embaixada em Oslo nº 26.032, datado de 11 de dezembro de 1970.

58 ANEXO X. Telegrama da Embaixada em Oslo nº 27.910, de 30 de dezembro de 1970.

59 ANEXO XI. Telegrama da Embaixada em Oslo, de nº 09, de 26 de janeiro de 1971.

60 ANEXO XII. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 55 – Prêmio Nobel da Paz de 1970. Relatório Confidencial do Parlamento da Noruega, de 27 de janeiro de 1971.

61 Uma correspondência, datada de 9 de setembro de 1996, de Jon Sletbak, produtor senior da NRK-TV, para o pesquisador Walter Praxedes, registra uma sondagem sobre o tema do Nobel da Paz para dom Helder Câmara trazendo informações com base em documentos diplomáticos e depoimentos de fontes jornalísticas que foram adquiridos pela empresa de TV da Noruega, com vistas à realização de um documentário. Jon Sletbak deixa claro que uma de suas fontes informava que, “o ex-diretor da Munch do Brasil

Vale aqui lembrar que o Comitê Norueguês do Prêmio Nobel é composto de cinco membros indicados pelo Parlamento da Noruega.

No texto citado o nome de dom Helder parece ocupar um lugar de maior proeminência (dez páginas do Relatório) do que os nomes de outros também fortes candidatos, como o brasileiro professor Josué de Castro (duas páginas) e o do professor Norman Ernest Borlaug (duas páginas). Na mesma Correspondência Especial nº 55, o embaixador Jayme de Souza Gomes sublinha dois aspectos levantados pelo relator da candidatura de dom Helder, o professor Jakob Sverdrup:

a) os fervorosos encômios à personalidade e à obra de dom Helder Câmara e b) as críticas ao atual – Governo brasileiro. Basta a citação de certos trechos do relato sobre dom Helder Câmara, para que se tenha a confirmação de tais asseverações.

E cita extensivamente o relatório:

[...] A sua mensagem de não violência, na América Latina de hoje, pode ser considerada como tendo importância para a conservação da paz, porque representa uma alternativa realística ao aumento do terrorismo e dos movimentos guerrilheiros. A sua coragem pessoal é indiscutível. Ele possui prestígio e importância, o que faz com que a sua mensagem seja ouvida, tanto no Brasil, como fora do território nacional. (O Sunday Times, de 17 de maio, fala nele como sendo o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro). Deve-se mencionar, também, que Câmara, não representa apenas ele próprio, mas, ao mesmo tempo uma grande e importante corrente da Igreja Católica da América Latina. [...].

O referido relatório enumera as razões – atributos pessoais e alcance de seu trabalho – que recomendaria a indicação de dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel:⁶²

[...] 1) A posição de liderança de Helder Câmara dentro da Igreja, ao mesmo tempo em que ele atua de maneira importante na luta pela obtenção de reformas sociais; 2) É protagonista importante para a não-violência. 3) Obteve sempre maior importância internacional, como se verifica pelo papel por ele desempenhado durante o Segundo Concílio do Vaticano e por seu comparecimento a várias conferências internacionais. Segundo os autores suecos da proposta, a concessão do Prêmio da Paz a Dom Helder seria de importância inestimável numa situação onde a atividade de Helder Câmara, de modo geral, é censurada e combatida pela Igreja conservadora e pelas autoridades do Brasil.⁶³

O “Relatório Confidencial do Parlamento da Noruega” destaca igualmente a importância e a extensão do programa educativo através de emissoras de rádio (Movimento de Educação de Base) que dom Helder coordenara que em 1963 já alcançara a divulgação em 7.500 emissoras de rádio, com 180.000 alunos inscritos.

S.A, naquele tempo um dos maiores industriais da Noruega no exterior, disse que o proprietário, Sr. Tore Munch, foi chamado a São Paulo e perguntado sobre o que ele poderia fazer como norueguês para evitar que dom Helder obtivesse o Prêmio”. Outra fonte de Sletbank, o ex-Cônsul Geral da Noruega em São Paulo que chegou a afirmar que a totalidade dos industriais estrangeiros foram mobilizados pelo dinamarquês Henning Boilesen para contribuírem financeiramente com a Operação Bandeirantes – OBAN. Esta cota em dinheiro que os empresários disponibilizavam tinha como fundamento a luta contra o comunismo. [...] todos os industriais estrangeiros, incluídos os provenientes dos países nórdicos, foram chamados anteriormente pelo dinamarquês Sr. Henning Boilesen, presidente da ULTRAGAS, para contribuir pecuniariamente para luta contra o comunismo travada por Boilesen (isto é, OBAN). O Sr. Abreu Sodré confirmou isso em uma entrevista a mim, na qual ele ataca vigorosamente Dom Helder. Esta informação foi confirmada por Sletbank através de um contato realizado com Niels Boilesen, e mais que teria seu irmão Henning visitado o Instituto Nobel para pressionar o Comitê contra uma possível premiação de dom Helder ao Nobel. Segundo relata, “os industriais nórdicos ficaram apreensivos que a crescente influência de Dom Helder pudesse iniciar um regime político de ultra esquerda no Brasil, considerando o que acontecera recentemente no Chile. Isso, aos seus olhos, seria uma ameaça ao capital investido no Brasil”. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia, op. cit., p.

62 ANEXO XII. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 55, já citada.

63 Ibid.

Em 1963, já havia 7.500 rádios e 180.000 alunos inscritos. O programa contava com a subvenção do Estado e a bênção da Igreja, mas tomou, aos poucos, um rumo que despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja. A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade.⁶⁴

Finalmente, no seu parecer, o Jakob Sverdrup salienta também o papel do Arcebispo em divulgar e denunciar para o mundo, governantes e organizações internacionais o quadro dramático de exploração, fome e miséria (desprovidas, portanto, de seus mínimos direitos) em que viviam populações inteiras no território brasileiro, assim como em imensas porções do planeta.

Em telegrama da Embaixada de Oslo (nº 2.765)⁶⁵, de 1º de fevereiro, o embaixador Jayme de Souza Gomes informa de sua iniciativa junto ao embaixador da Grã Bretanha com o objetivo de consultá-lo sobre um possível apoio do governo britânico à candidatura dos irmãos Villas Bôas ao Prêmio Nobel da Paz; uma vez que eles haviam sido indicados pela Survival International, organização não-governamental de apoio aos povos indígenas, sediada na Inglaterra. A consulta teria se revelado infrutífera: a avaliação do diplomata inglês era a de que tal pleito não teria sucesso.

Em outra tentativa (Telegrama Oslo nº 4.152 – Prêmio Nobel)⁶⁶, a Embaixada passa a reunir dados para visita de um jornalista norueguês ao Brasil com o objetivo de divulgar o trabalho dos irmãos Villas Boas.

A visita do jornalista Norueguês volta a ser assunto no Telegrama nº 98 à Embaixada em Londres – Prêmio Nobel, onde o embaixador sublinha o caráter secreto da sua atuação junto ao jornalista, a ser escolhido por “cuidadosa seleção”.

O telegrama nº 95 (de setembro de 1971) – em que se trata da visita do jornalista e acrescenta a notícia sobre a inauguração de nova fábrica da Munk do Brasil –, revela a apreensão do Embaixador pelo fato do jornalista selecionado, Audun Tjomsland, ter perguntado, em almoço com Tore Munk, se teria autorização para visitar outros locais não programados. Revela também preocupação correlata: o banqueiro Sjur Lindebraekke, diretor do Conselho de Administração do “Bergens Privat bank” era membro da Comissão Nobel e não poderia ser comprometido por nenhum vazamento de notícia que dissesse respeito a dom Helder ou a qualquer ação envolvendo a sua candidatura.

No mesmo telegrama, o embaixador Jaime de Souza Gomes acrescenta mais um elemento na trama de interesses empresariais implicados na campanha contra dom Helder: cita a “colaboração desinteressada” de Ruy Mesquita (diretor do “Jornal O Estado de São Paulo”) que teria oferecido uma passagem aérea à disposição do jornalista Norueguês, e que estaria “empenhado em contribuir para neutralizar a candidatura do Arcebispo brasileiro”.

Todas estas iniciativas não foram suficientes para tornar viável a candidatura dos irmãos Villas Boas. E na comunicação do embaixador à Secretaria de Estado das Relações Exteriores (em Telegrama nº 6599 – irmãos Villas Bôas e dom Helder Câmara), lê-se:

[...] Parlamento Norueguês [...] aceitou registro [de] inscrição [de] 32 candidatos [ao] prêmio [da] paz 1971 dentre os quais Willy Brant, Helder Camara e Orlando [e] Cláudio Villas Boas. Dos candidatos inscritos[,] 21 foram eliminados[,] inclusive Villas Boas. Brant e Camara fazem parte 11 semi finalistas [...].⁶⁷

64 Ibid.

65 ANEXO XIII. Telegrama da Embaixada em Oslo nº 2.765 (01/02/1971).

66 ANEXO XV. Telegrama da Embaixada em Oslo nº 4.152 (15/02/1971).

67 ANEXO XVII. Telegrama nº 6.599 – Prêmio Nobel da Paz. Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara, de 11 de março de 1971.

A informação é retransmitida à Embaixada do Brasil em Londres pelo Telegrama nº 170.⁶⁸

A eliminação dos irmãos Villas Bôas e a classificação de dom Helder Câmara na lista dos semifinalistas representou um alerta ao governo brasileiro e levou o embaixador Jayme de Souza Gomes a continuar e a aprofundar suas sondagens. Em “Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 122 – sobre Prêmio Nobel da Paz 1971; Reunião da Comissão Parlamentar; Seleção de candidatos,” o diplomata relata parte desses esforços:

[...] Tentando situar a posição dos dois candidatos que, no momento, parecem reunir maiores probabilidades de êxito, ou seja, o Chanceler Willy Brandt e o Arcebispo Dom Helder Câmara, igualmente procurei, sondadas as fontes informativas, determinar as causas do insucesso da candidatura Villas-Boas por tratar-se de personalidades brasileiras, cuja obra meritória é por todos nós louvada e aos quais se referiu a Secretaria de Estado em seus despachos-telegráficos

9. Dom Helder Câmara

[...] procurarei retratar o conceito, que goza o Arcebispo brasileiro aos olhos da Comissão Nobel: a) sua obra em favor dos necessitados e contra os Governos de força; b) suas publicações e predicas de caráter francamente esquerdizante; c) ter concorrido para a pacificação das massas oprimidas ou menos favorecidas pela fortuna; d) ter contribuído para a união entre católicos e protestantes, na campanha de melhores condições sociais da humanidade; e) seu prestígio junto ao Papa Paulo VI. A esse respeito seria oportuno realçar o que publicou recentemente o órgão oficioso do Vaticano, “L'Osservatore Romano”, o qual considerou Dom Helder Câmara como “um homem de Deus, um homem de Cristo, um homem dos pobres, como São Francisco de Assis”.⁶⁹

A comunicação do embaixador em Oslo procura também alinhar aspectos que julgava negativos e que enfraqueceriam a candidatura de dom Helder Câmara:

[...] Enfraqueceram a posição de Dom Helder Câmara, no conceito da Comissão Nobel, os seguintes pontos essenciais: a) polêmica jornalística travada em 1970 sobre a sua personalidade e obra e suas anteriores vinculações aos regimes políticos de direita; b) receio de que sua influência crescente, em virtude da outorga do Prêmio da Paz, possa concorrer para a implantação de um Governo de extrema esquerda no Brasil, a exemplo do que aconteceu recentemente no Chile e, assim, ameaçar os capitais estrangeiros, pela expropriação ou “estatização”, obviamente por em risco os investimentos noruegueses. É no Brasil que a Noruega possui a maior soma de capitais investidos no exterior; c) crítica à escassa base de cultura econômica em seus ataques à política atual do Governo brasileiro.⁷⁰

No seu monitoramento da candidatura de dom Helder ao Nobel da Paz, assim como das repercussões de suas ações na Europa, o Embaixador não deixa de registrar (Correspondência Especial da Embaixada em Oslo, nº 231, de 28 de maio de 1971) que dom Helder Câmara havia proferido apelo aos alemães do oeste e leste “para derrubarem as barreiras que separam os seus países”⁷¹.

Ao trabalho junto aos membros do Comitê Norueguês do Prêmio Nobel, e a articulação de empresários contra a candidatura de dom Helder, ajuntam-se então uma tarefa de comunicação: a divulgação de traços negativos na biografia política e intelectual do Arcebispo.

Nessa mesma correspondência, o embaixador Souza Gomes chama atenção para o contato havido entre o Senhor Tore Albert Munck, presidente da Munck do Brasil S.A. e o Embaixador brasileiro em Londres, Roberto Campos de onde surgiria a ideia de se utilizar uma monografia de um

68 ANEXO XVIII. Telegrama à Embaixada em Londres nº 170 (12/03/1971).

69 ANEXO XIX. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 122 (12/03/1971), sobre Prêmio Nobel da Paz 1971. Reunião da Comissão Parlamentar. Seleção de candidatos, p. 2-4.

70 ANEXO XX. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 231 (25/05/1971).

71 Ibid., p. 231.

frade dominicano belga, Felix Andrew Morlion – *The Political Dialectic of Dom Helder Câmara* - como um instrumento na campanha contra a candidatura de dom Helder Câmara.

Deixa claro que a ação contra a candidatura de dom Helder para aquele Prêmio Nobel de 1971 deveria privilegiar os aspectos econômicos e sociais, tendo-se em consideração os altos investimentos noruegueses no Brasil. O documento informa também que dos cinco membros do comitê julgador dois seriam parlamentares particularmente sensíveis a essa abordagem da questão.

[...] Qualquer, entretanto, que seja o efeito provocado pela difusão do estudo sobre dom Helder Câmara, esta Embaixada deseja realçar, com o maior sigilo, que o programa de ação contra a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife deve concentrar-se, este ano, no seu aspecto econômico-social. De fato, o Brasil é o país estrangeiro em que a Noruega investiu maiores capitais, tendo o Governo Norueguês dado garantia política à aplicação de parte desses capitais através do projeto Borregaard⁷². Deve-se considerar, ainda, que dois membros da Comissão Nobel são parlamentares que votaram a favor dessa garantia e, ter, por fim, em vista que é ponto pacífico a defesa desses capitais investidos no Brasil. Desse modo se torna claro que, uma personalidade brasileira esquerdizante que ataca substancialmente o regime capitalista, caso se projete universalmente através da obtenção do Prêmio Nobel da Paz, só poderá concorrer para a formação de um ambiente político-social que venha a por em risco os capitais estrangeiros, entre os quais e encontram os noruegueses.⁷³

A monografia *The Political Dialectic of Dom Helder Câmara*, de autoria de Felix A. Morlion procura descrever um suposto novo tipo de “movimento anticapitalista” que teria em dom Helder Câmara um dos seus principais representantes: “É basicamente diferente do Movimento Marxista e Maoísta uma vez que não tem traços materialistas, mas, ao contrário, consiste em canalizar ação política em energias e sentimento profundamente cristãos”⁷⁴.

Morlion tentar fazer um exame extenso de discursos, entrevistas e escritos de dom Helder, nos quais ele identifica uma combinação de elementos analíticos (referentes à divisão de trabalho internacional e às estruturas sociais e políticas prevalentes), conteúdos de denúncia (da pobreza, da exploração, da opressão) e um forte apelo retórico e emocional direcionado a uma convocação de tomada de posição ideológica contra as injustiças. Embora admita que o prelado brasileiro também denunciase os “regimes totalitários”, afirma ter encontrado na maioria dessas manifestações um forte viés anticapitalista.

Apesar de fazer parte do conjunto de ações de oposição a candidatura de dom Helder Câmara, a personalidade, se não as idéias de Felix Andrew Morlion, não teria convencido nem o nosso embaixador em Oslo.

Em julho de 1971, atendendo a um pedido de informação diligentemente enviado por ele, a embaixada do Vaticano responde que Felix Andre Morlion negara a existência da Monografia sobre dom Helder. Além do mais, o frade dominicano não “desfruta de bom conceito em esferas responsáveis pelo Vaticano”, sendo considerado “imaturado”⁷⁵.

De nacionalidade Belga, durante a Segunda Guerra Mundial foi para os EUA apresentando-se como emissário da Santa Sé, o que não era verdade. Ainda é citado, no referido documento, que Morlion recebeu de importantes organizações “vultosas subvenções” para criação do Pro Deo⁷⁶, or-

72 Borregaard ASA é uma empresa multinacional norueguesa reunindo, sobretudo indústrias químicas.

73 ANEXO XXI. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 231 (25/05/1971).

74 ANEXO VII. A Dialética Política de Dom Helder Câmara. Tradução feita pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares em Relações Internacionais e Direito (GERID) da Faculdade Damas em apoio ao mandato da Comissão Estadual Memória e Verdade Dom Helder Câmara de Pernambuco. Responsáveis pela tradução: Luis Emmanuel Barbosa da Cunha e Aleida Cristina Mendes Borges.

75 Ibid.

76 Trata-se de um Istituto di Studi Superiori Pro Deo, uma instituição de ensino com sede em Roma. Já não existe.

ganismo que não conseguiu reconhecimento oficial da Igreja Católica⁷⁷. Ainda sobre Felix Andrew Morlion, o Telegrama da Embaixada do Vaticano de nº 24425 reporta a Oslo que ele teria negado a existência da monografia sobre dom Helder Câmara. *“Mas que a mesma foi por ele redigida, com cópias em número restrito e de circulação sigilosa”*⁷⁸.

Finalmente, a Correspondência Especial da Embaixada de Oslo, nº 565, de 2 de fevereiro de 1971⁷⁹, traz o anúncio da escolha de Willy Brandt como o laureado daquele ano para o Prêmio Nobel da Paz e traz anexadas matérias de jornais locais que repercutem a notícia.

Na sua comunicação, a Embaixada subdivide as notícias em quatro categorias:

“a) os puramente noticiosos; b) os favoráveis ao Chanceler Alemão; c) os favoráveis ao Arcebispo brasileiro e d) os que provocaram uma polêmica bastante forte, na qual se viram incluídos Dom Helder Câmara, a Comissão Nobel e personalidades industriais noruegueses com interesses econômicos no Brasil”⁸⁰.

O Embaixador apresenta como exitosa a campanha de divulgação do passado integralista de dom Helder. Além disso, diante do propósito do governo brasileiro de impedir aquela candidatura, grupos econômicos noruegueses que tinham especial interesse em manter boas relações com o regime militar, também teriam se empenhado em derrotá-la.

Registra-se no mesmo documento uma entrevista do padre dominicano Hallvard Rieber-Mohn ao Jornal “Morgenbladet”, do dia seguinte ao anúncio do Nobel, na qual ele declara:

[...] que os interesses econômicos noruegueses tiveram uma certa influência na decisão, já que o Cardeal Câmara, que era favorito ao Prêmio, nem desta vez o ganhou. Assim, - e pela primeira vez desde que se iniciou a campanha de “neutralização” da candidatura Helder Câmara - foi levantado o “ponto sensível” através do qual todo esse esforço se baseou, ou seja, o eventual risco de expropriação, nacionalização ou estatização que correriam os capitais estrangeiros no Brasil no caso da vitória do Arcebispo brasileiro⁸¹.

No último parágrafo do documento o embaixador declara que mesmo derrotado a polêmica acerca do Nobel só ajudava a candidatura de dom Helder para o próximo ano. Ele argumenta que o chileno Pablo Neruda foi candidato por dez anos até receber o Prêmio Nobel de literatura e que não seria diferente com o arcebispo brasileiro.

O embaixador Jaime de Souza Gomes parecia estar consciente dos riscos políticos incorridos pelo governo brasileiro em se empenhar com tal afincamento na perseguição ao arcebispo. Em um documento confidencial (Correspondência Especial da Embaixada de Oslo nº 605, de 29 de dezembro de 1971), ele revela sua preocupação com um artigo publicado no periódico “Kirke og Kultur”, (Igreja e Cultura) intitulado: “A agitação contra dom Helder Câmara”, de autoria do Senhor Henry Notaker e do Padre Reverendo Hallvard Rieber-Mohn:

[...] foram os dois únicos autores que tocaram nos fundamentais argumentos usados na campanha de esvaziamento da candidatura de Dom Helder, no Brasil e em Oslo, como poder-se-á verificar da simples leitura do artigo citado, que remeto [...] todos os parágrafos do Senhor Notaker relevam conhecimento profundo

77 O retorno das solicitações de informação da Embaixada em Oslo veio através do Vaticano, encaminhado para o governo militar pelo Telegrama nº 48, de 6 de julho de 1971.

78 ANEXO XXVII. Telegrama da Embaixada do Vaticano nº 24.425 (29/07/1971).

79 ANEXO XXX. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 565 (02/12/1971).

80 Ibid., p. 5

81 Ibid., p. 7.

das manobras e das personalidades envolvidas na referida campanha, e apenas a Embaixada do Brasil em Oslo foi feliz e “milagrosamente” poupada, isto é não foi sequer envolvida nos acontecimentos, o que, aliás, não ocorreu com o Embaixador da Alemanha, neste país, vítima de injustas acusações na concessão do Prêmio Nobel deste ano.⁸²

O mesmo documento menciona uma referência feita pelos autores do mencionado artigo, sobre a distribuição de 700.000 exemplares da revista “O Cruzeiro”; que na verdade teriam sido 25.000, segundo o embaixador. Naquele número da revista – parte da campanha de difamação ao arcebispo – constava de uma entrevista do então conhecido jornalista David Nasser que apresentava dom Helder como ex-fascista e adepto do uso da violência na resolução dos conflitos sociais.

Dentre as comunicações, há registro de que o embaixador Jayme de Souza Gomes ressalta a necessidade de tornar mais reservado o papel que a Embaixada exerceu na campanha contra dom Helder. A Correspondência Especial da Embaixada de Oslo nº 122, por exemplo, relata o quadro de indicações para o Nobel em 1972 e anuncia novamente dom Helder Câmara como favorito. Mas, desta vez, descreve como discreta a participação da Embaixada para não causar nenhum embaraço diplomático.⁸³ No entanto, no ano de 1972, o Prêmio Nobel da Paz não teria laureado.⁸⁴

No ano seguinte, John W. Gran, bispo de Oslo, escreve para dom Helder informando-lhe sobre questionamentos que haviam sido formuladas por um membro do Conselho do Comitê Nobel diante do apoio que a Conferência Episcopal Escandinava ao seu nome para o Nobel de 1973.

É importante ressaltar os dois pontos que a carta destaca. Segundo o bispo John Gran, alguns membros do Comitê Nobel queriam saber a posição de dom Helder a propósito da atividade de guerrilha e, mais precisamente sobre a guerrilha urbana. Além, teriam eles perguntado, do que ele pensava sobre o controle de natalidade.

Reproduzimos aqui na íntegra a tradução da carta de John W. Gran:⁸⁵

Excelência:

Vos escrevo sobre a questão do Prêmio Nobel da Paz.

Fui demandado, da parte de um membro do Conselho do Comitê Nobel aqui em Oslo, de obter duas informações sobre vossa pessoa. Pois, sabeis bem que vosso nome figura já há alguns anos entre os candidatos sérios. Desta forma, a Conferência Episcopal Escandinava propôs vosso nome de uma maneira formal e pública no mês de setembro de 1972 para o prêmio de 1973.

Em resumo, trata-se de esclarecer uma dúvida que alguns membros do comitê colocaram sobre estas duas questões, a saber:

Da atividade de guerrilha em geral, e da urbana em particular;

Do controle de natalidade.

Mais precisamente procura-se saber se vós haveis feito declarações públicas sobre estas duas questões, em qualquer sentido. Aparentemente, alguém conseguiu lhes passar a ideia de que vós teríeis feito pronunciamentos em favor de certas formas de atividade de guerrilha em certos casos. Permito-me a duvidar disto.

No que concerne ao controle de natalidade, igualmente chegou-se à impressão de que vós vos teríeis pronunciado contra toda forma de tal controle, defendendo o crescimento desenfreado das populações em todos os lugares. Permito-me a duvidar disto também.

Em todo caso, no lugar de fazer uma investigação profusa, eu preferi vos colocar as duas questões diretamente, com toda simplicidade. Vós poderíeis facilmente responder indicando em quais dos vossos escritos

82 ANEXO XXXII. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 605 (29/12/1971) p. 3.

83 ANEXO XIX. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 122 (12/03/1971).

84 Até então, o Prêmio Nobel da Paz não havia sido outorgado a ninguém em 18 ocasiões, geralmente em anos ou períodos de grandes conflitos, como, por exemplo, durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. O ano de 1972 – no auge da Guerra do Vietnã – seria o décimo nono ano sem o Prêmio.

85 Tradução nossa.


eu poderei vosso pensamento sobre as duas questões (é suficiente referir-se à questão a ou questão b). Penso que vós não vos lembreis de mim, mas nos encontramos durante o Concílio, foi durante a última sessão, eu creio, em uma reunião ecumênica em um apartamento não muito longe do Castelo de Santo Ângelo. Os detalhes me escapam. Penso que será muito bom se o Prêmio Nobel vos for concedido. Para vós, Excelência, será talvez a cruz do Senhor. Permita-me vos felicitar por vosso 64º aniversário em alguns dias. Fraternalmente vosso no Senhor,
+ John W. Gran
Bispo de Oslo

Em 17 de outubro de 1973, dom Helder escreve uma carta de agradecimento ao amigo Francisco Moorem⁸⁶, idealizador do grupo “Ação dom Helder Câmara”. Este grupo tinha o propósito de fortalecer a sua candidatura ao Nobel da Paz. Dom Helder solicita-lhe que não continuassem com a campanha em favor de seu nome pelo Prêmio Nobel. Ressalta a importância dos apoios que obteve e da exitosa campanha que fortaleceu grupos católicos e de outras igrejas em favor de seu nome, mas pensava que era chegada a hora de parar. Entendia que seu trabalho já estava contemplado no Nobel de Martin Luther King.

No exato momento em que escrevia essa carta dom Helder acrescentava que cinco colaboradores seus estavam desaparecidos; e ele mesmo poderia vir a ser acusado a qualquer instante de que a Operação Esperança, ou outra atividade sua, estivesse ligada a subversão ou a grupos terroristas.

86 ANEXO IV. Carta de dom Helder Câmara a Francisco Mooren, em 17 de outubro de 1973. Documento do IDHEC/CEDOHC.

PARTE III



“Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto por que eles são pobres, chamam-me de comunista”

† Helder Camara

3.1. Reação de dom Helder Câmara às indicações ao Nobel da Paz

“Circulares Conciliares” era o nome dado por dom Helder às inúmeras cartas escritas a colaboradores mais próximos, iniciadas em 1962 quando participava do Concílio Vaticano II em Roma. Escritas a mão, geralmente de madrugada, suas famosas “vigílias” eram dedicadas à oração, leitura e escrita em que partilhava reflexões espirituais sobre a liturgia diária ou temas sociais e culturais, religiosos ou não, com amigos íntimos.

Dirigidas a princípio à “Família do São Joaquim”, do Rio de Janeiro, depois à “Querida Família Mecejanense”, como chamava carinhosamente os colaboradores da antiga Arquidiocese do Rio de Janeiro e os da nova Arquidiocese do Recife. As circulares eram multiplicadas e entregues nos aeroportos a amigos de confiança que iam viajar para tentar evitar extravios, o que nem sempre conseguiu.¹ Pessoas integrantes da “Família” encarregavam-se da distribuição.

Nas circulares perpassam o pensamento e os sentimentos do homem místico e também político, solidário e intrépido na defesa dos mais necessitados, quer pela miséria e fome, quer pelas violências da tortura. “*É como cristão, como padre e por fidelidade a Cristo que ajo como procuro agir e falo como procuro falar*”, disse em entrevista à Revista Confirmando, de Buenos Aires, respondendo a uma pergunta se estaria intervindo na política.

Se se entende por política a preocupação com o bem comum, o padre pode e deve ser político, o que de modo algum é sinônimo de engajamento político-partidário. Para mim, é evidente que, em área subdesenvolvida como o nordeste brasileiro, trabalhar pela promoção humana, pela conscientização de Massas em condição infra-humana é exigência do próprio Evangelho. E completa: Por mais absurdo que pareça, há quem, de fato, me considere subversivo e comunista.²

Em algumas circulares ele reservava uma sessão informativa que intitulava de notícias várias, de valor diverso, onde comentava acontecimentos do dia-a-dia, ou transmitia notícias, lembretes e recados³. Outros gêneros literários eram compartilhados – poemas⁴, meditações, discursos e brin-

1 Dizia em agosto de 1970: *Chegou Frei Tito, com cartas de Frei Leão, da filha Aglaia e da Holanda. Vejo que há Circulares perdidas. Seria tão bom se ao menos não se extraviassem as que levam o ante-projeto para o livro do Bernhard! Hoje, seguirá “correio” por Maura, irmã de Gerusa.* Ver 108ª Circular, Recife, 28/29.8.1970. Documentos IDHEC/CEDOHC.

2 Entrevista solicitada a Monsenhor Helder Câmara para a Revista Confirmando de Buenos Aires. 623ª Circular, Após Concílio, Recife, 6/7.12.1969. In: ROCHA, Zildo (Org.). Dom Helder Câmara: Circulares Interconciliares. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/Instituto Dom Helder Camara, v. IV, t. IV, p. 271-274.

3 Escreve em um desses recados “*A título de curiosidade, vejam algumas cartas recebidas do estrangeiro: (...) de um Padresinho [sic] canadense, ordenado há quatro semanas e que, recebendo de presente de ordenação 900 dólares para comprar um automóvel, comprou um por 600, para enviar os 300 poupados para o Bispinho...*”. Idem, p. 228.

4 Ver algumas poesias em: FILHO, Carlos Pena. Entrelinhas: Dom Helder Câmara. Recife: CEPE/Instituto Dom Helder Câmara, 2009. Obra ilustrada e produzida a partir dos contrapontos de Helder Câmara às poesias de Carlos Pena, de quem era admirador.

cadeiras – com seus fiéis cooperadores, pedindo sugestões ou correções, apesar da certeza de suas intenções, projetos e sonhos.

As cartas circulares eram sempre terminadas com as Bênçãos saudosas do Dom, forma peculiar como ele se chamava e era retribuída pelos íntimos, no sentido de dom ou dádiva.⁵ Em muitas delas se comenta o Nobel da Paz, a exemplo da entrevista à Revista *Confirmado*, de Buenos Aires, quando perguntado sobre o que pensava da atitude de um grupo de intelectuais americanos se mobilizarem em busca de apoio para sua indicação ao honroso título respondeu:

A ideia, segundo me consta, partiu de amigos franceses, belgas e holandeses. Não creio que consigam provar que tenho condições para figurar ao lado do grande, o querido e saudoso Martinho Lutero King. A não ser que valesse anseio de justiça, como condição para paz.⁶

Em outra ocasião contando para os amigos sobre uma reportagem para TV Canadense (CBC) que iria mandar filmá-lo na Suíça, comentou.

A última pergunta que me fizeram foi surpresa para mim: ‘Que fará o senhor com o dinheiro do prêmio Nobel de 1970? Sim, porque esperamos que o prêmio seja seu.’ Na sala em que me fizeram esta pergunta havia um retrato do King. Disse, olhando para ele: Ele, sim, mereceu o prêmio Nobel. Por enquanto, tenho só boa vontade, desejo imenso de ajudar a salvar o Mundo da violência armada e do ódio. Não creio que ganhe o prêmio. Se, eventualmente, ele me viesse às mãos, muito mais importante do que o dinheiro seria o reforço moral para enfrentar os que me julgam subversivo e comunista.⁷

A TV Alemã também procurou ajudá-lo na conquista do prêmio com a preparação de um filme de 45 minutos com o título *Um dia na vida de dom Helder*. As filmagens começariam em 25 de agosto, mas o arcebispo já tinha compromisso para essa data e comentou em carta circular se não devia antecipar a viagem e atender ao convite explicando:

[...] que melhor resposta poderei dar a toda esta orquestração difamatória!?!... Mesmo que me aconteça ficar em órbita, ser chamado a IPM, ser preso, ser morto, seria um grande dia, um grande momento!⁸

Dom Helder Câmara era criticado não só por jornalistas nacionais e estrangeiros, mas, também por padres, bispos e arcebispos, como no caso de dom Vicente Scherer, de Porto Alegre, que em entrevista ao “*Jornal do Brasil*” de 30 de julho de 1970, aconselha Helder a usar o prestígio que possuía internacionalmente, para desmentir calúnias contra o Brasil e a Igreja brasileira. A campanha difamatória preocupava o Arcebispo até certo ponto; às vezes, até agradecia a onda contra que, como dizia, de tão exagerada e absurda... vira propaganda.⁹

Dom Geraldo Proença Sigaud, era bispo de Diamantina (MG), quando declarou ao jornal “*Estado de São Paulo*”, em 05 de julho de 1970, que a realidade religiosa, política e social do Brasil se apresentavam com uma imagem distorcida na Europa, resultado de uma campanha desenvolvida

5 ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Org.). *Dom Helder Câmara: Circulares Interconciliares*, op. cit., v. II, t. I, p. 3, nota 10.

6 623ª Circular, Recife, 6/7.12.1969, cit. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel. *Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares*, op. cit., v. IV, t. IV, p. 275

7 Circular Especial, escrita de Roma, em 24/25.1.1970. Idem, p. 344-348. Ver: p. 346-347.

8 92ª Circular, Recife, 3/4.8.1970. Documento do IDHEC/CEDOHC.

9 121ª Circular, Recife, 25/26.9.1970. Documento do IDHEC/CEDOHC.

por dom Helder com este objetivo, e que a ideologia esquerdista sobrepunha largos setores dos meios de informação, inclusive na Igreja Católica. Ao viajar para Alemanha para proferir palestras tratou de alertar sobre a campanha difamatória contra o Brasil e retificar o noticiário que se desenvolvia na Europa sobre o Brasil.

Dom Sigaud estava inscrito para falar no Congresso Católico de Trier, mas o organizador, Cardeal Doeffener, recebeu do Brasil, através da TV Alemã, artigos do David Nasser e ficou tão chocado que cortou a inscrição de Dom Sigaud¹⁰. O “Correio do Ceará” havia trasladado artigo escrito por David Nasser levantando suspeitas sobre dom Helder, indagando quem seria o financiador de suas viagens que denominava de peregrinações do pior dos ódios.¹¹ Como disse Helder, o ataque virou propaganda.

A equipe alemã queria preparar mais dois filmes: um com Pelé e outro com o ex-presidente Emílio Garrastazu Médici. Da embaixada houve pressão direta e séria para evitar o terceiro (Médici). O consulado de Berlim respondeu que preferia, se necessário, cancelar os dois, comentou dom Helder Câmara em Circular. Seria feito só o filme com ele que continuava não acreditando na conquista do Prêmio Nobel.

O jornal “The New York Times” procurava documentar-se sobre dom Helder para a eventualidade do Prêmio Nobel ou de sua eliminação. Ainda com muito descrédito dom Helder exclama com a pergunta: Será!?¹².

Após o anúncio do prêmio Nobel de 1970, dom Helder resolve escrever às organizações que o apoiaram, agradecer e ao invés de insinuar qualquer novo apoio a uma nova candidatura.

Termina o ano de 1970 com um balanço retrospectivo do que lhe acontecera: conferências no exterior, campanha de difamação contra sua pessoa, amigos presos, humilhados e moralmente torturados, proibição de acesso à mídia em geral; ao mesmo tempo era favoritíssimo ao Nobel da Paz, recebia vários prêmios em dinheiro e apoio internacional. Como descreve, sobrevinham-lhe tentações de desânimo e de tristeza quando Roma lhe faltava. Preciso de apoio – mesmo discretíssimo, anônimo, invisível – do Santo Padre, como se precisa de ar, dizia dom Helder angustiado.

Obrigado, Senhor, pelo ano de 1970.

Foi, durante ele, a 26 de janeiro, que se deu a Abertura da Ação Justiça e Paz para o plano mundial. Graças a esta abertura, houve as quatro viagens internacionais: ao Canadá, USA, Itália (Roma) e Suíça (Montreux); à Áustria, à Bélgica, à França, à Suécia, à Holanda e à Alemanha; à Atlanta nos USA: ao Japão e à Alemanha. Foi esta abertura que inspirou “Spirale de violence” e as Conferências de 1970.

Depois de Paris, foi deflagrada a campanha nacional de difamação que, graças a Deus, não deixou nem sombra de travo no meu coração e cujos resultados, no conjunto, ajudaram o avanço das nossas ideias.

Ano em que tive a ventura de viver a 8ª Bem-aventurança, sofrendo desprestígio total por parte das Autoridades e dos Privilegiados; ameaças; humilhação de permanecer livre, enquanto amigos fraternos eram presos, humilhados e moralmente torturados (presenciando torturas físicas incríveis); proibição de acesso aos jornais, às revistas, ao rádio e à TV de meu País. Apontado à execração nacional como inimigo do Brasil. Em nossa Casa, pintada a bandeira brasileira, com o aviso: Brasil, ame-o ou deixe-o!

Ano de admirável sustentação mundial. Cartas e até dinheiro chegando do Mundo todo. Presença admirável da juventude. Depoimentos impressionantes, revelando responsabilidade crescente. Com a graça divina, tranquilidade interior perfeita: nada de entontecimento ante a louvação vinda de todas as raças, de todos os credos, de todas as línguas. Campanha espontânea e gratuita pelo prêmio Nobel da Paz. Três prêmios inter-

10 123ª Circular, Recife, 28/29.9.1970. Documento do IDHEC/CEDOHC.

11 ANEXO XXXII. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 605 (29/12/1971), ver artigo de Henry Notaker, p. 2/10.

12 98ª Circular Recife, 18/19.8.1970; 102ª Circular, Recife, 22/23.8.1970; e 110ª Circular, Recife, 1/2.9.1970. Documentos do IDHEC/CEDOHC.

nacionais da Paz: Espanha (João XXIII), Viareggio, Atlanta. Favoritíssimo para o Nobel. Perda me deixando feliz: em nome da Senhora Pobreza e da Irmã Humildade. Felicíssimo com a total e absoluta aceitação da vontade divina. Paz e Alegria! (...)

Tentações de desânimo e de tristeza, sobretudo, quando Roma me falta. Preciso de apoio – mesmo discretíssimo, anônimo, invisível – do Santo Padre, como se precisa de ar. Tentação que coexiste com a paz interior. Parece-me que o Pai, em lugar de aceitar minha vida pela causa da justiça e do amor, como caminhos para a paz, prefere outro holocausto, quem sabe, na linha aberta pelo Cardeal Lezer... (...)

Bênçãos saudosas do Dom.¹³

Em julho de 1971 sentia dom Helder continua *“a orquestração para torpedear o Nobel da Paz. Tive vontade de escrever ao Austregésilo de Ataíde que ele, para poder atacar-me, deveria começar por publicar, na íntegra os meus textos. Como se bate em quem tem braços amarrados?”*¹⁴.

Por outro lado, a imprensa internacional insistia em apresentá-lo como favorito absoluto para o prêmio Nobel de 1971. Diante da insistência das agências telegráficas e do representante do “Aftenposten”, o maior jornal de Oslo, escreveu dom Helder uma “circular” dividindo sua expectativa com amigos da família Mecejecense. Nessa mensagem ele brinca de faz de conta que ele chegasse a ganhar o prêmio, para o que deveria estar preparado. Sonha com o valor do prêmio, oitenta mil dólares; a necessidade da inspiração divina, “sopro direto do Espírito Santo, para a fala em Oslo, com repercussão no Mundo inteiro”; e um possível aceno do Governo Brasileiro para “certas aberturas!”, sobretudo, na hipótese de qualquer gesto de simpatia ou de mera cortesia... “Ironiza: Nem precisaria receber do governo transporte oficial, pois o prêmio inclui passagem...”. Desperta do sonho com os “pés na terra e olhos no céu, ou pés na terra e olhos na terra e no céu”.

[...] por via das dúvidas, assim como graças à Graça Divina, me sinto preparado para a não-vitória, tenho que admitir a hipótese da loteria sair para Recife. E seria uma lástima que não estivesse, sempre com a graça divina, internamente preparado para não perder a paz.

Vamos, então, brincar de faz de conta...

Faz de conta que altas horas do dia 20 do corrente ou na madrugada de quinta, 21, as Agências Telegráficas me despertem com a notícia do Prêmio... A primeira reação seria de prudência: poderia ou poderá, perfeitamente, tratar-se de trote...

Faz de conta que se comprovasse a concretização do impossível...

Primeiríssimo cuidado: rir de mim mesmo e dizer ao Pai, com o Irmão Jesus Cristo: “a vós, ó Pai todo-poderoso, toda honra e toda glória, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos”! Cuidado absoluto para não receber o prêmio como se já fosse recompensa que me chegasse na terra: prefiro, mil vezes, deixar tudo para o encontro pessoal, face a face com o Pai. E para que recompensa, se a Santa Missa, estendida ao dia todo, já me torna multi, multimilionário!?...

Na hipótese do faz de conta, o Nobel só valeria na medida em que ajudasse a marcha das ideias, que não são apenas minhas, mas nossas!...

Continuando, um instante, o faz de conta:

– ganharia, sem dúvida, a preparação do Encontro Mundial dos Movimentos de não-violência, em Dribergen, perto de Utrecht, na Holanda, em abril de 1972. A própria soma de 80 mil dólares ficaria reservada para incentivar – na fase que se seguisse ao conhecimento objetivo da situação das estruturas de escravidão – medidas pacíficas, mas resolutas e válidas, de mudança de estruturas, tanto em Países subdesenvolvidos, como em Países desenvolvidos...

– seria indispensável um sopro direto do Espírito Santo, para a fala em Oslo, com repercussão no Mundo inteiro. Seria necessário segurar, com as duas mãos o momento excepcionalíssimo...

– seria o caso de estudar prós e contras de um aceno direto ao Governo Brasileiro (na linha, de um apelo, em alto nível, para certas aberturas!), sobretudo, na hipótese de qualquer gesto de simpatia ou de mera cor-

13 167ª Circular, Recife, 30/31.12.1970. Documento do IDHEC/CEDOHC.

14 269ª Circular, Recife, 23/24.7.1971. Documento do IDHEC/CEDOHC.

tesia... Felizmente, que nem será o caso de aceitar ou não transporte oficial, pois o prêmio inclui passagem... Den, den, den... Acabou-se o faz de conta. Pés na terra e olhos no céu, ou pés na terra e olhos na terra e no céu.¹⁵

A incerteza pairava no sonho de dom Helder acompanhado sempre do conformismo quanto ao resultado.

Pai, hoje, 20 de outubro [1071], se decide o Prêmio Nobel da Paz de 1971. Tu me vês até o mais íntimo de meu íntimo, e sabes qual é a minha grande alegria nesta Vigília: sentir que tua graça me deixa, sempre mais, em tuas mãos! Qualquer que seja o resultado, me encontrará tranquilo, em paz, querendo o que Tu queres, preferindo o que preferires [...].

Tu sabes muito bem qual é o prêmio Nobel que me deste. Eu o recebo, de novo – sempre novo! – em cada Vigília, ele se planifica sempre mais, cada manhã, no Altar; e se estende ao dia todo, e, não raro, invade, docemente, o sono e os sonhos, como espero que invada meu estado de coma, na hora de partir...¹⁶

Ante a impossibilidade de comparecer ao VI Congresso da Confederação Latino-Americana de Sindicatos Cristãos (CLASC), em Caracas, na Venezuela, dom Helder envia em novembro de 1971 uma mensagem fraterna aos Trabalhadores da América Latina, que participavam do encontro.

[...] Peço que me permitam a oportunidade de comunicar a vocês o que mais me angustia nesta hora decisiva para a Humanidade e o que me parece a missão histórica, a ser desempenhada pela América Latina e, dentro dela, pelos Trabalhadores do nosso Continente. [...]

Quem merece o Prêmio Nobel da Paz

Vocês, em 1970 e em 1971, vendo-me com olhos de irmãos, votaram para que eu tivesse o Prêmio Nobel da Paz e já pensam em levantar minha candidatura para o Prêmio de 1972.

É cedi pra prêmios. Premio merecerá quem completar a independência política da América Latina, unindo -a e obtendo para ela a independência econômica, sem a qual a independência política não merece nenhum respeito da parte das Grandes. Que ainda riem de nossa ingenuidade.

Mas, pensando bem, quem tiver a felicidade e a glória de empolgar a América Latina, levando-a a integrar-se, sem Patrões de fora, nem Patrões de dentro; quem deixar a América Latina em condição de servir de exemplo e de encorajamento para a Ásia e para a África, nossas Irmãs; quem arrancar nosso Continente da situação de mendigo e desmontar o sistema antidemocrático de Nações Unidas com Donos do Mundo, contribuindo para uma autentica solidariedade universal não precisará de prêmio – já estará mais do que premiado!

De qualquer modo, o apoio de vocês, eu repito, foi o maior e melhor dos prêmios a que eu podia aspirar!¹⁷

O Nobel de 1971 foi ganho por Willy Brandt, alemão, considerado o demolidor do muro da vergonha, por três votos contra dois dados para Helder.

3.2. Carta aberta escrita a Willy Brandt¹⁸

Dom Helder Câmara candidato junto com Willy Brandt ao Nobel da Paz de 1971, achando que este seria o provável vencedor do prêmio escreve-lhe uma carta aberta cumprimenta-o antecipadamente pelo laurel ao tempo que transmite as suas apreensões, como pastor de uma área subdesenvolvida e como homem preocupado com a justiça e o amor, como caminhos para uma verdadeira paz.

15 303ª Circular, Recife, 17/18.10.1971. Documentos IDHEC/CEDOHC.

16 304ª Circular, Recife, 19/20.10.1971. Documentos IDHEC/CEDOHC.

17 322ª Circular, Recife, 14.15.11.1971. Apelo às Minorias Abraâmicas. Documentos IDHEC/CEDOHC.

18 ANEXO III. Carta aberta a Willy Brandt, na íntegra.

[...] aceitando o Nobel da Paz, se torna, sempre mais, cidadão do Mundo e se obriga a dedicar a vida à causa da paz. Uma vez que o desenvolvimento é o novo nome da paz, o senhor se obriga a dedicar a vida à causa do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens.¹⁹

E sobre a escalada da violência que continua diante de nossos olhos pede ao Brandt: ponha a sua força moral a serviço da desmoralização de farisaísmos do nosso tempo. Cita, entre outros exemplos, o escândalo em face das torturas existentes em vários países na intenção de salvaguardar ou restaurar a ordem social e a segurança nacional. Argumenta: *“Uma vez havendo prisioneiros políticos, a lógica da violência leva, necessariamente, a tentar arrancar informações, consideradas decisivas para a ordem e a segurança. Ajude a clamar pela coragem de ir à raiz do mal, enfrentando as injustiças, fonte de todas as violências”*. Conclui: *“Somos companheiros como membros do Instituto de Viena para o desenvolvimento. Somos irmãos no Cristo e no amor a todos os homens, sem distinções e sem barreiras. O senhor entenderá certamente, o meu brado fraterno”*.²⁰

Memorável mensagem guardada em suas circulares de que não se tem certeza se foi ou não enviada, mas que é a síntese de sua visão do mundo e descortina algumas atitudes do homem idealista, acima da direita ou da esquerda, que apesar de ter colecionado adversários, dentro e fora da Igreja, e dos confrontos com os militares, disse e demonstrou com atitudes jamais ter guardado uma gota de ódio no coração.²¹

Willy Brandt, chanceler do Partido Social Democrata e mais 40 membros, reunidos em Bonn, indicaram dom Helder Câmara para o prêmio da Paz em 1973 em vista de sua luta pela justiça social como condição para a paz.

O ano de 1972 não teve premiação.

A campanha pré-candidatura de dom Helder ao Prêmio Nobel da Paz continuou em 1973. Há uns teimosos insistindo em campanha nacional em torno do Nobel da Paz. Fiz tudo o que estava a meu alcance para evitar o que me parece só terá resultados contraproducentes. A qualquer hora rebenta uma queimação em escala nacional... 9 anos!, disse ele.²² Acrescentou à vigília como alento de graça recebida.

Como prenúncio provável de dias difíceis, de repente, uma graça material, que significará ajuda e apoio às atividades pastorais da Diocese, em horas difíceis, talvez de ausência minha: a Congregation des Sours de l'Enfant Jésus, de Reims, resolveu fazer poupanças durante um ano e ofereceu o dinheiro obtido para as obras de D. Helder... O dinheiro acaba de chegar, via Suíça: do Jenny Bank para o City Bank: 89 mil dólares e 190 cents... Mais do que a importância do Prêmio Nobel da Paz... Hoje mesmo passarei a soma integral a D. Lamartine. Como graças a Deus, não falta gente com imensa dedicação pastoral, teremos base para uma excelente arrancada...²³

O ano de 1973 foi de dias difíceis, de ameaças diversas. Voltaram as ameaças de morte... De morte ou de vida?... A graça é tão grande que nem chego a acreditar. Este sim seria o verdadeiro Prêmio Nobel da Paz...²⁴

19 Ibid.

20 Conclui o texto com a costumeira ‘Bênçãos saudosas do Dom’ e a frase ‘Vou ver com os Irmãos se vale a pena enviar’, referindo-se à consulta que fazia à Família Mecejanense com quem se comunicava diuturnamente.

21 Documento do Arquivo Nacional de Brasília. BR_AN_BSB_VAZ_091_0181, pp.2/8. Revista Status, p. 15.

22 118ª Circular, Recife, 31.4.1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

23 153ª Circular, Recife, 28/29.7. 1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

24 148ª Circular, Recife, 7/8.7. 1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

Narra o arcebispo um encontro para almoço fraterno com o estado-maior da TV francesa.

Quantos planos que mal escondem um desejo sincero de ajuda: de novas idas ao Brasil, de filmagem do Nobel da Paz (para eles tão certo como Napoleão ter existido), de filmagem de outras quaisquer eventualidades, meio absurdas, mas, de qualquer modo, não impossíveis, tipo banimento...

Não vê a primeira parte do programa: o filme rodado no Recife. Soube que a TV francesa timbrou em apresentar o Dom Helder que a França não conhece: o cristão, o padre, o pastor (e Claude chega a exageros, ditados pelo coração). Filmaram cinco diferentes Celebrações da Santa Missa e, diz Claude, que o [...] conseguiu 'imagens soberbas', 'que apanharam a alma'....²⁵

Continuava sendo apontado como favorito indiscutível ao Nobel de 1973. Mas, depois de tantas perdas, já não acreditava em vitória.

– as Agências Telegráficas Internacionais me interpelam, dizendo que, às vésperas do Nobel da Paz 1973, sou apontando como favorito indiscutível.

Respondo, amável, que, todos os dias, vemos em corridas de automóvel, em partidas de futebol, em corridas de cavalos, “favoritos” serem superados...

– o mistério está em que estes rumores coincidem com o máximo de sofrimentos interiores...

– a alegria, a encontro, na absoluta disponibilidade interior: veio, veio; não veio, não veio!

Os Irmãos Barrigan – Filip e Daniel – me escrevem dizendo que devo saber que sou o favorito absoluto do Nobel da Paz 1973. Eles me transmitem um apelo, dizem, em nome de milhões: o prêmio vindo, que eu o rejeite como protesto por haver o Comitê de Oslo aceito a candidatura de Richard Nixon... Respondi-lhes dizendo:

– que o Nobel da Paz jamais chegou a preocupar-me;

A vocês eu digo: na eventualidade de o prêmio vir, enquanto depender de mim, nem admitirei gozações em cima de Nixon, tipo a América curvou-se ante o Brasil... Parece-me que com Watergate e a renúncia do vice, já anda muito carregada a medida de humilhações do Presidente americano....²⁶

Mesmo assim, dom Helder mostrara-se, meses depois, decepcionado por perder para o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon. *“Que eu não ganhe o Nobel da Paz, entendo e aceito sem problema. Não me parece que o Pai esteja decidido a tirar-me de caminhos mais humildes e simples. Mas – sem julgar intenções – Nobel da Paz para Nixon, é demais...”*²⁷.

Em 17 de outubro de 1973, às 6h da manhã, recebe a notícia. Acabam de telefonar-me anunciando que o Nobel foi ganho por Nixon, na pessoa de Kissinger. “Deus seja louvado!”²⁸. O Prêmio fora atribuído a Henry Kissinger, secretário de Estado do presidente norte-americano Nixon, e ao vietnamita Le Duc Tho, por conta das negociações pelo fim da Guerra do Vietnã.

Cada derrota do arcebispo brasileiro era mais ruidosa na Europa. O Comitê era acusado de tendencioso em virtude de supostas pressões que mais tarde foram confirmadas.

3.3. O Prêmio Popular da Paz

Vetado no Brasil e festejado no estrangeiro, dom Helder Câmara foi indicado quatro vezes ao Prêmio Nobel da Paz, candidatura que recebeu o apoio do povo e de organizações em vários países, inclusive de trabalhadores na América Latina.

25 164ª Circular, Washington (USA), 27/28.8. 1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

26 183ª Circular, Recife, 16/17.10. 1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

27 103ª Circular, Recife, 2/3.2.1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

28 183ª Circular, Recife, 16/17.10. 1973. Documento IDHEC/CEDOHC.

Campanhas acirradas afastaram-no do prêmio. Documentos confidenciais foram produzidos, cercados do maior sigilo, pela embaixada do Brasil em Oslo, sem efetuar qualquer gestão oficial, mas que contribuíram para o discreto e frutuoso esvaziamento e, conseqüentemente, afastá-lo do prêmio.²⁹

Em 1972, explicava o então embaixador do Brasil em Oslo, Jayme de Souza Gomes, em documento secreto à Secretaria de Estado sobre a situação dos candidatos e encerramento das inscrições ao prêmio daquele ano.

Evidencia-se cada vez mais difícil a ação desta Embaixada no sentido de tentar obstar a vitória da candidatura Helder Câmara. De fato, os argumentos utilizados nos últimos dois anos tiveram o fim precípua de tornar polêmica a figura do prelado brasileiro aos olhos da Comissão Nobel, mas não podem ser repetidos 'ad infinito'. Em 1970, o arcebispo brasileiro foi apresentado como antigo nazifascista, dados os seus laços do passado com a extinta Ação Integralista Brasileira, circunstância que o incompatibilizou, até certo ponto, nos círculos ligados à Comissão Nobel. (...) Em 1971, foi, sobretudo realçada a ameaça que pairava sobre os capitais noruegueses investidos no Brasil pelo eventual risco de expropriação, nacionalização ou ainda estatização, caso fosse vitoriosa a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife. (...)

Por outro lado, ainda debilitam mais a posição desta Embaixada o fato de que os dois argumentos básicos utilizados na polemização da personalidade do arcebispo brasileiro foram fartamente difundidos na imprensa deste país, por meio de virulentos artigos de crítica ao Governo brasileiro e de louvores ao candidato vencido do Prêmio da Paz.³⁰

Em consequência das decisões negativas da Comissão Nobel pela não premiação de dom Helder ao Nobel da Paz, organizações da juventude da Noruega, com o apoio do Movimento Trabalhista, sindicatos e partidos trabalhistas do mesmo país, indignados, organizaram-se em busca de angariar donativos para oferecer a dom Helder Câmara, personalidade que adotava por intenção "tornar os oprimidos conscientes de seus direitos e torná-los capazes de lutar por si, por sua própria iniciativa", o Prêmio Popular da Paz.

O Prêmio foi entregue por Egil Ytrearne, presidente da Comissão do Prêmio Popular da Paz e líder da Liga Norueguesa da Juventude (noregs Ungdemslag), organização não política que mereceu apoio de todas as camadas do povo norueguês feliz em saudar e pagar tributo ao grande pioneiro na luta contra a opressão e a pobreza, nas palavras do prefeito de Oslo, onde ocorreu a solenidade da entrega do prêmio.³¹

Disse o presidente da Comissão organizadora:

Quando nos chegou a notícia de que Helder Câmara ainda uma vez não tinha sido julgado digno de receber o Prêmio Nobel da Paz, agora também em 1973, seguiu-se uma ampla e espontânea reação na opinião pública norueguesa.

Ao ser instituída a campanha com representação de todas as correntes políticas, declarava como finalidade do prêmio levantar verbas para um donativo em dinheiro a ser entregue ao arcebispo brasileiro:

[...] que foi preterido pela quarta vez na distribuição do prêmio Nobel da Paz. O Prêmio Popular da Paz ser-lhe-á entregue por seu trabalho pela Paz e pela Justiça Social, através de sua luta contra a exploração de grandes grupos humanos no Brasil e no "Terceiro Mundo".

29 ANEXO VI. Ofício nº 324 de 29/10/70, do embaixador Jayme de Souza Gomes à Secretaria de Estado.

30 ANEXO XXXIV. Relatório secreto nº 122 de 28/02/72.

31 APEJE – DOPS, Prontuário Dom Helder Câmara, cit., pp. 113/127, Folkets Fredspris, folheto impresso, p. 9; 11; 12 e 17/19. In: <http://www.acervocepe.com.br/comissao-verdade.html>.

Na solenidade foi dom Helder saudado por Bergfrid Fjose, membro do Parlamento norueguês representando o Partido Democrata Cristão; por Ragnar Karlheim, líder do Sindicato do Comércio Norueguês; por Kaare Stoylen, líder da Igreja Norueguesa; e pelo Reverendo Gunnar Stalsett, Secretário Geral do Conselho das Relações Exteriores da Igreja da Noruega. Todos ressaltaram dom Helder mui digno candidato ao Prêmio Nobel da Paz em discursos incentivadores à estratégia da não violência preconizada por ele.³²

Aderiram à campanha além da Noruega, a Suécia, Dinamarca, Finlândia, Alemanha Ocidental, Holanda, Bélgica, Áustria e Itália. O prêmio foi concedido em coroas norueguesas, incluindo na soma, marcos que seriam entregues em sessão posterior em Frankfurt (Alemanha)³³.

A festividade de entrega do Prêmio Popular da Paz foi finalizada com um apelo do diretor da Campanha, Gunnar Stålsett.

O nome de Dom Helder Câmara foi novamente apresentado à Comissão Nobel, apoiado por 450 parlamentares de diversos países europeus. O nosso movimento é, em toda moeda, em todo nome, em toda palavra, um apelo à Comissão Nobel para que conceda a Dom Helder Câmara o Prêmio Nobel da Paz em 1974. Deixemos que outros esperem. Câmara não deve mais esperar. Concluimos, pois, esta ação, com uma breve despedida, agradecendo a todos que a tornaram possível.³⁴

O Prêmio foi recebido em Oslo no dia 10 de fevereiro de 1974, ocasião em que o homenageado agradeceu com um longo discurso no qual propõe uma aliança, espécie de pacto, para pressionar moralmente nossos amigos, nossos parentes, nossos conhecidos, para que tomem consciência de situações de injustiça, não se deixem manipular, reajam contra todo e qualquer esmagamento de seres humanos.

[...] E se trocarmos ecumenismos estreitos por um ecumenismo de dimensão planetária. Deus nos ajudará. Se abrirmos um crédito de confiança a quem amar o ser humano, amando, sem saber, o Criador e Pai, o Senhor se servirá da nossa pequenez e do nosso nada, para fazer maravilhas.

Atingindo milhões de pessoas – que solidárias serão invencíveis – modificaremos os Governos, imprimindo-lhes sentido mais humano; libertaremos os Técnicos que, enfim, poderão utilizar a inteligência e o preparo especializado a serviço da vida e não da morte; libertaremos os militares, homens como nós, também eles filhos de Deus, porque terá chegado o dia em que; ‘de suas espadas eles forjarão relhas de arados e de suas lanças, foices. Uma nação não levantará a espada contra outra, e não se arrastarão mais para a guerra’. Sonho, Utopia? Tanto quanto me seja dado ver, a Revolução Humanizadora já começou. Revolução que tem como fundamento o amor à verdade e ao próximo. Se o número dos Oprimidos aumenta cada dia, aumenta, também, a todo instante, o número das Minorias que participam da grande pressão moral libertadora. O que diminui é o volume dos indiferentes, dos mornos.

O Prêmio que me confiais, eu o porei a serviço destes sonhos, destas Utopias. Será uma ajuda para a nova guerra – sem violência – pela Humanização do Mundo.³⁵

No dia seguinte, 11 de fevereiro, ao receber o prêmio em Frankfurt, na Alemanha, continuou discursando sobre o tema a Humanização do Homem.

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, é destinado a participar da vida divina, da natureza divina, do poder de Deus, dominando a Natureza, contemplando a Criação, iniciada pelo Pai; contemplando

32 Discurso do Bispo Kaare Stoylen. Idem, *Folkets Fredspris*, p. 20-21.

33 Discurso de Egil Ytrearne. Idem, *Folkets Fredspris*, p. 13-14.

34 Palavras de Gunnar Stålsett. Ibid., *Folkets Fredspris*, p. 22-23.

35 Palavras de Dom Helder ao receber o Prêmio Popular da Paz. Idem, *Folkets Fredspris*, p. 24-29.

a Libertação, começada pelo Filho; contemplando a humanização do Mundo, trabalho a realizar, em conjunto, com o Espírito de Deus.

Delírio? Utopia? O impossível dos impossíveis se tornou realidade: O Filho de Deus se encarnou, se fez Homem, se fez nosso Irmão. Depois deste prodígio, que mais se pode esperar? O Pai, preparando a divinização do Homem, certamente nos ajudará no trabalho urgente e inadiável da humanização do Homem.³⁶

Quem observa as ideias de dom Helder nas circulares escritas em vigílias, em entrevistas e em impressos de jornais, sabe que suas denúncias contra injustiças e arbitrariedades terrenas não se limitaram ao pastor das almas, como tantos queriam.

Em áreas como o Nordeste brasileiro, os maiores propagandistas da radicalização e da violência são todos os que interpretam como subversão e comunismo movimentos pacíficos, mas corajosos e decididos para exigir desenvolvimento integral, isto é, do homem todo e de todos os homens.³⁷

Dom Helder scandalizou uma época ao abdicar do luxo do Palácio dos Manguinhos para ir morar até sua morte, nos fundos da Igreja das Fronteiras, na rua Henrique Dias, no Recife; denunciou em minúcias o esquema de prisões e torturas no Brasil, instrumento primordial de investigação à Segurança Nacional; tornou-se, por isso, inimigo da ditadura e ficou proibido, por muitos anos, de pronunciamentos nos meios de comunicação, como ele próprio frisou: ataques possíveis, defesa impossível³⁸; foi acusado por seus oponentes de ser conivente com o marxismo, ideologia considerada adversa aos princípios cristãos; e, mesmo assim, se tornou a personalidade da Igreja Católica mais conhecida no mundo.

Enfim, o Dom, que em abril de 1978, falando para Revista Status, exclamou:

Subversivo... Comunista... Quando me chamam de comunista, eu digo: Você não está entendendo nada. Eu faria o jogo do comunismo se continuasse a usar a Igreja como o ópio do povo; se eu continuasse a falar num Cristo como Salvador apenas para a vida eterna. Claro que Cristo é o Salvador e existe uma vida eterna. Mas a eternidade começa aqui. Não me venham falar que a minha arquidiocese tem dois milhões de almas. Almas encarnadas. Almas dentro de corpos. Eu não tenho almas; eu tenho homens! E homens que precisam comer; e homens que precisam de casas; e homens que têm direito à educação; e homens que têm direito ao trabalho. Homens que não precisam de esmolas, precisam de justiça!³⁹

36 Ibid., p. 30-33.

37 623ª Circular, Recife, 6/7.12.1969. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, v. IV, t. IV, p. 275.

38 636ª Circular, Recife, 31.12.1969/01.01.1970. In: ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares, IV, t. IV, p. 338.

39 Revista Status, op. cit., p. 9. BR_AN_BSB_VAZ_091_0181, p. 4.



CONSIDERAÇÕES
FINAIS

*“O segredo de ser jovem mesmo quando os
anos passam, deixando as marcas no corpo –
é ter uma causa a que dedicar a vida”*
† Helder Camara

A CEMVDHC cumpre sua finalidade precípua de “esclarecer fatos a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a consolidação do Estado Democrático de Direito”: traz a público um fato e as circunstâncias de uma grave violação de direitos humanos – a retaliação para obstar a concessão do Prêmio Nobel da Paz ao único brasileiro indicado por três vezes ao honroso galardão – Dom Helder Câmara. Os documentos divulgados pela CEMVDHC neste relatório comprovam a ação deliberada e sistemática da ditadura militar que, através do Itamaraty, representado principalmente por seu diplomata na Noruega, o embaixador Jaime de Souza Gomes, executou durante 03 (três) anos consecutivos, 1970 a 1972, campanha persecutória e difamatória contra dom Helder Câmara, com o firme desiderato de impedi-lo de receber o Prêmio Nobel da Paz.

Em 1972, no encerramento das inscrições ao Prêmio, salientava o então embaixador Souza Gomes, em Correspondência Especial da Embaixada em Oslo, sobre a candidatura do Arcebispo brasileiro:

Em 1971, foi, sobretudo, realçada a ameaça que pairava sobre os capitais noruegueses investidos no Brasil pelo eventual risco de sua expropriação, nacionalização ou ainda estatização, caso fosse vitoriosa a candidatura do arcebispo de Olinda e Recife, pelo aumento de seu prestígio junto às classes populares brasileiras, a sua ambição política e a sua liderança na ala progressista da Igreja Católica do Brasil.¹

Entretanto, a campanha difamatória concretizada por dois anos, 1970 e 1971, chegara ao apogeu e perdia forças. O embaixador dizia já não poder contar, em futuras ações, com:

[...] personalidades integrantes ou intimamente ligadas a membros da Comissão Nobel que, confiantes na descrição [sic] desta Embaixada, muito a auxiliaram no fornecimento de informações sigilosas e na circulação de argumentos destrutivos da personalidade do prelado brasileiro e mostram cada vez mais retraídas e temerosas de empreender qualquer ação que os venha novamente envolver em tentativas de pressão a favor ou contra qualquer dos candidatos ao prêmio da paz.²

Tudo arquitetado nos bastidores, em surdina, “argumentos básicos utilizados na polemização da personalidade do arcebispo brasileiro”, que após largamente difundidos na imprensa do estrangeiro, reverteram-se em “*virulentos artigos de crítica ao Governo brasileiro e de louvores ao candidato vencido do prêmio da paz*” – dom Helder Câmara. “Argumentos básicos” que não podiam “ser repetidos ‘ad infinito’”, como afirma o embaixador, autor do documento. Trata-se, portanto, de relatórios

1 ANEXO XXXIV. Correspondência Especial da Embaixada em Oslo, nº 122, datada de 28/02/1972. Prêmio Nobel da Paz de 1972. Encerramento das Inscrições. Situação dos candidatos.

2 Ibid.

ambíguos e sem sustentação documental, e sim, em opiniões advindas de opositores, facilmente contrapostas pelos jornais estrangeiros da época.

Em 1972, o inimigo, então oculto, encerra a campanha sórdida e acintosa contra dom Helder Câmara, de forma pusilânime, manifestando o medo de ser descoberto em ações, no mínimo esdrúxulas, em favor do regime militar:

Nessas condições, tendo como objetivo fundamental evitar a suspeita de qualquer interferência do Governo brasileiro ou de sua Representação diplomática neste país, no que se refere à tão delicado assunto, acredito que a ação desta Embaixada terá que limitar-se este ano, ao atento acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos ligados à escolha Prêmio Nobel da Paz de 1972, na esperança de que seus esforços, empreendidos nos anos de 1970 e 1971, ainda sejam capazes de deter, ou pelo menos minorar, a pertinaz campanha dos adeptos de Dom Helder Câmara neste país e no exterior, que não se deixarão abater enquanto o arcebispo de Olinda e Recife não receber a glória de ser, por fim um galardoado com o Prêmio Nobel da Paz. Jaime de Souza Gomes. Embaixador.³

O texto exposto representa a síntese de ações operacionalizadas estrategicamente por pessoas ligadas a órgãos do regime militar contra uma pessoa que ousava pensar diferente. São relatos metodicamente articulados, com objetivos bem definidos, formulados de maneira tão explícita e cínica em documentos oficiais brasileiros que ofendem a honra e a dignidade do país. A CEMVDHC tem por competência, dar “*a mais ampla publicidade [...] sobre fatos e temas específicos*”⁴; é o caso das denúncias deste relatório, aqui publicado em Caderno Especial.

Dom Helder Câmara reconhecido internacionalmente, estimado ou rejeitado, querido ou criticado, dependendo dos valores assumidos em diversas ocasiões no seu projeto de sociedade mais justa, ou em um modelo de Igreja menos conservadora, se tornou personalidade emblemática de um tempo; tempo de intolerância, de prisões e de torturas que muito o preocupou como homem e pastor da Igreja Católica da metrópole – Olinda e Recife - do Nordeste do Brasil. Suas ações simbolizam a luta pela liberdade, pela paz e pelo direito à dignidade da pessoa humana.

A obra, a coragem em dias difíceis do nosso país, e os ensinamentos de dom Helder Câmara, permanecem como luz a indicar o caminho seguro para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Conclui-se este relatório com suas palavras: “*Para além, muito além dos egoísmos individuais, dos egoísmos de classe, dos nacionais, é preciso abraçar, sorrir, trabalhar*”.

**Este relatório foi aprovado, por unanimidade, pelos membros da CEMVDHC, em sessão ordinária realizada em 25 de setembro de 2015, presidida pelo Coordenador-Geral, Fernando Vasconcellos Coelho.*

3 Idem.

4 Regimento Interno da Comissão Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara. Capítulo I, Constituição e Finalidade, Art. 4º, item X. PERNAMBUCO. Comissão Estadual da Memória e Verdade. Cadernos da Memória e Verdade. v. 1, op. cit.



REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

“Reivindiquemos, juntos, o direito e o dever de defender a criatura humana, a pessoa humana, o bem comum. Se isto é política não é política partidária, é defesa do homem, nosso irmão; é defesa da justiça, sem a qual a paz não passa de palavra sonora”

† Helder Camara

CÂMARA, Helder. *Utopias Peregrinas*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1993.

COMBLIN, José. Espiritualidade de Dom Helder. In: MONTENEGRO, Antonio; SOARES, ELDA; TEDESCO, Alcides (Orgs.). *Dom Helder, peregrino da utopia: caminhos da educação e da política*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

_____. *Puebla e a opção pelos pobres*. In: IGREJA NOVA. *I Jornada Teológica do Recife*. Recife, [s. ed.], 1998.

_____. *A ideologia da Segurança Nacional: o poder militar na América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FICO, Carlos. *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FILHO, Carlos Pena. *Entrelinhas: Dom Helder Câmara*. Recife: CEPE/Instituto Dom Helder Câmara, 2009.

FROTA, Sylvio. *Ideais traídos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

GOMES, Paulo César. *Os bispos e a ditadura militar brasileira (1971-1980): a visão da espionagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GREEN, James N. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARIZ, Vasco. *Nos bastidores da diplomacia: memórias diplomáticas*. Brasília: FUNAG, 2013.

NETO, Nagib Jorge. *Paulo Cavalcanti 100 anos*. CEPE, Recife, 2015.

ONU. *The rule of law and transitional justice in conflict and post-conflict societies*, S/2004/616, 24 ago. 2004.

PERNAMBUCO. *Comissão Estadual da Memória e Verdade. Cadernos da Memória e Verdade*. v. 1. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco, 2013.

_____. *Comissão Estadual da Memória e Verdade. Cadernos da memória e verdade: Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto*. v. 2. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco/CEPE, 2014.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.

ROCHA, Zildo (Org.). Dom Helder Câmara: Circulares Interconciliares. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/Instituto Dom Helder Camara, 2009.

ROCHA, Zildo; SIGAL, Daniel (Orgs.). Dom Helder Câmara: Circulares Pós-Conciliares. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/Instituto Dom Helder Camara, 2012.

SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A black and white photograph of Helder Câmara, a prominent Brazilian Catholic priest. He is shown from the chest up, wearing a dark clerical cassock with a white collar and a pectoral cross. He has a serious expression and is speaking into a microphone. His right hand is raised, with fingers slightly curled. In the background, a hand is placed on his right shoulder, a gesture of support or solidarity. The background is blurred, suggesting a public event or a large gathering.

ANEXOS

*“As pessoas te pesam? Não as carregues no
ombro. Leve-as no coração”
† Helder Camara*

ANEXO I

Documento escrito depois do Encontro Nordeste II, reunião realizada na Casa dos Retiros de Beberibe, em 16/08/1966, pelos três secretários das Regionais – Dom José de Medeiros Delgado, Nordeste I; Dom Helder Câmara, Nordeste II; e Dom Eugênio Araújo Sales, Nordeste III.

Documento cedido pelo Instituto Dom Helder Câmara/Centro de Documentação Dom Helder Câmara.

1966-08_Coor_IDHEC DES DJC p.1 e 2.

Recife, 16 de agosto de 1966

Prezado o Excmo. Amigo

Em face dos graves acontecimentos ultimamente verificados na área nordestina e envolvendo figuras do Episcopado da Região, foi realizada uma reunião dos três Secretários Regionais do Nordeste, para exame da situação e estudo de medidas a serem apresentadas aos Bispos do Nordeste I, II e III.

A) Os fatos

a. O Jornal do Comércio do Recife, nas edições de 16 e 24 de julho p.p., investiu, injuriosamente, contra os Bispos do NE II, apontando, sem nenhuma base, como subversiva, a Declaração dos mesmos, decorrente de um Encontro em Beberibe. Houve uma troca de cartas entre o Arcebispo de Recife e o Jornal do Comércio, tendo sido possível chegar-se a um acordo honroso. Mesmo assim, outros órgãos da Empresa Jornal do Comércio repetem, de vez em quando, os insultos de que se desculpavam, alegando, privadamente, a direção da Empresa que se trata de interferência do IV Exército.

b. O General da 10ª Região (Fortaleza) enviou a todos os Bispos, a todos os Padres e a todas as Casas Religiosas do Ceará - alegando que as recebem do escalão superior - informações altamente injuriosas e inverídicas sobre o Arcebispo de Recife.

c) No Recife, Comissões que haviam convidado o Arcebispo para pregar Pásoas, vieram, constrangidas, desconvidá-lo, sob a alegação de pagamento do IV Exército.

B) Encontro com o Presidente da República

Vindo ao Recife no domingo 14 de agosto p.p., o Presidente da República enviou, ao Arcebispo, o General Murilo, manifestando o desejo de um encontro com o Arcebispo, no Palácio do Governo.

O encontro se realizou, durante quase uma hora e em clima de grande cordialidade.

O Presidente comentou, logo de início, que só muita insensatez pode fazer esquecer que jamais um Governo, por mais forte que se julgue, leve a melhor numa luta contra a Igreja. De sua parte, não só não deseja, mas não está disposto a permitir atritos com a Igreja.

Quis conhecer os fatos. Ouviu tudo com o maior interesse. Sem desejar adotar medidas capazes de criar, nas Forças Armadas, áreas de ressentimento contra os Bispos, ficou de deixar bem claro ao IV Exército que não admitirá a continuação dos equívocos e provocações que vêm surgindo.

Acertou-se que o Arcebispo de Recife será convidado para a posse do novo Comandante do IV Exército. O General irá a Manguinhos agradecer a presença de D. Helder na sua posse.

C) Sugestões

a) Há razões para esperar que a situação se normalize e que cessem as provocações gratuitas que se vinham multiplicando.

b) Caso, infelizmente, a boa vontade do Presidente não encontre correspondência, e continuem os atritos na área do Recife ou reboquem

em outras áreas, os três Secretários Regionais do Nordeste, talvez, se vejam na contingência de solicitar uma reunião extraordinária de Arcebispos e Bispos de toda a Região, sendo instada a presença dos Metropolitanos.

c. Como a união constitui nossa maior força convém estimular entre sacerdotes, religiosos e leigos a união com o Bispo evitando-se, em quanto possível, áreas de atrito com o Governo, uma vez preservados os direitos da Verdade e do Evangelho.

d. É importante comunicar ao respectivo Secretariado Regional qualquer fato relacionado com os acontecimentos acima referidos.

(a) D. José de Medeiros Delgado
Secretário Regional do Nordeste I

(a) D. Helder Câmara
Secretário Regional do Nordeste II

(a) D. Eugênio Araújo Sales
Secretário Regional do Nordeste III

ANEXO II

Ofício nº 01/ASS/SEC-094, de 13.04.1970 (AC_ ACE_SEC_23582_70).

Assunto: atuação subversiva da Igreja Católica de Pernambuco.

Contém: Bilhete manuscrito secreto.

CONFIDENCIAL

AGÊNCIA CENTRAL
005573 17 APR 70
SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Serviço Nacional de Informações

Memorando Nº 0303 / SI - Gab

Brasília, DF, 13 de 207 de 1970.

Do: *chefe gab*
Ao: *S. chefe*

Referência: OF Nº 01/ASS/SEC-094, de 13.4.70, do GAB MIL PR ao SNI.

Anexo:
- 0 doc da ref: - Protocolo nº 0741/SI Gab/70
- Cartão de 30.3.70 e exemplar do Jornal "DIÁRIO DA NOITE".

Resumo do assunto: *Atuação Subversiva da Igreja Católica em Pernambuco.*

DESPACHO: *Para conhecimento dessa Agência e possível utilização*

AC


Observações:

CONFIDENCIAL

S'1 SI - Gab
PROTÓCOLO
Nº 0741
16.4.70

Continuação (2)

Confidencial



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE MILITAR

2
00582

OFÍCIO Nº 01 -70/ASS/SEC -094 Em 13 de abril de 1970

Do : Assistente-Secretário do Chefe do Gabinete Militar

Ào : Senhor Chefe do Gabinete do SNI

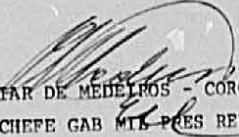
Assunto : Atuação Subversiva da Igreja Católica em Pernambuco

Anexo: Cartão de 30 mar 70 e exemplar do Jornal "Diário da Noite"

Senhor Chefe

Incumbiu-me o Exmo. Senhor General Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República de encaminhar ao SNI, por intermédio dessa Chefia, o incluso cartão do Oficial E2 do IV Exército, bem como um exemplar do "Diário da Noite" de Recife, versando sobre a atuação subversiva desenvolvida pela Igreja Católica, sob a direção de Dom HELDER CÂMARA, cujo afastamento daquela área é sugerido pelo referido Oficial.


Aproveito o ensejo para renovar a V. Sa. meus protestos de estima e consideração.


OCTAVIO AGUIAR DE MELO - CORONEL
ASS/SEC CHEFE GAB MIL PRES REP

Confidencial

SNI-SI - Gab
PROTOCOLADO
N.º 8141
Em 16-7-70

- SECRETO -



23582

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
IV EXÉRCITO

Presença Figueiredo
com grande

20/IV/70

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE MILITAR

PROTOCOLO SIGILOSO

094 13 ABR. 1970

Si vai um exemplar do alio do de
Noite, jornal de Recife, o qual relata fiel-
mente a atuação perversiva que se desen-
rola na igreja católica, sob a direção de D.
Helder Câmara, sua leitura dispensa argu-
mentos e perde como apropria das distorções
e defamações do evangelho, com toda graça
de competência no campo psico-social deste

área para este tipo.

Serviços no Recife há quase cinco anos, do
qual dos como F2/II Ex, posso afirmar com se-
gurança que toda perversão desta área tem ori-
gem no descomprometido, de modo particular, por Helder
Câmara. Sua atuação tem sido sempre dentro de possíveis
possibilidades. Entretanto, como pelado e com tran-
sido livre em quase toda área, a perversão
que desenvolve, de modo perversivo, por sua vez,
sempre eliminado, pelo meio adequado, caso fosse
ele removido desta área.

É julgado que não fosse possível nesse
sentido que ora lhe escrevi este pequeno e
negativo bilhete.

Comprimos aqui como seu amigo Enrique

ANEXO III

Carta aberta a Willy Brandt. 308ª Circular, Recife, 24/25.10. 1971.

Documento cedido pelo Instituto Dom Helder Câmara/Centro de Documentação Dom Helder Câmara.

Abertura da AJP para o plano mundial

2ª fase: apelo às Minorias Abraâmicas

Recife, 24/25.10. 1971 À querida Família Mecejanense

308ª Circular

Vigília Ferial

Estou pensando em enviar a seguinte:

Carta aberta a Willy Brandt

Recife, outubro de 1971

Prezado Amigo Sr. Willy Brandt

Alegrou-me a decisão de Oslo atribuindo-lhe o Nobel da Paz 1971. O senhor mereceu o prêmio por seus esforços concretos para a aproximação entre Leste e Oeste, dos quais é símbolo feliz a unificação de Berlim, termino do escândalo de um dos esquarteramentos de Povos, realizados em nossos dias, pelo egoísmo e pela ambição em plano internacional.

Sem esquecer, de modo algum, as raízes que o prendem à Alemanha, o senhor, aceitando o Nobel da Paz, se torna, sempre mais, cidadão do Mundo e se obriga a dedicar a vida à causa da paz. Uma vez que o desenvolvimento é o novo nome da paz, o senhor se obriga a dedicar a vida à causa do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens.

Ao cumprimentá-lo por sua merecida vitória, permita-me a confiança de transmitir-lhe algumas das minhas apreensões como pastor de uma área subdesenvolvida e como homem preocupado com a justiça e o amor, como caminhos para uma verdadeira paz. Claro que não há, em minhas palavras, a mais leve pretensão de dar-lhe lições ou de trazer-lhe novidades. Já me sentiria feliz ajudando-o a confirmar-se na tomada de atitudes que, provavelmente, já preocupam o seu espírito.

O senhor que entendeu tão bem que, o Leste e o Oeste estão muito menos longe do que pensam ou alardeiam, não contribua, de modo algum, para que a aproximação entre Oeste e Leste importe em aliança entre Superpotências capitalistas e Superpotências socialistas, tendo como preço a distância sempre maior entre Norte e Sul, isto é, entre Países desenvolvidos e Países subdesenvolvidos. Exemplo flagrante é o mal que poderá advir do gesto, em si humano e justo, da visita do Presidente dos USA a Pequim: seria terrível que se tratasse de aliança com um novo Império, à custa da Ásia, Continente onde se passam os maiores e mais graves problemas do Mundo de hoje.

Aproveite a circunstância do prêmio, para sugerir uma revisão em profundidade, no esquema da Comunidade Européia. Quando os 16 Países Africanos Associados se sentam à mesa com os 6 Países-membros (amanhã 7, com o ingresso da Inglaterra) são pares que debatem problemas comuns ou, sob nome novo, é o velho Colonialismo em busca de fornecedores de matéria-prima?... Sua atenção já deve estar voltada para o fenômeno das Macro-Empresas, plurinacionais, por vezes mais fortes que os Estados mais fortes e tendentes a transformar-se em Senhoras do Mundo, pelo

domínio das fontes de produção das matérias-primas e conseqüente controle da política internacional de preços.

Com certeza, o senhor já deve ter chegado ou deve estar chegando à conclusão de que as relações entre Países ricos e Países pobres não podem ser reduzidas a ajustes de mera ajuda financeira, técnica e militar. Por mais que fira a sensibilidade dos Países ricos e por menos culpados que sejam, no caso, os seus Povos – quando muito, só indiretamente responsáveis pela política internacional adotada e nada responsáveis pelas posições dos Trustes internacionais – é possível avaliar em que medida a riqueza dos Países de abundância deita raízes na miséria dos Países pobres, o que não importa em desconhecer que há privilegiados, dos próprios Países pobres, cuja riqueza, também e de maneira ainda mais revoltante, se baseia na miséria de milhares e até de milhões de concidadãos.

Lidere, entre os Países desenvolvidos, uma posição mais inteligente, mais larga e compreensiva por ocasião da 3ª UNCTAD, a realizar-se em Santiago do Chile. É preciso evitar, a todo custo, um insucesso que renove e agrave as frustrações de Genebra e Nova Déli, em face da frieza igual e do egoísmo semelhante das Superpotências de Oeste e de Leste.

O tempo corre contra os apóstolos da não-violência. Sobretudo, jovens, tanto dos Países pobres como dos Países de abundância perdem, sempre mais, a paciência, e clamam por violência armada, como única solução.

Os Movimentos de não-violência preparam um Encontro Mundial, em Driebergen, perto de Utrecht, na Holanda, em princípio de abril de 1972. O essencial, então, será ver claro:

– qual o peso efetivo e a responsabilidade real das estruturas econômico-sociais, como a bancária, a de empresas, a imobiliária e a rural?

– qual o peso efetivo e a responsabilidade real de estruturas político-culturais, como a político-partidária e a dos meios de comunicação social:

É de fato, válido contar com a não-violência para a mudança pacífica, mas efetiva de estruturas opressoras, tanto nos Países pobres, como nos Países ricos?

Na possibilidade de mobilizar as Instituições como Instituições, haverá meios eficazes de ligar e interligar – em cada Região, em cada País, em cada Continente, no Mundo – as Minorias Abraâmicas que esperam contra toda esperança e estão decididas, dentro de todas as Raças, de todas as Religiões, de todos os Países e de todos os Grupos humanos, a trabalhar por um Mundo mais justo e mais humano?

Ponha a sua força moral a serviço da desmoralização de farisaísmos do nosso tempo, entre os quais assinalo, a título de exemplos:

– a exploração de divergências ideológicas (“perigo comunista”, “perigo capitalista”) por parte das Superpotências, hábeis e, divergir quando isto lhes convém e em caminhar juntas quando os respectivos interesses falam mais alto;

– a alegação do homem como meta, sem a coragem de enfrentar a marginalização, de modo total: não apenas tentando superar a ausência de participação nos serviços e benefícios, mas, também, a ausência de participação na criatividade nas opções. (Até quando as decisões sobre assuntos monetários serão monopólio do Clube dos 10, ou dos 5, ou do 1?);

– a presença dos Grandes por detrás da luta entre os Pequenos, e os criminosos esquitejadores de Povos, de que a Alemanha tem experiência tão dolorosa;

– o escândalo em face das torturas existentes em vários Países, sem a coragem de reconhecer que, potencialmente, não há Governo que não possa chegar até lá.

Continua diante de nossos olhos, a escalada da violência. De fato, o ponto de partida, são as injustiças existentes em toda parte. Surge a revolta dos Oprimidos ou dos jovens, em nome deles. Vem o Governo para salvaguardar ou restaurar a ordem social e a segurança nacional.

Uma vez havendo prisioneiros políticos, a lógica da violência leva, necessariamente, a tentar arrancar informações, consideradas decisivas para a ordem e a segurança. Ajude a clamar pela coragem de ir à raiz do mal, enfrentando as injustiças, fonte de todas as violências...

- a preocupação com os efeitos eventuais de uma eventual guerra nuclear ou de uma eventual guerra bioquímica, sem a coragem de enfrentar a realidade que aí está diante de todos nós: as consequências da miséria, a mais hipócrita e a mais trágica de todas as guerras;

- a obsessão com os efeitos da explosão demográfica, álbi muito hábil para não ir ao âmago do problema, escapando ao exame das injustiças graves na política Internacional do comércio;

- a batalha contra a poluição das águas e da atmosfera das grandes Cidades, sem a coragem de enfrentar o ambiente subumano em que mergulham mais de 2/3 da Humanidade;

- a irritação quanto ao exame de problemas considerados da vida íntima dos Países, como se ainda houvesse lugar para problemas privativos, na hora em que os acontecimentos mais íntimos, através dos meios de comunicação social, se passam diante dos olhos e dos ouvidos de todos, e em dias em que as injustiças atingem escala mundial...

Somos companheiros como membros do Instituto de Viena para o desenvolvimento. Somos irmãos no Cristo e no amor a todos os homens, sem distinções e sem barreiras. O senhor entenderá certamente, o meu brado fraterno.

Vou ver com os Irmãos se vale a pena enviar.

Bênçãos saudosas do Dom

ANEXO IV

Carta escrita por Helder Câmara a Francisco Mooren, em 17/10/1973.

Documento cedido pelo Instituto Dom Helder Câmara/Centro Dom Helder Câmara.

1973-10_Corr F Mooren p.1

seu próprio nome, sua personalidade, seus objetivos e seus líderes. O desafio consiste em uni-las, em torno de alguns objetivos prioritários.

Por que, para além de raças, de religiões, de ideologias, não tentar unir-nos para denunciar injustiças institucionalizadas, estruturas de opressão, que se agravam sempre mais e são a matriz da situação desumana em que mergulham 2/3 da Humanidade, como são a raiz última de todas as violências?

Por que, para além de raças, de religiões, de ideologias não tentar unir-nos para abolir, neste pré-início do século XXI, a tortura, como meio absurdo, inhumano e absolutamente inadequado para obter informações tidas como essenciais para a "ordem social" e a "segurança nacional"? Quem pôde prever que afirmações fará e que documentos será capaz de firmar quem se achar mesmo apenas sob a ameaça de torturas incríveis e, no entanto, realíssimas?...

No momento em que lhes escrevo, cinco colaboradores meus estão "desaparecidos". Não é impossível que, amanhã, sejam apresentados como tendo reconhecido e confessado que Organizações nossas, como a "Operação Esperança", estão ligadas à subversão e ao terrorismo...

O apoio, o encorajamento que vem de vocês é o melhor Nobel da Paz. Isto sem esquecer, em plano infinitamente mais alto e mais profundo, o consolo que Deus nos dá de sofrer um pouco pela justiça e a serviço de um Mundo mais respirável e mais humano.

Fraternalmente em Cristo,

+Helder Câmara

+Helder Câmara

Arcebispo de Olinda e Recife

Continuação (2)

seu próprio nome, sua personalidade, seus objetivos e seus líderes. O desafio consiste em uni-las, em torno de alguns objetivos prioritários.

Por que, para além de raças, de religiões, de ideologias, não tentar unir-nos para denunciar injustiças institucionalizadas, estruturas de opressão, que se agravam sempre mais e são a matriz da situação desumana em que mergulham 2/3 da Humanidade, como são a raiz última de todas as violências?

Por que, para além de raças, de religiões, de ideologias não tentar unir-nos para abolir, neste pré-início do século XXI, a tortura, como meio absurdo, inhumano e absolutamente inadequado para obter informações tidas como essenciais para a "ordem social" e a "segurança nacional"? Quem pôde prever que afirmações fará e que documentos será capaz de firmar quem se achar mesmo apenas sob a ameaça de torturas incríveis e, no entanto, realíssimas?...

No momento em que lhes escrevo, cinco colaboradores meus estão "desaparecidos". Não é impossível que, amanhã, sejam apresentados como tendo reconhecido e confessado que Organizações nossas, como a "Operação Esperança", estão ligadas à subversão e ao terrorismo...

O apoio, o encorajamento que vem de vocês é o melhor Nobel da Paz. Isto sem esquecer, em plano infinitamente mais alto e mais profundo, o consolo que Deus nos dá de sofrer um pouco pela justiça e a serviço de um Mundo mais respirável e mais humano.

Fraternalmente em Cristo,

+ Helder Câmara

+Helder Câmara
Arcebispo de Olinda e Recife

ANEXO V

Telegrama nº 95, de 22 de setembro de 1971, do embaixador Jaime de Souza Gomes. Cópia de documento cedido por Walter Praxedes pela Norwegian Broadcasting Corporation, em Oslo, Sept. 9. 1996.

Embaixada do Brasil em Oslo

TELEGRAMA
PARA A SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
EXPEDIDO
EM 22/IX/71

VISTO
Jaime de Souza Gomes
Embaixador

SECRETO-URGENTE

AIG/DO/AAB/APR/500 (77)
640.91
550

Imagem do Brasil no Exterior,
Visita de jornalista norueguês.
Inauguração de nova fábrica da
"Munck do Brasil". Prêmio Nobel
da Paz de 1971.

A

Nº 95 - QUARTA-FEIRA - 18.30 hs. - Referência
ao telegrama nº 94. Durante o almoço oferecido hoje ao Senhor Audun
Tjomsland, ao qual esteve presente o industrial Tore Munck, perguntei-
me aquele jornalista se poderia visitar outros locais não programados.
Temo que se referisse ao Recife e suspeito de que seu interesse se pre-
da à obra de Dom Helder Câmara e sua candidatura, este ano, ao Prêmio
Nobel da Paz. Notei ainda, acentuado interesse pelo aspecto político
da realidade brasileira, São bem exposta no teor da Circular Postal nº
695/71. Por outro lado, informei-me o Senhor Munck que o banqueiro H.
debraekke, membro da Comissão Nobel, mencionado, dentre outras coisas,
no ofício nº 406/71, não mais acompanhará a comitiva Munck, ausência
interpretada como receio de ver-se novamente envolvido em incidente que
já ocorreu no caso dos jornais "Private Eye" e "Dagbladet", a que se
referem o despacho confidencial nº 3/71 e o ofício secreto nº 111/71.
Nessas condições, relembro o oferecimento de colaboração desinteressada
do Senhor Rui Mosquita, Diretor de "O Estado de São Paulo", que,
igualmente, colocou uma passagem aérea à disposição do jornalista nor-
ueguês, e que está também empenhado em contribuir para neutralizar a

Continuação (2)

COPIA.

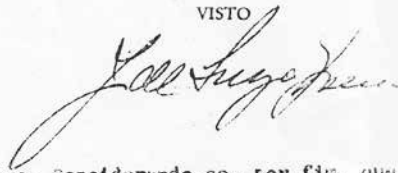
Embaixada do Brasil em Oslo

TELEGRAMA

EXPEDIDO

Página 2/

VISTO



a candidatura do Arcebispo brasileiro. Considerando-se, por fim, que o jornalista escreverá para o público norueguês interessado sobretudo em problemas de desenvolvimento sócio-econômico e liberdades individuais, é de supor-se que aquela assistência complementar feita por colegas de profissão seria de vantajosos resultados.

J. de Souza-Comes

ANEXO VI

Ofício nº 324 de 29/10/70, do embaixador Jayme de Souza Gomes à Secretaria de Estado.

Cópia de documento cedido por Walter Praxedes pela Norwegian Broadcasting Corporation, em Oslo, Sept. 9. 1996.

	Nº324
	29/X/70
<u>SECRETO</u>	SECRETARIA DE ESTADO
640.91'77)	Candidatura de Dom Helder Câmara ao Premio Nobel da Paz, de 1970.

Aditamento ao ofício confidencial Nº319, de 28 do corrente. A propósito da campanha jornalística travada na imprensa deste país contra a candidatura de Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz, de 1970, é merecedora de especial realce a atuação do Senhor Tore Munck, um dos Diretores do ~~Sociedade~~ "Munck Group", de Bergen, e Diretor Presidente da "Munck do Brasil S.A.", possuidora de duas fábricas de guindastes no Estado de São Paulo, além de Diretor de jornais de Oslo e de Bergen.

2. De fato, ~~após~~ o Senhor Munck, após ter colhido, durante uma de suas viagens ao Brasil, farto material sobre a vida pregressa do Arcebispo de Olinda e Recife através de suas relações com o Senhor Júlio Mesquita Neto, Diretor proprietário do matutino "O Estado de São Paulo", encarregou o jornalista Arild Lillebø, Diretor-Chefe do Departamento de Política Internacional de um de seus jornais - "Morgenposten", desta Capital - de, através de uma campanha jornalística, polemizar o nome de Dom Helder Câmara, então considerado como sendo o mais provável ganhador do Prêmio Nobel da Paz deste ano. Um dos artigos, de autoria do citado jornalista, publicado sob a manchete "Prêmio da Paz para ex-fascista" - cujo texto e tradução foram encaminhados com o ofício secreto Nº271/70, de 1/X, e cuja repercussão foi acentuada pelo telegrama Nº63, de 29/IX/70.

III

- teve decisiva influência junto à Comissão do Parlamento norueguês, havendo sido até anexado ao respectivo "dossier". Aliás, êsse artigo, ilustrado com uma fotografia de Dom Helder Câmara, ao tempo da antiga Ação Integralista Brasileira, foi reproduzido no próprio "O Estado de São Paulo", em sua edição de 15 de outubro findo, e, se não elaboro em equívoco, no vespertino "O Globo", do Rio de Janeiro.

4. A contribuição do Senhor Tore Munck não se limitou, entretanto, à polêmica jornalística. Sendo amigo particular do Senhor Sjur Sendebaekke, Diretor do "Bergens Privat Bank" e nôvo membro da Comissão Nobel do Parlamento norueguês, alertou-o, com o maior tato, da má repercussão que teria a vitória de Dom Helder Câmara nos meios políticos brasileiros pela sua atitude ~~de~~ acintosa de sistemática ^{JUSTA} crítica ao atual Governo do Brasil. Essa opinião foi transmitida aos demais membros da Comissão Nobel e foi, igualmente, um fator de grande valia que prevaleceu na indicação final do nome do Dr. Norman Ernest Borlaug como agraciado com o famoso Prêmio Nobel da Paz de 1970.

5. Nessas condições, acredito que, cercada do maior cuidado e sigilo, esta Embaixada, embora sem efetuar qualquer gestão oficial, pôde contribuir para o afastamento, pelo menos êste ano, da candidatura Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz.

J. de Souza-Gomes
Embaixador

ANEXO VII

A Dialética Política de Dom Helder Câmara

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 231 (25/05/1971) - Anexo nº1

A Dialética Política de Dom Helder Câmara

(uma análise conteudista de acordo com a metodologia da análise do discurso)¹

Primeira Parte: visão geral

Um novo tipo de movimento anticapitalista centrado em torno da personalidade de Dom Helder Câmara está se espalhando pelo mundo. É basicamente diferente do Movimento Marxista e Maoísta uma vez que não tem traços materialistas, mas, ao contrário, consiste em canalizar ação política em energias e sentimento profundamente cristãos. É essencialmente diferente dos movimentos criados por Gandhi e Martin Luther King porque, apesar desses movimentos serem anti-materialistas, eles se recusam a se engajar em uma contestação global do atual sistema democrático ainda chamado de capitalismo.

É verdade que Dom Helder também acusa os regimes totalitários comunistas de injustos, ditatoriais e imperialistas. É óbvio para todos, no entanto, que Dom Câmara não tem poder sobre a opinião pública nos países comunistas e não pode mudar suas estruturas, por isso, ele explicitamente se lança a superar as estruturas existentes nos países democráticos.

A dialética do tema popular

Com o objetivo de analisar os discursos e entrevistas de Dom Helder Câmara, nós procuramos aplicar uma nova ciência, a metodologia da análise do discurso. “Análise de conteúdo” em geral é o estudo da frequência e intensidade com que palavras-chave são usadas por um orador ou escritor. Esses estudos quantitativos basicamente devem ser acrescidos regularmente por uma análise dialética do tema popular com o objetivo de revelar um processo psicológico de persuasão.

Um tema é uma ideia fortemente carregada de conteúdo emocional que estimula a imaginação e guia à ação em sociedade. O tema popular é uma unidade de temas primários e secundários que estimula as energias de grupos majoritários adormecidos. A dialética ou a orquestração de temas é a força propulsora dos movimentos de opinião pública.

A análise dos textos escritos por Dom Helder nos faz possível perceber o quão impressionante e dinâmicos são seus pronunciamentos para esses grupos. Nós podemos então partir do geral para o particular, dos efeitos imediatos, intermediários e causas principais.

Os quatro planos dialéticos de Dom Helder Câmara

O fenômeno da conquista de parte da opinião pública por Dom Helder é diretamente política e indiretamente religiosa.

A comprida entrevista de Oriana Fallaci, recentemente veiculada, na revista de grande circulação, “L’Europeo”, é apresentada com a seguinte chamada: “O Bispo ultrajante: o mais prescindível

¹ Tradução feita pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares em Relações Internacionais e Direito (GERID) da Faculdade Damas em apoio ao mandato da Comissão Estadual Memória e Verdade Dom Hélder Câmara de Pernambuco. Responsáveis pela tradução: Luis Emmanuel Barbosa da Cunha e Aleida Cristina Mendes Borges.

e mais comprometido dos padres que se opõem às oligarquias militares e econômicas da América Latina. O homem que o papa chamou de “Arcebispo vermelho” fala sobre sua missão e seus ideais contra a situação de um continente marcado pela guerrilha”. (20 de agosto de 1970)

Primeiro Plano

A causa principal dessa nova forma de oposição apaixonada às estruturas existentes pode ser encontrada na ideia de justiça através da repetição incisiva dos elementos da séria desigualdade entre ricos e pobres (1) proporciona uma forte reação de indignação moral (2). Em outras palavras: a opinião de que a “deve haver justiça” traz inicialmente um sentimento que se espalha facilmente: “esta é uma situação da qual devemos nos envergonhar” (1). E isso faz surgir uma atitude geral: “Eu devo fazer alguma coisa; eu devo tomar uma atitude” (2).

Segundo Plano

Uma filosofia política nascida da indignação moral define as causas da injustiça (3) e é imediatamente aplicada ao compromisso de luta contra grupos específicos considerados culpados, aqueles presentes e visíveis (4). Em outras palavras: o imperativo moral “Eu devo tomar uma atitude” guia para uma opinião pragmática especulativa: “Eu sei que as estruturas sociais promovem a injustiça” (3). Isso leva a um juízo de valor pragmático: “Eu sei quem é o responsável e ele está diante de mim”.

O compromisso político nasce desse juízo de valor: “Eu devo tomar uma atitude e sei contra quem devo agir” (4).

Terceiro Plano

O lutador comprometido acusa capitalistas (sic), cristãos reacionários, políticos, empregadores, militares, industriais, a distribuição e comunicação social, pela injustiça.

Isso leva à escolha dos meios de ação. Negar a eficácia da negociação e persuasão para mudar as estruturas, (5) Dom Helder Câmara incita a revolução que ele diz ser não violenta e baseada no florescer da consciência de parte das massas através da opinião pública (6). É nesse ponto que a escolha dos meios a serem usados para a destruição das estruturas existentes faz nascer, através de sua dinâmica dialética, a pergunta mais decisiva e político-pragmática: “Qual é a nova sociedade política que devemos construir?”.

Quarto Plano

Ao condenar tanto o sistema capitalista como o comunista como sendo irremediavelmente injustos, Dom Helder Câmara explora as reais potencialidades do tema primário, como a sede por justiça (plano I), do tema secundário, como a agressividade provocada pela indignação moral (plano II), que ele incita à ação em favor do que ele chama de “um socialismo que respeita a pessoa humana e é inspirado pelo Evangelho”.

Escolha de temas básicos

A dialética interna esboçada acima é característica de um movimento de opinião pública representado por Dom Helder Câmara. Não é preciso citar trechos de todos os seus discursos e entrevistas para demonstrar isso. Dom Câmara francamente admite que até seus 43 anos militava pela “Ação Integralista”, movimento fascista brasileiro, isso até 1952, e apenas em 1960 ele começou a

desenvolver sua filosofia política, que é considerada de esquerda. É suficiente o significativo trabalho do ano de 1970.

Estudar esses discursos e entrevistas tanto quanto se referir a conversas particulares, percebe-se que no ano passado os temas têm se tornado bem definidos e unidos a uma dialética política nem tão difícil de se reconstruir sua dinâmica vital. Os mesmos fatos, as mesmas comparações, a mesma exortação com impressionante regularidade e intensidade.

Nós selecionamos três significativos discursos feitos em janeiro de 1970 nos Estados Unidos, Canadá e Europa, respectivamente, em palestras para padres e líderes cristãos. Acrescentando-se a treços importantes desses discursos, nós incluímos passagens de entrevistas mencionadas previamente. Essa entrevista, dirigida a um grande público, desenvolve temas práticos de política natural em meios de convivência.

O objetivo: educação da opinião pública

A introdução metodológica que nós brevemente esboçamos e partes significativas de passagens das declarações feitas por Dom Helder Câmara que seguem na segunda parte são dirigidas a leitores trabalhados de vários países engajados no diálogo. As partes selecionadas são classificadas em ordem dialética de sete diferentes fases que levam o movimento à ação política. Isso deveria tornar mais fácil o leitor na sua cooperação em moldar respostas aos desafios trazidos por Dom Helder. Em determinado estágio, nós deveríamos ser capazes de definir distinções, de completar, em alguns casos, de analisar e reformular com nuança os fatos mencionados por Dom Helder Câmara, de assimilar e julgar suas exortações criticamente e sobretudo de despertar para criativa imaginação moral na ajuda à solução para os problemas apresentados.

A análise que estamos apresentando é uma da série de projetos de longo alcance, alguns, iniciados em 1962, já renderam resultados parciais na luta pela paz. O espírito deste estudo é bem definido pela máxima do grande mago da Holanda. Thomas à Kempis: "Non quis dicat, sed quod dicatur intende" (Não se preocupe com quem fala, mas com o que é dito). Distante de procurar uma vitória polêmica estéril, nós deveríamos destacar contribuições construtivas cada um de nós deveria empreender mudanças rápidas e profundas na sociedade. Mais do que nunca antes da sociedade precisar de um autêntico espírito revolucionário deveria buscar um extraordinário progresso científico, técnico e material para o crescimento da raça humana.

1. Nossa análise e crítica construtiva é, em primeiro lugar, parte de um programa de educação espiritual, particularmente, na seara da ética social. Há um grande perigo de que o desenvolvimento político, econômico e social de nossa era seja mais lento do que o desenvolvimento integral do homem. Sem a consciência da força espiritual e da liberdade individual do homem, há um grande perigo que revoluções possam resultar em regressão ao invés de progressiva abertura estrutural. Sobretudo é essencial prevenir a formação de novas formas de totalitarismo, autoritarismo ou ditaduras como as do passado. Nesse ponto há um acordo tácito entre a maioria dos líderes das estruturas democráticas vigentes e aqueles que as contestam.

2. O estudo de parte dos textos é então, em segundo lugar, parte de um programa de educação política concentrado em um dinamismo social e liberdade política.

3. Por outro lado, a nova ordem política dependerá do sucesso de uma revolução industrial, tecnológica e ecológica, que está longe de ser completada. É essencial se ter um completo conhecimento de um direito capaz de governar a transformação de recursos de criação e sua utilização e

distribuição de forma a contribuir para a dignidade e assegurar a liberdade da raça humana. Para isso, requer-se um mínimo de educação social e econômica.

Esse mínimo é particularmente necessário para os líderes do quarto poder que inclui não apenas jornalistas, diretores de cinema e produtores de televisão mas também porta-vozes, educadores e líderes cívicos de todos os níveis. Se nós não tivermos o sucesso em entender a força espiritual de Dom Helder Câmara e, ao mesmo tempo, prover respostas concretas ao que ele tem arguido, nós não podemos reclamar de sermos taxados de culpados pelo pecado da omissão.

Félix A. Morlion, O.P.

A Dialética Política de Dom Helder Câmara

Parte dois: ordem dialética de temas populares

Inicialmente nós devemos separar os principais pontos de cada fase do desenvolvimento dialético pelo qual passou Dom Helder Câmara. Ao fim de cada fase, nós podemos estabelecer uma série de perguntas que devem ser suscitadas em um estudo mais completo. Poder-se-á notar que as fases são interdependentes e não correspondem a uma ordem cronológica, mas a uma ordem psicológica e causal.

1.- O fato desigualdade.

Como será visto abaixo, os fatos selecionados por Dom Helder são limitados em números. Eles são cansativamente repetidos de acordo com o contexto. Isso representa a aplicação de uma das regras básicas da metodologia da análise do discurso, diferentemente do método científico.

A repetição continuada sobre a certeza de determinados fatos, com poucas variações, cria um forte sentimento de que o número de fatos mencionados aumentou. Para, nesse caso, reforçar a necessidade de esforço mental extra para unir vários fatos sob o mesmo título.

Nós escolhemos fatos de política internacional uma vez que não temos os meios necessários para estudar os fatos internos sobre a situação do Brasil.

“1.1 80% dos recursos do mundo estão nas mãos de 20% da população da terra.”

“1.2 150 bilhões de dólares são gastos anualmente em armamentos enquanto que 10 bilhões são direcionados para cooperação econômica e social.”

“1.3 Apenas para dar dois pequenos exemplos, é suficiente dizer que durante os últimos quinze anos os Estados Unidos retiraram da América Latina um lucro de onze bilhões de dólares; esse é um dado trazido pelo escritório de estatísticas da Universidade de Detroit; ou é suficiente notar que a Jamaica pagou o equivalente a 3.200 toneladas de açúcar por um trator canadense.”

“1.4 Nos países desenvolvidos, cria-se um escândalo a partir do pior do colonialismo, a colonização interna: a saúde de um pequeno grupo de famílias privilegiadas é mantida ao custo da aflição de milhões de cidadãos.”

“1.5 Até em países desenvolvidos, estratos não desenvolvidos da população estão aumentando.”

Perguntas

1.1 Não há uma tendência a redistribuir a propriedade de recursos e das fábricas nos programas de industrialização dos países não desenvolvidos?

1.2 Não se deveria adicionar aos dez bilhões de dólares doados anualmente aos países não desenvolvidos, a soma de investimentos, empréstimos a juros baixos, para mudança e transformação de ordem técnica, cultural e educacional?

1.3 Essas situações apresentadas não deveriam ser analisadas a partir de causas e efeitos?

1.4 Esse fenômeno está crescendo ou não? Não há vários exemplos de punições? Pode-se precisar caso em que foi possível isolar escândalos e se evitar o erro do “latius hos” que, sem provas, atribui o erro de um pequeno grupo a muitas outras pessoas?

1.5 Há provas de que estratos não desenvolvidos em países desenvolvidos estão crescendo?

2.- Indignação moral e seus imperativos

“2.1. Declarações de princípios refinadas e até reformas da legislação básica rendem nada se o egoísmo prevalece, particularmente no caso de poucos privilegiados que estão em posição de tornar sem efeitos as declarações de princípios mais audaciosas e os meios legais mais radicais.”

“2.2 Muitos cristãos rejeitam a acusação de serem progressistas e rejeitam a acusação de subversão e comunismo. Eles ficam atentos quando grande parte de sua juventude, leiga e eclesiástica, acha que a Igreja não tem feito nada, isso se percebe com as belas declarações em acordo com a estrutura de poder pela simples razão de que a Igreja faz parte do sistema.”

“2.3 É necessário que a opinião pública mundial demonstre a força da verdade, da justiça e do amor. Requer-se um grande esforço para se prevenir a dominação do mundo pela violência: a violência sem nome e disfarçada que mantém milhões de filhos de Deus em condições sub-humanas, nos países subdesenvolvidos e nos estratos subdesenvolvidos da população dos países desenvolvidos; a violência das guerras que as super potências travam entre si e destroem todas as populações; a violência que sai como resposta desesperada à violência.”

Perguntas gerais

Não se deveria diferenciar a contestação moral da contestação política? A contestação moral é mais justa quando é mais absoluta, pois não há moralidade que não seja absoluta. Qualquer um condena o mal do fundo de sua mente, fica a favor dos valores supremos da existência humana. Nenhuma luta é mais real senão a luta contra a supressão dos valores supremos que mantêm a vida em sociedade valer a pena para o homem.

Mas a contestação política, econômica e social é uma utopia fundamentalmente injusta se for total e absoluta. Pois é evidente que a dignidade do homem consiste em sempre tender à perfeição absoluta, primeiro para si mesmo e em seguida para os demais, mas isso também consiste em perdoar as pessoas e instituições que não conseguiram perceber essa perfeição imediatamente ou até rapidamente e que devem recomeçar depois de terem fracassado. No campo da política, nós devemos diferenciar o relativo do absoluto, o factível do não factível, entre os primeiros resultados que imediatamente obtidos e outros resultados que podem ainda ser obtidos mais tarde e muitas vezes obtidos como corolários.

3. - A filosofia das causas políticas

“3.1 É possível e até provável que o resultado seja uma tragédia, devido à cegueira de uma pequena parte privilegiada: o hemisfério Norte, o mundo desenvolvido. Os 20% que detêm 80% dos recursos do mundo são de origem cristã. Que impressão podem ter nossos irmãos africanos e asiáticos, e as massas cristãs latino-americanas, caso a árvore devesse ser julgada a partir de seus frutos? Nós, cristãos, somos amplamente responsáveis pelo mundo injusto em que vivemos.”

“3.2 Esses 20%, que deixam 80% viverem frequentemente em condições sub-humanas, estão moralmente autorizados a dizer o Comunismo esmaga a personalidade humana? Não são esses

20%, que mantêm 80% frequentemente em condições sub-humanas, que começam toda a violência, responsáveis pela explosão de ódio que se espalha por várias partes do mundo?”

“3.3 Considerando-se bons cristãos e bons protetores, as minorias privilegiadas dos países pobres não percebem que estão excluindo a maior parte da população da participação econômica, social, política e cultural do país, e que qualquer mudança se torna impossível.”

“3.4 Nos próximos anos, nós cristãos não precisaremos de novas lições na área social. Atualmente, nosso problema é colocar nossas belas teorias em prática. No momento em que cada um decidir colocar as altas lições em prática, ele será imediatamente marcado como subversivo e comunista.”

“3.5 Em seus corações, muitos líderes cristãos temem que mudanças muito rápidas possam tirar a ordem social do normal, enfraquecer a autoridade e destruir a propriedade privada.”

“3.6 Não há tempo a perder, nós somos culpados pelos graves pecados da omissão desde a séculos atrás. Ordem social? De que ordem social estamos falando? A ordem que vemos diariamente, que mantém milhões dos filhos de Deus na miséria, deveria ser chamada de desordem social e injustiça estratificada. Propriedade privada? Mas quem não percebe, quem pode ver como nós, cristãos, nesse ponto em particular abandonamos os padres da Igreja e acabamos por descobrir um direito divino à propriedade privada, desde que o direito divino seja estendido a todos e não seja a base para monopólios odiosos e opressivos?”

“3.7 Quantos atos absurdos, quantas crueldades são cometidas sob o pretexto de se evitar a subversão e combater o comunismo! A primeira consequência é manter a estrutura atual, consolidada e mantida pela violência, mantendo-se os privilégios de poucos ao custo da aflição de muitos. Adotam-se os métodos totalitários de se denunciar qualquer atitude suspeita; pela suspensão total das liberdades, incluindo-se a liberdade de expressão; pelo clima de total insegurança; pela aplicação de meios arbitrários por tempo indeterminado; pelo uso de tortura física e mental para se obter confissões.”

Perguntas Gerais

Quais são os critérios do orador para chamar uma pessoa ou grupo de cristão? Esses chamados de cristãos, mas que não ajudam seu próximo quando poderiam, não são realmente falsos cristãos? Por que não se acusam aqueles que recusam o nome de cristãos ou os militantes ateus?

4. - Grupos considerados especialmente culpados

“4.1 Grandes conglomerados, com enorme poder junto às nações desenvolvidas, agem tanto diretamente quanto através da política externa dos seus governos nos países subdesenvolvidos, onde conseguem aliados naturais nas minorias privilegiadas que, por sua vez, estão naturalmente dispostos a manter a vida política dos seus países sob controle. Mesmo que não possa ser demonstrado que em certas ocasiões que esses conglomerados tanto provocaram revoluções como também não hesitaram em provocar ou apoiar guerras, percebendo-se que sem uma corrida armamentista em tempo de paz as indústrias dificilmente assegurariam para si os mesmo lucros?”

“4.2 Os impérios capitalistas, que fingem sacrificar-se no interesse do terceiro mundo para proteger a empresa privada, para proteger a ordem contra a subversão e o caos, na realidade protegem seu próprio prestígio e, conseqüentemente, seus interesses econômicos. Eles servem ao poder econômico dos conglomerados internacionais.”

“4.3 os impérios socialistas são duros e inflexíveis. Eles não aceitam o pluralismo, mas impõem a dialética marxista. Eles exigem obediência cega ao Partido. Eles submetem as pessoas ao

regime de completa e permanente insegurança, e agem exatamente como ditaduras fascistas de extrema Direita.”

“4.4 Tanto quanto a mentalidade que os inspira, e seus principais objetivos, como são parecidos os impérios capitalista e socialista! Na verdade, a iniciativa privada não existe nem de um lado e nem do outro. O que os capitalistas chamam de “iniciativa privada” nada mais é senão uma oligarquia econômico-financeira. Do lado socialista, os conglomerados remontam de uma vez por todas nas mãos do Estado.”

“4.5 Universidades, particularmente as grandes e poderosas universidades dos países desenvolvidos influenciam imensamente a opinião pública. Mas, nós somos testemunhas das estranhas e perigosas reações que as revelam. Consideram o problema da juventude – e nos permita admitir que a juventude comete excessos, abusos e praticam atos terroristas – certas universidades de renome internacional não foram bem sucedidas em descobrir os métodos e soluções amplamente concebidas, que sua missão e sabedoria deixaram a desejar. Elas recorrem a meios discricionários, dando mau exemplo e criam um precedente perigoso que pode preparar o caminho para se estabelecerem ditaduras nesses países. Não se pode atribuir tais reações, em maior parte, direta ou indiretamente à pressão realizada sobre as universidades por fundações, que, em último caso, estão ligadas ao poder econômico?”

“4.6 Comunicação de massa é uma grande força que, há pouco tempo atrás, não existia. Mas nos países desenvolvidos, eles são “gigantes com pés de barro”, o que se pode concluir do fato deles caírem tão facilmente nas mãos do Estado. Nos países desenvolvidos, a comunicação de massa é, entre outras coisas, grandes empresas e grandes negócios. E, geralmente, a liberdade de imprensa termina quando os interesses do grande capital começam.”

“4.7 As religiões nos países capitalistas, elas correm o risco de serem absorvidas pelo “sistema”. Elas têm coragem suficiente para proclamar princípios, mas não têm coragem suficiente para colocá-los em prática, pela simples razão, talvez não conscientemente, delas mesmas sofrerem perdas caso o façam.

Nos países socialistas, as religiões têm sido reduzidas a forças alienantes, e qualquer ação na área sócio-econômica – para o avanço da humanidade, é proibida a elas.”

“4.8 É extremamente interessante ver o que acontece nas organizações das classes trabalhadoras. Nos países subdesenvolvidos, elas são facilmente manipuladas pelo governo, sempre que se suspeita delas caírem nas mãos de agitadores e comunistas. Nos países desenvolvidos, elas facilmente se tornam forças poderosas que praticamente obtêm tudo que os trabalhadores exigem; mas há uma tendência dentre os trabalhadores empregados a se estabilizar, a se tornarem membros da classe média e a aceitarem, para os trabalhadores desempregados, uma aposentadoria com uma pensão.”

Perguntas

4.1 e 4.2 Há provas concretas da culpa dessas classes todas, dos grupos econômicos (“conglomerados”), das nações, das unidades regionais e continentais (“impérios capitalistas”)?

4.3 e 4.4 Não se deveria fazer mais diferenciações e trazer mais nuances para apoiar a questão, até para se evitar a simplificação, exagero e até injustiça no julgamento global nos “impérios socialistas”?

4.5 Há provas suficientes para a séria e geral acusação, que declara a universidade infiel à sua vocação?

4.6 Não é a acusação de Dom Helder Câmara, com relação à subserviência da comunicação de massa, uma contradição pelo fato de que suas entrevistas e palestras mais sensacionais tenham sido

amplamente difundidas pela maioria dos veículos de comunicação, que não deixaram de prestar serviço aos seus leitores, seus clientes?

4.7 Não é esse um exemplo de julgamento das intenções que pode ser aplicado à maioria das pessoas e grupos humanos? Não é esse tipo de julgamento particularmente condenado por religiosos e organizações civilizadas?

4.8 A diminuição de horas trabalhadas e até a diminuição do número de trabalhadores uma consequência normal do real progresso tecnológico e científico? E se aqueles “aposentados” recebem o bastante para viver livremente, esse fato é injusto?

5. Não se negocia com a estrutura atual

“5.1 É desconfortável para os países ricos pensarem nas mudanças efetivas na estrutura econômico-social e político-cultural dos países pobres, pela simples razão de que estes não podem ser fornecedores indefinidamente de matéria-prima para as economias desenvolvidas.”

“5.2 Uma mudança na estrutura dos países subdesenvolvidos não é factível sem uma mudança na estrutura dos países desenvolvidos. Essa expressão deve ser entendida literalmente. Não é trata apenas de uma mudança de pensamento, considerando-se os países pobres: o que importa de fato é uma mudança profunda na política de comércio internacional. Por quanto tempo devemos ainda permitir que conglomerados internacionais formem bolsões de riqueza, mantendo-se milhões de homens em escravidão?”

“5.3 Não deixe dizer que os conglomerados estão se tornando mais democráticos a cada dia, porque milhões e milhões de pessoas comuns são acionistas e controlam as empresas... Acionistas, sim, no sentido que elas possuem poucas ações, mas elas não podem fazer conhecer sua vontade ao grupo que anonimamente gere o conglomerado, de forma fria e impassível, sem se preocupar que seres humanos sejam esmagados em seu caminho.”

“5.4 Não se alega que há leis para controlar a remessa de lucros para o exterior? Quem não sabe que há numerosas formas de se burlar essas leis?”

“5.5 Na origem dessas situações dramáticas, há a preocupação maior em se obter mais lucro com menos esforço e com o aumento da segurança e rapidez. É uma ilusão pensar que tal atitude fosse do capitalismo liberal, mas ele não mais existe, e o neo-capitalismo tem diferentes pontos de vista. De fato, existe uma aparência de democratização; ações existem, mas a direção dos negócios firmemente permanecem nas mãos daqueles que também possuem a maioria das ações, produzindo increditáveis lucros. E a batalha da tecnologia, que se propaga pelos países socialistas, é implacável.”

“5.6 Só os estúpidos comentem o erro de acreditar que os dois impérios capitalistas são separados por suas ideologias dos dois impérios comunistas. Eles dividem o mundo em Yalta, e eles continuam a dividi-lo, sonhando com uma segunda conferência de Yalta.

“5.7 Onde, então, está a esperança para o quinto gigante dos pés de barro, que é, para nós mesmos, o terceiro mundo? Eu não o vejo nem no capitalismo americano e europeu nem no comunismo russo e chinês.”

“5.8 A Igreja tem se preocupado muito com o problema de se manter a ordem e se evitar o caos, e isso a tem evitado de perceber que essa ordem era também desordem. Eu comumente pergunto a mim mesmo – sem acusar a Igreja – como é possível que pessoas sérias e virtuosas aceitaram, e ainda aceitam, tantas injustiças. Por três séculos, no Brasil, a Igreja achou que era normal para os negros serem mantidos em escravidão! A verdade é que a Igreja católica é parte da estrutura de poder. A Igreja tem dinheiro, e ela usa seu dinheiro, mergulha até o pescoço nas empresas comerciais, e se junta àqueles que enriquece os ricos. Nesse caminho, ela acredita que está protegendo seu

prestígio mas, se queremos continuar a jogar com as regras que nos comprometemos, não temos mais que pensar em prestígio. E nem podemos lavar as mãos como Pôncio Pilatos. Nós devemos nos purificar do pecado da omissão, e pagar nossas dívidas.”

“5.9 Há ainda esperança de diálogo com os líderes políticos? Com os jovens líderes industriais? Com os líderes trabalhistas?”

Perguntas

5.1 – 5.6 Para determinar se as estruturas que queremos derrubar ainda existem no sentido em que são descritas por Helder Câmara, devemos esclarecer um mínimo de conclusões baseadas no sentido comum:

a) O capitalismo de que fala Helder Câmara é o mesmo descrito nos escritos de Smith, Proudhon e Marx?

b) Se a concepção e estrutura mudaram, essas mudanças acidentais ou podem ser consideradas substanciais em tal amplitude que os capitalistas e proletários tais como devem ser vistos como relíquias do passado, mais e mais difíceis de achar?

c) Se as mudanças no capitalismo são substanciais, pode a atual economia misturada entre público e privado das democracias ser considerada uma estrutura aberta, capaz de progresso substancial no futuro?

d) Se o capitalismo é uma estrutura fechada para progresso social maior, o socialismo por natureza é uma estrutura aberta? Qual socialismo: soviético, chinês, iugoslavo, asiático, africano, oriental-marxista ou reformista?

5.7 Entendemos que os países do terceiro mundo não querem ser identificados com o que chamam de bloco capitalista e nem com o que chamam de bloco comunista, mas eles fizeram uma comparação entre as contribuições ao seu desenvolvimento feitas pelos países livres e pelos países sob regime totalitário?

5.8 A Igreja, no seu aspecto estrutural temporal, mostrou-se definitivamente incapaz de favorecer o desenvolvimento das pessoas? Os pontificados de João XXIII e Paulo VI, e o período pós-conciliar em geral demonstraram que a Igreja destacou-se do domínio temporal, ou é uma reivindicação hipócrita?

5.9. Todos os líderes políticos, econômicos, trabalhistas e comunitários nos países democráticos são irremediavelmente reacionários?

6. - A convocação para uma revolução política não-violenta

“6.1 Quando falamos sobre violência, não devemos nos esquecer que a violência número um – a violência que é a origem de toda violência – é a injustiça. Então os jovens que tentam dar voz às aspirações dos oprimidos, reagem à violência número um com a violência número dois, i.e. violência atual, e esta traz a violência número três, i.e. a violência fascista. É um ciclo vicioso. Eu, como homem da Igreja, não posso e não devo aceitar nenhuma dessas três violências, mas eu posso entender a violência número dois. Eu sei que ela vem através da provocação. Eu detesto aqueles que permanecem passivos, aqueles que permanecem em silêncio, e amo apenas aqueles que lutam, que ousam.. Os jovens que no Brasil reagem à violência com violência são os idealistas que eu admiro. Infelizmente, a violência deles não dará em nada e eu devo portanto acrescentar: se vocês começam a usar armas, os opressores vão esmagar vocês. Encará-los em seu próprio nível é pura tolice!

“6.2.1 Luta armada na América Latina é legítima e impossível. Legítima porque foi provocada; impossível porque será esmagada. A ideia de que guerrilha era a única solução para a América Latina surgiu depois da vitória de Fidel Castro. Mas no começo Fidel Castro não tinha os Estados Unidos contra ele! Os Estados Unidos foram pegos de surpresa por Cuba, e, depois de Cuba, eles começaram a se preparar para a anti-guerrilha lutando em todos os países da América Latina para evitar outra Cuba. Na América Latina hoje, todos os militares no poder são auxiliados pelo Pentágono com o objetivo de esmagar qualquer um que tente uma revolta. Não há apenas escolas avançadas de guerra, onde os soldados são treinados em condições mais duras de guerra na selva, mas onde eles também aprendem sobre propaganda política. Tudo isso para dizer que, enquanto seus corpos aprendem a matar, seus cérebros são convencidos de que o mundo é dividido em dois: capitalismo e seus valores, de um lado e de outro, comunismo com seus contra-valores. Resumindo, essas forças especiais são tão bem preparadas que quem tentar encará-las será inevitavelmente solto.”

“6.2.2 A experiência cubana não deve se repetir, e eu não acredito que a América do Sul “precise de muitos Vietnams”, como Che Guevara costuma dizer. Quando eu penso no Vietnã, eu penso em um povo heróico lutando contra o super-poder. Eu não acredito minimamente que os Estados Unidos “estão aqui” para defender o mundo livre. Também não acredito que a China comunista² se preocupe com o Vietnã e pergunto : “Consegue mesmo se convencer de que quando a guerra acabar, as pessoas do Vietnã vão ter ganhado a guerra?”

“6.2.3. Eu penso o mesmo de Camilo Torres. Camilo foi um padre sincero, mas de repente - mesmo tendo continuado a ser padre e cristão- ele perdeu todas as ilusões em relação ao sonho que a Igreja sabia como realizar os seus textos mais bonitos. E ele acreditou que só o partido comunista poderia alcançar algo. Consequentemente, os comunistas levaram-lhe e imediatamente enviaram-lhe para a frente, onde o perigo era maior. Eles tinham um plano em mente: Camilo seria morto e a Colômbia iria reacender-se . O Camilo foi morto mas a Colômbia não se reacendeu. Nem os jovens, nem os trabalhadores se mobilizaram”.

“6.2.4. A minha oposição em relação a luta armada não está baseada em motivos religiosos, mas em motivos táticos. Não surgiu de nenhum tipo de idealismo, mas nasceu de um realismo político agudo. Um realismo que pode ser aplicado a todos os outros países: Estados Unidos da América, Itália, França, Espanha, Rússia. Se em cada um desses países os jovens lançassem-se às ruas para tentar a revolução, eles seriam esmagados em muito pouco tempo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Pentágono iria no final alcançar o poder absoluto. Nós não podemos ser impacientes.”

“6.3.1. Se pelo menos soubesse o quanto eu conheço estes jovens. Eles estão pedindo aos seus pais, seus professores, seus padres, e a eles próprios. Eles viraram as suas costas à religião porque eles chegaram à conclusão que a religião os traiu. E eles são sinceros quando eles encontram sinceridade, sensibilidade. Os jovens de hoje têm sorte de poder viver a sua juventude junto com os jovens do mundo”.

“6.3.2. Oh, eu tenho um enorme respeito pelos jovens brasileiros que vão lutar em guerrilhas urbanas. Eu amo-lhes porque eles são audaciosos e maduros, porque eles não agem por ódio e pensam apenas em libertar o seu país. Com o custo de suas vidas. Eles não têm tempo para preparar massas, eles são impacientes, e eles estão pagando com suas vidas. Eu não gostaria de desencorajá-los, mas eu devo fazê-lo. Será que vale a pena sacrificar as suas vidas por nada? Ou quase nada? Considere

² China comunista como tradução para a expressão: *Red China*.

que os assaltos a bancos que eles organizam para poder se fornecer com o dinheiro necessário para comprar armas. Armas são escandalosamente caras e trazê-las para a cidade é um negócio louco. Será que esse risco, esse sacrifício não é desproporcional? Agora, considere o sequestro organizado com a intenção de libertar camaradas da prisão. Cada vez que um embaixador é liberto pelos soldados da guerrilha, em troca pela libertação dos seus camaradas, a policia fazia uma operação e as celas esvaziadas, eram enchidas de novo”.

“6.4.1. Há Cristãos que temem denunciar erros, pedir mudanças na estrutura e não indicar como tomar ações concretas prepara o caminho para agitadores e comunistas”.

“6.4.2. Quem pensa que ele tem a solução nas suas mãos é um idiota arrogante. Eu não tenho soluções. Eu só tenho opiniões, sugestões que podem ser resumidas em duas palavras: violência passiva. Isto não significa a violência escolhida pelos jovens com armas, mas a violência defendida por Gandhi e por Martin Luther King. A violência de Cristo. Eu chamo-a violência porque não é satisfeita com pequenas reformas revolucionárias. O que é necessário é a revolução.”

“6.5. São as minorias que contam. São as minorias que em todos os tempos mudaram o mundo pela revolução, pela luta, e pelo acionamento das massas. Um padre aqui, algum lutador de guerrilha ali; um bispo aqui, e um jornalista ali”.

“6.6. Quando você pergunta se é possível citar um exemplo de um país que tenha tido a possibilidade de mudar a sua estrutura sem usar violência armada, a resposta pode ser que até um passado bem recente, a humanidade não tinha a comunicação de massa que nós temos à nossa disposição hoje. No entanto, acontece que nos países em desenvolvimento que decidem aborrecer estruturas - até se eles o fazem com métodos democráticos - perdem a capacidade de acesso para aqueles poderosos meios de comunicação social, se eles também não perderem os seus direitos civis ao mesmo tempo”.

“6.7. Eu sou um dos poucos que gosta de jornalistas. Pois, quem se não os jornalistas denunciam as injustiças e informam milhões de pessoas? O jornalista não é sempre bem sucedido, pois a sua sede pela verdade para . . .

(aqui termina a página 17, ausente a página 18, reinicia o texto na página 19)

Perguntas Gerais

1. A revolução não-violenta advogada por Helder Câmara não é um impulso forte por uma continuação bem sucedida de negociações democráticas, que estão continuamente mudando estruturas políticas e econômicas?

2. Concluindo que a violência armada dirigida contra o autoritarismo é utópica, não é claro que nós deveríamos nos concentrar principalmente nos poderes da opinião pública, acima de tudo através de um despertar espiritual e através de uma educação dispersa com aplicações sociais?

3. Mas a educação não é baseada na informação da inteligência para não menor grau que para formar a vontade que controla as paixões? Não é consequentemente necessário, de forma a obter pela negociação o progresso radical na vida política, para começar muito cautelosamente obtendo informações sobre realidades presentes e depois qualificadas por acusações demasiado gerais e corrigindo acusações exageradas ou falsas, que privaram aqueles em posições de responsabilidade social e aqueles cuja culpa pessoal não é óbvia, de seus mais sólidos laços com a virtude: o bom nome deles?

4. O Cristo não se concentrou na grande verdade que só Deus é justo e que só Deus pode julgar? Não deveríamos reconhecer que em todos as relações humanas que estão fragmentadas e em todas

as lutas humanas, há sempre um pouco de injustiça em cada parte que deve ser combatida de dentro, de forma a poder alcançar a paz com os outros?

7.- A estrutura do novo socialismo

“7.1. Eu sou socialista. Deus criou o homem na sua imagem para que este possa participar na sua criação, e não ser escravo, como se pode aceitar o fato de a maioria dos homens ser explorada e viver como escravos? Eu não consigo ver nenhuma solução no capitalismo. Mas eu também não vejo a solução nem nos exemplos do socialismo oferecido atualmente porque estes são baseados na ditadura. Nós já temos um sistema de ditadura: é nisto que eu sempre insisto. Sim, a experiência Marxista é maravilhosa; eu admito que a União Soviética alcançou grande sucesso na mudança das suas estruturas, eu admito que a China comunista progrediu de uma forma ainda mais extraordinária. Mas quando eu leio o que acontece na União Soviética e na China Comunista, as purgas e as acusações secretas, as detenções, o medo, eu noto surpreendente similitude com ditaduras de extrema direita e com o fascismo! Quando eu observo a frieza na atitude da União Soviética em relação aos países em desenvolvimento - na América Latina por exemplo - eu percebo que é a mesma frieza dos Estados Unidos! Talvez eu possa tentar encontrar um exemplo do meu tipo de socialismo em países fora da esfera Russa ou Chinesa: a Tanzânia, talvez, ou a Checoslováquia antes de ter sido derrubada. Mas nem mesmo aí. O meu socialismo é especial, um socialismo que respeita a pessoa humana e segue os evangelhos. O meu socialismo é justiça.”

“7.2 A justiça não significa impor sobre cada homem uma qualidade idêntica de bens de forma idêntica. Isso seria horrendo. Seria como se todo o mundo tivesse o mesmo rosto, o mesmo corpo, a mesma voz, o mesmo cérebro. Eu acredito no direito a ter rostos diferentes, corpos diferentes, vozes diferentes e cérebros diferentes: Deus pode suportar o risco de ser considerado injusto. Mas Deus não é injusto, e Ele vai assegurar que não existem nem homens privilegiados, nem homens oprimidos; Ele vai assegurar que todo o mundo recebe o que é essencial para a vida: continuar sendo diferente dos outros. O que eu quero então dizer por justiça? Eu quero dizer melhor distribuição de bens, a nível nacional e também internacional”.

“7.3. Eu li Marx. Eu não concordo com as suas conclusões, mas eu concordo com a sua análise da sociedade capitalista. Isto não autoriza ninguém a me classificar como um honorário Marxista. O fato é que Marx tem de ser interpretado tendo em consideração a realidade que mudou e continua mudando. Eu sempre digo para os jovens: é um erro levar Marx palavra por palavra. As suas escrituras tem que ser usadas mantendo em mente que a sua análise tem mais de um século. Hoje, por exemplo, Marx não iria dizer que a religião é uma força alienada: a religião merecia esse julgamento há um século atrás, mas tal julgamento já não é válido. Olhe o que acontece aos padres na América Latina, e em outros lugares. Muitos comunistas, no entanto, estão bem à parte disto. E homens como o Francês Garaudy sabem disso. Não é importante se pessoas como Garaudy são expulsos do partido comunista: eles existem e eles estão pensando. Eles são a imagem viva do que Marx iria dizer para os nossos jovens.”

“7.4. O que é preciso é uma revolução completa das estruturas presentes, uma sociedade renovada em bases socialistas e sem derramamento de sangue. Não é suficiente lutar pelo pobre, morrer pelo pobre; nós temos que tornar os pobres conscientes dos seus direitos, e da sua miséria. As massas têm que se tornar conscientes da urgência de se libertarem e não serem libertos por alguns idealistas que enfrentam a tortura como os primeiros cristãos enfrentaram os leões no Coliseu.

Deixar-se devorar por leões é quase inútil, quando as massas continuam nos seus bancos para ver o show. Mas, você vai dizer, como podemos derrotá-los? Este é o jogo dos espelhos! Bem, eu posso ser utópico, mas eu digo: é possível fazer as massas conscientes da sua situação”.

“7.5 Não importa o dinheiro! Não importa pregar a religião em termos de paciência, obediência, prudência, sofrimento, beneficência. Basta de beneficência! Basta de bolos e biscoitos! Você não defende a dignidade do homem dando-lhe bolos e biscoitos, mas ensinando-lhe como dizer: Eu tenho o direito a algum presunto! Nós os padres somos responsáveis pelo fatalismo em que os pobres sempre resignaram-se a serem pobres, e as pessoas em subdesenvolvimento a serem pessoas subdesenvolvidas. E continuando assim nós justificamos os Marxistas, que defendem que religiões são forças alienadas e alienadoras, ou seja, o ópio das pessoas.”

“7.6 Mas o que você chama política é religião para mim. O Cristo não jogou o jogo dos oprimidos ; ele não se submeteu aos que disseram que ele devia se submeter. Se você defende o jovem que sequestra um embaixador, se você defende o jovem que rouba bancos de forma a ter dinheiro para comprar armas, você está cometendo um crime contra o seu país e contra o Estado. A Igreja quer que eu me compre com a libertação das almas. Mas como eu posso libertar a alma se o corpo que a contém não está livre? Eu quero enviar homens para o céu, não pequenos cães ; ou até pequenos cães de barriga cheia e testículos esmagados.”

“7.7 Se fizermos o nosso melhor para varrer o medo da terra e para criar um clima de verdadeira esperança; se não tivermos medo do esforço; se seguirmos as ordens da inteligência e dos nossos corações; se nos empenharmos em superar o nosso egoísmo - além das barreiras da raça, língua, política, partidos políticos, religião - Deus vai completar o que nós, na nossa fraqueza, não podemos fazer. O sangue de sacrifícios como os de Gandhi, dos irmãos Kennedy e de Martin Luther King, entre muitos outros, não terá sido derramado em vão”.

Perguntas Gerais

1. Não é óbvio que o princípio “política é religião” (7.6) significa que uma certa corrente particular da política é identificada com a religião? Não seria esta uma tendência estritamente reacionária que tende a nos levar de volta para a idade média e às suas guerras de religião?

2. Não deveríamos consequentemente distinguir a chamada de Helder Câmara à religião da sua chamada à política? A chamada à religião de Helder Câmara é autêntica e profunda. Pode ser resumida em uma frase: nós devemos substituir o egoísmo pela caridade que inclui justiça. Este apelo é de todas as religiões e demanda pela revolução espiritual permanente. O Cristianismo, talvez a mais realística de todas as revoluções, reconhece uma desarmonia profunda, uma ferida na natureza do homem que ela chama “o pecado original”. Isto nos faz chegar à conclusão que a sociedade humana (como o homem ele mesmo) vai sempre permanecer limitada e imperfeita. O trabalho espiritual, que é sempre necessário, nunca vai ser suficiente para estabelecer um mundo sem injustiça, sem pecado.

3. A chamada de Dom Helder Câmara à ação política é uma mistura de apelo religioso e proposições muito vagas para novas construções. Quando tentamos encontrar um elemento específico das estruturas do novo socialismo evangélico nas declarações de Dom Helder Câmara chegamos à conclusão que esta estrutura não foi delineada nem na sua forma mais generalizada.

4. Não é óbvio que um homem sábio não decide destruir uma casa de que ele não goste sem que tenha antes mostrado provas de que a nova casa que ele vai construir não vai ter as mesmas desvantagens que a casa velha ?

Não é óbvio que a responsabilidade de um líder religioso é particularmente grave quando ele instiga a derrubada de uma ordem política existente sem ter realizado um estudo profundo e detalhado de realidades políticas e econômicas? Não é óbvio que para liderar na política (como um cidadão e não como co-líder de uma instituição religiosa) é necessário uma especialização considerável para além de talento. Houve padres, em tempos modernos também, que foram chamados para posições de responsabilidade política devido aos seus talentos e os seus conhecimentos neste domínio específico. Houve até aqueles que como Don Sturzo, fundaram partidos políticos. Mas é sábio, na era pós-conciliar, um padre se tornar um líder político de um movimento socialista que não é muito claro na sua filosofia de democracia?

5. Nos seus discursos Helder Câmara une as funções de um padre religioso e um orador político. Nós só elogiamos o seu talento como padre. Mas o seu valor como político e economista tem que ser examinado separadamente. Seria de fato a pior das injustiças tentarem obter seguidores a um partido particular reivindicando que é uma autêntica aplicação de princípios religiosos. Qualquer pessoa que trace as atividades de Dom Helder Câmara desde 1952 vai descobrir a força crescente na sua eloquência religiosa no domínio social mas nenhuma resposta para as grandes perguntas as quais um líder político do nosso tempo deve providenciar respostas, pessoalmente ou através do seus funcionários, antes de propor um novo sistema político.

Conclusão Geral

O estudo da dialética política de Dom Helder Câmara conclui necessariamente com um imperativo, comprometer-nos com uma ação de longo-termo. Dom Helder repetiu em varias ocasiões: “Eu não tenho nenhuma solução a oferecer.” Mas ele repete com maior extensão e com maior frequência que os pobres do mundo têm o direito a uma solução para os seus problemas e que essa solução tem que ser imediata. É lutando que um padre se limita a ser um animador espiritual de um movimento de justiça.

Os fundamentos da ordem social

Especialistas leigos, homens da ciência e homens de ação devem, o mais rápido possível, providenciar uma solução concreta para os três grandes problemas do nosso tempo que o Helder

Câmara considerou:

1) Quais são os princípios claros comuns às políticas econômicas que servem realmente para o bem-estar comum? Cidadãos devem saber que princípios são estes antes de votar livremente ou agir através de grupos de pressão.

2) Quais são os objetivos das leis que governam o desenvolvimento econômico? Quais são os métodos e técnicas que vão garantir o decolar industrial de um país subdesenvolvido na economia de abundância?

3) Qual é o denominador comum dos sistemas políticos diferentes que garantem na prática a proteção e a promoção das lutas inatas que correspondem à dignidade do homem, com aquelas liberdades civis que são necessárias para tornar o desenvolvimento humano possível? Pode haver uma terceira alternativa para o futuro além da democracia e do totalitarismo? Não é óbvio que a filosofia da democracia é só o começo para prover uma alternativa construtiva aos mitos do totalitarismo e regimes do passado e do presente?

Programar depois dos discursos tem se tornado mais difícil do que fazer os discursos. Mais reflexão e até orações é necessário antes que nós possamos passar de impulsos morais a verdadeiros compromissos sociais baseados em uma filosofia sólida e dinâmica.

Dinamismo social do diálogo

Compromisso social realmente começa quando nós entramos em diálogo com aqueles que não estão de acordo com algumas das nossas opiniões políticas. Para aqueles que falam mal do capitalismo ou dos comunistas nós temos que gentilmente repetir: “Alguma vez você já jantou com um capitalista”, ou, no outro caso, “com um comunista”?

Se a resposta mostrar que nós que não acreditamos na possibilidade de tais reuniões, dúvidas podem ser facilmente dissipadas. Qualquer pessoa que organize tais jantares amigáveis, que despertam velhas tradições do ágape cristão, chega à conclusão que é raro que as pessoas de tendências opostas recusem de se encontrar. É ainda mais raro que eles recusem admitir que o adversário encontrado em uma atmosfera livre de política mostra evidência de certos bons traços de caráter que nós nunca poderíamos ter descoberto na sua vida pública ou nas colunas de um jornal.

Os Evangelhos são extremamente práticos, particularmente a respeito de relações com não-cristãos e com aqueles descartados de forma não favorável: se você pensar que o homem tenha falado ou agido mal, primeiro dê-lhe uma chance para explicar no decorrer de uma reunião de irmãos. Se ele se recusar a vir, ou se ele recusar a ouvir depois de ter falado com o seu adversário fora do seu espaço político, aí você pode recorrer à opinião pública. É para esta forma de diálogo que nós apontamos os três maiores sujeitos de conversa concreta.

Das escolhas econômicas à filosofia política

O maior problema das políticas econômicas é extremamente prático: deveria o cliente, ou seja, cada um de nós, ter a liberdade de escolher ou deveria ele seguir as imposições do plano político? No final a questão depende de três respostas a favor ou contra a economia de mercado:

a) Deveria o poder político favorecer empresas livres em certas áreas, mantendo certas outras para si, ou deveria o poder político proceder para o planejamento e fornecimento total de forma a que a demanda seja totalmente condicionada? Em outras palavras, deveria o cidadão poder escolher entre produtos competindo em preço e em qualidade ou deveria o poder político escolher pelo cidadão?

b) Se a economia de mercado deve ser suprimida de forma a fornecer o pobre com bens que ele não tem capacidade de selecionar e nem de pagar, pode o poder político escapar às tentações de egoísmo e corrupção encontradas no sistema de fornecimento e demanda nas empresas livres?

c) Se a economia de mercado deve ser mantida, como nós podemos garantir:

(1) o acesso das populações industrialmente subdesenvolvidas ao mercado;

(2) a manutenção da competição para empresas médias enfrentando concentrações multinacionais?

2. Desenvolvimento Econômico precisa, primeiro, de uma formulação geral dos objetivos do desenvolvimento, e as funções deste, a aplicação de certos números de métodos e técnicas de industrialização.

a) A cada vez mais vasta transferência de tecnologias de produção, distribuição e financiamento é um aspecto essencial da economia de abundância como distinção da economia de autossuficiência de sobrevivência simples. A história contemporânea parece mostrar que a industrialização e o

desenvolvimento econômico têm uma base mais sólida e procedem de forma mais regular quando têm múltiplos centros de livre iniciativa e, conseqüentemente, a descentralização orgânica da decisão. O planejamento total do mercado parece, ao contrário, desabilitar rapidamente o desenvolvimento através uma burocracia rígida. De forma a poder fazer escolhas entre as várias alternativas, nós devemos pelo menos conhecer alguns estudos sérios feitos de países como a Costa do Marfim, Israel, Formosa, Malásia, etc., onde o desenvolvimento industrial aconteceu na forma de empresas livres, e outras onde ele foi imposto. Além disso, deve ser possível fazer um estudo sobre o progresso feito em certas regiões como o Brasil e os países Árabes, por exemplo, onde a industrialização foi recentemente organizada e onde o progresso pode ser seguido passo a passo.

b) Se o homem não é somente o agente e o sujeito da economia, mas também o beneficiário do desenvolvimento econômico, não resulta que o material tem que ser subordinado ao espiritual que a liberdade tem que ter ascendência em relação a sistemas que são impostos, até nos casos de vida política e econômica?

c) Se, ao contrário, o homem não é considerado um ser espiritual, uma pessoa essencialmente autônoma, mestre do seu destino, então uma outra forma de economia, necessariamente totalitarista, é uma consequência inevitável.

3. O maior objetivo é garantir a efetividade de uma ação bem preparada. A ação efetiva sempre depende da solidez da sua filosofia social, ou seja, em uma compreensão realística das causas e efeitos, com cuidado preciso dos meios utilizados para atrair objetivos na sociedade humana. Desenvolvimento econômico depende em particular do crescimento constante da nossa filosofia política. Antes de decidir o que nós queremos ou o que deveríamos querer fazer, nós devemos primeiro definir o significado presente e vivo das palavras que usamos.

Neste caso as palavras-chave no que diz respeito aos fundamentos são: “democracia” e “totalitarismo” e no que diz respeito às formas sociais mutantes “capitalismo”, “comunismo”, “liberalismo”, e “socialismo”.

a) A escolha básica fica entre democracia e totalitarismo. O primeiro passo na filosofia política é de produzir uma resposta para a pergunta: o que é a democracia? O que é o comunismo?

b) Existe um consenso de opinião no que diz respeito ao fato de que o comunismo é essencialmente totalitário, pois ele subordina completamente o homem ao estado e conseqüentemente não pode reconhecer direitos naturais à liberdade e à total autonomia do espírito humano? Se sim, não devemos nós escolher a democracia como a única alternativa possível e aceitar os seus processos de livre persuasão de forma a enriquecer e desenvolver a sociedade, de forma a que possamos progredir de uma democracia formal a uma democracia real, de forma a que a democracia econômica torne-se parte da democracia política?

c) Se a liberdade é o valor supremo na sociedade, imortal como o homem ele mesmo, não é essencial que o homem reconheça que bem o capitalismo, nem o comunismo pode continuar a negar dinamismo social concreto ou liberdade? Se nós considerarmos que o totalitarismo tem que desaparecer, não devemos dizer que a democracia, que é essencialmente pluralista, constitui a melhor sociedade para o futuro? A democracia não continua a desenvolver novos padrões através de constante mudança e elementos mais ricos de liberalismo e socialismo? Não é o caso que até os regimes comunistas e extremo-nacionalistas tem que enfrentar menos proletariados e mais gerações melhor educadas que estão gradualmente aumentando a gama e o âmbito das suas liberdades?

d) Não está o novo mundo começando a rebelar contra todos os “ismos”? Não é o denominador comum para a sociedade do futuro melhor indicado pelo termo “democracia social”? O nosso es-


tudo da dialético de Dom Helder Câmara levou-nos a reafirmar muitos problemas. Helder Câmara iria concordar conosco quando nós dizemos que nós não devemos esperar antes de desenvolver soluções práticas. Nós convidamos a todos os nossos leitores a estudar e a agir de forma a despertar, educar e guiar a maioria dos homens de boa vontade que podem proporcionar respostas às questões que foram levantadas e trabalhar juntos, de forma a colocar as ideias em prática.

Félix A. Morlion, o.p.

ANEXO VIII

Memorando nº 806/SI-Gab, de 18 de agosto de 1970, do SNI.

000036

SNI/SI/GAB em 19 agosto 70 ARQUIVE-SE <i>M. C. C.</i>	CONFIDENCIAL PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES	
---	--	---

Memorando Nº 806 / SI - Gab
BRASILIA, DF, 18 agosto 1970

De: *Ch. Gas*
 Para: *Ch. AC*

Referência: AVISO Nº 370/SI_Gab/70.

Anexo: Carta nº 3532, de 11.8.70, do Núncio Apostólico do Brasil
 ao Ch/SNI (Protocolo nº 1731/SI-Gab/70).
 -Aviso nº 370/SI_Gab/70 - cópia.

Resumo do assunto: Acusa o recebimento do Aviso 370/SI_Gab/70 e
 tece comentários sobre o assunto nele trata-
 do (Documento atribuído ao falecido Monsenhor
 ALVARO NEGROMONTE).

DESPACHO: *Para conhecimento. Posteriormente fornecer
 ao Brasil, pt. assinado* 18 AGO. 1970
(Monarca)

Observações: *Redundante o acatamento*
18 AGO. 1970
(Monarca)

**DOSSIÊ:
DOCUMENTOS DO MINISTÉRIO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES –
ITAMARATY**

ANEXO IX

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 26.032 (11/12/1970) - Entrega do Prêmio Nobel da Paz
 Manifestação em favor de Helder Câmara, segundo Jayme de Souza Gomes, "candidato óbvio [para
 receber] referido prêmio."

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
<u>TELEGRAMA</u>	25.032
RECEBIDO	
DA EMBAXADA EM OSLO	
EM/10/11/XII/70	
SECRETO	
SG/D.0c/DC/DSI/AIG/640.91(77)	
540.432	
Entrega do Prêmio Nobel de Paz. Manifestação em favor de Helder Câmara.	SECRETARIA GERAL PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO
<p>92 - QUINTA FEIRA - 18HS00 - REFERENCIA OFICIO CON - FIDENCIAL 356 REALIZOU-SE HOJE HABITUAL CERIMONIA ENTREGA SOLENE PREMIO NOBEL PAZ DESTA ANO CIENTISTA AGRICOLA NORUEGUES DR NOELAN ERNEST BORLAUG. MERECE ESPECIAL MENÇÃO PATO IMPRENSA DESTA CAPITAL TER PUBLICADO RELATÓRIO CONSELHO NORUEGUES PAZ EM QUE CRI TICA INDICAÇÃO AGRACIADO PERGUNTA PORQUE NÃO FORA ESCOLHIDO NOBE HELDER CÂMARA "CANDIDATO ÓBVIO REFERIDO PREMIO". PARA CULMINAR A ENTRADA SALA SOLENIIDADES UNIVERSIDADE OSLO ONDE REALIZOU CERIMONIA HOVE FARTO DISTRIBUIÇÃO PANFLETOS IMPRESSOS MENCIONADO CONSELHO NO RUEGUES PAZ NOS QUAIS PERGUNTA. "PORQUE COMISSÃO NOBEL TEVE MEDO A- POIAR BISPO HELDER CÂMARA SUA LUTA CONTRA FASCISMO FAVOR JUSTIÇA SO CIAL BRASIL" ESSAS MANIFESTAÇÕES FAZEM PARTE DA PREPARAÇÃO PRÉVIA AMBIENTE FAVORÁVEL A CANDIDATURA ARCEBISPO OLINDA RECIFE PARA O PRÉ MIO NOBEL PAZ DE 1971 CUJAS INSCRIÇÕES INICIAM E ENCERRAM JANEIRO ANO PRÓXIMO CONFORME FOI REALÇADO TELEGRAMA SECRETO 79 PARÁGRAFO 3 REFERENCIA OFICIO 356. PROSSEGUE TRADUÇÃO EXTENSO RELATÓRIO CONFI- DENCIAL COMISSÃO NOBEL PARLAMENTO NORUEGUES REFERENTE HELDER CÂMARA SEGUE OFÍCIO EXPLICATIVO CERIMONIA HOJE.</p>	
JAYME DE SOUZA GOMES	
NS/11/12/70	
	MOD. IN 1

ANEXO X

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 27.910 (30/12/1970) - Prêmio Nobel da Paz. Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara.

Diz Jayme de Souza Gomes: "Procurarei sondar não somente [o] Senhor Tore Munck como também outros elementos [de] minhas relações igualmente suscetíveis [de] influenciar membros [da] Comissão Nobel."

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
<u>TELEGRAMA</u>	27.910
RECEBIDO	
DA EMBAXADA EM OSLO	
EM/29/30/XII/70	
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> SECRETO S E C R E T O </div>	
AIG/DEOC/DC/640.91(77) 540.91	
Prêmio Nobel da Paz. Irmãos Villas Boas.	
<i>DC</i> PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO	
<p>101 - TERÇA-FEIRA - 18H500 - REFERENCIA TELEGRAMA 77, 80 E 83 TÃO PRONTO ENCERREM 31 JANEIRO INSCRIÇÕES CANDIDATOS PREMIO NOBEL PAZ 1971 PROCURAREI SONДАР NÃO SOMENTE SENHOR TORE MUNCK COMO TAMBÉM OUTROS ELEMENTOS MINHAS RELAÇÕES IGUALMENTE SUSCETÍVEIS INFLUENCIAR MEMBROS COMISSÃO NOBEL. ENTRETANTO MINHA IMPRESSÃO PESSOAL APÓS TER LIDADO MAIS MEIO ANO TÃO DELICADO PROBLEMA É QUE IRMÃOS VILLAS BOAS POSSUEM REDUZIDAS POSSIBILIDADES EXITO POR SER SUA OBRA CARÁTER REGIONAL NÃO VINCULADA DIRETAMENTE PAZ INTERNACIONAL. ALÉM DO MAIS ESTÃO CANDIDATOS LIGADOS EMBORA BOM SENTIDO TEMA EXPLOSIVO NESTE PAÍS QUAL SEJA DISTORCIDA QUESTÃO SILVÍCOLA BRASILEIRO OBJETO TENAZ CAMPANHA CONTRA ATUAL REGIME POLÍTICO BRASIL SÓ AMENIZADA APÓS INTENSA DIFUSÃO TRABALHOS ELABORADOS ESTA EMBAXADA DENOMINADOS "THE BRAZILIAN INDIAN PROBLEM" TOMOS UM E DOIS RESPECTIVAMENTE ENVIADOS SECRESTADO ANEXOS OFÍCIOS 314/69 57/70. APESAR DISSO DESEJARIA OBTER DADOS COMPLETOS SOBRE BIOGRAFIA OBRA INTEGRAÇÃO INDÍGENA REALIZADA CANDIDATOS POSSÍVEL IDIOMA INGLÊS. POR OUTRO LADO DESPACHO TELEGRÁFICO 77 MERECE SEGUINTE ESCLARECIMENTOS: 1) SIR JULIAN HUXLEY NÃO PARECE ESTAR CAPACITADO PROPOR NOMES CANDIDATOS PREMIO NOBEL. POSSÍVEL TER HAVIDO EQUÍVOCO ENTRE SEU NOME E DOUTOR ANDRÉ FIELDING HUXLEY DETENTOR PREMIO NOBEL MEDICINA 1963; 2) LORD BOYD ORR OF BRECHIN ESTÁ QUALIFICADO E PARECE DEMONSTRAR PREFERENCIA CANDIDATOS BRASILEIRO PORQUANTO FOI ÚNICO PROPONENTE NOME PROFESSOR JOSUÉ CASTRO PARA PREMIO PAZ ESTE ANO 3) "SOCIETE AMERICANISTES" SUIÇA NÃO PODERÁ PROPOR NOME IRMÃOS VILLAS BOAS FEVEREIRO QUANDO INSCRIÇÕES ENCERRAM 31 JANEIRO PRÓXIMO.</p>	
M.A.C./EM 30/XII/1 970.	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> V. C. M. </div>

Continuação (2)

Continuação do telegrama. Finaliza Jayme de Souza Gomes: "Assim somente razões propícias provocadas [por] argumentos [de] defesa [de] interesses [dos] grupos investidores financeiros foi possível este ano obstar Helder Câmara fosse conhecido como prêmio Nobel Paz 1970."

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
<u>TELEGRAMA</u>	27.910
RECEBIDO	
DA EMBAIXADA EM OSLO/EM 39/30/XII/70/SECRETO/TELEGRAMA 101/PÁGINA 2.	
<p>MO. DOUTRA PARTE VOLTANDO ATUAL REALIDADE FATOS QUANTO PREMIO NOBEL PAZ 1971 FAZENDO MINHAS PALAVRAS CONTIDAS DESPACHO TELEGRÁFICO 34 SOBRE GRANDES INCOVENIENTES BRASIL E GOVERNO BRASILEIRO SE DOM HELDER CÂMARA NOVAMENTE CANDIDATO FOSSE VITORIOSO 1971 REITERO UMA VEZ MAIS RECEIO MANIFESTADO OFÍCIOS 356 E 382 E TELEGRAMAS 79 E 92 DE QUE SEUS PATROCINADORES NÃO DESANIMARÃO ENQUANTO ARCEBISPO BRASILEIRO NÃO RECEBER COBIÇADO GALARDÃO. ESVAZIAMENTO ESTE ANO CANDIDATURA HELDER CÂMARA OBEDECEU BEM URDIDO PLANO EXECUTADO MAIOR CAUTELA SEM QUALQUER GESTÃO OFICIAL OU ENVOLVIMENTO EMBAIXADA DIRETA OU INDIRETAMENTE. EXITO SE DEVE CIRCUNSTÂNCIAS ESPECIALÍSSIMAS LIGADAS PROTEÇÃO CAPITAIS ESTRANGEIROS AMEAÇADOS CASO ESQUERDIZAÇÃO BRASIL E FATOS LIGADOS VIDA PREGRESSA CANDIDATO HABILMENTE EXPLORADOS INCISIVA POLEMICA JORNALÍSTICA. PROPORÇÃO VAI SENDO TRADUZIDO RELATÓRIO SECRETO COMISSÃO NOBEL CUJA FOTOCÓPIA ULTRA-CONFIDENCIALMENTE ME FOI CONFIADA PODE-SE AQUILATAR PRESTÍGIO ARCEBISPO OLINDA RECIFE E ACERBAS CRÍTICAS CONTIDAS CITADO RELATÓRIO ATUAL REGIME POLÍTICO BRASILEIRO. ASSIM SÔMENTE RAZÕES PROPÍCIAS PROVOCADAS ARGUMENTOS DEFESA INTERESSES GRUPOS INVESTIDORES FINANCEIROS FOI POSSÍVEL ESTE ANO OBSTAR HELDER CÂMARA FOSSE CONHECIDO COMO PREMIO NOBEL PAZ 1970. NESAS CONDIÇÕES E EXPOSTA VERDADEIRA SITUAÇÃO TODA LEALDADE FRANQUEZA E AGUARDO NOVAS INSTRUÇÕES TÃO PRONTO EFETUE NECESSÁRIAS SONDA GENS INDICADAS INÍCIO DESTA COMUNICAÇÃO TELEGRÁFICA.</p>	
JAYME DE SOUZA GOMES	

ANEXO XI

Telegrama à Embaixada em Oslo nº 09 (26/01/1971) - Prêmio Nobel da Paz.
Sobre candidatura de Helder Câmara.

MODELO 52 A

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

A EMBAIXADA EM OSLO

SECRETO

AIG/DEOC/DC/ 640.91(77)
540.91(77) Em 26 de janeiro de 1971

Telegrama No. 9 a expedir Reservado Confidencial

Indice: Prêmio Nobel da Paz.

42215 GABINETE
PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

Muito agradeceria uma resposta ao meu telegrama nº 7. Para conhecimento de Vossa Excelência, retransmito a seguinte comunicação recebida da Embaixada em Bonn: "O jornal "Frankfurter Rundschau" (centro-esquerda), publicou em sua edição do dia 23/1/71, o seguinte despacho da UPI, procedente de Hamburgo: Rollmann propõe Câmara para o Prêmio Nobel - O Presidente do Partido Democrata Cristão de Hamburgo, Dietrich Rollmann, apresentou a candidatura do Arcebispo brasileiro de Olinda e Recife, Helder Câmara, ao Prêmio Nobel da Paz de 1971";

EXTERIORES

R.E.
7829
EXP.
26/1/71

V. C. M.

Expêdido em 27 de Jan. de 1971 via

Exp: bacilho

ANEXO XII

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 55 (27/01/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1970. Relatório Confidencial do Parlamento da Noruega. Contém 7 páginas. Jayme de Souza Gomes cita, da página 3 a 6, trechos de jornais sobre fatos que “não poderão passar despercebidos: a) os fervorosos encômios à personalidade e à obra de Dom Helder Câmara e b) as críticas ao atual Governo brasileiro.”

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

~~SEGRETO~~

640.91(77)
540.31

Visto na
AIG. ADSI
Am
20.2.71

SECRETARIA DE ESTADO

Prêmio Nobel da Paz de 1970.
Relatório confidencial do -
Parlamento da Noruega.

Visto na
ADSI
AB
23.2.71

55
27/1/1971
97B
A

56
H
A
B

SECRETARIA DE ESTADO
DIVISÃO DE ARQUIVO
4 FEV 1971
149 291
CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL

Referência ao telegrama secreto nº 101/70. Conforme foi prometido nos telegramas secretos nos. 79/70 e 92/70, envio, em anexo, em idioma norueguês, fotocópia do extenso relatório confidencial, composto de 61 fls, impressas e que me foi enviado pelo Senhor Tore Munck, Diretor do Grupo Industrial Sverre Munck, de Bergen, Diretor da "Munck do Brasil S/A" e do matutino desta Capital, de orientação independente, "Morgensposten" (anexo nº 1).

2. O referido relatório é acompanhado de tradução em língua portuguesa, apenas de sua fôlha de rosto, de seu índice, da parte introdutiva e dos capítulos relativos aos candidatos brasileiros Dom Helder Câmara e Professor Josué de Castro.

3. Dos candidatos cujas inscrições foram aceitas por cumprirem as formalidades regulamentares, foram excluídos: a Organização Internacional do Trabalho, o Movimento Pugwash, e os Senhores Alexander Dubcek, William C. Poster e Giorgio La Pira, num total de 5 eliminações. Dos 38 candidatos restantes, 7 foram considerados finalistas, ou sejam:

Nº 5 - Norman Borlaug
Nº 6 - Dom Helder Câmara

4

COPIA.	<p>Emb.Br.Oslo,55/71/2</p> <p>Nº7 - Josué de Castro</p> <p>Nº16- Britta Holmström</p> <p>Nº20- Alva Myrdal</p> <p>Nº21- Gunnar Myrdal</p> <p>Nº27- Elie Wiesel</p> <p>4. O candidato nº6, Dom Helder Câmara, foi relatado pelo Consultor e Doutor em Filologia, Senhor Jakob Sverdrup e o candidato nº7, Professor Josué de Castro, pelo Consultor e Doutor em Economia, Prebem Munthe.</p> <p>5. Conforme se poderá verificar, à fôlhas V e VI do texto em português do citado relatório (anexo nº2), o nome de Dom Helder Câmara foi proposto por numeroso grupo de personalidades, dentre os quais, parlamentares de diversos países, tais como, França, Holanda, Irlanda e Suécia, como se verá a seguir, de conformidade com a ordem de apresentação das propostas:</p> <p>Nº12 - Brendan Garish, membro do Parlamento do Eire.</p> <p>Nº15 - Outros 15 membros do Parlamento do Eire.</p> <p>Nº16 - Liam Cosgrave, membro do Parlamento do Eire.</p> <p>Nº33 - B. van den Lek, membro do Parlamento holandês.</p> <p>Nº49 - 3 membros do Parlamento sueco.</p> <p>Nº55 - H.E. Kraaijvanger, membro do Parlamento holandês.</p> <p>Nº64 - Vários membros do Parlamento francês e alguns professores universitários franceses.</p> <p>Nº68 - René Cassin (Prêmio Nobel da Paz, de 1968).</p> <p>Nº69 - 6 membros do Parlamento holandês.</p> <p>6. Afim de que se possa avaliar, ainda que materialmente a importância da candidatura Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz de 1970, basta considerar-se o confronto do número de fôlhas que se compõem os diferentes capítulos. Assim, enquanto que o nome do vencedor do Prêmio Nobel da Paz deste ano, Professor Norman Ernest Borlaug, mereceu um texto de apenas 2 fôlhas e meia, e o do Professor Josué -</p>
--------	---

Continuação (3)

Emb.Br.Oslo 55/71/3

COPIA.

de Castro, um dos 7 finalistas, se fez merecedor de somente 2 folhas incompletas, o nome do Arcebispo de Olinda e Recife ocupou o espaço de 10 laudas impressas (anexo nº1).

7. Por outro lado, abandonando o aspecto formalístico do relato e ao fazer uma rápida análise do seu conteúdo, dois fatos não poderão passar despercebidos: a) os fervorosos encômios à personalidade e à obra de Dom Helder Câmara e b) as críticas ao atual Governo brasileiro. Basta a citação de certos trechos do relato sobre Dom Helder Câmara, para que se tenha a confirmação de tais asserções.

8. Assim, nas fls. XI do texto português lê-se:

"A proposta feita pelos membros do Parlamento do Eir é acompanhada de um relatório sobre a atividade e as predicas de Helder Câmara e, na conclusão, se menciona que atribuir-lhe o Prêmio da Paz seria uma manifestação valiosa de solidariedade humana numa situação dominada pelo terrorismo e opressão".

9. E mais adiante, ainda, à fls. XI, lê-se:

"Obteve sempre maior importância internacional, como se verifica pelo papel por ele desempenhado durante o Segundo Concílio do Vaticano e por seu comparecimento a várias conferências internacionais. Segundo os autores suecos da proposta, a concessão do Prêmio da Paz a Dom Helder seria de importância inestimável numa situação onde a atividade de Helder Câmara, de modo geral, é censurada e combatida pela Igreja conservadora e pelas autoridades do Brasil".

10. À fls. XV e XVI, é declarado:

"Partindo do ponto de vista sobre a dignidade humana, Helder Câmara desenvolve uma filosofia radical. Ele toma posição com relação aos problemas políticos e sociais, que centralizam a opinião do mundo de hoje. - Saindo da distribuição desigual de bens materiais dentro do Brasil, ele dirige a atenção para o contraste entre riqueza e pobreza do mundo inteiro. Câmara não considera a sua luta no Brasil como fato isolado, - mas como uma parte da luta do Terceiro Mundo inteiro para obter justiça. Ele se identifica com essa luta não apenas dentro da Igreja católica mas, de modo geral, ele se coloca politicamente na ala esquerda. Ele abnega o comunismo, mas se declara disposto a colaborar com os comunistas e considera o anti-comunismo como um perigo maior porque pode ser utilizado para evitar a realização de reformas sociais muito necessárias".

11. Prosseguindo, escreve o Professor Jakob Sverdrup, à fls. XXI

"Como já foi mencionado, Helder Câmara ocupa uma po-

COPIA.	<p>Emb. Br, Oslo 55/71/4</p> <p>sição proeminente dentro da Igreja Católica. Durante o Concílio do Vaticano, no ano de 1960, ele visitou Roma repetidas vezes, e teve varias entrevistas com o Papa Paulo VI. A Enciclica, 'Populorum Progressio', de 1967, que se ocupa dos problemas de desenvolvimento e, conforme varias fontes, inspirada por Dom Helder e outros eclesiasticos radicais da America Latina. (menciona-se Manuel Larrain, do Chile). Esta enciclica, bem como 'Gaudium et Spes', de 1963 e 'Mater et Magistra', de 1961, sao frequentemente citadas como apoio a politica de Helder Camara e seus colaboradores.</p> <p>Parece ser geralmente reconhecido que Camara, junto com outros Bispos latino-americanos, tem influenciado o Vaticano no sentido de apoiar mais os problemas sociais e especialmente aqueles que se referem aos paises em desenvolvimento!</p> <p>12. E, finalmente, conclui o relator, às fls. XXV e XXVI:</p> <p>"Para a avaliação das qualificações de Dom Helder Camara ao Premio Nobel da Paz, deve-se sublinhar certos pontos, tais como:</p> <p>A sua mensagem de não-violência, na América Latina de hoje, pode ser considerada como tendo importância para a conservação da paz, porque representa uma alternativa realística ao aumento do terrorismo e dos movimentos guerrilheiros. A sua mensagem pessoal é indiscutível. Ele possui prestígio e importância, o que faz com que a sua mensagem seja ouvida, tanto no Brasil, como fora do território nacional. (O 'Sunday Times', de 17 de maio, fala nele como sendo o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro). Deve-se mencionar, também, que Camara não representa apenas ele próprio mas, ao mesmo tempo uma grande e importante corrente da Igreja Católica da América Latina".</p> <p>13. Quanto às acerbas críticas ao atual Governo brasileiro são transcritos os seguintes trechos, às fls. XIV e XV:</p> <p>"Em março de 1964, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, no miserável Nordeste do Brasil. Em 1º de Abril, houve o golpe de estado militar que, <u>soit-disant</u> era para contrabrestar as tendências ditas pre-comunistas dos Chefes de Estado anteriores, Jucelino - Kubitschek, Janio Quadros e João Goulart. Os militares brasileiros sempre tinham mantido a tradição - contrária a dos seus irmãos em outros países da América Latina - de manterem-se discretos e longe da arena política de seu país. Entretanto, quando tomaram conta do poder, apesar de tudo, devia-se tal atitude como baseada numa posição política no país. Tomaram-se providencias serias contra todo tipo de oposição, as liberdades políticas e a liberdade de imprensa foram seriamente reduzidas e, nos ultimos tempos, tem-se anunciado varios casos de torturas nas prisões brasileiras. Esta evolução política tem colocado Helder Camara mais no centro da atenção publica. A atitude do povo regime com relação aos problemas sociais e politicos, tem projetado Helder Camara como uma especie de porta-voz da oposição."</p>
--------	--

Continuação (5)

COPIA.

Emb.Br.Oslo,55/71/5.

14. Prosseguindo na sua linha de enaltecimento da figura do - Arcebispo de Olinda e Recife e de censura ao regime político brasileiro, finaliza o relatório, às fls. XXIII a XIV:

"Durante os últimos anos, o nome de Helder Câmara tem aparecido cada vez mais frequentemente na imprensa mundial, ligado a acontecimentos no Brasil. Isso é devido ao fato de que ele é considerado como um líder da oposição contra um regime que se torna, cada vez - mais ditatorial. A luta que ele leva não é sem risco. A sua casa foi metralhada e um dos seus colaboradores mais íntimos, Henrique Neto, foi brutalmente assassinado. Muitos eclesiásticos que se tem comprometido, ativamente, do lado da política de esquerda, tem sido presos e torturados.

O golpe militar ocorreu, como foi mencionado, em 1964 e a primeira reação de Câmara contra o regime foi em 1966. Nesse ano, ele tomou a iniciativa de fazer um protesto contra a política do Governo, protesto esse apoiado por 15 Bispos do Nordeste do Brasil. O protesto era contra a negligência e a opressão do povo do Nordeste por parte do Governo. A primeira reação do Governo foi uma tentativa de remover Helder Câmara mas, depois, decidiu o contrario e procurou organizar uma reconciliação. O Chefe militar da região do Nordeste convidou Câmara para um encontro, mas esse se último recusou o convite. Ele continuou, entretanto, sua campanha contra o Governo, através da publicação de apelos e obteve o apoio de vários bispos - que seguiram o seu exemplo. Mas esse apoio efetivo - limitou-se a 20 dos 200 Bispos Brasileiros.

A situação do Brasil piorou bastante, ultimamente, em parte por causa da atividade terrorista de grupos radicais da oposição e, em parte, por causa da utilização das torturas brutais pelas autoridades. Essa agravação do conflito é característica do que ocorre em vários países latino-americanos. Raptos de Embaixadores são apenas um dos resultados mais sensacionais da crescente atividade terrorista. Muitos membros da oposição, dentre os quais os católicos radicais, perderam a confiança quanto a uma atividade política normal, e estão utilizando meios violentos como resposta a violência praticada pelo regime.

A posição de Helder Câmara nessa situação é, antes de tudo, a tentativa de mobilizar uma opinião geral contra a utilização de torturas e prisões políticas. 'The Economist' escreve sobre 'o Bispo corajoso, Dom Helder Câmara', que, ao lado da 'Amnesty International', tem colaborado, principalmente, para a revelação das torturas que estão sendo praticadas nas prisões brasileiras e tem despertado a opinião pública para esse fato lamentável. No mesmo jornal, escreve-se que a Igreja, em sua quase totalidade, tem-se voltado contra o regime.

Simultaneamente, Câmara continua pregando a sua mensagem sobre a não violência. Ele não ataca os terroristas, diretamente, porque simpatiza com suas razões e sentimentos. Mas apresenta uma alternativa aos seus métodos, que julga serem perigosos e inadequados

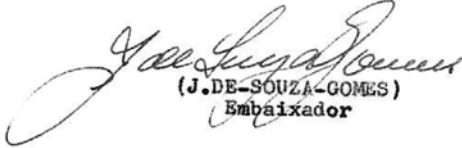
Continuação (6)

Ver Parágrafo 16 - palavras de Jayme de Souza Gomes - sobre os "artífices principais", cuja "colaboração devotada e desinteressada dessas pessoas deve-se o esvaziamento inesperado do candidato que reunia maiores possibilidades de ser galardoado com o Prêmio Nobel da Paz em 1970"

COPIA.	<p>Emb.Br.Oslo,55/71/6</p> <p>Apesar do fato de que é a sua luta aberta e - corajosa contra a opressão, que tem provocado a maior parte da sua popularidade, a sua importância maior - consiste na alternativa que ele oferece ao círculo vicioso formado pela opressão crescente da parte das autoridades e, por outro lado, pela atividade terro- rista, crescente, por parte dos pequenos grupos da oposição. A sua importância é tanto maior quanto a si- tuaçao não é apenas a do Brasil, mas também a de - grande parte da América Latina.</p> <p>A filosofia social radical, que foi esboçada p por Câmara, torna possível o seu diálogo com círcu- los extremistas. Suas análises da situação se identi- ficam em vários pontos. Ambas as partes realçam o em- prego da violência verdadeira por parte das autoridades Os terroristas chegaram a conclusão que devem contrar- restar pela violência. Câmara rejeita essa conclusão, entre outras coisas, porque acredita serem métodos de luta irrealistas. Seu objetivo é ganhar a opinião pu- blica e influenciar a totalidade do clima social e - político através da luta não violenta. Deve-se tomar em consideração que a ideia da luta, em si, é tão im- portante quanto a ideia da não violência. Câmara não acredita que discursos e proclamações sejam suficien- tes. É necessário uma luta organizada contra a injus- tiça social."</p> <p>15. Não obstante o extenso e incizivo arrazoado a favor do no- me de Dom Helder Câmara como candidato ao Prêmio da Paz; apesar da intensa campanha jornalística feita a seu favor pela imprensa noru- eguesa e estrangeira; embora o seu nome tivesse sido apresentado por personalidades de renome, parlamentares de diversos países e pe- lo antigo detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1968 - Professor René Cassin - por ocasião do sufrágio final, o nome do Arcebispo de Olin- da e Recife não mereceu a expressiva votação. De fato, enquanto que o vencedor do cobiçado prêmio, Dr. Ernest Borlaug, obteve 4 1/2 vo- tos, o de Dom Helder Câmara apenas grangeou 1/2 votos, um total de 5 membros votantes componentes da Comissão Nobel do Parlamento Noru- eguês, conforme se pode verificar pelo teor da carta endereçada ao titular deste posto pelo Senhor Tore Munck (anexo nº3), respondida por carta datada de 10/XI/70 (anexo nº4).</p> <p>16. As causas que motivaram esse surpreendente resultado foram resumidamente expostas no telegrama secreto nº101/70. Foram seus ar- tífices principais o Senhor Tore Munck, Diretor do Matutino "Morgens- posten", o Sr. Arild Lillebø, Redator-Chefe de Política Estrangeira do mencionado jornal, o Senhor Sjur Lindebaekke, Diretor do "Bergen"</p>
--------	---

Continuação (7)

Finaliza e assina Jayme de Souza Gomes: "Não se deve, porém, substimar [sic] as probabilidades de vir o candidato Helder Câmara, vencido em 1970, ser vencedor em 1971."

COPIA.	<p>Emb.Br,Oslo, 55/71/7</p> <p>Privat Bank", e membro da Comissão Nobel e o Senhor Bernt Injvaldsen Presidente do Parlamento da Noruega e, igualmente, membro da referida Comissão Parlamentar. À colaboração devotada e desinteressada dessas pessoas deve-se o esvaziamento inesperado do candidato que reunia maiores probabilidades de ser galardoado com o Prêmio Nobel da Paz de 1970. Não cessou porém, a cooperação do Senhor Tore Munck. - Foi, por seu intermédio, que obtive uma cópia do relatório estritamente confidencial da Comissão Nobel, assunto altamente sigiloso neste país, o que vem demonstrar a confiança de que esta Embaixada é merecedora e que permitiu que fosse elaborado a presente comunicação.</p> <p>17. Não se deve, porém, substimar as probabilidades de vir o candidato Helder Câmara, vencido em 1970, ser vencedor em 1971. Aliás, em diferentes ocasiões, esta Embaixada já fez sentir esse fato à Secretaria de Estado, através dos ofícios nº356 e 382 e dos telegramas nos. 79 e 92, todos de 1970. Essa é, também a opinião do Senhor Tore Munck, expressa em sua carta de 5 de novembro do ano passado (anexo nº3) quando ao referir-se ao Arcebispo de Olinda e Recife escreve textualmente:</p> <p style="padding-left: 40px;">"He will however evidently be a strong candidate for next year"</p> <div style="text-align: right; margin-top: 20px;">  (J.DE-SOUZA-GOMES) Embaixador </div>
--------	---

ANEXO XIII

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 2.765 (01/02/1971) - Prêmio Nobel da Paz. Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara.

Este telegrama vem acompanhado de anexos, em versão original (norueguês ou alemão), não impressos nesta publicação. A versão traduzida está impressa mais adiante em formato reduzido.

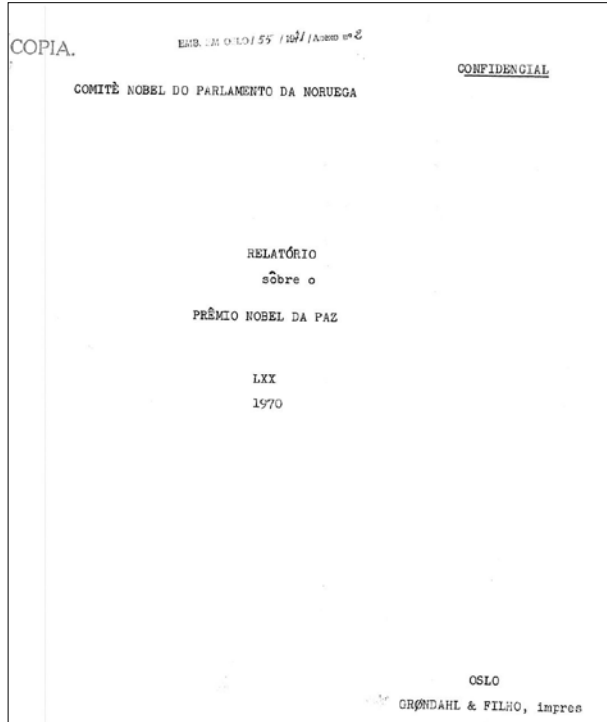
COPIA.	<p>Emb.Br.Oslo,55/71/6</p> <p>Apesar do fato de que é a sua luta aberta e - corejosa contra a opressão, que tem provocado a maior parte da sua popularidade, a sua importância maior - consiste na alternativa que ele oferece ao círculo vicioso formado pela opressão crescente da parte das autoridades e, por outro lado, pela atividade terrorista, crescente, por parte dos pequenos grupos da oposição. A sua importância é tanto maior quanto a situação não é apenas a do Brasil, mas também a de - grande parte da América Latina.</p> <p>A filosofia social radical, que foi espoçada por Câmara, torna possível o seu diálogo com círculos extremistas. Suas análises da situação se identificam em vários pontos. Ambas as partes realçam o em prego da violência verdadeira por parte das autoridades. Os terroristas chegaram à conclusão que devem continuar a lutar pela violência. Câmara rejeita essa conclusão, entre outras coisas, porque acredita serem métodos de luta irrealistas. Seu objetivo é ganhar a opinião pública e influenciar a totalidade do clima social e político através da luta não violenta. Deve-se tomar em consideração que a ideia da luta, em si, é tão importante quanto a ideia da não violência. Câmara não acredita que discursos e proclamações sejam suficientes. É necessário uma luta organizada contra a injustiça social."</p> <p>15. Não obstante o extenso e incizivo arrazoado a favor do nome de Dom Helder Câmara como candidato ao Prêmio da Paz; apesar da intensa campanha jornalística feita a seu favor pela imprensa norueguesa e estrangeira; embora o seu nome tivesse sido apresentado por personalidades de renome, parlamentares de diversos países e pelo antigo detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1968 - Professor René Cassin - por ocasião do sufrágio final, o nome do Arcebispo de Olinda e Recife não mereceu a expressiva votação. De fato, enquanto que o vencedor do cobiçado prêmio, Dr. Ernest Borlaug, obteve 4 1/2 votos, o de Dom Helder Câmara apenas grangeou 1/2 votos, um total de 5 membros votantes componentes da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês, conforme se pode verificar pelo teor da carta endereçada ao titular deste posto pelo Senhor Tore Munck (anexo nº3), respondida por carta datada de 10/XI/70 (anexo nº4).</p> <p>16. As causas que motivaram esse surpreendente resultado foram resumidamente expostas no telegrama secreto nº101/70. Foram seus artífices principais o Senhor Tore Munck, Diretor do Matutino "Morgensposten", o Sr. Arild Lillebø, Redator-Chefe de Política Estrangeira do mencionado jornal, o Senhor Sjur Lindebaekke, Diretor do "Bergen"</p>
--------	---

Continuação (2, 3, 4 e 5)

Relatório sobre o Prêmio Nobel da Paz - 1970 - (versão traduzida).

Anexo do Telegrama da Embaixada em Oslo nº 2.765 (01/02/1971)

Contém 30 páginas. Das páginas 11 a 27, sobre Dom Helder; das páginas 28 a 30, sobre Josué de Castro.



COPIA. II

ÍNDICE

	Páginas
Introdução	5
Candidatos ao prêmio Nobel da Paz de 1970	7
Relatórios:	
Nº 5 - Norman Borlaug	13
Nº 6 - Dom Helder Câmara	16
Nº 7 - Josué de Castro	26
Nº 16- Britta Holmström	28
Nº 20- Alva Myrdal	33
Nº 21- Gunnar Myrdal	50
Nº 27- Elie Wiesel	54

COPIA. III

Ao
Comitê Nobel do Parlamento da Noruega

Dos candidatos que, em 1969, foram tomados em consideração, serão excluídos, este ano, os seguintes: a Organização Internacional do Trabalho, que obteve o Prêmio da Paz, em 1969 e, além dessa: Alexander Dubcek, William C. Foster, Giorgio La Pira e o Movimento Pugwash, que não foram propostos novamente.

Dos 38 candidatos abaixo mencionados, são - conforme decisão da Comissão - os seguintes os selecionados e considerados objetos de relatórios detalhados:

- Nº 5 - Norman Borlaug
- Nº 6 - Dom Helder Câmara
- Nº 7 - Josué de Castro
- Nº 16- Britta Holmström
- Nº 20- Alva Myrdal
- Nº 21- Gunnar Myrdal
- Nº 27- Elie Wiesel

Dos candidatos anteriores, não foram considerados objetos de relatórios especiais o Nº 9, George Brock Chisholm e o Nº 25, Alfred Verdross, tomando-se em consideração que não houve nada importante a acrescentar.

O Consultor e Doutor em Economia, Prebem Munthe relatou sobre:

- Nº 5 - Norman Borlaug (anteriormente tratado em 1969)
- Nº 7 - Josué de Castro (anteriormente tratado em 1969)
- Nº 21- Gunnar Myrdal (anteriormente tratado em 1959)

COPIA. IV

O Consultor e Doutor em Direito, Torkel Opsahl relatou sobre:

- Nº 20- Alva Myrdal (nova)
- Nº 27- Elie Wiesel (novo)

O Consultor e Doutor em Filologia, Jakob Sverdrup, relatou sobre:

- Nº 6 - Dom Helder Câmara (novo)

O assinante relatou sobre:

- Nº 16- Britta Holmström (nova)

Oslo, em 20 de agosto de 1970

ass.
August Schou
Diretor do Instituto Nobel [nota da Tradutora].

COPIA. V

CANDIDATOS AO PRÊMIO NOBEL DA PAZ DE 1970.

Abreviações: I.Dr.: Membro ou Associado do Instituto de Direito Internacional.
 M.P.: Membro da Câmara Baixa Inglesa.
 U.I.: Membro da União Interparlamentar.
 V.H.: Membro do Tribunal Internacional da Haia.
 B.I.P.: Membro do Bureau Internacional da Haia.

A - PESSOAS

CANDIDATOS:	PROPOSTOS POR:	ANOTAÇÕES:
1. Abbé Pierre, Filantropo francês.	66. Lars Roar Langalet Membro do Storting norueguês.	
2. Bhaye, Vinoba, Filósofo hindu	32. Erling Wiborg Substituto no Comitê Nobel.	
3. Blake, Eugene Carson, Religioso norte-americano.	53. Jerome R. Walsh Câmara dos Representantes dos EUA.	
4. Bliss, Charles Kasiel, Engenheiro australiano.	10. Douglas N. Evingringham, Membro do Parlamento australiano.	Junto com George Brock Chisholm.
5. Borlugh, Norman E., Fisiólogo de plantas norte-americano.	44. 14 membros do Parlamento sueco. 61. Kåre Kristiansen e Erlend Steenberg, membros do Storting norueguês.	
6. Câmara, Dom Helder, Prelado brasileiro	12. Brendan Carish, membro do Parlamento do Eire. 15. e outros 15 membros do Parlamento do Eire. 16. Liam Cosgrave, membro do Parlamento do Eire	

COPIA. VI

CANDIDATOS:	PROPOSTOS POR:	ANOTAÇÕES:
7. José de Castro, Perito em alimentação brasileiro.	33. B. van den Lek Membro do Parlamento holandês. 49. 3 membros do Parlamento sueco. 55. H. E. Kraaijvanger Membro do Parlamento holandês. 64. Vários membros do Parlamento francês e alguns professores universitários franceses. 68. René Cassin (Prêmio Nobel da Paz de 1968 - Nota da Tradutora). 69. 6 membros do Parlamento holandês.	
8. Chaudhuri, Sanjib, Jurista hindu.	30. Lord Boyd Orr de Brechin. 5. D. P. Chaudhuri, Professor em Direito da Universidade de Calcutá.	
9. Chisholm, George Brock, Médico canadense.	10. Douglas N. Evingringham, Membro do Parlamento australiano.	Junto com Charles Kasiel Bliss.
10. Collins, John, Religioso inglês.	34. Sven Nyman, Membro do Parlamento sueco. 40. L. A. Pavitt, M. P. 50. Lord Campbell de Egham, membro da Câmara dos Lordes. 59. Lord Collison de Cheshunt, membro da Câmara dos Lordes.	
11. Davar, Mehr Chand, Pacifista hindu.	2. H. S. Dugal, membro do Parlamento hindu. 3. G. S. Musafir, membro do Parlamento hindu. 6. Laifis Sen, membro do Parlamento hindu.	

COPIA. VI

CANDIDATOS:	PROPOSTOS POR:	ANOTAÇÕES:
12. Dolei, Danilo, Pacifista italiano.	45. Vários membros do Parlamento sueco.	
13. Duvalier, François, Presidente do Haiti.	4. Clovis C. Kornigan, Professor em Ciências Exatas da Universidade do Haiti.	
14. Follereau, Raoul, Filantropo francês	35. Gaston Thorn, Ministro das Relações Exteriores de Luxemburgo.	
15. Hoffman, Paul Gray, Financista norte-americano.	9. Edvard Hambro, I. Dr. 11. Lord Caradon, Ministro da Grã-Bretanha para assuntos da Common Wealth.	
16. Holmström, Britta, Filantropa sueca.	41. 4 membros do Parlamento sueco. 54. 5 membros do Parlamento norueguês e 2 professores da Universidade de Oslo. 56. Sture Petren, V.H.	
17. Joux, Marc, Engenheiro francês.	51. Auguste Billigmas, Senador francês.	
18. Keeny, Apurgeon Milton, Filantropo norte-americano.	24. Chester E. Jarvis, Professor de Ciências Exatas no Gettysbury College, Pennsylvania.	
19. Lewin, Isaac, Historiador norte-americano.	38. Leonard Farbstein, do Congresso Representantes dos EUA.	
20. Myrdal, Alva, Diplomata e política sueca.	31. Laurence Naish, em nome do "Friends Service Council".	Junto com Gunnar Myrdal.
21. Myrdal, Gunnar, Economista social sueco.	31. Laurence Naish, em nome do "Friends Service Council".	Junto com Alva Myrdal.

COPIA. VIII

CANDIDATOS:	PROPOSTOS POR:	ANOTAÇÕES:
22. Ramachandra, Kattiresu, Jornalista e filantropo do Ceilão.	17. S. C. Shirley Correa Membro do Parlamento do Ceilão.	
23. Robles, Alfonso Garcia - Diplomata mexicano.	57. Philip Noel Baker	
24. Streit, Clarence, Escritor norte-americano.	62. Lee Metcalf, Senador dos EUA.	
25. Verdross, Alfred, Perito em Direito Público, Austria.	67. Josef Klaus, Príncipe Ministro da Austria.	
26. White, Paul Dudley, Médico norte-americano.	1. Mudr Oldrich Stary, Reitor da Universidade de Praga.	
27. Wiesel, Elie, Escritor rumeno.	7. Jean Halprin, Professor de Ciências Exatas na Universidade de Grenoble. 19. Maurice Friedman, Professor de Filosofia da Universidade de Temple. 20. Jean Ziegler, Conselheiro Nacional da Suíça. 26. Walter Kaufmann, Professor de Filosofia da Universidade de Princeton.	
28. Wright, Quincy, Sociólogo e Perito em Direito Público, norte-americano.	63. 5 professores de Universidades norte-americanas.	
B - INSTITUIÇÕES		
29. Amnesty International.	18. Rudolf Sieverts, Professor de Direito da Universidade de Hamburgo. 43. Johan Vogt, Professor de Economia Social da Universidade de Oslo.	
30. L'Association des Iles de Paix.	36. Raymon Vander Elst, Universidade de Bruxelas.	

Continuação (10 e 11)

COPIA		IX
<u>CANDIDATOS:</u>	<u>PROPOSTOS POR:</u>	<u>ANOTAÇÕES:</u>
31. Institute for Strategic Studies	8. C.V.F. Weizäcker, Professor de Filosofia da Universidade de Hamburgo.	
32. International Fellowship of Reconciliation	42. Bronson P. Clark, em nome da "Friends American Service Committee".	
33. International Union for Land Value Taxation	23. Lord Douglas de Parloch, membro da Câmara dos Lordes.	
34. Joint Church Aid	21. Marx Wartofsky, Professor de Filosofia da Universidade de Boston. 48. Roderick Forth, Professor de Filosofia da Universidade de Harvard.	Órgão comum de várias Igrejas cristãs. Estabelecido em abril de 1968 a fim de coordenar a ajuda humanitária ao Biafra. Extinta em janeiro de 1970
35. The Shop Stewards of the Belfast Shipyards.	39. 5 membros do Parlamento do Eire.	Realça o trabalho pacificador da Organização em Belfast, em agosto de 1969.
36. UNESCO	22. Saroite Okacha, Ministro da Educação da República Pan-Arábica. 25. Daya Krishna, Professor de Filosofia da Universidade de Rajasthan, Jaipur, Índia. 58. José Luis Villar Palasi, Ministro da Educação da Espanha 65. 9 membros do Senado mexicano.	
37. Universala Esperanto Associo	27. Harold Davis, M.P. 28. Eric Moonman, M.P. 29. John Forrester, M.P. 37. Robert B. Cant, M.P. 47. Vários membros do Parlamento dinamarques. 60. K. Helveg Petersen Ministro da Educação dinamarques. 70. Hans Roosbach, membro do Parlamento noruegues.	
38. Women's International League for Peace and Freedom	46. Marie Lous Mohr, B.I.P.	

NORMAN E. BORLAUG

Indicado com o Prêmio da Paz de 1970

X

Não foi feita tradução do relatório, por ser de interesse secundário. Vide ofícios, Reservado Nº 381, Confidencial Nº 382 e Telegrama Secreto Nº 92, todos de 1970.

Continuação (12).

Das páginas 11 a 27, parte do Relatório sobre Dom Helder.

Cita nesta página as justificativas de três membros do Parlamento sueco: 1. A posição de liderança de Helder Câmara dentro da Igreja; 2. Ser ele um protagonista para a não-violência; 3. Foi quem obteve maior importância internacional.

COPIA. XI

DOM HELDER CÂMARA

Dom Helder Câmara foi proposto para o Prêmio Nobel da Paz pelo antigo agraciado com o Prêmio da Paz, René Cassin, por vários membros do Parlamento do Eire, e pelo Parlamento da Holanda, e por três membros do Parlamento sueco, Senhores Evert Svensson, Lars Henrikson e Bertil Zachrisson.

René Cassin aponta o fato de que Helder Câmara simboliza a luta para a melhoria das condições de vida através de meios pacíficos. Durante uma visita à América Central, êle ficou impressionado com a posição importante que ocupa Helder Câmara.

A proposta feita pelos membros do Parlamento do Eire é acompanhada de um relatório sobre a atividade e as prédicas de Helder Câmara e, na conclusão, se menciona que atribuir-lhe o Prêmio da Paz seria uma manifestação valiosa de solidariedade humana numa situação dominada pelo terrorismo e opressão.

Os três membros do Parlamento sueco reúnem, em sua justificativa, três pontos, ou sejam:

- 1) A posição de liderança de Helder Câmara dentro da Igreja, ao mesmo tempo em que êle atua de maneira importante na luta pela obtenção de reformas sociais.
- 2) É um protagonista importante para a não-violência.
- 3) Obteve sempre maior importância internacional, como se verifica pelo papel por êle desempenhado durante o Segundo Concílio do Vaticano e por seu comparecimento a várias conferências internacionais. Segundo os autores suecos da proposta, a concessão do Prêmio da Paz a Dom Helder seria de importância inestimável numa situação onde a atividade de Helder Câmara, de modo geral, é censurada e combatida pela Igreja conservadora e pelas autoridades do Brasil.

Dom Helder Câmara nasceu em 7 de fevereiro de 1909 - em Fortaleza, Ceará, no Nordeste do Brasil. Seu pai é mencionado, às vezes, como jornalista, às vezes como contabilista, e a mãe era professora de escola primária. Helder Câmara teve uma infância num meio

Continuação (13)

Conclui esta página: "Helder Câmara não se revoltou contra a sua Igreja, mas, aos poucos, desenvolveu pontos de vista marcantes que, apesar de tudo, tornaram-no um homem de luta."

COPIA.

XII

simples, mas o nível de vida de sua família era bem superior à miséria e penúria que conheceu, em volta dele, desde pequeno. O Nordeste do Brasil era, então, como hoje, impregnado de enorme miséria.

Em 1931, Helder Câmara foi ordenado padre. Demonstrou rapidamente um talento de organização, e quando a Igreja, durante as eleições em 1934, resolveu participar ativamente, foi mandado para organizar a campanha eleitoral no seu Estado, Ceará. O resultado foi satisfatório e o Governador colocou-o à frente da organização da educação no Estado. Pode-se mencionar que durante esses anos ele se sentiu atraído pelo movimento fascista, os integralistas, como se chamavam no Brasil. Essa filiação durou dois anos.

Em 1936, deixou Fortaleza e foi para o Rio de Janeiro. Na Capital, também foi designado para servir no setor da educação - onde, em colaboração com um jovem pedagogo brasileiro, Lourenço Filho, trabalhou no sentido de obter várias reformas. Mais tarde, ocupou-se de diversas tarefas dentro da organização eclesiástica. Seu primeiro trabalho importante, nesse setor, foi em princípio dos anos 50, quando lhe coube organizar e secretariar a Conferência Nacional Brasileira dos Bispos. Essa Conferência foi estabelecida como organização permanente, e Helder Câmara continuou como seu secretário, durante 12 anos.

Em 1952, era nomeado Bispo Coadjutor no Rio e sempre foi muito procurado como organizador. Um grande Congresso Eclesiástico Internacional foi realizado no Rio durante a sua gestão, e também, foi ele quem organizou a Primeira Conferência Latino-Americana de Bispos, em 1955. Essa também se tornou organização permanente, e Helder Câmara foi seu Vice-Presidente durante vários anos.

Essas informações biográficas demonstram que ele realizou uma carreira rápida dentro da Igreja, e que os seus superiores sabiam empregar a sua capacidade, bem como premiá-lo. Helder Câmara não se revoltou contra a sua Igreja, mas, aos poucos, desenvolveu pontos de vista marcantes que, apesar de tudo, tornaram-no um homem de luta.

Continuação (14).

Cita o relatório o trabalho de Dom Helder no Rio de Janeiro: "O objetivo era de melhorar as condições de vida dos favelados, que cercavam a Capital. (...) Ele começou a organizar a primeira abolição de favelas da história do Rio de Janeiro, e conseguiu a realização de um projeto que garantiu alojamento em casas decentes para 1.000 famílias."

COPIA.

XIII

Foi o Cardeal do Rio quem, em primeiro lugar, lhe deu como tarefa o seu trabalho em benefício dos pobres da Capital. Novamente, foram seus dons de organizador utilizados. O objetivo era de melhorar as condições de vida dos favelados, que cercavam a Capital. Nessas favelas, as pessoas viviam em barracões de madeira, nas piores condições higiênicas. Ele começou a organizar a primeira abolição de favelas da história do Rio de Janeiro, e conseguiu a realização de um projeto que garantiu alojamento em casas decentes para 1.000 famílias. Esse projeto foi seguido de um trabalho social no sentido de preparar os ex-favelados a se defenderem sòzinhos nas novas condições de vida; entre outras coisas, ele organizou um grande programa de educação. Parte desse programa foi a criação de um novo banco, o Banco da Providência, cuja tarefa era ajudar os pobres na obtenção de roupa, móveis e remédios, bem como auxiliar na obtenção de assistência médica e jurídica.

Helder Câmara dava-se conta que isso era apenas uma gota de água no mar e achava que o maior valor daquele projeto era o de chamar a atenção das autoridades e da opinião pública sobre o problema dos favelados. A atividade que ele exerceu era, em grande parte, baseada em fundos obtidos por caridade e ele não teve ilusões quanto à solução do problema com apenas esses meios. A filosofia social que ele elaborou tomou outros rumos. A liberação das massas deveria ser obra delas mesmas, tal a conclusão a que tinha chegado. A parte básica nos seus discursos e nas suas atividades é a idéia de despertar a consciência do povo.

Nessa conexão deve-se mencionar o grande programa de educação de adultos, onde Helder Câmara figura como protagonista. - Iniciado esse programa no Nordeste do Brasil, foi o mesmo sancionado pela Igreja, e Câmara foi chamado a negociar com as autoridades, a fim de obter subvenção oficial. O programa tem o simples objetivo de ensinar adultos e crianças a ler e a escrever. A fim de assegurar a sua expansão pelo território nacional, usaram-se rádios com tran-

Continuação (15)

Sobre a obra de Helder Câmara em seu programa para educação que “despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja”, diz o relatório: “A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade. Esse despertar foi guiado num certo sentido – para libertar o povo das forças que oprimia.” (...) “Como se pode verificar, não se trata, apenas, de ensinar a ler e a escrever mas, também, de criar uma consciência social.”

COPIA.

XIV

sístores. Em 1963, já havia 7.500 rádios e 180.000 alunos inscritos. O programa contava com a subvenção do Estado e a banção da Igreja, mas tomou, aos poucos, um rumo que despertou reação das autoridades e criou dissensão dentro da Igreja. A elaboração do programa demonstra bem a filosofia de Câmara. O ensino era apenas um meio para tornar os alunos membros cientes e ativos da sociedade. Esse despertar foi guiado num certo sentido - para libertar o povo das forças que oprimia. Através do ensino, o povo deveria ser ativado para um processo de desenvolvimento social. O princípio pedagógico aplicado era o de ensinar por meio de exemplos tirados da vida de todos os dias. Os livros de ensino tiveram um conteúdo que muitos, naturalmente, acharam revolucionário. Vamos citar um exemplo característico: "Pedro trabalha. Sua mulher também trabalha. Eles trabalham para sustentar a família. Mas a família de Pedro está esfomeada. O povo trabalha e tem fome. Será que é justo que a família de Pedro trabalhe e tenha fome? É justo que o povo trabalhe e tenha fome?" Num nível mais adiantado do ensino, os alunos têm a seguinte leitura: "O povo brasileiro está sendo explorado. A exploração não é feita apenas por brasileiros. Há muitos estrangeiros que exploram a nossa pátria. Como o país deve libertar-se?"

Como se pode verificar, não se trata, apenas, de ensinar a ler e a escrever mas, também, de criar uma consciência social. Em março de 1964, foi nomeado Arcebispo de Olinda e Recife, no miserável nordeste do Brasil. Em 1º de abril, houve o golpe de estado militar que, soit-disant, era para contrarrestar as tendências ditas pró-comunistas dos Chefes de Estado anteriores, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Os militares brasileiros sempre tinham mantido a tradição - contrária à dos seus irmãos em outros países da América Latina - de manterem-se discretos e longe da arena política de seu país. Entretanto, quando tomaram conta do poder, apesar de tudo, devia-se ver tal atitude como baseada numa posição política aguda no país. Tomaram-se providências sérias contra todo tipo de oposição, as liberdades políticas e a liberdade de imprensa foram seriamente reduzidas e, nos últimos tempos, tem-se anunciado vários

COPIA.

XV

casos de torturas nas prisões brasileiras. Esta evolução política tem colocado Helder Câmara mais no centro da atenção pública. A atitude do novo regime com relação aos problemas sociais e políticos, tem projetado Helder Câmara como uma espécie de porta-voz da oposição. O perito sueco em História da América Latina, Senhor Magnus Mörner, escreve na sua publicação, recém editada, que "o papel da consciência social no Brasil, quando se refere à miséria indescritível do nordeste, está sendo desempenhada por um eclesiástico, o Arcebispo Helder Câmara, do Recife".

O ponto de partida da atividade de Dom Helder é, em parte, a sua filiação cristã e a fermentação social e política que caracteriza a América Latina. A fim de antecipar a conclusão, pode-se dizer que a convicção profunda de Dom Helder, de que a Igreja deve-se aliar à revolução, forçosamente se realizará. A Igreja deve tornar-se a Igreja das massas e dos pobres, se quiser sobreviver e ter futuro na América Latina. A Igreja, por outro lado, deve lutar a fim de que a revolução necessária ocorra por meios não violentos. Neste ponto, ele se separa tanto dos revolucionários marxistas, quanto da corrente radical do catolicismo na América Latina, que não teme a utilização de meios violentos para por fim à situação atual de injustiça.

O pensamento de Helder Câmara se baseia nos dogmas cristãos, no que se refere à dignidade humana. O objetivo da vida, neste mundo, é o desenvolvimento das possibilidades que Deus dou a cada um dos seres humanos. Quando ele (Câmara) olha pelo mundo, e muito especialmente para a sua própria pátria nota, em todas as partes, dificuldades e obstáculos ao desenvolvimento humano. Numa tal situação, a Igreja não pode contentar-se com prédicas da mensagem e sobre a vida futura. Se tal fôsse a sua atitude, a Igreja confirmaria a alegação de que a religião não passa de um ópio para o povo. E quando as massas despertarem, irão revoltar-se contra a Igreja.

Partindo do ponto de vista sobre a dignidade humana, Helder Câmara desenvolve uma filosofia radical. Ele toma posição com relação aos problemas políticos e sociais, que centralizam a opinião do mundo de hoje. Saindo da distribuição desigual de bens

COPIA.

XVI

entre a riqueza e a pobreza do mundo inteiro. Câmara não considera a sua luta no Brasil como um fato isolado, mas como uma parte da luta do Terceiro Mundo inteiro para obter justiça. Ele se identifica com essa luta não apenas dentro da Igreja católica mas, de modo geral, ele se coloca politicamente na ala esquerda. Ele abnega o comunismo, mas se declara disposto a colaborar com os comunistas e - considera o anti-comunismo como um perigo maior porque pode ser utilizado para evitar a realização de reformas sociais muito necessárias. Ele é muito crítico com relação aos Estados Unidos, e mantém o ponto de vista de que não se pode resolver os problemas do Terceiro Mundo sem reformar a política praticada pelos Estados Unidos. O fator imperialismo é extensivo nos seus pensamentos e ele - faz distinção entre o imperialismo interior e o exterior. O imperialismo interior significa, para ele, a exploração do Brasil pobre - pelo Brasil rico.

A impressão fundamental de Helder Câmara é a fome, a miséria e a penúria que dominam totalmente o povo da região em que ele nasceu, isto é, o Nordeste do Brasil. Em condições tais os seres humanos vivem, perpétuamente, em opressão, piorada pelo medo e pela falta de esperança. Esta situação só poderá ser modificada pelas próprias massas, pois as classes capitalistas não estão interessadas em maiores reformas sociais. A grande maioria dos pobres vive a sua vida num estado permanente de apatia e passivismo que é consequência da opressão durante várias gerações. Essa gente deve ser despertada e estimulada para uma luta ativa a fim de melhorar as suas condições de vida. Sempre haverá alguns indivíduos das massas que protestarão e estarão prontos a começar a luta, mas esses poucos deverão ser ajudados por pessoas de outras classes sociais. Dom Helder considera como seu objetivo - e também o objetivo da Igreja - desmascarar e chamar a atenção pública para reconhecer a existência da injustiça social e da opressão, assim como mobilizar a opinião pública internacional em favor da proteção aos desampara-

COPIA.

XVII

dos. Para alcançar êste objetivo êle comprometeu-se ativamente do lado dos operários agrícolas e industriais nos seus conflitos contra os fazendeiros e donos das indústrias. Tanto êle quanto os seus colaboradores consideram como sua responsabilidade principal a de reforçar o sentimento de solidariedade entre os pobres e essa solidariedade deve ter a sua expressão organizada em colaboração com os sindicatos. Êle cita vários exemplos que demonstram que os operários isolados são totalmente desamparados e só poderão defender seus interesses através de fortes organizações:

A base de sua atividade é o conhecimento profundo da situação do Nordeste do Brasil. Num exame executado por um grupo de trabalhadores católicos sob a direção de Helder Câmara, está bem explicado como êle analisa o problema de desenvolvimento. Câmara - considera a situação, nessa parte do mundo, como sendo válida e típica para o mundo inteiro.

O Nordeste é uma região subdesenvolvida e, em 1959, foi criado um programa de desenvolvimento, SUDENE, com a finalidade de aumentar o nível econômico da região. Câmara e seus colaboradores acham a idéia boa, mas exprimem críticas quanto aos lados francos e duvidosos do programa.

Menciona-se que um desenvolvimento econômico importante tem sido realizado na região como consequência de investimentos em usinas hidroelétricas, estradas, irrigação, etc.. Essa industrialização tem sido facilitada pelo fato de que a região é abundante em mão de obra barata. Os novos projetos têm motivado uma afluência de operários e o resultado foi uma ociosidade aumentada. Aqui se demonstra, logo, um erro fundamental. Os peritos e técnicos não tomaram em consideração que, ao mesmo tempo em que se aumentou a riqueza total da região, também aumentou o número daqueles que não terão sua parte nessa riqueza. Assim sendo, se considera que o que aconteceu no Nordeste, tornou-se uma caricatura do que deveria ser o objetivo de um plano de desenvolvimento, do ponto de vista social

Continuação (19)

COPIA.	<p style="text-align: right;">XVIII</p> <p>e humano. Os operários tornaram-se vítimas da evolução e a sua situação se resume nos seguintes pontos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Saldos abaixo do nível legal; 2) ociosidade crescente como consequência da modernização industrial; 3) ambiente dominado pela exploração dos operários; 4) sempre maior número de violações das legislações operárias; 5) falta de política que vise a criação de mais empregos. Aumento do abismo entre empregados disponíveis e oferecimento de mão-de-obra. <p>No Nordeste está havendo a transição de uma estrutura feudal para uma estrutura capitalista, e os cristãos ativos devem afastar-se do materialismo que caracteriza o capitalismo. Este não tem nenhuma consideração pelo ser humano, que apenas existe como número nas estatísticas dos autores de projetos. O lucro é o objetivo primordial de toda a atividade econômica. Isto quer dizer, ao mesmo tempo, que haverá uma concentração da riqueza nas mãos daqueles que já são ricos. Por exemplo, está sendo demonstrado que as reformas agrárias só servem aos interesses dos fazendeiros, enquanto que o pequeno camponês não obtém possibilidades de melhorar a sua cultura, mas, ao contrário, termina nas mãos de intermediários e especuladores. O que falta, então, é uma política oficial que tenha como objetivo a integração dos operários e camponeses no processo de desenvolvimento. O ponto culminante no documento é que a tecnologia e os interesses dos financistas esqueceram-se do ser humano. - Quais são os valores que devem determinar a evolução? Será a consideração da comunidade local ou a consideração dos potentes grupos econômicos? Será a recompensa do homem e do seu trabalho ou será a recompensa do capital? A resposta dada pelo grupo de trabalho católico é que o objetivo deveria ser a criação de condições dignas para o ser humano.</p> <p>Helder Câmara e seus colaboradores consideram como muito importante a reforma do clima econômico e social através de informação e propaganda, mas consideram mais importante ainda a reação dos próprios pobres. Esses católicos, liderados por um Arcebis-</p>
--------	---

COPIA.

XIX

po, não reduam em empregar palavras como luta social, quando querem indicar o caminho que leva a uma organização mais justa da sociedade. Eles lamentam os obstáculos sob forma de pressão econômica das classes operárias e a corrupção dentro dos sindicatos, que torna difícil aos operários a capacidade de consagrar suas forças à luta social. É aqui que os católicos ativos e com consciência devem apoiar e ajudar. Este reconhecimento da necessidade da luta social se baseia numa análise da situação econômica, mas a análise está sendo apoiada por repetidas referências a pronunciamentos papais sobre assuntos sociais. Deve se acrescentar que, segundo Câmara, a luta social não impossibilita um diálogo com a contra-parte. A luta não tem como perspectiva a vitória de uma classe sobre a outra, no seu entender.

A luta está sendo estendida de forma a incluir, também a situação entre o Terceiro Mundo e os países ricos. Tanto no interior de cada país quanto na escala mundial, o objetivo deve ser uma "revolução estrutural", que poderá criar paz e justiça. Câmara considera tanto os Estados Unidos como a União Soviética como exploradores do Terceiro Mundo. Ambos reservam, cada vez mais, para si próprios, partes maiores da riqueza mundial e, durante diversas conferências internacionais, ambos têm repudiado os pedidos dos países pobres. Ele relembra que os Estados Unidos não têm conseguido solucionar o seu próprio problema racial e de pobreza e, por isso mesmo, também necessita de uma "revolução estrutural". Sua exigência atual é de que o mundo rico deve aceitar uma reforma radical da sua política econômica.

A mudança fundamental das sociedades, que Câmara está convencido que ocorrerá, deve, entretanto, ser executada por meios não violentos. Ele indica figuras como Gandhi e Martin Luther King como seus ideais. Mas para melhor compreensão de Helder Câmara tem-se que mencionar que ele tem exprimido a maior admiração por um líder guerrilheiro como Che Guevara e pelo padre católico Camilo Torres, que se juntou à guerrilha colombiana e foi morto em luta armada.

Continuação (21)

COPIA.

XX

O ponto de vista de Câmara é de que ele prefere se morto a matar. Quando ele é tão compreendido por aqueles que usam de meios extremistas, a razão deve estar na sua profunda experiência de injustiça e da violência que caracterizam os regimes atuais. Ele não se sente capaz de condenar a utilização de violência para derrubar regimes que, por sua vez, usam da violência. Essa consideração da violência, como fazendo parte íntegra do sistema existente, também - ele aplica nas relações entre as partes ricas e as partes pobres - do mundo. Quando, apesar de tudo, ele mantém a aplicação de métodos não violentos, isso faz parte da sua interpretação do ensino religioso e, também, de uma estimativa realística da situação. Ele não - pensa que se consiga algo através de movimentos guerrilheiros na América Latina, porque, por exemplo, as massas não estão preparadas para tal luta e porque os Estados Unidos não permitiriam tal evolução, preferindo uma intervenção militar a fim de evitar uma subversão total e, nesse caso, surgiria o perigo de um novo conflito mundial. Ele menciona a atitude dos Estados Unidos em Cuba, como exemplo do que se poderá passar em outros países latino-americanos. Aqui se deve mencionar que Câmara é positivo quando se refere a Fidel - Castro e ele cita a atitude da Igreja em Cuba, como um exemplo que não deve ser seguido.

A organização da sociedade, segundo aspira Câmara, está orientada no socialismo, mas ele não entra em detalhes quanto a essa organização. O ponto principal para ele é uma sociedade cujo centro é o ser humano e, como consequência dessa mesma norma, ele rejeita tanto o capitalismo liberal, como o seu materialismo, quanto o materialismo marxista. O seu objetivo final é uma revolução espiritual com mudança da aplicação dos valores fundamentais ou, melhor dito, uma revalorização dos antigos valores cristãos. Sua originalidade consiste no fato de que ele não se limita aos objetivos eclesiásticos mas, baseando-se em suas apreciações de valores, executa uma análise social sem medo. E, antes de tudo, há que acentuar o fa

COPIA.

XXI

to de que êle, através de sua atividade, deseja guiar a evolução social na direção que lhe indica a sua conyicção.

Como já foi mencionado, Helder Câmara ocupa uma posição proeminente dentro da Igreja Católica. Durante o Concílio do Vaticano, no ano de 1960, êle visitou Roma repetidas vêzes, e teve várias entrevistas com o Papa Paulo VI. A Encíclica Papal, "Populorum Progressio", de 1967, que se ocupa dos problemas de desenvolvimento é, conforme várias fontes, inspirada por Dom Helder e outros eclesiásticos radicais da América Latina. (Menciona-se Manuel Larrain, do Chile). Esta encíclica, bem como "Gaudium et Spes", de 1963 e "Mater et Magistra", de 1961, são frequentemente citadas como apóio à política de Helder Câmara e de seus colaboradores.

Parece ser geralmente reconhecido que Câmara, junto com outros Bispos Latino-americanos, tem influenciado o Vaticano no sentido de apoiar mais os problemas sociais e especialmente aquêles que se referem aos países em desenvolvimento.

Uma mudança mais radical tem tido lugar dentro da Igreja Latino-americana. Após a preocupação principal para com o perigo comunista e o apóio ao regime existente, a Igreja evoluiu, durante os anos 60, para uma direção mais crítica ao "status quo". Um exemplo é o Chile, onde a Igreja participa ativamente num trabalho de reformas sociais, com o Partido Democrata Cristão. Os católicos favoráveis às reformas no Brasil não atingiram, até agora, o mesmo poder, mas em contra-partida, os católicos, nêsse país, têm colaborado mais intensamente no sentido da radicalização espiritual da Igreja.

Essa evolução se reflete dentro do conjunto da Igreja majoritária latino-americana. Um exemplo característico são os pronunciamentos feitos e aceitos durante a Conferência Latino-americana de Bispos, em Medellin, na Colômbia, em 1968 e, como se recorda, - Helder Câmara desempenhou um papel importante no seio dessa organização. Na declaração da Conferência encontramos, novamente, mas for

Continuação (23)

COPIA.

XXII

mulado com mais cautela, vários dos pontos centrais do seu pensamento. A declaração foi denominada "A Igreja na evolução existente na América Latina, visto à luz do Concílio do Vaticano". No próprio título, se exprime o compromisso da reforma social que tem sido a primeira exigência dos católicos radicais. A declaração nega a dar uma resposta especialmente cristã aos problemas que enfrenta e sublinha o fato de que a Igreja deve comprometer-se com outras facções a fim de solucionar os problemas. A exploração econômica da América Latina é mencionada e proscrita e se dissocia do imperialismo em todas as suas formas ideológicas "tanto indiretamente quanto na forma de intervenção direta". As consequências nocivas do capital estrangeiro ocupam lugar predominante, porquanto o antimarxismo está sendo passado para trás. Na declaração, menciona-se a idéia central de -- Helder Câmara sobre o despertar da consciência das massas, mas não chega a conclusões tão radicais quanto as de Câmara. Na parte que trata das escolas, encontra-se um pronunciamento no sentido de que o sistema educacional está talvez, mais orientado no sentido da manutenção da estrutura econômica e social existente do que no sentido de modificá-la. A educação deveria ter por objetivo capacitar os alunos para a criação de uma sociedade nova e melhor. Além disso, critica-se tanto o capitalismo liberal quanto o marxismo pela sua "violação da dignidade do ser humano", e se recomenda um sistema que ofereça aos operários um verdadeiro direito à co-decisão. Soluções de violência estão sendo condenadas e, no seu lugar, a Conferência de Bispos recomenda "uma ação dinâmica com a finalidade de despertar a consciência do povo e organizá-la". Parece, então, que a declaração endossa a aceitação da luta política como meio de melhorar as condições das massas. A recomendação anterior à harmonia, dentro da sociedade, foi substituída por um ponto de vista que aceita o conflito como uma necessidade.

Quando se realça, aqui, o documento Medellin, é para mostrar que as idéias pelas quais Câmara luta, têm uma penetração profunda dentro da Igreja Católica da América Latina. Não é possível

Continuação (24)

Cita a luta de Helder Câmara "líder da oposição" a um regime "cada vez mais ditatorial", e os riscos que corria, salienta a morte do Pe. Henrique, seu colaborador e de outros "eclesiásticos que se têm comprometido, ativamente, do lado da política de esquerda, têm sido presos e torturados."

COPIA.

XXIII

medir com exatidão a sua contribuição a essa evolução, mas não há dúvida nenhuma de que êle é uma das pessoas mais dominantes quando se trata de dirigir a Igreja pelo nôvo caminho. Com a posição influente que ocupa a Igreja na América Latina, isto quer dizer que êle tem contribuido muito à criação de um clima nôvo e favorável às reformas.

Anteriormente, foi mencionado a sua obra nos campos de saneamento das favelas e no da educação de adultos. A sua atividade nos últimos anos se estende a um movimento de reformas que êle lançou sob o nome de "ação, justiça e paz" e, de outra parte, abraça a sua luta contra as violações políticas do nôvo regime militar do Brasil.

O movimento "ação, justiça e paz" se baseia no fundamento social do qual nós já nos ocupamos. O próprio Câmara sublinha, como ítems principais de seu programa, os seguintes: reforma agrária, reformas universitárias e de escolas e solução de problemas operários e de sindicatos. O movimento é organizado em grupos de, entre cinco, até vinte membros. Êstes últimos setão sendo treinados teórica e praticamente, e cada grupo deve buscar casos em que se cometeram graves injustiças e elaborar modos de repará-las, sem utilização de meios violentos. O próprio Câmara tem demonstrado como se chega a resultados concretos, quando organizou uma ação de protesto contra a destruição de peixe nas costas pernambucanas, como consequência de escapamento de materiais químicos de uma usina. A usina foi obrigada a instalar as máquinas de limpeza adequadas.

Durante os últimos anos, o nome de Helder Câmara tem aparecido cada vez mais frequentemente na imprensa mundial, ligado a acontecimentos no Brasil. Isso é devido ao fato de que êle é considerado como líder da oposição contra um regime que torna cada vez mais ditatorial. A luta que êle leva não é sem risco. A sua casa foi metralhada e um dos seus colaboradores mais íntimos, Henrique Neto, foi brutalmente assassinado. Muitos eclesiásticos que se têm comprometido, ativamente, do lado da política de esquerda, têm sido prêsos

COPIA.

XXIV

e torturados.

O golpe militar ocorreu, como foi mencionado, em 1964 e a primeira reação de Câmara contra o regime foi em 1966. Nesse ano, ele tomou a iniciativa de fazer um protesto contra a política do Governo, protesto esse apoiado por 15 Bispos do Nordeste do Brasil. O protesto era contra a negligência e a opressão do povo do Nordeste por parte do Governo. A primeira reação do Governo foi uma tentativa de remover Helder Câmara mas, depois, decidiu o contrário e procurou organizar uma reconciliação. O Chefe militar da região do Nordeste convidou Câmara para um encontro, mas esse último recusou o convite. Ele continuou, entretanto, sua campanha contra o Governo, através da publicação de apêlos e obteve o apoio de vários bispos que seguiram o seu exemplo. Mas esse apoio efetivo limitou-se a 20 dos 200 Bispos Brasileiros.

A situação no Brasil piorou bastante, ultimamente, em parte por causa da atividade terrorista de grupos radicais da oposição e, em parte, por causa da utilização das torturas brutais pelas autoridades. Essa agravação do conflito é característica do que ocorre em vários países latino-americanos. Raptos de Embaixadores são apenas um dos resultados mais sensacionais da crescente atividade terrorista. Muitos membros da oposição, dentre os quais os católicos radicais, perderam a confiança quanto a uma atividade política normal, e estão utilizando meios violentos como resposta à violência praticada pelo regime.

A posição de Helder Câmara nessa situação é, antes de tudo, a tentativa de mobilizar uma opinião geral contra a utilização de torturas e prisões políticas. "The Economist" escreve sobre "o Bispo corajoso, Dom Helder Câmara", que, ao lado da "Amnesty International", tem colaborado, principalmente, para a revelação das torturas que estão sendo praticadas nas prisões brasileiras e tem despertado a opinião pública para esse fato lamentável. No mesmo jornal, escreve-se que a Igreja, em sua quase totalidade, tem-se volta

COPIA.

XXV

do contra o regime.

Simultaneamente, Câmara continua pregando a sua mensagem sobre a não violência. Ele não ataca os terroristas, diretamente, porque simpatiza com suas razões e sentimentos. Mas apresenta uma alternativa aos seus métodos, que julga serem perigosos e inadequados.

Apesar do fato de que é a sua luta aberta e corajosa contra a opressão, que tem provocado a maior parte das sua popularidade, a sua importância maior consiste na alternativa que ele oferece ao círculo vicioso formado pela opressão crescente da parte das autoridades e, por outro lado, pela atividade terrorista, crescente, por parte dos pequenos grupos da oposição. A sua importância é tanto maior quanto a situação não é apenas a do Brasil, mas também a de grande parte da América Latina.

A filosofia social radical, que foi esposada por Câmara, torna possível o seu diálogo com círculos extremistas. Suas análises de situação se identificam em vários pontos. Ambas as partes realçam o emprego de violência verdadeira por parte das autoridades. Os terroristas chegaram à conclusão que devem contrarrestar pela violência. Câmara rejeita essa conclusão, entre outras coisas, porque acredita serem métodos de luta irrealistas. Seu objetivo é ganhar a opinião pública e influenciar a totalidade do clima social e político através da luta não violenta. Deve-se tomar em consideração que a idéia de luta, em si, é tão importante quanto a idéia de não violência. Câmara não acredita que discursos e proclamações sejam suficientes. É necessária uma luta organizada contra a injustiça social.

Para a avaliação das qualificações de Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz, deve-se sublinhar certos pontos, tais como:

A sua mensagem de não-violência, na América Latina - de hoje, pode ser considerada como tendo importância para a conser-

Continuação (27 e 28)

COPIA.

XXVI

vação da paz, porque representa uma alternativa realística ao aumento do terrorismo e dos movimentos guerrilheiros. A sua coragem pessoal é indiscutível. Ele possui prestígio e importância, o que faz com que a sua mensagem seja ouvida, tanto no Brasil, como fora do território nacional. (O "Sunday Times", de 17 de maio, fala nêle como sendo o homem de maior influência na América Latina, depois de Fidel Castro). Deve-se mencionar, também, que Câmara não representa apenas êle próprio mas, ao mesmo tempo, uma grande e importante corrente dentro da Igreja Católica da América Latina.

Nêste relatório sôbre Dom Helder Câmara não se tocou na sua posição quanto ao problema da planificação da população. Durante um ciclo de conferências que êle realizou através da Europa, em meio de 1970, exprimiu o seu ponto de vista quanto a êsse problema, e hoje em dia pode-se ler, a êsse respeito, num livro de sua confecção, já editado, o seguinte:

Êle reconhece a existência de um problema populacional, mas o Terceiro Mundo nunca aceitará uma planificação da família, dirigida e extensiva, e nem aceitará a redução de um complicado problema de desenvolvimento em, apenas, um problema demográfico.

O interêssê pela planificação da família é, na opinião de Câmara, uma desculpa a fim de evitar o confronto com a injustiça, no nível global.

O ponto de vista de Câmara, nêste particular, é, então, quase idêntico ao da opinião católica majoritária. Mas as razões por êle formuladas não são de natureza ética e, sim, de natureza política. A planificação da família é, diante de seus olhos, uma solução fictícia, que tem como consequência, abstrair a atenção da exploração econômica que está acontecendo, hoje em dia, no mundo.

ass.: J.S.

COPIA.

XIVII

Bibliografia:

- Helder Câmara: Church and Colonialism (1969)
 Helder Câmara: Váldets Spiral (1970)
 José de Broucker: Dom Helder Câmara - La Violence d'un pacifique (1969)
 Hildegard Gross-Mayer: Die Macht der Gewaltlosen (1968)
 Magnus Mörner: Latinamerikas Historia (1969)

COPIA.

XXVIII

JOSUÉ DE CASTRO

O perito brasileiro em nutrição, Josué de Castro, já foi proposto como candidato ao Prêmio da Paz em 1963, e a sua atividade foi objeto de um relatório, naquele ano. Tem sido difícil obter informações suplementares sobre o trabalho de Castro desde aquela época e a proposta, deste ano, de Lord Boyd Orr não contém nada de novo a cerca da obra de Castro. Um ponto, entretanto, está esclarecido: êle deixou o Brasil depois do golpe de Estado em 1964, e êle vive, atualmente, em Paris. Quanto à sua projeção dentro das Organizações Internacionais de Alimentação, é difícil têr-se uma idéia da sua verdadeira situação.

É evidente que êle não executa mais nenhuma atividade dentro da FAO, e parece que a sua obra dentro das outras organizações nas quais, antigamente, era ativa, não tem muita projeção, atualmente. Por outro lado, êle tem sido ativo na sua qualidade de escritor.

A obra mais famosa de Castro é seu livro "A Geopolítica da Fome" que apareceu em 1951 e que foi mencionado em relatório anterior. Depois parece que Castro escreveu, pelo menos, dois livros "Le Dilemme Brésilien: Pain ou Acier", editado em Paris em 1963, e "Une Zone Explosive - Le Nordeste du Bresil" (Paris 1965 - edição norueguesa "Uma tragédia brasileira", Oslo, em 1969).

Êste último livro trata do Nordeste do Brasil, que é uma região muito subdesenvolvida, tanto dentro do próprio Brasil como visto pelos olhos do mundo inteiro. Com seus mais de 20 milhões de habitantes, é uma região muito populosa. Como se pode verificar pelo relatório anterior, Castro nasceu nessa parte do país. Êle se denomina "um homem da região da sêca", do sertão, e, tanto seu pai quanto seu avô, eram originários dessa região. Foram os problemas dessa parte do país que, desde cedo, o ocuparam na sua qualidade de perito em nutrição. Êle possui, pois um conhecimento profundo das condições de trabalho e das fontes de indústria dessa parte do país.

COPIA.

XXIX

O livro expõe as condições de saúde e de alimentação nessa região e mostra como elas têm relação com a estrutura nutritiva. Afim de explicar esta última, e sobretudo, a monocultura e a vinculação da propriedade da terra que se baseia em latifúndios, êle descreveu um histórico da região desde o tempo do colonialismo até nossos dias. A última parte do livro trata dos problemas de hoje. Êle vê o nordeste do Brasil como sendo uma das regiões mais explosivas da América Latina, e acha que uma revolução estaria eminente ao menos que se faça algo no sentido de melhorar as condições sociais.

Isso não é típico dessa região. Na realidade, condições semelhantes encontram-se em grande parte da América Latina, - mas nessa consideração generalizada, é preciso ver que as relações com os Estados Unidos influem fortemente. Castro chama a atenção sôbre os enormes interesses industriais americanos nêste Continente e sustenta que os países estão perdendo como consequência da estrutura de exportação unilateral que está ocorrendo em muitos casos. Seria só através de uma amortização dos investimentos americanos e de uma evolução do equilíbrio das fontes de indústria, que a América Latina poderia gozar de um desenvolvimento econômico.

Nos capítulos consagrados às condições de saúde e de nutrição sente-se que essas são as esferas da profissão de Castro. Êle menciona as suas próprias experiências e os resultados por êle obtidos. Nos capítulos que se referem à história e à geografia, as suas exposições são apenas relatórios tirados de obras de outros autores, mas nos seus comentários da situação atual no Nordeste do Brasil e na América Latina êle se revela um comentador perspicaz. No total, trata-se de um livro destinado à um público numeroso, sem ambições científicas. A sua importância com relação a um eventual Prêmio Nobel da Paz seria, então devido ao fato de que êle chama a atenção sôbre uma região de conflito potencial dêste mundo, e que o autor demonstra até que ponto êle se associa em resolver as questões dos problemas sociais e da justiça social para o povo. Nêste último ponto, a atitude de Castro é claríssima. Repetidas vezes êle sublinha as circunstâncias atuais da proprie-

COPIA.

XXX

propriedade como sendo uma injustiça social revoltante e acha que só uma fragmentação das grandes fazendas pode levar a uma estabilização da situação no Nordeste do Brasil. Dois por cento dos fazendeiros são nos de 48% da terra nessa parte do país, e além disso, a maior parte dos habitantes não possui nada.

Castro se mostra bastante crítico quanto à política que os Estados Unidos têm praticado na América Latina durante os últimos anos. Ele fala, irônicamente, sobre o interesse repentino demonstrado pelos Estados Unidos no Nordeste do Brasil, depois que o regime de Fidel Castro se encontrou bem estabelecido em Cuba. Ele acha que o princípio de movimento popular que ocorreu nessa região do Brasil foi mal interpretado pelos Estados Unidos - não se tratava de organizações comunistas, mas de movimentos locais de camponeses motivados pelas próprias condições de vida dos pobres. Ele também critica a Aliança para o Progresso, do Presidente Kennedy, e acha que ela corre o risco de ser um desastre total, porque se baseia na colaboração com aqueles que detêm o poder nos países da América Latina e não com os círculos que representam o verdadeiro progresso. "A Aliança para o Progresso deve ser uma ajuda ao povo brasileiro, e, se não o for, o seu resultado será uma revolução".

Castro sustenta que o seu método de trabalho é o da "sociologia comprometida", isto é, uma pesquisa social que, ao mesmo tempo, é dirigida no sentido da ação. Não há dúvida de que Castro escreveu o livro animado pelo desejo de chamar a atenção da opinião mundial sobre os problemas existentes no Nordeste do Brasil e que os seus objetivos são reformas econômicas e sociais, que poderão criar um desenvolvimento nessa parte do país.

ass. P.M.

ANEXO XIV

Telegrama à Embaixada em Londres nº 58 (07/02/1971) - Prêmio Nobel da Paz. Sobre as inscrições dos Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES		MODELO S.E. 8c.	
SECRETARIA DE ESTADO SECRETARIA		A EMBAIXADA EM	
		LONDRES	
AIG/DEOC/DC/640.91(77) 540.91		Em 2 de fevereiro de 1971	
Telegrama No. 58 a expedir		32340	
Indice: Prêmio Nobel da Paz.		SECRETARIA GERAL PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO	
Aditamento ao despacho-telegráfico nº 37. Retransmito, para conhecimento de Vossa Excelência, a seguinte informação recebida da Embaixada em Oslo: "Ontem, durante o jantar oferecido pelo Rei Olavo V aos Chefes das Missões diplomáticas, indaguei ao Embaixador inglês recém chegado de Londres, sobre o assunto relatado. Disse-me o Embaixador que a mensagem proponente do nome dos irmãos Villas-Boas tinha, de fato, sido enviada alguns dias antes, ainda durante sua estada na Inglaterra, pelo Foreign Office e que a mensagem já tinha sido entregue à Comissão Nobel do Parlamento norueguês pelo então Encarregado de Negócios. Esclareceu, ainda, o Embaixador, confidencialmente, que o Governo britânico não apoiou a referida proposta. Indagado sobre a possibilidade de êxito dessa candidatura, já que tinha sido lançada por personalidades inglesas, opinou reservadamente que no seu entender seria reduzida a possibilidade de vitória do candidato. Por outro lado estou enviando pela mala diplomática de hoje extenso officio secreto que encaminha e analisa relatório da Comissão Nobel, relativo ao Prêmio Nobel da Paz 1970, obtido em caráter confidencial, onde se encontra retradado o enorme prestígio de Helder, igualmente forte candidato êste ano para o referido Prêmio. Dentro de poucas semanas procurarei indagar pelo meio indicado se as			
Expedido em 02 de 02 de 1971 via			
		R.E. 3707 EXP. 2.2.71	

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

MODELO S.E. 8c.

A

Em de de 19.....

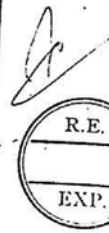
Telegrama No..... a expedir Ostensivo
Reservado
Confidencial

Índice :

- 2 -

as inscrições dos candidatos Villas-Boas e Helder Câmara foram ou não aceitas pela Comissão Nobel do Parlamento norueguês". Em face desta informação da Embaixada em Oslo, pergunto se Vossa Excelência julgaria oportuna uma gestão informal ~~de~~ junto à Senhora Stella Joyce, diretora da "Survival International" (que assinou a proposta ao Comité Nobel) ou a outras pessoas comprometidas com a candidatura Villas-Boas, no sentido de serem efetivadas as adesões das demais entidades referidas em seu telegrama nº 607.

EXTERIORES



Expedido em 2 de 03 de 1972 via

Handwritten signature

ANEXO XV

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 4.152 (15/02/1971) – Prêmio Nobel.

Visita de jornalista norueguês ao Brasil.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA
RECEBIDO

4.152

DA EMBaixADA EM OSLO
EM 15/15/II/71.

SECRETO
SECRETO

AIG/DC/DEOC/DC/640.91(77)
540.91
691.3(77)(42)

D.A.
PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

Prêmio Nobel. Visita de
jornalista norueguês ao
Brasil.

28 - SEGUNDA FEIRA - 18hs00. REFERÊNCIA DESPACHO TELEGRÁFICO 14 NÃO PROCEDI QUALQUER CONTACTO QUANTO NOME JORNALISTA NÃO SE PORQUE NÃO ESTAVA AUTORIZADO FAZÊ-LO COMO TAMBÉM PORQUE ESCOLHA DEVE SER PRECEDIDA CUIDADOSA SELEÇÃO. PELAS RAZÕES EXPOSTAS TELEGRAMAS 101 E 17 E PELA EVIDÊNCIA FATOS RELATADOS OFÍCIO SECRETO 55 ENCAMINHOU E COMENTOU RELATÓRIO CONFIDENCIAL COMISSÃO NOBEL POSSÍVEL VINCULAÇÃO EVENTUAL BRASIL JORNALISTA AINDA QUE CONCEITUADO NÃO SERIA ELEMENTO GRANDE VALIA PRÓL CANDIDATURA ORLANDO CLÁUDIO VILLAS BOAS PRÊMIO NOBEL PAZ 1971 DIANTE COMPETIDORES FIGURAS PRESTÍGIO INTERNACIONAL COMO WILLY BRANDT E HÉLDER CÂMARA AMBOS LIGADOS CONCEITO PAZ INTERNACIONAL OLHOS COMISSÃO NOBEL. ÉPOCA PROPÍCIA VISITA JORNALISTA SERIA PERÍODO ANO AGOSTO RAZÕES CLIMÁTICAS AMAZONIA E PERMITIR PREPARAÇÃO CAMPANHA JORNALÍSTICA ANTERIOR ELABORAÇÃO FINAL RELATÓRIOS CADA UM DOS CANDIDATOS FINALISTAS PRÊMIO NOBEL CUJA COMISSÃO REÚNE PERIÓDICAMENTE SENDO QUE SESSÕES MAIS IMPORTANTES REALIZAM MESES SETEMBRO OUTUBRO. NÃO OBSTANTE PONDERAÇÕES FEITAS SOBRE DIFICULDADES ÊXITO CANDIDATURA INDIANISTAS BRASILEIROS REITERO PEDIDO FEITO TELEGRAMA 101 REMESSA TEXTOS INGLÊS BIOGRAFIAS E OBRA VILLASBOAS. CONFORME PROMETI PARTE FINAL TELEGRAMA 17 É INTUITO INICIAR PRIMEIRAS SONDAgens ASSUNTO NÃO FOI POSSÍVEL

RAB/15/II/71.

MOD. IN 2

Continuação (2)

Diz Jayme de Souza Gomes ter recebido informação que as candidaturas de Willy Brandt, Helder Câmara e Villas Boas foram aceitas e que as chances de êxito se “dividiam entre [o] chanceler alemão [e o] arcebispo de Olinda [e] Recife.”

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA

RECEBIDO

4.152

DA EMBAIXADA EM OSLO/Em/15/II/71/SECRETO/TEL. 28/PÁG. 2.



FOI POSSÍVEL CONTAR PRESENÇA SJUR LINDEBRAEKKE MEMBRO COMISSÃO NOBEL ALMOÇO OPERECI SEMANA PASSADA MINISTRO NEGÓCIOS ESTRANGEIROS POR TER LINDEBRAEKKE FICADO RETIDO BORGEN. ESTÁ POREM PROGRAMADO 10 MARÇO JANTAR HOMENAGEM BERNT INGVALDSEN PRESIDENTE PARLAMENTO E IGUALMENTE MEMBRO INFLUENTE COMISSÃO NOBEL AO QUAL DEVERÁ TAMBÉM COMPARECER LINDEBRAEKKE. NESSA OPORTUNIDADE PROCURAREI SENTIR PRIMEIRAS IMPRESSÕES AMBOS MEMBROS REFERIDA COMISSÃO TENDO SEMPRE VISTA DEVIDA CAUTELA. INFORMOU-ME POR FIM TARE MUNCK AMIGO ÍNTIMO DAQUELAS PERSONALIDADES QUE CANDIDATURAS WILLY BRANDT HELDER CÂMARA VILLASBOAS TERIAM SIDO ACITADAS E REGISTRADAS COMISSÃO NOBEL E QUE CHANCES EXITO SALVO CASO FORTUITO DIVIDIAM ENTRE CHANCELER ALEMÃO ARCEBISPO OLINDA RECIFE. OFÍCIO SE EXPEDIDO APÓS 10 MARÇO PROCURAREI OBTER CONFIRMAÇÃO AMBAS NOTÍCIAS E SITUAR POSIÇÃO CADA UMA TRES CANDIDATURAS PREMIO NOBEL PAZ 71.

JAYME DE SOUZA GOMES

ANEXO XVI

Telegrama à Embaixada em Londres nº 98 (17/02/1971) - Prêmio Nobel. Visita de jornalista norueguês ao Brasil

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES		MODELO 5. E. 80.	
		A <u>EMBAIXADA EM LONDRES</u>	
SECRETO			
640.91(77)			
AIG/DO/DEOC/ 540.91		Em 17 de fevereiro de 19 71	
691.3(77)(42)		uu	
Telegrama N.º <u>98</u>	a expedir	Ostensivo	
		Reservado	
		Confidencial	
Indice: Prêmio Nobel. Visita de jornalista norueguês ao Brasil.		SECRETARIA GERAL PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO	
4-22-306		R.E. 5402 EXP. 17/II/71	
<p>Aditamento ao telegrama nº 88. Para conhecimento de Vossa Excelência, retransmito a seguinte comunicação de 15 do corrente, da Embaixada em Oslo: "Não procedi qualquer contacto quanto nome jornalista não só porque não estava autorizado fazê-lo como também porque escolha deve ser precedida cuidadosa seleção. Pelas razões expostas meus telegramas (101 e 17) e pela evidência fatos relatados officio secreto (55) que encaminhou e comentou relatório confidencial Comissão Nobel, possível vinculação ida eventual Brasil jornalista ainda que conceituado não noria elemento grande valia pról candidatura Orlando o Cláudio Villas Bous Prêmio Nobel Paz 1971 diante competidores figuras prestígio internacional como Willy Brandt e Hélder Câmara, ambos ligados conceito paz internacional olhos Comissão Nobel. Época propícia visita jornalista seria período junho agosto razões climáticas Amazônia e permitir preparação campanha jornalística anterior elaboração final relatórios cada um dos candidatos finalistas Prêmio Nobel cuja Comissão reúne periodicamente sendo que sessões mais importantes realizam meses setembro outubro. Não obstante ponderações feitas sobre dificuldades êxito candidatura indianistas brasileiros reitero pedido (feito telegrama 101) remessa textos inglês biografias e obra Villasboas. Conforme prometi parte final telegrama 17 é intuito iniciar primeiras sondagens assunto. Não foi possí</p>			
Expedido em 17 de 2 de 1971 via C. A. Gen			
Giovanni			
V. U. N.			

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES		MODELO S. E. 06.
A _____		
Em _____ de _____ de 19 _____		
Telegrama N.º _____ a expedir	Ostensivo Reservado Confidencial	
Indice:	- 2 -	
<p>possível contar presença Sjur Lindebraekke membro Comissão Nobel almôço ofereci semana passada Ministro Negócios Estrangeiros por ter Lindebraekke ficado retido Borgen. Está porém programado 10 março jantar homenagem Bernt Ingvaldsen Presidente Parlamento e igualmente membro influente Comissão Nobel ao qual deverá também comparecer Lindebraekke. Nessa oportunidade procurarei sentir primeiras impressões ambos membros referida Comissão tendo sempre vista devida cautela. Informou-me por fim Tare Munck amigo íntimo daquelas personalidades que candidaturas Willy Brandt Hélder Câmara Villasboas teriam sido aceitas e registradas Comissão Nobel e que chances êxito salvo caso fortuito dividiam entre Chanceler alemão Arcebispo Olinda Recife. Offício ser expedido após 10 março procurarei obter confirmação ambas notícias e situar posição cada uma três candidaturas Prêmio Nobel Paz 71".</p>		  17/II/71
EXTERIORES		
Expedido em _____ de _____ de 19 _____ via _____		

ANEXO XVII

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 6.599 (11/03/1971) - Prêmio Nobel da Paz.

Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara.

No fim do telegrama Jayme de Souza Gomes promete “esclarecimentos suplementares [de] acentuada importância [que] poderiam ser pessoalmente prestados [em] Brasília ou [no] Rio caso deseje [a] Secretaria de Estado” quando de sua estada no Brasil em gozo de férias.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA

RECEBIDO 6.599

DA EMBAIXADA EM OSLO
EM/11/11/III/71.

SECRETO
SECRETO-URGENTE

AIG/DEOC/DC/640.91(77)
540.91(77)(42)

Prêmio Nobel da Paz. Ir
mãos Villas Boas.

SECRETARIA GERAL
PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

42 - QUINTA FEIRA - 18hs00. REFERENCIA TELEGRAMAS
101/717 E 28 CONSEGUI SABER CARÁTER ULTRA CONFIDENCIAL COMISSÃO NO
BEL PARLAMENTO NORUEGUÊS REUNIU 24 FEVEREIRO ÚLTIMO E ACEITOU REGIS
TRO INSCRIÇÃO 32 CANDIDATOS PRÊMIO PAZ 1971 DENTRE OS QUAIS WILLY
BRANDT, HÉLDER CÂMARA E ORLANDO CLÁUDIO VILLAS BOAS. DOS CANDIDATOS
INSCRITOS 21 FORAM ELIMINADOS INCLUSIVE VILLAS BOAS. BRANDT E CÂMARA
FAZEM PARTE 11 SEMI FINALISTAS. CONFORME PROMETIDO PARTE FINAL TELE-
GRAMA 28 SEGUE OFÍCIO SECRETO COM POSIÇÃO DAQUELES 2 CANDIDATOS MAIS
COTADOS COMO VENCEDORES E SE POSSÍVEL RAZÕES ELIMINAÇÃO NOKES INDIAN-
NISTAS BRASILEIROS. ESCLARECIMENTOS SUPLEMENTARES ACENTUADA IMPORTAN
CIA PODERIAM SER PESSOALMENTE PRESTADOS BRASÍLIA OU RIO CASO DESEJE
SECRETARIA DE ESTADO DURANTE MINHA PRÓXIMA ESTADA BRASIL GOZO FÉRIAS
ORDINÁRIAS INICIAR-SE 22 MARÇO CORRENTE.

JAYME DE SOUZA GOMES

RAB/11/III/71.

V. C. M.

MOD. IN 2

ANEXO XVIII

Telegrama à Embaixada em Londres nº 170 (12/03/1971) Prêmio Nobel da Paz.
Irmãos Villas-Boas e Dom Helder Câmara.

MODELO S.E. 8c.

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

A - EMBaixADA EM LONDRES

SECRETO

AIG/DEOC 640.91(77)
540.91

Em 12 de março de 19 71

691.3(77)(42)

Telegrama No. 170 a expedir

Ostensivo
Reservado
Confidencial

Indice: Prêmio Nobel da Paz.
Irmãos Villas Boas.

SECRETARIA GERAL

PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

6 - 22 15hs

R.E.
7856
EXP.

12/III/71

Retransmito comunicação recebida hoje da Embaixada em Cslo: "Consegui saber caráter ultra confidencial Comissão Nobel Parlamento norueguês reuniu 24 fevereiro último e aceitou registro inscrições 32 candidatos Prêmio Nobel Paz 1971 dentre os quais Willy Brandt, Helder Câmara e Orlando Claudio Villas Boas. Dos candidatos inscritos 21 foram eliminados inclusive Villas Boas. Brandt e Câmara fazem parte 11 semifinalistas. Conforme prometido parte final telegrama 28 segue officio secreto com posição daqueles 2 candidatos mais cotados como vencedores e se possível razões eliminação nomes indianistas brasileiros".

EXTERIORES

Expedido em 12 de 3 de 19 71 via

V. C. A.

ANEXO XIX

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 122 (12/03/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Reunião da Comissão Parlamentar. Seleção de candidatos. Contém 6 páginas. Exposição dos pontos positivos e negativos de cada candidato.

COPIA.	<p>EMBAIXADA DO BRASIL EM OSLO</p> <p><u>SECRETO</u></p> <p>640.91 (77) 540.91</p>	<p>S. G. E. das RELAÇÕES EXTERIORES DIVISÃO DE ARQUIVO 359 19 MAR 1971 1101 CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL</p> <p>SECRETARIA DE ESTADO</p> <p>Prêmio Nobel da Paz de 1971. Reunião da Comissão Parla- mentar. Seleção de candidatos.</p> <p>COPIA PROVISÓRIA INCLUIDA NO MAÇO APÓS O ATIVAMENTO DO EXPEDIENTE</p> <p>Complementando as informações transmitidas no tele- grama nº42, de ontem datado e, conforme foi prometido no telegrama nº28, de 15 de fevereiro último, procurarei reconstituir, baseado no resultado das indagações efetuadas, o que teria ocorrido duran- te os trabalhos da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês, em sua reunião a 23 do mês findo, a fim de efetuar a primeira seleção dos candidatos ao Prêmio da Paz de 1971.</p> <p>2. Compareceram à reunião, que se realizou na sede do Instituto Nobel desta cidade, os cinco membros da Comissão Parla- mentar, composta de: I - Senhora Aase Lionaes, Presidente do "Lag- ting" - Câmara Alta do Parlamento - e, igualmente, Presidente da mencionada Comissão; II - Senhor Bernt Ingvaldson, Presidente do "Storting" - Parlamento - na qualidade de Vice-Presidente da citada Comissão; III - Doutor Helge Refsum, Juiz do Tribunal de Justiça de Bergen; IV - Senhor Sjur Lindbraeckke, Diretor do "Bergens Privat Bank" e V - Senhor John Sanness, Presidente do Instituto de Políti- ca Exterior da Noruega. A Comissão foi assessorada por um consultor em Economia, Professor Preben Munthe, por um consultor em História,</p>	<p>122 12/III/1971</p> <p>A H D</p>
	JSG/alr		

Continuação (2)

Dos itens 6 a 8, sobre Willy Brandt.

COPIA.	<p>Emb. Oslo/122/71/2</p> <p>Senhor Jakob Sverdrup e por um consultor em Direito, Professor Tor- kel Opsahl. Contou, ainda, a Comissão, com a presença do Professor August Schou e do Senhor Sverre Svanes, Diretor e Secretário do Ins- tituto Nobel, respectivamente.</p> <p>3. Dando início aos trabalhos, foram aceitas as inscri- ções de <u>32 candidatos</u>, já que os mesmos tinham preenchido as condi- ções estabelecidas no artigo nº3 das Disposições Especiais para a concessão do Prêmio Nobel da Paz. Após os debates de praxe, foram selecionados os nomes de <u>11 candidatos</u> como semi-finalistas, tendo assim sido eliminados <u>21 concorrentes</u>, dentre os quais os indianis- tas brasileiros Orlando e Cláudio Villas-Boas, como foi acentuado no mencionado telegrama nº42. Foi marcada como data da próxima reu- nião da Comissão a segunda quinzena de março.</p> <p>4. Tentando situar a posição dos dois candidatos que, no momento, parecem reunir maiores probabilidades de êxito, ou se- ja, o Chanceler Willy Brandt e o Arcebispo Dom Helder Câmara, i- gualmente procurarei, sondadas as fontes informativas, determinar as causas do insucesso da candidatura Villas-Boas por tratar-se de personalidades brasileiras, cuja obra meritória é por todos nós louvada e aos quais se referiu a Secretaria de Estado em seus des- pachos-telegráficos nos. 77, 80 e 83/70 e 7, 14 e 24 de 1971, co- mo testemunho de seu interêsse no assunto.</p> <p>5. Para facilidade de compreensão, tentarei fazer rá- pida análise dos pontos considerados positivos e negativos de cada uma das três candidaturas, da menção das personalidades ou entida- des que apresentaram os seus nomes ou os apoiaram e, finalmente, da posição atual de cada membro da Comissão Nobel com respeito aos candidatos em aprêço.</p> <p>6. <u>Chanceler Willy Brandt</u> - Possui a seu favor vários pontos positivos. Há a destacar, primordialmente, a sua obra de tentativa de afrouxamento da tensão política Este-Oeste, constitui- da, sobretudo, da recente assinatura do Pacto Germano-Soviético de Renúncia ao Uso da Fôrça, do Tratado Germano-Polonês, firmado no</p>
--------	---

Continuação (3)

COPIA.	<p>Emb.Oslo/122/71/3</p> <p>ano findo, que reconheceu a linha fronteira Oder-Neisse, das negociações efetuadas há poucos meses com a República Democrática Alemã (RDA) sobre o "status" de Berlim, das visitas de cordialidade aos países escandinavos - Noruega e Dinamarca - nações ocupadas pela Alemanha Nazista durante a Segunda Grande Guerra, etc.. Militam, também, a seu favor, outros aspectos de caráter mais pessoal, ligados à sua vida progressa, tais como ter combatido as tropas nazistas de ocupação ao lado da Resistência norueguesa, ter-lhe sido atribuída a patente de Major honorário do Exército norueguês durante a II Grande Guerra, ter adquirido, temporariamente, a nacionalidade norueguesa, ser casado com mulher norueguesa, etc.. Pesam, entretanto, a seu desfavor, a sua nacionalidade alemã, motivo de ressentimento senão de animosidade do povo norueguês, sobretudo das mais antigas gerações, contemporâneas à ocupação militar. É verdade que para amenizar esse ponto contrário ao Chanceler alemão, cabe assinalar a distinção feita, principalmente pelas elites norueguesas, entre o <u>alemão</u> e o <u>nazista</u>. Há, por fim, a ressaltar, pelo menos diante dos elementos conservadores mais radicais, no seio da Comissão Nobel, o receio de que o Premier alemão venha a fortificar demasiadamente as Potências do Leste Europeu com a sua política de agrado à Rússia Soviética e aos seus satélites.</p> <p>7. O nome do Senhor Willy Brandt, como candidato ao Prêmio Nobel da Paz de 1971, foi apresentado ou apoiado, dentre outras, pelas seguintes entidades ou personalidades: Senhora Hildgard Hamm-Bücher, Secretária de Estado de Ciência e membro do Partido Democrático Livre (FDP); por vários membros do Partido Social Democrata do "Folketing" - Parlamento - da Dinamarca; por duas associações, uma das quais foi a "Organização dos Veteranos da Resistência Dinamarquesa"; pela "Federação Mundial das Cidades Irmanadas", da França; por vários membros do "Storting" - Parlamento - da Noruega, etc..</p> <p>8. Quanto à posição dos membros da Comissão Nobel com respeito ao nome do Chanceler da Alemanha Ocidental e, ressaltadas</p>
--------	--

COPIA.	<p>Emb.Oslo/122/71/4</p> <p>tôdas as reservas das fontes informativas bem como possíveis flutuações posteriores de opinião, o Senhor Willy Brandt pareceu contar, no momento, com o apóio da Deputada Aase Lionaes, Presidente da Comissão, do Presidente do Parlamento, Senhor Bernt Ingvaldsen (Vice-Presidente da Comissão) e do Senhor Sjur Lindebraekke, embora este último se tenha mostrado hesitante em prestar seu amparo entre os nomes dos candidatos Willy Brandt e Helder Câmara.</p> <p>9. <u>Dom Helder Câmara</u> - Os conceitos emitidos sobre a personalidade de Dom Helder Câmara e o prestígio de que goza no seio da Comissão Nobel são traduzidos com detalhes no ofício secreto nº 55/71, que anxiou e glozou o relatório confidencial daquela Comissão relativo ao Prêmio da Paz de 1970, bem como em outras comunicações sobre o assunto, tais como o ofício nº382/70, que descrevera cerimônia de entrega do referido prêmio e o ofício nº111/71, que relatou o plano de afastamento da Comissão Nobel dos elementos que, em 1970, mais se opuseram à escolha do nome do Arcebispo de Olinda e Recife. Aqui, pois, não caberia realçar o prestígio do prelado brasileiro. Seria uma inútil repetição do que esta Embaixada tem informado, não só através daqueles ofícios como também de numerosos telegramas. Entretanto, a fim de poder resumir os fatores favoráveis a essa candidatura, procurarei retratar o conceito, de que goza o Arcebispo brasileiro aos olhos da Comissão Nobel: a) sua obra em favor dos necessitados e contra os Governos de força; b) suas publicações e prédicas de caráter francamente esquerdizante; c) ter concorrido para a pacificação das massas oprimidas ou menos favorecidas pela fortuna; d) ter contribuído para a união entre católicos e protestantes, na campanha de melhores condições sociais da humanidade; e) seu prestígio junto ao Papa Paulo VI. A esse respeito seria oportuno realçar o que publicou recentemente o órgão oficial do Vaticano, "L'Osservatore Romano", o qual considerou Dom Helder Câmara como "um homem de Deus, um homem de Cristo, um homem dos pobres, como São Francisco de Assis". Como era de esperar-se, tal opinião foi amplamente difundida na imprensa deste país, que vinculou o nome do</p>
--------	---

Continuação (5)

Emb.Oslo/122/71/5

COPIA.

Arcebispo de Olinda e Recife à sua candidatura ao Prêmio da Paz deste ano.

10. Enfraqueceram a posição de Dom Helder Câmara, no conceito da Comissão Nobel, os seguintes pontos essenciais: a) polémica jornalística travada em 1970 sobre a sua personalidade e obra e suas anteriores vinculações aos regimes políticos de direita; b) receio de que sua influência crescente, em virtude da outorga do Prêmio da Paz, possa concorrer para a implantação de um Governo de extrema esquerda no Brasil, a exemplo do que aconteceu recentemente no Chile e, assim, ameaçar os capitais estrangeiros, pela expropriação ou "estatização", obviamente por em risco os investimentos noruegueses. É no Brasil que a Noruega possui a maior soma de capitais investidos no exterior; c) crítica à escassa base de cultura econômica em seus ataques à política atual do Governo brasileiro.

11. Dentre as personalidades que apoiaram ou apresentaram o nome de Dom Helder Câmara como candidato ao Prêmio Nobel da Paz de 1971, cabe citar quatro membros do Parlamento da Suécia, trinta e dois parlamentares da Holanda, a organização "Juventude Espanhola de Ação Católica", da Espanha, o Presidente do Partido Democrata Cristão da Alemanha, Senhor Dietrich Rollmann, etc., além de, obviamente, a totalidade ou, pelo menos, grande parte das personalidades ou entidades que apresentaram ou apoiaram o nome do Arcebispo brasileiro, em 1970, e que constam do documento anexo ao mencionado ofício nº55/71.

12. Com respeito à posição do prelado brasileiro no seio da Comissão Parlamentar, pelo menos conta êle, segundo as mesmas fontes informativas, com o apôio do Juiz do Tribunal de Justiça de Bergen, Doutor Helge Refsum e do Presidente do Instituto de Política Exterior da Noruega, Professor John Sanness. Como foi ressaltado há pouco, o Senhor Sjur Lindebraekke ainda não se definiu entre os dois candidatos mais cotados.

Continuação (6)

Dos itens 13 ao 16, sobre os irmãos Villas Boas (Orlando e Cláudio).

COPIA.	<p>Emb.Oslo/122/71/6</p> <p>13. <u>Orlando e Cláudio Villas-Boas</u> - A julgar pelas informações recebidas da Embaixada em Londres e transmitidas pelo despacho-telegráfico nº77/70, os nomes dos indianistas brasileiros teriam sido apresentados ou sustentados pelas seguintes personalidades ou entidades: Doutor Andrew Fielding Huxley, Prêmio Nobel de Medicina em 1963; Lord John Boyd Orr of Brechin, Prêmio da Paz de 1949; o "Primitive People's Fund", de Londres; etnólogo Doutor Claude Levi-Strauss; a "American Anthropological Association"; a "Société des Américanistes", da Suíça; a "Société des Américanistes", do Museu do Homem da França. Consta, também, que a candidatura Villas-Boas foi apoiada pelo "Instituto Indigenista Interamericano", do México; pelo Conde Bertrand William Russell, Prêmio Nobel de Literatura de 1950; e pelo Professor René Cassin, Prêmio da Paz de 1968, embora tenha sido o mesmo um dos patrocinadores da candidatura Helder Câmara em 1970, conforme se pode verificar pelo teor do parágrafo 5 do ofício secreto nº55/71.</p> <p>14. A favor da candidatura de Orlando e Cláudio Villas-Boas figura como elemento básico a sua obra meritória de 27 anos de trabalho em prol da preservação do selvícola brasileiro, como expressão de uma civilização e cultura próprias e primitivas. Seus nomes estão ligados à criação, em 1961, do Parque Nacional do Xingú e, recentemente, a imprensa brasileira muito tem defendido a cruzada dos Villas-Boas, que aparece ligada à construção da Rodovia Transamazônica.</p> <p>15. Como fatores negativos, há a assinalar o desconhecimento fora do Brasil e, sobretudo neste país e, obviamente, no seio da Comissão Nobel, da obra realizada pelos indianistas brasileiros. A não ser o livro "Xingú, os índios, seus mitos", publicado pela Editora Zahar, em língua portuguesa, e o filme documentário "Os últimos exploradores", acredito serem estas as únicas referências concretas do conhecimento da Comissão Nobel. Além do mais, como foi acentuado no telegrama nº101/70, o "trabalho dos indianistas brasi-</p>
--------	---

Continuação (7)

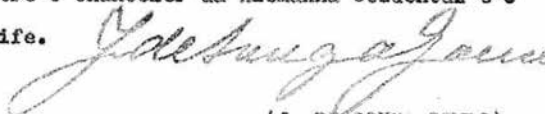
Emb.Oslo/122/71/7

COPIA.

leiros possui um caráter regional, não vinculado diretamente à Paz Internacional". Sobre o assunto consegui obter, muito confidencialmente, a informação de que durante a citada reunião da Comissão Nobel, no dia 23 de fevereiro último, foram consideradas como motivo de escolha dos candidatos semi-finalistas ao Prêmio Nobel da Paz, primordialmente as condições peculiares que se traduzem no seguinte trecho do testamento de Alfred Nobel:

"... the person who shall have done the most or the best work to promote fraternity between nations, for the abolition or reduction of standing armies and for the holding and promotion of peace congresses".

16. Quanto à posição dos diferentes membros da Comissão Nobel com respeito à candidatura Orlando e Cláudio Villas-Boas ao Prêmio da Paz de 1971, quaisquer esclarecimentos seriam supérfluos já que os indianistas brasileiros foram lastimavelmente excluídos da competição deste ano, dividindo-se, como foi dito, as reais possibilidades de vitória entre o Chanceler da Alemanha Ocidental e o Arcebispo de Olinda e Recife.



(J. DE SOUZA-GOMES)
Embaixador

ANEXO XX

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 231 (25/05/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Divulgação do trabalho sobre a dialética política de Dom Helder Câmara. Ver Parágrafo 3 - Jayme de Souza Gomes lançando a idéia "para neutralizar a candidatura do prelado brasileiro seria o de polemizar a crítica por ele feita, em diversas entrevistas e pronunciamentos, sobre o processo de desenvolvimento dos países capitalistas." Cita a monografia de Felix A. Morlion, O.P. (Consultar ANEXO VII), que teria sido elaborada por intermédio do Senhor embaixador Roberto de Oliveira Campos.

<p>COPIA.</p> <p>EMBAIXADA DO BRASIL EM OSLO</p> <p><u>SECRETO-URGENTE</u></p> <p>640.91(77) 540.91 540.132</p>	<p>S. de E. das RELações EXTERIORES 718 DIVISÃO DE ARQUIVO</p> <p>3 JUN 1971</p> <p>Nº 2380</p> <p>CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL</p>	<p>231</p> <p>25/V/1971</p> <p>SECRETARIA DE ESTADO</p> <p>Prêmio Nobel da Paz de 1971. Divulgação de trabalho sobre a dialética política de Dom Helder Câmara.</p> <p>Comun. 2 Emb. Vaticano em 28.6.71 Am (AIG)</p>
<p>Conforme tem sido enfatizado em várias comunicações desta Embaixada, dentre as quais sobressaem os ofícios secretos nos. 55 (par. 17), 111 (par. 6 e 7) e 122 (par. 9 e seguintes) e telegramas secretos números 28 e 42, a candidatura de Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz de 1971 aumenta de vulto à proporção que se aproxima a data da escolha final, só encontrando, aparentemente, um nome que se lhe oponha - o do Chanceler Willy Brandt, Chefe do Governo da Alemanha Ocidental.</p> <p>2. Ainda recentemente, ou seja, precisamente a 19 do corrente mês, notícia procedente de Wuerzburg (RFA) declara que o Arcebispo de Olinda e Recife fez um apelo aos alemães de oeste e de leste "para que derrubem as barreiras que separam os seus países". Essa declaração, feita no sentido de uma tentativa de pacificação das duas Alemanhas, visa a paz mundial e tem, a meu ver, um endereço certo - o Prêmio Nobel da Paz.</p> <p>3. A fim de renovar os argumentos utilizados com êxito no esvaziamento da candidatura Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz de 1970, assunto fartamente exposto à Secretaria de Estado, esta Embaixada pôde apurar que um dos argumentos mais contundentes</p>		
<p>2</p> <p>JSG/alr</p>		

Continuação (2)

Emb.Oslo/231/71/2

COPIA.

a serem eventualmente aplicados para neutralizar a candidatura do prelado brasileiro seria o de polemizar a crítica por êle feita, em diversas entrevistas e pronunciamentos, sobre o processo de desenvolvimento dos países capitalistas.

4. Procurando desenvolver essa ordem de idéias, que se prende a um esquema de trabalho repousado em bases mais profundas, chegou-me às mãos, pessoalmente trazido pelo incansável colaborador nessa campanha, Senhor Tore Albert Munck - Diretor Presidente da "Munck do Brasil S.A." - um excelente trabalho denominado "The Political Dialectics of Dom Helder Câmara" (anexo nº1), devidamente assinado por seu autor, Senhor Felix A. Morlion, O.P.. Segundo o Senhor Tore Munck, essa monografia teria sido elaborada por intermédio do Senhor Embaixador Roberto de Oliveira Campos.

5. No desejo de efetuar a distribuição desse estudo dentre os membros da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês e, especialmente, de o entregar ao relator do nome do religioso brasileiro junto à dita Comissão, determinei, de imediato, a multiplicação mimeográfica do referido trabalho. Acresce, porém, a circunstância de que não sendo esse trabalho assinado por um economista de renome internacional, como seria o caso do Embaixador Roberto de Oliveira Campos, o seu conteúdo, aos olhos da Comissão Nobel, teria um efeito relativo. Assim, tomei a liberdade de dirigir carta àquele Embaixador, em que solicitei que me fossem enviados dados biográficos, que melhor identificassem o Senhor Félix A. Morlion, O.P. (anexo nº2 e último).

6. Como, porém, foram decorridos cerca de 15 dias sem que tenha sido recebida contestação da carta em apreço e urgindo que sejam tomadas providências, com o devido tempo - já que os relatórios sobre os candidatos ao Premio Nobel da Paz são elaborados com vários meses de antecedência à data de divulgação do nome do agraciado - solicito à Secretaria de Estado que, com sua influência, tente obter maiores esclarecimentos sobre o autor do trabalho

Continuação (3)

Salienta Jayme de Souza Gomes: Parágrafo 7. "Qualquer, entretanto, que seja o efeito provocado pela difusão do estudo sobre Dom Helder Câmara, esta embaixada deseja realçar, com o maior sigilo, que o programa de ação contra a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife deve concentrar-se, este ano, no seu aspecto econômico-social."

Emb. Oslo/231/71/3

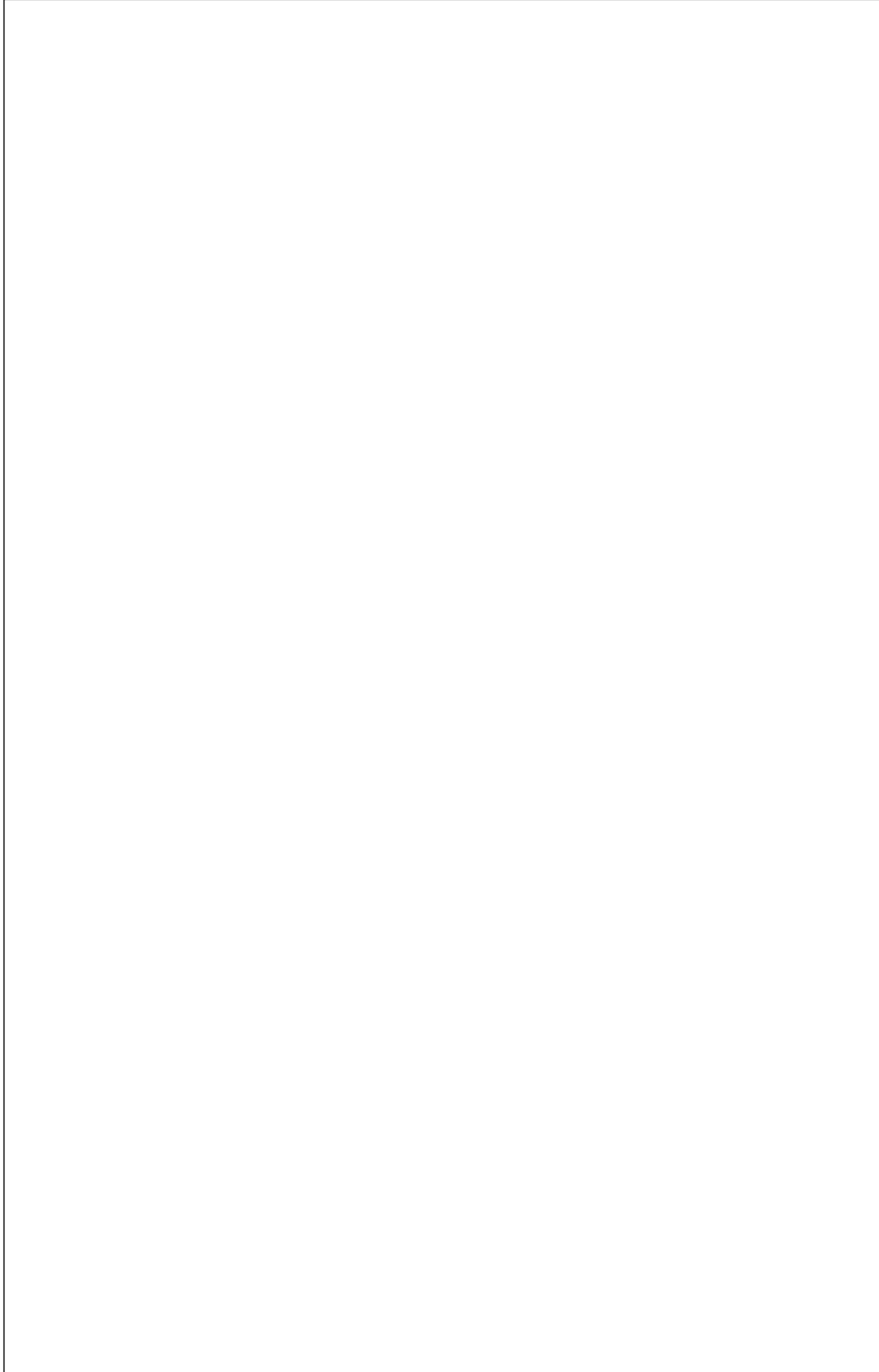
COPIA.

em tela, a fim de que a sua difusão de faça de forma a valorizá-lo perante a Comissão Nobel do Parlamento Norueguês.

7. Qualquer, entretanto, que seja o efeito provocado pela difusão do estudo sobre Dom Helder Câmara, esta Embaixada de seja realçar, com o maior sigilo, que o programa de ação contra a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife deve concentrar-se, este ano, no seu aspecto econômico-social. De fato, o Brasil é o país estrangeiro em que a Noruega investiu maiores capitais, tendo o Governo norueguês dado garantia política à aplicação de parte desses capitais através do projeto Borregaard. Deve-se considerar, ainda, que dois membros da Comissão Nobel são parlamentares que votaram a favor dessa garantia e, ter, por fim, em vista que é ponto pacífico a defesa desses capitais investidos no Brasil. Desse modo se torna claro que, uma personalidade brasileira esquerdizante que ataca substancialmente o regime capitalista, caso se projete universalmente através da obtenção do Premio Nobel da Paz, só poderá concorrer para a formação de um ambiente político-social que venha a por em risco os capitais estrangeiros, entre os quais se encontram os noruegueses - a exemplo do que ocorreu em Cuba e, mais recentemente, no Chile. O assunto, porém, pela sua sutileza, ainda se encontra em fase embrionária, dependendo, em grande parte, o critério a ser seguido por esta Embaixada do sentido da evolução das candidaturas ao Premio Nobel da Paz deste ano. Um aspecto, entretanto, parece claro: Dom Helder Câmara, a par do Chanceler da Alemanha Ocidental, se apresenta, ainda este ano, como um dos mais fortes candidatos ao Premio Nobel da Paz que, por sinal, embora não seja o seu aspecto mais fundamental, representa a entrega material da elevada quantia de US\$87,300.00, ou seja, cerca de mais US\$10,000.00 do que no ano findo.


J. DE SOUZA GOMES
(Embaixador)

Continuação (4 e 5)



ANEXO XXI

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 237 (28/05/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Declarações de Dom Helder Câmara na Alemanha.

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

SECRETO

640.91(77)
540.91
540.432

Vinda por AIG.
15.6.71

S. de E. das RELAÇÕES EXTERIORES
DIVISÃO DE ARQUIVO
3 JUN 1971
Nº 2381
CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL

SECRETARIA DE ESTADO

237
28/V/1971

Premio Nobel da Paz de 1971,
Declarações de Dom Helder Câmara na Alemanha.

sec. Gilberto

Referência ao parágrafo 2º do ofício secreto nº231, de 25 do corrente. Além do trecho das declarações de Dom Helder Câmara transcrito nesse ofício, notícia procedente igualmente da Alemanha difunde que durante os trabalhos do Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Católicos, recentemente realizado na cidade de Wuerzburg, o Arcebispo de Olinda e Recife afirmou que: "não existe senão uma única Alemanha, mas que não é nem uma Alemanha capitalista, manobrada por trusts, nem uma Alemanha que se en contra numa situação humilhante de satélite da União Soviética". Mais adiante, em sua oração, o prelado brasileiro exortou os alemães de Oeste e de Leste a "vencerem as barreiras geradoras do orgulho e do egoísmo (sic), que dividem os seus países". "Demonstrai ao mundo", declarou, ainda, Dom Helder Câmara, "que a força moral pode realizar aquilo que as armas não são jamais capazes de conseguir". Por fim, o Arcebispo brasileiro acusou as grandes Potências e os monopólios internacionais de agir de maneira a que os fundamentos da existência dos proletários dos países pobres e dos países ricos sejam os mesmos.

2. Conforme foi acentuado no mencionado ofício, Dom

JSG/alr

Continuação (2)

Afirma Jayme de Souza Gomes sobre a “nova andança” de Dom Helder pela Alemanha: Esse capítulo da recente atividade do Arcebispo de Olinda e Recife vem, apenas, reforçar o que, repetidas vezes, tem proclamado esta Embaixada em suas comunicações oficiais, ou seja, de que Dom Helder Câmara continua a ser o mais cotado candidato ao Prêmio Nobel da Paz e 1971.

COPIA.

Helder Câmara, em sua nova andança pela Alemanha, buscou, preliminarmente, fazer um apelo à paz internacional pelo entendimento recíproco da República Federal da Alemanha e da República Popular Alemã. Visando, muito naturalmente, a sua candidatura ao Prêmio Nobel da Paz deste ano.

3. Mas não foi apenas esse o objetivo do hábil prelado brasileiro. Sabendo, possivelmente, que seu contendor mais credenciado é o Chanceler Willy Brandt e, tendo provável conhecimento de que os patrocinadores alemães se dividiram entre o Premier alemão e o Arcebispo brasileiro, por questões de rivalidades e dissensões partidárias internas, Dom Helder Câmara procurou justamente a Alemanha para ser o campo de suas novas pregações. Esse capítulo da recente atividade do Arcebispo de Olinda e Recife vem, apenas, reforçar o que, repetidas vezes, tem proclamado esta Embaixada em suas comunicações oficiais, ou seja, de que Dom Helder Câmara continua a ser o mais cotado candidato ao Prêmio Nobel da Paz de 1971.


J. DE SOUZA GOMES
(Embaixador)

ANEXO XXII

Telegrama da Embaixada em Oslo nº 19.244 (21/06/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Divulgação do trabalho sobre a dialética política de Dom Helder Câmara.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA

RECEBIDO

19244

DA EMBAIXADA EM OSLO
EM/21/21/VI/71

SECRETO
SECRETO

*640.91 (77)
540, 8711*

AIG/AEO/DSI/

*Minuta da resposta
em 28.6.71*

AIG

Prêmio Nobel da Paz de 1971. Divulgação de Trabalho sôbre a Dialética Política de Dom Helder Câmara.

PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

69 - SEGUNDA-FEIRA - 18hs00 - APROXIMANDO DATA NOVAS REUNIÕES COMISSÃO NOBEL AGRADECERIA FAVOR RESPOSTA TELEGRÁFICA OFÍCIO SECRETO URGENTE 231.

JSOUZAGOMES

W. L. L. L. L.

Publicação Mod-021/8/71

ANEXO XXIII

Telegrama à Embaixada do Vaticano nº 45, 28/06/1971 - Prêmio Nobel da Paz. Candidatura de Dom Helder Câmara. Pede resposta e biografia de Felix Morlion, autor da monografia sobre Dom Helder.

MODELO S.E. 8c.

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

A EMBaixADA NO
VATICANO

~~SECRETO~~ - URGENTE
AJE/AEO/LSI/ 64091/71
64091
64092 t

Em 28 de junho de 19 71

SECRETO

Telegrama No. 45 a expedir *Ostensivo Reservado Confidencial*

GABINETE

Indice: Prêmio Nobel da Paz. Candidatura Helder Câmara.

PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO

101

Agradeceria saber se o Padre Felix A. Morlion, O.P., autor da monografia "The Political Dialectics of Dom Helder Câmara", é o atual reitor da Universidade "Pro Deo" de Roma. Além dessa informação, que desejaria receber com urgência, rogo a Vossa Excelência o obséquio de me enviar, por via telegráfica, os principais dados biográficos do Padre Morlion.

R.E.
025047
EXP.

23.6.71

EXTERIORES

MODELO S.E. 8c.

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

A EMBaixADA NO
VATICANO

~~SECRETO~~ - URGENTE
AJE/AEO/LSI/ 64091/71
64091
64092 t

Em 28 de junho de 19 71

SECRETO

Telegrama No. 45 a expedir *Ostensivo Reservado Confidencial*

GABINETE

Indice: Prêmio Nobel da Paz. Candidatura Helder Câmara.

PARA TOMAR CONHECIMENTO E DEVOLVER AO ARQUIVO

101

Agradeceria saber se o Padre Felix A. Morlion, O.P., autor da monografia "The Political Dialectics of Dom Helder Câmara", é o atual reitor da Universidade "Pro Deo" de Roma. Além dessa informação, que desejaria receber com urgência, rogo a Vossa Excelência o obséquio de me enviar, por via telegráfica, os principais dados biográficos do Padre Morlion.

R.E.
025047
EXP.

23.6.71

EXTERIORES

ANEXO XXIV

Telegrama da Embaixada no Vaticano nº 27 (03/07/1971) - Prêmio Nobel da Paz. Candidatura de Dom Helder Câmara. Resposta sobre o autor da monografia – Felix Morlion.

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA

RECEBIDO

DA EMBAXADA NO VATICANO
EM/2/3/VII/71

SECRETO
SECRETO

AIG/AEO/DSI/ 640.91 (44) ✓
540.91 +

Prêmio Nobel da Paz. Candi-
datura de Dom Helder Câmara.

20980

SECRETARIA GERAL
PARA TOMAR CONHEÇIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

27 - SEXTA FEIRA - 20:00 - RESPOSTA AO TELEGRAMA SECRETO 45. FUI INFORMADO QUE PADRE FELIX ANDRE MORLION NEGA EXISTENCIA DA MENCIONADA MONOGRAFIA. CONSEGUI, ENTRETANTO AVERIGUAR QUE ELE ESTÁ ORGANIZANDO NO MAIOR SIGILO UM ESTUDO SOBRE DOM HELDER CAMARA CUJA ESSENCIA ET FINALIDADE, DEVIDO AO CARATER SIGILOSO DE QUE AINDA SE REVESTE ASSUNTO, NAO ME FOI POSSIVEL ATEH AGORA REVENDER. POSSO ASSEGURAR A VOSSA EXCELENCIA QUE PADRE MORLION NAO DESFRUTA DE BOM CONCEITO EM ESFERAS RESPONSAVEIS DO VATICANO, POIS SEGUNDO MONSENHOR BENELLI, SUBSTITUTO SECRETARIA ESTADO, ME CONFIU QNTEM EM CARATER PESSOAL, TRATA-SE DE UM IMATURO, ADJETIVO ESSE QUE, DENTRO DO CONTEXTO COMO FOI EMPREGADO TEM O SENTIDO DE IRRESPONSAVEL. NASCIDO NA BELGICA EM 1904, DURANTE SEGUNDA GUERRA, PADRE MORLION REFUGIOU-SE NOS ESTADOS UNIDOS ET EM ALGUMAS DIOCESES DALI APRESENTOU-SE COMO X EMISSARIO DA SANTA SEH, O QUE ERA INVERIDICO, LEVANDO ENTAO O ATUAL PAPA, QUE NA OCASIAO ERA SUBSTITUTO DA SECRETARIA ESTADO, A RESTABELECEER A VERDADE, DE ACORDO COM O QUE TAMBEM ME INFORMOU MONSENHOR BENELLI. ESTE ADIANTOU-ME AINDA QUE PADRE MORLION CONSEGUIU LIGACOES NOS ESTADOS UNIDOS QUE LHE PERMITIRAM OBTER DE IMPORTANTES ORGANIZACOES VULTOSAS SUBVENCOES PARA A CRIAÇÃO DA PRO DEO, CUJO RECONHECIMENTO COMO UNIDADE CATOLICA TEM SIDO SISTEMATICAMENTE RECUSADO PELA SANTA SEH. A DESPEITO DAS VULTOSAS SUBVENCOES OBTIDAS PELO PADRE MORLION, INCLUSIVE NO BRASIL QUE LHE DOOU CERCA DE 400 MIL DOLARES, PARA NAO MENCIONAR UMA CONTRIBUICAO QUE TAMBEM A COMPANHIA NORTE AMERICANA LHE TERIA FEITO, A SITUACAO ECONOMICO-FINANCEIRA DA PRO DEO EH CONSIDERADA ELEVADA. SEGUNDO AINDA MONSENHOR BENELLI O BANCO DO VATICANO NEGOU RECENTEMENTE AA INSTITUICAO UM EMPRESTIMO SOLICITADO, DADA A CARENCIA DE SOLIDEZ DA INFRAESTRUTURA DA PRO DEO. O ATUAL REITOR DA UNIVERSIDADE PRO DEO EH O PARLAMENTAR DEMOCRATA CRISTAO PROFESSOR ROBERTO LUCIFREDI. PADRE MORLION EH MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRACAO, PRESIDENTE DO 'ENTE PROMOTORE DELLA LIBERA UNIVERSITA DEGLI

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA

RECEBIDO

DA EMBAXADA NO VATICANO/EM/2/3/VII/71/SECRETO/TEL. 27/PÁG. 2.

20980

STUDI SOCIALI PRO DEO. ROGO ATENÇÃO VOSSA EXCELENCIA PARA OFICIO Nº 31, DE 24 ABRIL 1958 E PARA OFICIOS CONFIDENCIAIS NºS 102 DE 10 JULHO 1959 ET Nº 271 DE 11 OUTUBRO DE 1967, TODOS DESTA MISSAO, BEM COMO PARA DESPACHO Nº 5, DE 179, 1957 ET PARA NOTA DA NUNCIATURA Nº 1691, DE 49 1957, EM QUE ESTA APRESENTA AO ITAHARATY PADRE FELIX ANDRE MORLION.

JCBIM

ANEXO XXV

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 313 (06/07/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Candidatura de Dom Helder Câmara. Artigo do "New York Times Magazine"

<p>COPIA.</p> <p>EMBAIXADA DO BRASIL EM OSLO</p> <p><u>SECRETO</u></p> <p>640.91(77) 540.91 510.430</p>	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="798 448 1069 627"> <p>S. de E. das RELAÇÕES EXTERIORS DIVISÃO DE ARQUIVO REC-111 15 JUL 1971 No 3169 CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL</p> </td> <td data-bbox="1085 448 1292 627"> <p>313 6/VII/1971</p> <p>AIE ABC DC</p> </td> </tr> </table> <p>SECRETARIA DE ESTADO</p> <p>Prêmio Nobel da Paz de 1971. Candidatura de Dom Helder Câmara. Artigo do "New York Times Magazine".</p> <p>Na incerteza de que a Embaixada em Washington ou algum Consulado nos Estados Unidos tenha enviado à Secretaria de Estado exemplares do "New York Times Magazine", de 23 de maio último, faço referência especial ao fato de que essa secção do "The New York Times" publicou, com destaque e ilustrações, extenso artigo do Senhor Joseph A. Page, intitulado "<u>The little Priest who stands up to Brazil's Generals</u>".</p> <p>2. O longo artigo repete, com detalhes, os costumeiros ataques ao Governo brasileiro e ocupa-se, minuciosamente, da vida e obra de Dom Helder Câmara.</p> <p>3. Ao analisar as pretensões políticas do prelado brasileiro, escreve o articulista:</p> <p style="padding-left: 40px;">"If the military allowed completely free, incorrupted elections in Brazil tomorrow, one leftist asserts, Dom Helder could be elected President".</p> <p>4. Com respeito às relações entre o Papa Paulo VI e o Arcebispo de Olinda e Recife, publica o autor do artigo:</p> <p style="padding-left: 40px;">"For the moment, Dom Helder is isolated. Elements within the Vatican have become nervous about him, and</p> <p>JSG/alr</p>	<p>S. de E. das RELAÇÕES EXTERIORS DIVISÃO DE ARQUIVO REC-111 15 JUL 1971 No 3169 CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL</p>	<p>313 6/VII/1971</p> <p>AIE ABC DC</p>
<p>S. de E. das RELAÇÕES EXTERIORS DIVISÃO DE ARQUIVO REC-111 15 JUL 1971 No 3169 CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL</p>	<p>313 6/VII/1971</p> <p>AIE ABC DC</p>		

Emb.Oslo/313/71/2

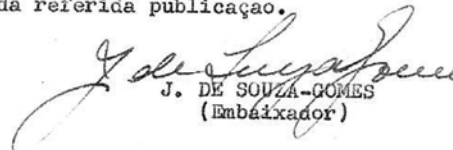
COPIA.

although he is reluctant to talk about it, there are indications that Rome has made some attempts to tone down his public utterances. One even hears the rumor that the Vatican was unhappy at his nomination for the Nobel Prize".

5. Finalmente, é digno de nota o que escreve o jornalista Joseph Page sobre os próximos planos de Dom Helder Câmara em suas andanças, ainda este ano, pelas principais cidades européias:

"Yet he spoke enthusiastically of his current efforts to help organize a meeting for leaders of nonviolent movements from all over the world, which has been tentatively scheduled to be held in Rotterdam next November".

6. Caso a Secretaria de Estado tenha interêsse, esta Embaixada poderá remeter uma fotocópia do artigo em apêço ou, ainda, o único exemplar que possui da referida publicação.


J. DE SOUZA-GOMES
(Embaixador)

ANEXO XXVI

Telegrama à Embaixada em Oslo nº 48 (06/07/1971) - Prêmio Nobel da Paz. Candidatura de Dom Helder Câmara. Ainda sobre Felix Morlion.

MODELO S.E. 86

SECRETARIA DE ESTADO
DAS RELAÇÕES EXTERIORES

EMBAIXADA EM
OSLO

~~SECRETARIA URGENTE~~

640.91(77)
540.91 + Em 6 de Julho de 19. 71

Telegrama No. 48 a expedir Ostensivo
Reservado
Confidencial

Índice: Prêmio Nobel da Paz. Candidatura de D. Helder Câmara.

AIG

PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

4950

R.E.
026638
EXP.

C.7.71

Aditamento ao telegrama nº 46. Segundo esclarece a Embaixada no Vaticano, o Padre Felix André Morlion não é paiitor e sim membro do Conselho de Administração, presidente do "Ente Promotore della Libera Università degli Studi Sociali Pro Deo", "cujo reconhecimento como universidade católica tem sido sistematicamente recusado pela Santa Sé". Acrescenta que o Padre Morlion - que nega, aliás, a existência da monografia - não desfruta de bom conceito em esferas responsáveis do Vaticano. De acordo com opinião de fonte categorizada, recebida pela Embaixada, "trata-se de um imaturo, adjetivo esse que, dentro do contexto como foi empregado, tem o sentido de irresponsável". Em face dessas informações, creio desnecessário sugerir a Vossa Excelência que proceda com a maior prudência na execução da medida referida no parágrafo 5º de seu ofício nº 231.

EXTERIORES

Expedido em 7 de 7 de 1971 via

ANEXO XXVII

Telegrama da Embaixada do Vaticano nº 24.425 (29/07/1971) - Prêmio Nobel da Paz. Candidatura de Dom Helder Câmara. Morlion nega ter escrito a monografia sobre Dom Helder Câmara, mas a embaixada do Vaticano afirma que “a mesma foi realmente por ele redigida, mas com cópias em número restrito e de circulação sigilosa.”

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

TELEGRAMA
RECEBIDO

DA EMBAIXADA NO VATICANO
EM/29/29/VII/71

SECRETO
640.91(77) 10
540.91
540.432

024425

SECRETARIA GERAL
PARA TOMAR CONHECIMENTO
E DEVOLVER AO ARQUIVO

ATG/AEG/DSI/
Prêmio Nobel de Paz.
Candidatura de D. Hel-
der Câmara.

39 - QUINTA FEIRA - 13:00 - EM ADITAMENTO AO MEU TELEGRAMA SECRETO 27 E COM REFERENCIA AO SEU TELEGRAMA SECRETO 45. SEGUNDO ESTOU INFORMADO DE BOA FONTE ECLESIASTICA, A DESPEITO DE O PADRE FELIX ANDRE MORLION HAVER NEGADO A EXISTENCIA DE UMA MONOGRAFIA DE SUA AUTORIA SOBRE DOM HELDER CAMARA, A MESMA FOI REALMENTE POR ELE REDIGIDA MAS COM COPIAS EM NUMERO RESTRITO E DE CIRCULACAO SIGILOSA. MEU INFORMANTE ASSEGURCU-ME POSSUIR UMA DESSAS COPIAS, ADIANTANDO-ME POREM: QUE EM DE SEU INTUITO BELA NAO DAR CONHECIMENTO A NINGUEM.

JOBIM

Requido
em 29/7/71

[Signature]

[Signature]

Indicação Mes-024/1/71

ANEXO XXVIII

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 30810 (17/08/1971)- Prêmio Nobel da Paz de 1971. Sobre apoio à Candidatura de Dom Helder Câmara.

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
OSLO

SECRETO

AIG/DC/640.91(77)
540.91
540.432

Vente me
AIG.
AM
26.8.71

S. de E. das Relações Exteriores 378
DIVISÃO DE ARQUIVO
AED-1024
25 AGO 1971
No 3910
CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL

17/VIII/1971

SECRETARIA DE ESTADO

Prêmio Nobel da Paz de 1971,
candidatura de Dom Helder
Câmara.

Notícia procedente de Bruxelas divulga que o Secretário Internacional da Juventude Católica belga decidiu apoiar a candidatura do Arcebispo Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz de 1971.

2. Por outro lado, segundo versão oriunda de Berna, o Departamento de Justiça da Confederação Helvética resolveu arquivar o processo relativo às "declarações de natureza política", feitas em Zurique pelo Arcebispo de Olinda e Recife, em 16 do mês findo.

3. Ambos fatos traduzem, embora sob diferentes aspectos, o prestígio de que goza nos círculos europeus o prelado brasileiro.

J. de Souza Gomes
(J. DE SOUZA-GOMES)
Embaixador

JSG/ms.

ANEXO XXIX

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 488 (15/10/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971. Candidatura de Dom Helder Câmara.

Remessa de recorte de Jornal. Editorial do "Dagbladet" termina com os termos: "Dêem-lhe o Prêmio da Paz! Isso poderia abrir os olhos do mundo para as aterrorizantes condições humanas e políticas que existem no Continente Sul-americano."

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

SECRETO-URGENTE

AIG/AEO/640.91(77)
540.91
540.432

S. do E. das RELACOES EXTERIORES
DIVISAO DE ARQUIVO
20 OUT 1971
4660
CORRESPONDENCIA ESPECIAL

Vinte → 488
15/X/1971

SECRETARIA DE ESTADO

Prêmio Nobel da Paz de 1971.
Candidatura de Dom Helder Câmara. Remessa de recorte de jornal.

Referência ao telegrama secreto nº101, de hoje datado. Envio, em anexo, devidamente traduzido para o idioma português, o recorte do jornal "Dagbladet", desta Capital, órgão do Partido Liberal, que publicou em sua edição de ontem, pequeno mas veemente editorial sobre a concessão do Prêmio Nobel da Paz deste ano.

2. Conforme se verifica pelo teor do referido editorial, é censurada a Comissão Nobel do Parlamento da Noruega por evitar, nos últimos anos, a concessão de tal galardão a candidatos cuja personalidade tenha sido objeto de polêmicas. A seguir, faz a apologia do Arcebispo brasileiro, Dom Helder Câmara, textualmente ressaltando que se trata de "um dos candidatos que estão participando de uma luta que merece a atenção e o apóio do mundo". Termina o editorial por um apêlo à referida Comissão, nos seguintes têrmos: "Dêem-lhe o Prêmio da Paz! Isso poderia abrir os olhos do mundo para as aterrorizantes condições humanas e políticas que existem no Continente Sul-americano. Poderia, talvez, até impedir uma guerra naquela parte do mundo. Isso não vale um prêmio da paz??"

3. Como é do conhecimento da Secretaria de Estado, 39 personalidades ou organizações foram propostas, este ano, como can-

2

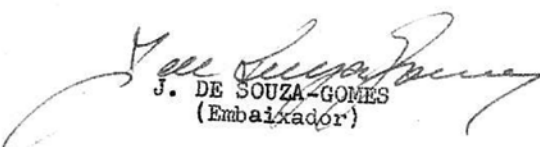
JSG/alrs

Continuação (2)

IA.

candidatos ao Prêmio da Paz, dos quais 32 tiveram as inscrições aceitas. O valor material da distinção, êste ano, é de 450 mil coroas suecas, ou, cerca de 80 mil dólares. É óbvio que se trata de assunto altamente sigiloso, os nomes dos candidatos não são divulgados e, após discretas gestões, se pôde saber que dentre êles, como mais cotados, estão os nomes de Dom Helder Câmara, do Chanceler Willy Brandt e do sociólogo italiano Danilo Dulci.

4. A Comissão Nobel do Parlamento norueguês anunciará na próxima semana, talvez a 20 do corrente, o nome do agraciado e o prêmio será conferido, solenemente, na sede da Universidade de Oslo, no dia 10 de dezembro, aniversário do falecimento de Alfred Nobel.



J. DE SOUZA-GOMES
(Embaixador)

ANEXO XXX

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 565 (02/12/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971 ao Chanceler Willy Brandt. Comentários sobre a Candidatura de Dom Helder Câmara e repercussão do prêmio concedido a Willy Brandt. Opiniões a favor e contra a concessão do Prêmio ao alemão. Contém 8 páginas.

<p>COPIA.</p> <p><i>[Handwritten signature]</i></p> <p><u>SECRETO</u></p> <p>AIG/DC/AEO/640.91(77) 540.91 540.432</p> <p><i>[Handwritten initials]</i></p> <p>Referência ao despacho-telegráfico nº90, de 30/X/71, cujas palavras generosas muito agradeço. O Chanceler da República Federal Alemã, Senhor Willy Brandt, estará em Oslo no próximo dia 10 do corrente mês, para receber, em cerimônia oficial, o Prêmio Nobel da Paz de 1971, que consta de uma medalha de ouro, um diploma e uma dádiva em dinheiro, no valor de US\$92,000.00. A insígnia Nobel lhe será entregue durante a tradicional cerimônia realizada na Universidade de Oslo, no dia da morte de Alfred Nobel, o inventor sueco da dinamite. No dia 11, como de praxe, o agraciado proferirá um discurso sobre a paz, em um banquete oficial, que lhe será oferecido pela Comissão Nobel do Parlamento norueguês. Este fato, provavelmente, dará a oportunidade ao Senhor Brandt de detalhar seu ponto de vista com relação à possibilidade concreta de obtenção da paz e segurança na Europa.</p> <p>2. Apesar dos aspectos que são favoráveis ao Chanceler alemão, na Noruega (vide ofício nº122, de 12/III/71), sua vitória, como o assinala a própria imprensa deste país, chegou como uma surpresa nos círculos políticos noruegueses que, ou acreditam ter sido precipitado o agraciamento ao Premier alemão, ou esperavam que o</p> <p>26 JSG/alrs <i>[Handwritten signature]</i></p>	<p>565</p> <p>2/XII/1971</p> <p><i>[Stamp: S. de E. das RELACOES EXTERIORES, DIVISAO DE ARQUIVOS, 10 DEZ 1971, Nº 5458, CORRESPONDENCIA ESPECIAL, SECRETARIA DE ESTADO]</i></p> <p><i>[Handwritten: AIG, DC, ABT]</i></p> <p>Concessão do Prêmio Nobel da Paz de 1971 ao Chanceler Willy Brandt. Comentários sobre a candidatura Helder Câmara.</p>
---	---

Continuação (2)

Emb.Oslo/565/71/2

COPIA.

Prêmio fosse dado a Dom Helder Câmara. Assim, para se ter uma idéia exata dos comentários feitos, serão, inicialmente, glosadas as opiniões dos principais líderes do Governo e dos partidos políticos deste país.

1- Primeiro-Ministro, Senhor Trygve Bratteli: "Brandt está desempenhando a parte principal nos esforços que têm sido feitos para se quebrar a "frieza" que tem caracterizado a situação na Europa desde a Segunda Grande Guerra e conseguiu novas esperanças, cooperação, contatos e segurança para este Continente".

2- Ministro das Relações Exteriores, Senhor Andreas Cappelen: "A decisão do Comité expressou o reconhecimento pelo fato de a política de Brandt estar preparando o terreno para um relachamento de tensões entre o Leste e o Oeste".

3- Presidente da Comissão Nobel, Senhora Aase Lionaes: "A decisão do Comité foi unânime. Não consideramos a possibilidade de que essa decisão cause ressentimentos entre aqueles que, na República Federal Alemã, se opõem à Ostpolitik de Brandt. O Prêmio lhe foi concedido pelos esforços que tem feito, tanto em prol da reconciliação entre antigos inimigos, quanto para salvaguardar a paz na Europa. Nada de novo se verifica no fato de o Prêmio ter sido dado a um político atuante já que Woodrow Wilson o recebeu enquanto Presidente dos EUA".

4- Líder do Partido Liberal, Senhor Helge Seip: "A escolha de Brandt expressa um ponto de vista claramente político. É justificável que se use o Prêmio da Paz como uma recompensa a pessoas que estão a meio caminho de uma difícil e importante tarefa".

5- Líder do Partido Cristão do Povo, Senhor Lars Korvald: "O Comité deveria ter dado o Prêmio a Dom Helder Câmara. Entretanto, espero que a decisão de outorgá-lo a Willy Brandt leve a uma real redução das tensões entre o Leste e o Oeste".

6- Líder do Partido Conservador, Senhor Kåre Willoch: "Apesar de congratular o Senhor Brandt, existem razões legítimas para se duvidar da prudência de se entregar o Prêmio da Paz a um político, antes de que os resultados da política em questão se tornem mais evidentes. Entretanto, e sem dúvida, existe forte apóio, entre os noruegueses, à política seguida por Brandt".

7- Líder Parlamentar do Partido do Centro, ex-Primeiro-Ministro Per Borten: "Os resultados dos Tratados da Alemanha Ocidental com a Rússia e a Polônia ainda não foram vistos".

Continuação (3)

Parágrafo 3: "A decisão da Comissão Nobel só recebeu apoio integral do jornal ARBEIDERBLADET, órgão do Partido Trabalhista, que atualmente detém o poder na Noruega."

Emb.Oslo/565/71/3

COPIA.

Essas restrições por parte de personalidades políticas norueguesas se mostraram ainda mais contundentes nos órgãos de imprensa deste país que, além de indagarem se o Prêmio da Paz não será útil somente durante a atual gestão de Willy Brandt, expressaram o receio de que tal fato venha a interferir diretamente na política interna da Alemanha Ocidental. A decisão da Comissão Nobel só recebeu apoio integral do jornal "Arbeiderbladet", órgão do Partido Trabalhista, que atualmente detém o poder na Noruega. Serão, assim, destacadas as opiniões dos quatro mais importantes periódicos deste país, ou sejam, Aftenposten, Arbeiderbladet, Dagbladet e Morgenbladet.

1- Aftenposten (Conservador Independente): "Willy Brandt é um arquiteto da paz na Europa e não apenas um líder da política alemã ocidental mas, também, um proeminente político ligado aos interesses europeus e mundiais. Entretanto, não estamos certos se essa honraria não será somente um apoio durante o tempo que lhe resta para a concretização do trabalho de tentativa de aproximação do povo alemão com seus tradicionais inimigos. Teria o Comité Nobel escolhido o momento exato para agraciar Willy Brandt com o Prêmio da Paz? Apesar dessas reservas, é nossa esperança de que o Prêmio da Paz seja visto não só como um reconhecimento pela contribuição feita por um democrata alemão para reduzir as tensões e aumentar o entendimento na Europa, mas que, também, contribua para melhor equipar Brandt face às dificuldades que ainda lhe restam antes que possa completar seu trabalho pioneiro. As próximas discussões entre o Governo de coalisão de Willy Brandt e a oposição Cristã-Democrática, com relação à Ostpolitik do Chanceler, irão indicar de que maneira seus compatriotas encaram a honra: como interferência na política interna de seu país ou como uma saudação bem merecida a um de seus líderes políticos".

2- Arbeiderbladet (Trabalhista): "Willy Brandt está encontrando uma formidável oposição conservadora em seu país, mas os círculos radicais da Alemanha Ocidental, e fora dela, veriam com bons olhos a decisão do Comité". O jornal exalta a Comissão por ter tomado uma corajosa posição e rejeitado as críticas que lhe foram feitas por ter concedido o Prêmio a um líder político militante. "São exatamente aquelas pessoas em posições políticas centrais que têm as melhores oportunidades de contribuir para os trabalhos de paz, de maneira construtiva. Willy Brandt é um

Continuação (4)

Emb.Oslo/565/71/4

COPIA.

exemplo marcante. O que ele precisa, agora, é do Prêmio como um encorajamento".

3- Dagbladet (Liberal): "O Comité Nobel tem sido, de tempos em tempos, criticado por sua excessiva precaução na seleção dos recebedores do Prêmio da Paz. Willy Brandt recebeu o Prêmio por ter posto em ação uma nova política-leste. Essa política tem como objetivo remover as tensões da zona de perigo na Europa Central, através da resolução do problema de Berlim, do entendimento com a República Democrática Alemã, do reconhecimento da fronteira oeste com a Polônia e de um melhor entendimento entre Bonn e Moscou. Isso, sem dúvida, é uma política de paz. O que faz Brandt merecedor do Prêmio da Paz será, sem dúvida, uma questão controvertida. Além de tudo, ele é um político controvertido. Ninguém pode saber, no estágio atual, se sua política trará uma mudança real nas relações Leste-Oeste. Mas a política por ele seguida visa a paz. Espera-se que o Prêmio com que ele foi, agora, agraciado, lhe dê uma força crescente para chegar ao sucesso".

4- Morgenbladet (Conservador Independente): "O Prêmio será visto pelos alemães como uma expressão de apoio político ao Chanceler em sua luta política interna. Além disso, resta saber se sua política levará à paz. Foi o "Muro de Berlim" removido? Isso teria sido uma contribuição para a paz. Podem os cidadãos da República Democrática Alemã e da Tchecoslováquia entrar e sair de seus países como desejariam? É possível que a Política-Leste de Brandt traga a paz na Europa a longo termo mas, no momento, não temos possibilidades de sabê-lo. Se se quizesse honrar a redução das tensões que têm sido feitas, teria sido mais correto dar o Prêmio à NATO. Porque somente o fato de que Moscou não pode avançar mais é que abriu as possibilidades de aceitação mútua do status quo".

4. Através da leitura e análise dos diversos artigos e editoriais aparecidos na imprensa deste país, duas linhas básicas de opinião se destacam com constância: a) a constatação da real e efetiva candidatura de Dom Helder Câmara, tido como favorito ao Prêmio para a maior parte da imprensa; b) crítica restritiva dos jornalistas com relação à concessão do Prêmio ao Chanceler Willy Brandt, por acreditarem que tal fato poderá afetar diretamente a política interna da Alemanha Ocidental e por não terem, ainda, produzido efeitos, nem sequer sido ratificados, pelo Parlamento daquele país, os

Emb.Oslo/565/71/5

COPIA

tratados que a República Federal Alemã fez com a URSS - para a renúncia ao uso de força - e com a Polônia - para o reconhecimento da linha fronteira Oder-Neisse.

5. Os numerosos recortes de jornais que seguem em anexo, e devidamente traduzidos para o português, poderiam ser divididos em quatro categorias principais: a) os puramente noticiosos; b) os favoráveis ao Chanceler Alemão; c) os favoráveis ao Arcebispo brasileiro, e d) os que provocaram uma polêmica bastante forte, na qual se viram incluídos Dom Helder Câmara, a Comissão Nobel e personalidades industriais norueguesas com interesses econômicos no Brasil.

6. É interessante notar que - e com excessão do editorial do jornal "Arbeiderbladet" - todos os artigos que se mostraram favoráveis à concessão do Prêmio à Willy Brandt, pelo reconhecimento de seu trabalho, não deixaram, entretanto, de se colocarem numa posição de "reserva". Um dos exemplos é o editorial do dia 21/XI, do jornal "Aftenposten", que inseriu "um ponto de interrogação na decisão de se dar essa honraria tão cobiçada para um político ativo que continua sendo um ponto central em política nacional e internacional". Outro exemplo é o do jornal "Dagbladet", do mesmo dia, que se pergunta se apenas o trabalho de Willy Brandt para a aproximação Leste-Oeste é qualificação suficiente para fazê-lo ganhador do Prêmio da Paz.

7. Dentro, ainda, da série de artigos classificados como "favoráveis a Willy Brandt", seria interessante realçar o do periódico "Vårt Land", do mesmo dia 21, que publicou entrevista concedida pelo Bispo de Oslo, Fritjov Birkeli. Apesar de considerar Willy Brandt "um digno vencedor", o Bispo Birkeli, quando teve de expressar sua opinião sobre Dom Helder Câmara, disse: "É bem claro que há várias pessoas e organizações, no mundo, que eu gostaria que ganhassem o Prêmio. Houve muita polêmica sobre o passado do Bispo Câmara e é possível que isso tivesse tido influência na decisão, ainda que eu considere normal que uma pessoa mude de opinião". E isso parece ser uma velada atitude de apoio ao Arcebispo de Olinda e Recife.

Continuação (6)

Parágrafo 8: Título do artigo do Jornal VART LAND - "Brandt bom - Câmara melhor."

Emb.Us10/505/71/6

COPIA.

8. Alguns dos mesmos órgãos de imprensa que aplaudiram a decisão da Comissão Nobel do Parlamento norueguês, manifestaram-se, em outros artigos, incontinentemente pró-Câmara. O descontentamento e a insatisfação de alguns jornalistas são demonstráveis através de dois artigos e um editorial, publicados nos jornais "V&art Land" (21/X "Morgenbladet" e "Dagbladet" (22/X). O primeiro deles inicia seu ataque pelo próprio título: Brandt bom - Câmara melhor. O "V&art Land" reconhece o valor do trabalho de Willy Brandt - embora acentue que seus resultados ainda não foram concretizados - critica a Comissão Nobel ao sublinhar que não são só europeus ocidentais ou americanos que trabalham para a paz e termina o seu editorial exaltando a personalidade de Dom Helder Câmara e criticando o Governo Brasileiro. Assim, lê-se:

"Willy Brandt é um valoroso vencedor. Mas preferíamos que o Prêmio da Paz fosse dado a Dom Helder Câmara. Isso seria um forte aplauso a milhões de pessoas miseráveis, sujeitas à violência "institucional": fome, tortura, pobreza, doença e morte. Seria, também, um aplauso às forças do III^a Mundo, que continuamente abandonam a ideologia da revolução com violência, ao mesmo tempo que atacam os regimes que mantêm uma sociedade injusta".

9. Os dois artigos mais incisivos da série pró-Câmara são, indiscutivelmente, os dos jornais "Morgenbladet" e "Dagbladet", ambos de 22/X. "Morgenbladet", cujo artigo intitula-se Quem é Câmara, não se refere, sequer uma vez, ao Prêmio Nobel da Paz de 1971. O jornalista, que se assina F.B., limita-se a transcrever a vida e obra do Arcebispo brasileiro, numa evidente atitude de desprezo com relação à figura do vencedor daquela honraria. Mas o mais interessante e, talvez, o mais violento artigo - para o qual se chama especial atenção - é o intitulado Prêmio da Paz para o Centro, do jornalista Arve Solstad, do jornal "Dagbladet" (22/X). Sem citar o nome de Dom Helder Câmara, durante todo o artigo, o autor critica severa e violentamente a formação, o trabalho e a decisão da Comissão Nobel do Parlamento norueguês. E, no ponto máximo de sua exposição, o articulista comenta:

Emb.Oslo/565/71/7

COPIA.

"A divulgação é outra prova de que o Comité Nobel acha difícil dar o Prêmio a pessoas ou instituições fora do círculo cultural ocidental, e só raramente, a pessoas não pertencentes à raça branca. A lista de vencedores é um estudo do nacionalismo norueguês. Não é mais a Europa Ocidental que tem o papel principal na arena internacional. A sociedade de direitos internacionais não é mais a mesma de 1895. Os problemas de paz são, mais do que nunca antes na história dos homens, universais. O Comité Nobel, pelo menos, deveria ser um Comité internacionalmente composto".

10. Convém, agora, esclarecer o item d do par. 5ª desta comunicação, ou seja, analisar aqueles artigos que provocaram uma polêmica bastante forte em torno da recente concessão do Prêmio da Paz. O jornal "Morgenbladet", no dia seguinte à divulgação do nome do vencedor ao Prêmio (dia 21/X), publicou um artigo do qual constavam declarações feitas pelas mais diversas personalidades da vida política, cultural e religiosa desta Capital. Entre as pessoas entrevistadas, encontrava-se o Padre Hallvard Rieber-Mohn, pertencente à ordem dos Dominicanos. Nessa ocasião, o referido Padre declarou acreditar "que os interesses econômicos noruegueses tiveram uma certa influência na decisão, já que o Cardeal Câmara, que era favorito ao Prêmio, nem desta vez o ganhou". Assim, - e pela primeira vez desde que se iniciou a campanha de "neutralização" da candidatura Helder Câmara - foi levantado o "ponto sensível" através do qual todo esse esforço se baseou, ou seja, o eventual risco de expropriação, nacionalização ou estatização que correriam os capitais estrangeiros no Brasil no caso da vitória do Arcebispo brasileiro (conforme o que já fora acentuado por esta Embaixada, desde o mês de março do corrente ano, como se pode verificar através da leitura do par. 10º do ofício nº122/71). Aconteceu, entretanto, que um redator do referido jornal "Morgenbladet", que se assina C.C., estando em posição contrária à assumida pelo religioso dominicano, publicou sob a manchete O Padre, um artigo em resposta, através do qual pergunta se o Padre Rieber-Mohn acreditava "que os irmãos Lorentzen ou Munck, por exemplo, teriam tantos interesses no Brasil, a ponto de possuírem um poder tão grande? Quais seriam os seus interesses em colocarem-se em tal questão?" A polêmica teve o seu fim com mais um artigo do reli-

Continuação (8)

Afirma Jayme de Souza Gomes: (...) "é de acreditar-se que, dada a tenacidade do Arcebispo brasileiro e a obstinação de seus numerosos adeptos, a sua candidatura se repita, pelo menos, nos próximos anos."

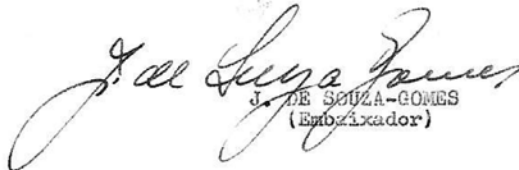
Emb.Oslo/565/71/8

COPIA.

gioso norueguês, publicado no jornal "Arbeiderbladet", de 30/X, intitulado O Prêmio Nobel da Luta, no qual esclareceu, com mais precisão as declarações anteriormente feitas e, de uma certa forma, "colocou em xeque" a atitude assumida pelo jornalista C.C., afirmando-lhe: "Parece que seu "background" o tentou a fazer aquilo que, na sua profissão, se chama "manobra dispersiva". Essa manobra, porém, não deveria ser por demais transparente porque, assim, se tornaria uma má estratégia". A esse artigo, obviamente, o redator C.C. não respondeu.

11. Facilmente poderá observar-se que toda essa série de artigos - favoráveis, contra, polêmicos ou não - tiveram uma duração de não mais de dez dias. Isso, sem dúvida, se deve à personalidade marcante, embora controversa, do Prêmio Nobel da Paz de 1971, o Chanceler Willy Brandt, que conseguiu eclipsar o nome do Arcebispo de Olinda e Recife, fato esse não ocorrido no ano anterior, devido à figura apagada e sem repercussão do cientista Norman Ernest Borlaug cujo nome foi, à última hora, "tirado do bolso do colete", pela Comissão Nobel, para evitar que o Prêmio da Paz fosse dado a Dom Helder Câmara.

12. Finalmente, e se alguma previsão pode ser feita, é de esperar-se nova e insistente candidatura de Dom Helder ao Prêmio da Paz de 1972, se se tomar como exemplo o caso do poeta chileno Pablo Neruda, candidato constante ao Prêmio Nobel de Literatura, durante dez anos! A julgar por esse fato, é de acreditar-se que, dada a tenacidade do Arcebispo brasileiro e a obstinação de seus numerosos adeptos, a sua candidatura se repita, pelo menos, nos próximos anos.


J. DE SOUZA-GOMES
(Embaixador)

ANEXO XXXI

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 565, 02/12/1971 – (Anexo - Recortes de jornais da época (tradução). Contém 26 páginas

Jornal VART LAND (Oslo, 21/10/1971)

EMB. EM OSLO: 565/10 7/ ANEXO Nº 2

COPIA.

VART LAND
Oslo, em 21 de outubro de 1971.

BRANDT: EMOÇÃO E GRANDE AGRADECIMENTO

- O Prêmio Nobel da Paz é um enorme encorajamento na sua "política-este"

- O Prêmio da Paz é um prêmio importante e de muita responsabilidade. Farei o que puder, através do meu trabalho, para me mostrar digno dessa honraria, disse o Chanceler Willy Brandt.

- Recebi a notícia de que havia sido agraciado com o Prêmio Nobel da Paz de 1971, com grande agradecimento. Receberei o Prêmio, consciente da minha co-existência com todos aqueles que, em qualquer parte do mundo, usam suas forças para livrar o mundo de guerras e para organizar uma Europa pacífica.

- O Senhor irá a Oslo para receber o prêmio?

- Certamente.

- Vem junto com a sua família?

- Ainda não sei, mas a minha esposa provavelmente irá.

- O Senhor acha que o prêmio terá influência na sua política com relação aos países na Europa Oriental?

- Em todo caso, considero o Prêmio como um forte encorajamento nessa política.

- Recebeu muitas congratulações?

- Recebi sim.

- Da Noruega, também?

- Sim, recebi telegramas de pessoas famosas, bem como de pessoas menos conhecidas.

O Sr. Brandt ainda não decidiu em que irá utilizar o dinheiro.

|||||

Continuação (2)

Jornal AFTENPOSTEN (Oslo 21/10/1971)

<p>COPIA.</p> <p><u>PRÊMIO NOBEL DA PAZ PARA WILLY BRANDT</u></p> <p>- Exprime profunda alegria e agradecimento. Reações positivas do mundo inteiro.</p> <p style="padding-left: 40px;">- Farei tudo o que está a meu poder para merecer o prêmio, disse o Chanceler da República Federativa Alemã, Willy Brandt, ontem depois de receber a notícia de que o Parlamento norueguês o havia escolhido como vencedor do Prêmio Nobel da Paz deste ano. Os cinco membros do Comitê tiveram uma reunião que durou mais tempo do que o usual, antes da publicação da notícia, mas a Presidente, que é também Presidente do LAGTING (Câmara Baixa), Senhora Aase Lionaes, afirmou, posteriormente, que na reunião final nenhuma outra pessoa, além do Senhor Willy Brandt, foi discutida. O Comitê recebeu, até o final do prazo, em 1ª de fevereiro do corrente, propostas de 40 candidatos para o Prêmio da Paz, mas - depois de muito trabalho feito pelos cinco membros e por três consultores, restou somente o nome de Willy Brandt.</p> <p>UMA DAS JUSTIFICATIVAS FOI O SEU TRABALHO DE "EURCPA".</p> <p>Na justificativa do Comitê Nobel para dar o prêmio deste ano ao Chanceler Willy Brandt, foi sublinhado o seu trabalho para - fortificar a colaboração econômica e política na Europa Ocidental e seus esforços para criar o relachamento das tensões entre as Europas Ocidental e Oriental.</p> <p>O Comitê Nobel enviou, ontem, às 14,00 horas, um telegrama ao Senhor Willy Brandt, dizendo que ele havia sido escolhido como vencedor do Prêmio da Paz deste ano, e o Presidente do Parlamento alemão (FORBUNDSRAT), Senhor Kai-Uwe von Hassel, leu o comunicado oficial - numa reunião do Parlamento em Bonn, ontem à tarde, da qual participou o Chanceler Willy Brandt.</p> <p>O prêmio deste ano, cujo valor é de 450.000 corôas suecas, será entregue na "Aula", da Universidade de Oslo, a 10 de dezembro, no dia da morte de Alfred Nobel.</p>	<p>AFTENPOSTEN EMB. EM OSLO 565/1971 Anexo nº 4</p> <p>Oslo, em 21 de outubro de 1971.</p>
---	---

II

COPIA.

No dia seguinte, o Senhor Brandt fará o tradicional -
"Discurso Nobel".

Como a reunião do Comité Nobel de ontem durou muito tempo, os jornalistas que lá estavam esperando começaram a pensar que o Comité não conseguiria encontrar um vencedor para o Prêmio deste ano, mas a Senhora Aase Lionaes disse para o "AFTENPOSTEN", que a escolha não foi muito difícil. Os membros do Comité, - a Presidente da Câmara Baixa, Aase Lionaes, o Presidente da Corte de Previdência Social, Helge Rognlie o Presidente do Parlamento, Bernt Ingvaldsen, o Juiz Presidente, Helge - Refsun e o Professor John Sannas - estavam todos de acôrdo com o vencedor, Willy Brandt, na reunião de ontem. O Senhor Willy Brandt recebeu, ontem congratulações de quase todas as partes do mundo e todas as reações foram positivas. Até o momento, nenhum comentário oficial foi efetivado por Moscou. Ao mesmo tempo, o prêmio deste ano está sendo visto, na Alemanha Ocidental, como um prêmio político, principalmente pelos partidos oposicionistas CDU/CSU que, neste exato momento, estão em forte campanha contra Brandt e seu Governo. A notícia procedente de Oslo foi um choque que nesses círculos e agora, em Bonn, acredita-se que as eleições para o Parlamento, em 1973, poderão se decidir em favor de Brandt e dos sociais-democratas.

Willy Brandt foi proposto como candidato ao Prêmio Nobel da Paz deste ano pelas cinco seguintes personalidades:

Senhores Giorgio La Pira, Professor de Direito da Universidade de Florença, Charles de Chambrun, Deputado da Assembléia Nacional Francesa, Jens Otto Krag, em nome do grupo social democrata do Parlamento dinamarquês (FOLKETING), Amadou Cisse Dia, Presidente da Assembléia Nacional do Senegal e Wolfgang Yourgran, Professor de História da Universidade de Denver.

|||||

Continuação (4)

Jornal VART LAND (Oslo 21/10/1971)

COPIA.	<p>EMB. EM OSLO 1-1657187 // Anexo nº 6</p> <p><u>VART LAND</u> Oslo, em 21 de outubro de 1971.</p> <p><u>BIRKELI:</u> (O Bispo de Oslo)</p> <p><u>BRANDT - UM DÍGNO VENCEDOR</u> (de Øivind Kvaal)</p> <p>- Achô que Willy Brandt é um homem corajoso. Fez um imenso trabalho para ligar a Europa Oriental com a Ocidental. Isso o torna digno de respeito. Espero que isso seja uma parte de um maior desenvolvimento - que precisamos ter aqui na Europa. Os esforços de Willy Brandt foram concretos e merecem honrarias, não menos, porque êle foi corajoso no meio de tôda resistênciã que teve, disse o Bispo Fritjov Birkeli a êste jornal.</p> <p>- O Senhor não acha que o Bispo Câmara deveria ter ganhado o prêmio?</p> <p>- É bem claro que há várias pessoas e organizações, no mundo, que eu gostaria que ganhassem o prêmio. Houve muita polêmica sobre o passado do Bispo Câmara, e é possível que isso tivesse tido influência na decisão, ainda que seja normal que uma pessoa mude de opinião. Mas não estou desapontado. O Senhor Brandt é um digno vencedor, declarou o Bispo Birkeli.</p> <p>*****</p>
--------	---

COPIA.

AMB. EM OSLO (545) 1971/Anexo nº 8

AFTENPOSTEN

Oslo, em 21 de outubro de 1971.

O PRÊMIO DA PAZ

Foi uma surpresa a escolha feita pelo Comité Nobel do nome do Chanceler Willy Brandt como vencedor do Prêmio da Paz. Já se sabia que o nome do Chefe do Governo da Alemanha Ocidental constava da lista de candidatos inscritos, mas a maioria acreditava, anteriormente, que outras personalidades internacionais que, também, trabalharam incansavelmente para a paz, estavam com maior destaque do que o líder político da República Federal Alemã. Mas o Comité Nobel preferiu o Senhor Willy Brandt e há uma série de aspectos a favor dessa escolha. Apesar disso, gostaríamos de colocar um ponto de interrogação na decisão de se dar essa honraria tão cobiçada para um político ativo que continua sendo um ponto central em política nacional e internacional.

Esta é uma atitude de reserva que, de maneira alguma, significa que duvidamos dos esforços de Willy Brandt em favor da paz. - Ele tem demonstrado, de há muito tempo, ser um verdadeiro político. Ele não é, apenas, um líder de partido alemão como, também, um importante político em plano europeu e global e durante toda a sua carreira foi um servidor da paz. Mas duvidamos se foi bem pensado dar o Prêmio Nobel a um homem que está no meio da luta para realizar a sua visão de paz no continente europeu.

Willy Brandt merece, através da decisão do Comité Nobel, sentir que ele é admirado pela coragem e pela ausência de preconceitos que tem demonstrado, mas não estamos seguros se a honraria irá somente ajudá-lo na fase que resta antes que ele possa terminar seu trabalho de aproximação entre o povo alemão e seus anteriores inimigos. Por isso, - deve-se perguntar se o Comité Nobel escolheu o momento exato para dar o Prêmio da Paz a Willy Brandt.

Essas incertezas não se referem ao papel histórico que Brandt desempenhou nos anos europeus de após-guerra, desde que ele apareceu em cena como intrépido Prefeito de Berlim Ocidental, em várias si

Continuação (6)

II

COPIA
 tuções de crise, até a sua posição atual como Chefe do Governo em Bonn. Seu papel foi e é importante.

Brandt introduziu novos caminhos na política alemã e europeia. Principalmente, ele é o símbolo da atitude apaziguadora que a República Federal Alemã adota com relação aos países da Europa Oriental. Foi graças a Brandt que Bonn obteve fases para negociações com o regime comunista de Berlim Oriental, que parecia impossível há alguns anos atrás. E foi, também, por iniciativa de Brandt que seu Governo assinou tratados de não violência com a União Soviética e com a Polônia. Isso mostra o "não" de Brandt ao uso do poder e de ameaças como meios políticos.

Mas Willy Brandt, foi, também, um político europeu de previsão. Ele tentou provocar circunstâncias de resultassem numa integração política, e, por várias vezes, foi a força motora dos esforços para acelerar esse desenvolvimento. É firme a convicção de Brandt de que a Inglaterra faz parte de uma colaboração próxima com as nações do continente europeu, e não é menos graças a ele que iniciaram-se as negociações de filiação não somente inglesa, como também norueguesa, dinamarquesa e irlandesa ao Mercado Comum Europeu. Por isso, Willy Brandt é um dos arquitetos da nova Europa.

Apesar de certas reservas com relação ao momento de honrar Willy Brandt dessa maneira, é nossa esperança de que o Prêmio da Paz não seja apenas registrado como recompensa a um democrata alemão pelo que já fez para o relaxamento de tensões e melhor entendimento europeu, mas que também faça com que Willy Brandt possa, mais facilmente, superar as dificuldades que restam antes que termine seu trabalho de união dos povos. Aí, então, o Prêmio Nobel da Paz também seria um instrumento da paz. A próxima reunião entre o Governo de Coligação de Willy Brandt e a oposição cristã-democrata, sobre a "política de leste" do Chanceler, mostrará em que grau seus compatriotas consideram a honraria como interferência na política interna alemã, ou como uma honra merecida a um dos seus líderes políticos.

|||||

COPIA.

EMB. EM OSLO / 565 / 1971 / Anexo nº 10

ARBEIDERBLADET

Oslo, em 21 de outubro de 1971.

O PRÊMIO DA PAZ A WILLY BRANDT

Willy Brandt, é o primeiro alemão que recebe o Prêmio da Paz, depois do que foi dado a Ossietzky, em 1936. O contraste entre os dois é o maior possível. Ossietzky estava num dos campos de concentração de Hitler, quando ganhou o prêmio Nobel, um prisioneiro doente, sem os direitos mais elementares. Willy Brandt está no palácio do Chanceler alemão, em Bonn, tem autoridade para decidir as linhas na política alemã ocidental, e é o político mais dominante na Europa atual.

Willy Brandt e Carl von Ossietzky tinham em comum sua inimizade pelo nazismo alemão. Como jovem refugiado na Noruega, Brandt seguiu os debates do caso Ossietzky. Os radicais apoiaram a decisão do Comité Nobel, ao contrário dos conservadores.

Existe, então, um certo paralelo entre os dois agraciados com o Prêmio Nobel. O Prêmio Nobel recebido por Willy Brandt será, também, discutido. Ele tem uma formidável resistência conservadora em seu próprio país - e, parcialmente, também, em outros. Mas em círculos radicais, na e fora da Alemanha Ocidental, e entre muitos outros, a escolha do vencedor do Prêmio Nobel deste ano encontrará profunda alegria.

O Comité Nobel havia se distanciado dos candidatos sobre os quais havia polémica. Foi criticado por isso. Esta vez o Comité - Nobel recebe o nosso total aplauso pela decisão corajosa.

Entendemos que, durante longo tempo, foi princípio do Comité Nobel não eleger pessoas que estivessem no meio do seu trabalho. Se é verdade, este é um princípio duvidoso. São exatamente os políticos que ocupam posições importantes que têm as maiores possibilidades de fazer um construtivo trabalho de paz. Willy Brandt é um excelente exemplo. É agora que ele necessita o prêmio, como apoio e encorajamento.

Willy Brandt começou a abrandar a política exterior algã quando se tornou Ministro do Exterior no Governo de Coligação de - Kiesinger, em 1966. Quando assumiu a chefia do Governo, em setembro de 1969, declarou que iria se tornar o Chanceler das reformas internas. = Mas não demorou muito tempo para que ele marcasse fortemente a política européia.

Continuação (8)

COPIA.

II

Alguns meses após ter assumido o poder, como Chanceler, já fez com que a reunião de cúpula do MCE, na Haia, começasse a movimentar, novamente, a política de mercado na Europa Ocidental. Antes - mesmo que as tintas dos artigos de congratulações sobre seus esforços na Haia secassem, chegou a notícia de que Bonn e Moscou haviam introduzido negociações sobre um acordo político. Em agosto de 1970, Brandt dirigiu-se à União Soviética e assinou um tratado de não violência entre os dois países. Quatro meses depois, foi para Varsóvia e assinou um acordo de normalização com a Polônia. A nova política de relações com a República Democrática Alemã - que significa que os dois países alemães aceitaram-se mutuamente - é, também, um aspecto essencial da "política-este" de Willy Brandt. O Acordo de Berlim - é um resultado dos esforços que fez para relachar as tensões na Europa. Os berlinenses ocidentais devem-lhe especiais agradecimentos. Como antigo Prefeito e como atual Chanceler, ele guardou a liberdade de Berlim ocidental.

O Comité Nobel vê seus esforços como uma contribuição importante para o aumento das possibilidades de um desenvolvimento pacífico, não somente na Europa, como, também, em todo mundo.

Os esforços de Willy Brandt devem ser encarados dentro dessa perspectiva. Para ele, existe muita relação entre o trabalho para estender e fortalecer a colaboração na Europa Ocidental e sua política de distensão com relação a leste. Certo do seu objetivo, ciente da realidade e paciente, trabalhou para realizar seus ideais de liberdade e de paz.

A política de Willy Brandt resultou numa espécie de "degelo" na política europeia. Encaramos a escolha do Comité Nobel como uma expressão solidária de apoio à linha por ele seguida e das esperanças que estão ligadas à sua continuidade.

|||||

COPIA.

DAGBLADET

EMB. EM OSLO 1565/1971/ANEXO nº 2

Oslo, em 21 de outubro de 1971.

O PRÊMIO DA PAZ A BRANDT

Provavelmente muitas pessoas ficaram surpresas com a notícia de que Willy Brandt recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Muitos sabiam que ele havia sido proposto, mas poucos pensavam que o Chanceler social-democrata da Alemanha ganharia o prêmio.

Foi um Secretário de Estado do partido "Livre-democrata" no Ministério alemão de Ciência e Pesquisa, que propôs seu nome. Em sua carta ao Comitê Nobel norueguês, a Sra. Hamm-Brücher escreveu que ela representava inúmeras mulheres alemãs quando inscreveu o nome de Brandt para o Prêmio Nobel. Mais tarde, o grupo social-democrata do Parlamento dinamarquês apoiou a nomeação.

O Comitê Nobel norueguês já recebeu muitas críticas por sua escolha de vencedores do prêmio. Houve uma forte tendência de haver cuidado exagerado; foram escolhidos vencedores sobre os quais não haveria discussão, e isso resultou, frequentemente, em decisões pouco interessantes.

Então escolheram Willy Brandt, a primeira reação foi de grande surpresa. Mas daí se pensa: -Porque não ele? O Comitê Nobel diz, na sua justificação, que ele recebeu o prêmio pelos seus esforços para resolver o problema da Alemanha.

Em outras palavras Willy Brandt recebe o prêmio pela sua realização de uma nova "política-este". Essa política tinha a finalidade de diminuir a tensão do "campo" perigoso na Europa Central. Sua "política-este" iria resolver o problema de Berlim; chegar a obter acordos com a República Democrática alemã; reconhecer as fronteiras oeste da Polônia e criar melhor entendimento entre Bonn e Moscou.

O que Willy Brandt queria obter com sua "política-este" era realizar um "ajuste" final depois da IIª Guerra Mundial, com a finalidade de estabilizar a situação no continente europeu.

É óbvio que isso é política de paz. Haverá, porém, -

COPIA.

II

desacordo em se saber se apenas isso chega a ser qualificação suficiente para um prêmio da Paz - ele é, como se sabe, um político muito discutido. E ninguém pode saber, ainda, se sua política resultará numa mudança real nas relações entre este - oeste. Mas a política que introduziu tem paz como finalidade.

Esperamos que ele, através do prêmio, que agora recebeu, tenha mais força para realizar a sua política.



Continuação (11)

Jornal VART LAND (Oslo 21/10/1971)

COPIA.

RMB. EM OSLO / 565 / 1971 / Anexo nº 14

VART LAND

Oslo, em 21 de outubro de 1971.

BRANDT BOM - CÂMARA MELHOR

Desde o dia em que Willy Brandt assumiu o poder como Chanceler da Alemanha Ocidental, o Governo de Bonn seguiu uma política exterior que, de uma maneira notável resultou em que as possibilidades de uma distensão européia se tornassem maiores e melhores do que já mais, depois que a guerra-fria começou, entre Este e Oeste. Pontos de vista antigos e imutáveis foram abandonados em favor de uma linha dinâmica de "degêlo". Na prática, a política seguida por Willy Brandt e - Walter Scheel, com relação aos vizinhos orientais da República Federal, significa que a Alemanha, atualmente, chegou ao ponto de "acertar as - contas" de 1945.

Supomos que tenha sido exatamente isso que fez com que o Comité Nobel desse o Prêmio da Paz a Willy Brandt. Ele fez a paz - com os inimigos da Alemanha de Hitler, e fez com que seus compatriotas aceitassem que a Alemanha, atualmente, assuma a consequência final da derrota de 1945.

Isso é um trabalho político de grandes dimensões que - somente se pode entender inteiramente, se se conhece os obstáculos internos alemães, que tinham que ser superados, e todas as ilusões que se teve que abandonar. Dessa maneira, os esforços foram ainda maiores, pois Brandt só contava com uma fraca maioria no Parlamento, e com uma forte oposição - que contém forças inteiramente diferentes e perigosas.

Em toda a sua vida, Willy Brandt mostrou forte desejo de construir uma política aberta e democrática, e, assim, ele é um digno vencedor do prêmio, tanto pessoal como politicamente.

Acontece, muito raramente, que o Prêmio da Paz seja dado a um Chefe de Governo, em pleno exercício, e pode-se contar que o Comité Nobel do Parlamento receba críticas por isso - e porque ainda não vimos o resultado da "política-este". A primeira objeção pode-se discutir em bases de princípios, e a segunda não têm tanta importância. Mesmo se a política exterior de Brandt não chegar a ser realizada - ou por -

Continuação (13)

Jornal MORGENBLADET (Oslo 22/10/1971)

COPIA.

EMB. EM OSLO 1565/1971/ANEXO nº 16

MORGENBLADET

Oslo, em 22 de outubro de 1971.

QUEM É CÂMARA?

- O Arcebispo Câmara, do Recife, no Brasil, foi mencionado, por várias pessoas, como um candidato digno ao Prêmio da Paz. Segue, abaixo, uma rápida apresentação desse Príncipe da Igreja que se tornou um ponto de contradição, no Brasil.

Dom Helder Câmara é Arcebispo brasileiro, no Estado mais pobre do país, Pernambuco, no nordeste, perto do Amazonas. Ele se tornou conhecido como o melhor porta-voz do compromisso social da Igreja Católica brasileira.

Para terminar com a miséria social na sua diocese, Câmara iniciou uma série de empreendimentos, como cooperativas para camponeses e pescadores, casas para pequenos ofícios, etc. Mas uma grande parte da direção da Igreja, tendo Câmara como o homem principal encontra-se em, cada vez maior, conflito com o Governo do país, porque dirige sua crítica contra o sistema político.

Quando Câmara, durante uma viagem na Europa, no outono de 1970, acusou seu Governo de "violência institucional", e de deixar que exista torturas, foi caracterizado, pelo Governador de São Paulo, como sendo "parte do aparelho de propaganda do comunismo internacional".

O grupo clerical brasileiro é dividido em três alas. Há uma parte conservadora, que é capaz de fazer mudanças, em colaboração com o Governo. Há uma parte mais ativa, que exige reformas. Essa é a maioria, tendo Câmara entre eles. Depois, há uma minoria, que reconhece revolução violenta. Essa, naturalmente, está em conflito com o Estado, e vários padres foram prêsoes, de vez em quando.

A atitude confusa, quanto à violência, dessa Igreja, resultou em relação tensa entre o Estado e a Igreja.

Câmara não aceita a violência. Ele diz: "Imagino uma extensa ação no nordeste do Brasil, de caráter não-violenta, segundo o exemplo dado por Luther King, nos EUA, com relação à integração das raças. Violência da nossa parte, resultaria em uma guerra continental. Eu, não posso chefiar um movimento com tais conseqüências."

COPIA.	<p style="text-align: center;">II</p> <p>Câmara respeita o Padre colombiano Camilo Torres, que se juntou à guerrilha, e foi morto. Mas êle não recomenda tais ações. Igso, nem o Papa recomenda, o qual, em dezembro de 1969, declarou que - "a chamada teologia de revolução não é muito concreto quanto à economia e à política. Mas êle declara que as reformas no direito de propriedade são contribuições importantes à "balança social". Êle tem uma atitude crítica com relação aos EUA, e fala, freqüentemente, de "imperialismo econômico". Condenando êsse imperialismo, êle representa, também, todo o mundo subdesenvolvido, diz êle! "Condeno a violência - institucional, que leva milhões das crianças de Deus para circunstâncias inumanas".</p> <p>Por parte de políticos brasileiros liberais, reformistas, o Arcebispo Câmara é considerado homem bondoso, sem senso da realidade. Vamos seguir nosso programa de desenvolvimento, segundo o qual, investimentos, reformas agrárias, e uma nova estrutura industrial desenvolverá a área nordestina, sem interferência de "confusões bispais", dizem êles.</p> <p style="text-align: right;">F.B.</p> <p style="text-align: center;">*****</p>
--------	--

Continuação (15)

Jornal DAGBLADET (Oslo 22/10/1971)

COPIA.

GMB. EM OSLO 1365/1971/ANEXO nº 8

DAGBLADET

Oslo, em 22 de outubro de 1971.

PRÊMIO DA PAZ PARA O CENTRO

(Arve Solstad)

O Prêmio Nobel é para ser dado "à pessoa que mais, ou melhor trabalhou para confraternização entre as nações, e para a extinção ou a redução de forças armadas existentes, para a extensão de congressos da paz".

Os critérios são vagos. Há, frequentemente, polêmica sobre as concessões do prêmio. Concordância também não é a finalidade. Candidatos que não provocam descontentamento não são, também, importantes no trabalho para a paz.

A resistência esta vez, vem da esquerda, bem como da direita, na política norueguesa. Esse fato é que faz a outorga do prêmio deste ano interessante.

Por parte da direita, há profunda preocupação de que a escolha do prêmio seja entendida como interferência na política interna de um país. A política real foi confundida com política de paz, e ainda não se viu bastantes resultados concretos para a política de Willy Brandt. Ataca-se a própria oportunidade, e também, o fato de que o vencedor é um Chefe de Governo, em exercício ativo.

Foi bem feito por parte do Comité Nobel do Parlamento, surpreender e abalar uma opinião conservadora, especialmente considerando-se a composição do Comité. Consiste dos seguintes membros: Presidente Representante do Parlamento, Senhora Aase Lionaes; Presidente do Parlamento Bernt Ingvaldsen; Juiz da Câmara-baixa (Lagting), Helge Refsum; - Presidente da Corte de Previdência Social, Helge Rognlien e Professor John Sannaes, como o Diretor de Banco Sjur Lindebraekke e o Advogado da Corte Suprema Erling Wikborg, sendo que os dois últimos são membros substitutos (sic).

Não há nenhuma razão para fazer uma comparação entre a heterogeneidade dos membros, em questões de política exterior. A maioria seguirá, quase sempre, a política do Governo, que detém o poder. Não há relações de oposição entre as opiniões consideradas tradicionais, na

II

COPIA.

política norueguesa e a opinião do Comité. Sua composição deve ser ideal de ponto de vista conservador. Apesar disso, não obtem nenhum apoio da parte conservadora.

A decisão do Comité não é uma nova idéia de princípio, da sua longa história. Antes da IIª Guerra Mundial houve vários vencedores do prêmio que eram, também, políticos ativos, no meio dos seus trabalhos para a paz. Presidente Theodore Roosevelt ganhou o prêmio, em 1906, entre outras coisas, pela sua tentativa de arbitragem entre o Japão e a Rússia. Ele foi, primeiro, conhecido como combatente muito entusiástico, em Cuba, contra os espanhóis. Woodrow Wilson foi o segundo Presidente dos EUA que ganhou o prêmio, em 1919. A modesta palavra-chave - história "Pacto de Locarno, em 1925", foi parte da base para a concessão do prêmio, em 1926, quando o Primeiro Ministro da França, Aristide Briand e o Ministro do Exterior da Alemanha Gustav Stresemann dividiram a quantia e a honra entre sí. Três anos depois, foi honrado o Ministro do Exterior dos EUA Frank Kellogg, que desejava continuar a linha dos dois políticos europeus. Um dos pontos centrais foi a política de reconciliação entre a Alemanha e as potências ocidentais.

A concessão do prêmio de 1926 é o melhor paralelo à sua doação deste ano. Mas, provavelmente ninguém daria o prêmio "post-mortem" a nenhuma das mencionadas pessoas. Isso não quer dizer que os prêmios não foram merecidos, ou que eram irrelevantes, segundo os problemas e considerações daqueles tempos. A história mostrou que eles não tiveram total sucesso nos seus trabalhos para a paz. Mas nenhum dos membros do Comité pode ficar esperando o julgamento final da história, se eles acreditam que os políticos podem ter influência nas possibilidades de obter a paz e a confraternização. Em cada definição, o Comité impõe influência política. O Comité interfere com a política interna de outros países. É isso que faz, atualmente, e o fará, também, se desse o prêmio ao Arcebispo Câmara. Somente uma vez antes, a sua decisão mostrou notável coragem - quando o prêmio de 1935 foi dado ao pacifista alemão Carl von Ossietzky.. Qualquer comparação entre ele e o atual vencedor, parece, porém, estúpida. Mesmo se tiver a mesma atitude com relação ao na -

COPIA.

III

zismo.

A atitude tomada pelos conservadores, parece bem esclarecedora. Não são êsses grupos políticos que mais aplaudiram a "política-este" de Willy Brandt. Provavelmente não estão, também, "super-nervosos" se êle não tiver sucesso no seu trabalho, em tal grau, que nem podem aceitar que a Noruega dê um pequeno aplauso. Ainda mais difusa e incompreensível torna-se a sua atitude, considerando que o Comité Nobel, na sua justificação, fez a bobagem fantástica de provocar todos os opositores contra a filiação norueguesa ao MCE. O Comité deveria saber que a própria idéia de paz, através de colaboração econômica, na Europa ocidental, é sujeita a muita discussão. Mas foi isso, então, o ponto que fez com que os membros mais conservadores do Comité concordassem à proposta? - Não teve influência, porém, na opinião geral conservadora, a sua reação, também, não se pode entender, segundo diretrizes de princípios. A reação tem que ser produto de atitudes táticas de partido, e de sentimentos nacionais. O aplauso da nossa própria democracia social é, simplesmente, a reação contrária à reação negativa, entre os conservadores.

A crítica radical parece ser a mais importante: A divulgação é outra prova de que o Comité acha difícil dar o prêmio a pessoas ou instituições fora do círculo cultural ocidental, e só raramente, a pessoas não pertencentes à raça branca. A lista de vencedores é um estudo de nacionalismo norueguês. Não é mais a Europa Ocidental que tem o papel principal na arena internacional. A sociedade de direitos internacionais não é mais a mesma de 1895. Os problemas de paz são, mais que nunca antes na história dos homens universais, O Comité Nobel, pelo menos deveria ser um Comité internacionalmente composto.

Mesmo se forças radicais acreditam que Willy Brandt pela sua "política-este", êle é um representante típico da chamada "política de bloco", para a integração européia ocidental e da opinião política bem tradicional. A "justificativa do MCE" do Comité, provocou boa base de crítica pelos radicais.

IV

COPIA.

O fato de que Willy Brandt é um chamado "político de - realidades", já faz com que ele seja considerado um candidato controver- tido, em círculos radicais, nos quais as atitudes ideais e revolucioná- rias são apresentadas após quase todas as divulgações. Mas nem os radi- cais podem negar a atividade "pro-paz" dos chamados "políticos de reali- dades".

Justamente na escolha de Willy Brandt, poderia haver - surgido um maior dilema, até uma dúvida tremenda, com relação à honrari- a, se o próprio Comitê Nobel não tivesse dito coisas tão boas.

Todo mundo tem que admitir que o Comitê Nobel fez uma escolha interessante, mesmo se não muda a crítica fundamental com rela- ção à composição do Comitê, e a sua prática durante os últimos anos. Um comitê internacional aumentaria, provavelmente, o prestígio do prêmio, se isso fôr desejável. Seria mais fácil, também, apoiar um trabalho pa- ra a paz que se realize no mesmo momento da concessão do prêmio. Evite- mos um debate nacional na Noruega. Sobre a outorga do prêmio, dêste ano podemos, pelo menos, dizer uma coisa, com certeza: É a melhor base para uma discussão sobre todos os aspectos do caso.

|||||

Continuação (19)

Jornal MORGENBLADET (Oslo 21/10/1971)

COPIA.

MORGENBLADET

Oslo, em 21 de outubro de 1971.

EMB. EM OSLO 1167187// Acesso nº 20

CONCESSÃO DO PRÊMIO A BRANDT

- Diferentes opiniões sobre a decisão:

- Estou desapontado, mas confortado, também. Segundo a minha opinião, o Prêmio Nobel deveria ter sido outorgado ao Arcebispo Dom Helder Câmara. Ele foi o candidato mais óbvio, declara o Padre - Hellvard Rieber-Mohn a este jornal, e comentário à concessão, deste ano, do Prêmio Nobel da Paz ao Chanceler Willy Brandt.

- Eu acho, ainda, que os interesses econômicos noruegueses tiveram uma certa influência, na decisão, quando o Cardeal Câmara, que era favorito ao prêmio, nem esta vez o ganhou, continua o Padre Rieber-Mohn. Mas como o prêmio teria que ser dado a algum outro, Willy Brandt era um candidato natural. Sua coragem e iniciativa, com relação ao bloco leste, merece a honraria. E, primeiro de tudo, ele é uma pessoa, que, segundo minha opinião, corresponde à visão humana que o Senhor Alfred Nobel, no seu testamento, declarou digna do Prêmio.

- O Senhor realmente acha que a Sra. Aase Lionaess se deixou influir pelos interesses noruegueses no Brasil?

- Provavelmente, não. Deve ter havido outras considerações. O positivo dessa concessão é que o Comité Nobel, de novo, mostra coragem para entrar na política atual, e isso já é muita coisa. Eu vejo um claro paralelo entre a concessão atual e a de 1935, ao Senhor Carl von Ossietzky, e isso é muito interessante, diz o Senhor Rieber Mohn.

Estou contente que Willy Brandt tenha ganho o Prêmio. É um apoio à política de paz, é o comentário conciso do Dr. em filosofia Max Tau.

- As reações devem ser diferentes - isso é natural quando o prêmio cabe a uma pessoa central da vida política. As opiniões são, principalmente, de acordo com os pontos de vista políticos de cada um. Na Noruega, muitas pessoas reagiram positivamente. Eu recebi a notícia com muita surpresa, mas estou satisfeito. Agora espero ver o resultado, diz o Professor, Doutor em filosofia, Hans Vogt.

II

COPIA.

- Não estou satisfeito com a decisão, mas nem estou desapontado, responde o Representante do Parlamento, Senhor Bergfrid Fjose.

- Esperava que o Arcebispo Câmara ganhasse o Prêmio da Paz, porque considero seus esforços como trabalho para a paz. Nunca haverá paz no mundo se há injustiça, como há na América Latina. Sobre o resultado dos esforços como trabalho para a paz e contato com o bloco leste, feitos por Willy Brandt, ainda não se sabe nada. Justamente, por isso, não acho certo dar-lhe o prêmio, mesmo se eu o admiro e o considero um grande político.

- Estou contente com a escolha de Willy Brandt. Ele foi o mais óbvio vencedor, mesmo se, pessoalmente, não acredito muito em negociações com os comunistas. Mas tem-se que tentar, quando parece possível, disse o Bispo Monrad Norderval.

- Há outros candidatos que o Senhor achava certos?

- Sim. O Arcebispo Câmara. Ele me parece um digno vencedor do Prêmio Nobel. - Uma grande personalidade, que se encontra numa posição difícil, e por isso, ele também, poderia ter ganho o Prêmio. Mas dando-se o Prêmio a Brandt, possivelmente se acelera os resultados das negociações, e é possível que resulte, também, em que os países orientais respeitem suas próprias assinaturas, disse o Bispo Norderval.

- A notícia foi uma surpresa, mas acho que foi uma boa escolha, disse o Senhor Helge Seip, Presidente do Partido Liberal.

O Senhor Seip, que é Presidente do Comitê de Negócios Exteriores e Constituição, do Parlamento, também, disse que Willy Brandt no seu período de Chanceler, fez sérios esforços muito dignos da honraria, para resolver um dos problemas mais difíceis da política mundial.

A "política leste" do Governo Brandt-Scheel, é um esforço para a paz, que merece apoio. Espero que os acordos assinados sejam ratificados, para que os resultados dos esforços políticos e diplomáticos sejam como hoje acreditamos.

- A escolha de Brandt é uma indicação claramente políti-

Continuação (21)

COPIA.

III

ca, mas, segundo minha opinião, é justo que o Prêmio Nobel da Paz seja utilizado como honraria, também, para pessoas que se encontram no meio de um trabalho importante e difícil, quando o Prêmio pode ser - um apêlo a um esforço ativo para obter paz. Disse o Senhor Seip.

- O líder parlamentar do Partido Popular Cristão, Senhor Lars Korvald, disse a NTB que seria mais natural, de, esta vez, se desse o Prêmio ao Arcebispo brasileiro Helder Câmara. Quanto aos esforços do Senhor Brandt, para relachar as tensões, ainda é muito cedo para julgá-lo.

Os dois Representantes do Parlamento, Senhores Guttorm Hansen e Kare Willoch, se mostram contentes com a escolha de Brandt, mas o Senhor Willoch acrescenta que pode haver dúvidas de se é natural dar o Prêmio da Paz a um político ativo, antes de conhecer melhor os resultados da política em questão.

COPIA.

REMB. EM OSLO 1565/1971 Anexo nº 22

MORGENBLADET

Oslo, em 22 de outubro de 1971.

O PADRE

O Padre Hallvard Rieber-Mohn respondeu, na edição de ontem deste jornal, à nossa afirmativa de que está desapontado, mas confortado, também.

- Desapontado porque o Arcebispo Câmara não ganhou o Prêmio Nobel da Paz - confortado porque foi dado a Willy Brandt.

Até esse ponto, compreendemos o padre - mesmo se preferimos Brandt à Câmara.

Mas o Padre acrescentou: "Eu acho, ainda, que os interesses econômicos noruegueses, no Brasil, tiveram uma certa influência na decisão, porquanto o Cardeal Câmara, nem desta vez, ganhou o Prêmio".

Esse é um pensamento estranho. E ele acusa nosso Presidente do Storting (Parlamento) e seus colegas, no Comité Nobel, de terem motivos estranhos.

O que é que o Padre pensa? - Pensa ele que os irmãos Lorenzen e os irmãos Munck, por exemplo, que têm tantos interesses no Brasil, possuem um poder tão grande? - ou a Borregaard? - E se eles tivessem um tal poder, será que eles o utilizariam? Quais seriam os seus interesses em meter-se numa tal questão?

Acha ele Sr. Bernt Ingvaldsen, o Juiz da Previdência Social do Tribunal de Justiça, Sr. Refsum, Sra. Aase Lionaess, Sr. Helge Rognlien e Professor Sannes se deixariam utilizar por quem quisesse?

O mundo real é muito diferente do que parece achar o Padre Rieber-Mohn. E isso é bom.

Continuação (23)

Jornal ARBEIDERBLADET (Oslo 27/10/1971)

COPIA.

HMB. EM OSLO (185) 1971 Anexo nº 24

ARBEIDERBLADET

Oslo, em 27 de outubro de 1971.

ENTENDIDO ERRADO, SR. RIEBER-MOHN?

Segundo o jornal "Morgenbladet", de quinta-feira, o Padre Rieber-Mohn disse:

- Eu acho, ainda, que os interesses econômicos noruegueses tiveram certa influência na decisão, porquanto o Cardeal Câmara, que era favorito ao Prêmio, nem desta vez o ganhou.

Esse foi um pensamento realmente cristão! - Ele declara, diretamente, que acredita que os membros do Comité Nobel Norueguês tomam em consideração os interesses industriais em sua escolha de candidatos.

Mesmo se o Padre continue, na sua entrevista, declarando que Willy Brandt é o segundo melhor, não há razão para acusar pessoas honestas por terem motivos e pensamentos desonestos.

Espero que o jornal "Morgenbladet", tenha entendido mal o Padre.

B. Andersen.

Continuação (24)

Jornal ARBEIDERBLADET (Oslo 30/10/1971)

COPIA.	<p style="text-align: right;">EMB. EM OSLO / 26/10/71 / Anexo nº 26 e último</p> <p style="text-align: center;"><u>ARBEIDERBLADET</u> Oslo, em 30 de outubro de 1971.</p> <p><u>O "PRÊMIO NOBEL DA LUTA"</u></p> <p>São perigosos êsses comentários curtos e rápidos, feitos por telefone, solicitados, de vez em quando pelos jornais, sôbre qual quer acontecimento. O que se diz numa tal situação, pode ser demais - obscuro e pouco claro, e daí,.. São necessárias justificativas e esclarecimentos. Antes que isso possa ser feito, há bastante tempo para o descontentamento e a irritação por parte de outras pessoas. Especialmente se essas pessoas exageram o sentido das palavras ditas e façam com que elas se tornem sem sentido. Por exemplo, dizendo que eu não acredito na honra e na consciência de pessoas respeitáveis. Quando isso acontece, justamente no jornal ao qual se concedeu, amávelmente, a entrevista - é mais fácil silenciar - o comportamento do jornal não é muito aceitável.</p> <p>Tivemos, em Oslo, êste outono, uma concessão bem escolhida do Prêmio da Paz - Muitas pessoas ficaram contentes com a escolha de Willy Brandt. Eu também. Mas, juntamente com várias outras pessoas, de diversos meios sociais, e com diferentes opiniões, também fiquei - desapontado, pensando num candidato forte, que, por duas vezes, foi - negligenciado: o brasileiro Helder Câmara. Uma grande parte da opinião pública norueguesa e grande parte da opinião fora da Noruega, que, provavelmente não subestima a pessoa de Brandt ou seus esforços, esperaram entretanto, que êste ano, um apôio fosse dado pela Noruega, à tragédia do Terceiro Mundo, que se agrava rapidamente. Não há razão para duvidar da integridade pessoal do Comité Nobel ou dos seus membros, - fato que deve ser tão óbvio para a maioria, que não seria preciso afirmá-lo, se não fosse por causa de uma pessoa pouco amável de viva imaginação, que me atribuiu justamente essa dúvida.</p> <p>Numa afirmativa, certamente de pouca precisão, feita por mim, êle encontra um ponto sustentável de ataque! O pseudônimo C.C., do jornal "Morgenbladet" (de 22 de outubro) tentou colocar tantos - pontos de interrogação insinuando em minhas palavras irrefletidas, di</p>
--------	--

Continuação (25)

II

tas pelo telefone que deve ter criado problemas na imprensa.

COPIA.

Nos meus comentários sobre a concessão do Prêmio, disse alguma coisa sobre os interesses comerciais noruegueses, no Brasil. Será que eles desempenharam algum papel na decisão? Tive que dizer não a pergunta, por exemplo, se Sra. Aase Lionaes seria capaz de acobertar tais interesses. - Naturalmente, ela não faria isso. Da mesma maneira tão mal não penso dos membros do Comité. Foi em outra coisa que pensei e parece que o jornalista ou homem de imprensa, Sr. Christensen que deve encontrar-se muito próximo a esses interesses comerciais, pensou nisso também. Seus comentários furiosos mostram isso.

Em resumo: o Comité Nobel trabalha e decide, necessariamente, dentro de um "círculo" de informações. Os membros têm, como base, a Fundação Nobel e a sua excelente biblioteca. Têm informantes e consultores. Mas esses também não são infalíveis. Quando o trabalho e as reuniões do Comité Nobel são realizados em sigilo, da maneira que estamos acostumados, e nesse caso deve haver boas razões, só podemos supor quais sejam as informações decisivas para que um candidato obtenha ou não, os votos dos membros.

Supomos - e podemos nos enganar.

E aqui vou dizer alguma coisa ao redator do "MORGENBLADE". Parece que seu "background" o tentou a fazer que, na sua profissão se chama "manobra dispersiva". Essa manobra, porém, não deveria ser "por demais transparente", porque, assim, se tornaria então uma "má estratégia".

Esses são fatos: o jornal "Morgenbladet", na verdade, muito pouco se interessou por Dom Helder Câmara que, durante dois anos, teve extenso apêlo na imprensa norueguesa, desde o jornal "Vart Land" até o diário "Arbeiderbladet". O "Morgenbladet", também, no seu editorial panorâmico, publicado antes da concessão, negligenciou sobre a sua pessoa.

Interesses comerciais, no Brasil, se encontraram muito ligados a um jornal de Oslo, agora extinto e portanto morto. Aquele jornal provocou na imprensa norueguesa, através de seu redator de política internacional, uma grande agitação geral contra o reformador social

III

COPIA.

HELDER CÂMARA.

Posso imaginar, ou melhor, eu sei, que os mesmos interesses - provavelmente em menor grau, fizeram tudo que estava em seu alcance para desvalorizar, verbalmente, a candidatura de Helder Câmara, - nos círculos mais próximos do Comité Nobel. E isso foi por mim dito.

Nesse ponto, pessoas pouco suspeitas, como eu, finalmente devem perceber a razão dos fatos. Eu acho que, pessoas que agem contra sua consciência e que votam contra sua opinião, são poucas, E não acredito que se encontrem tais pessoas na respeitável organização humana, que representa o Comité Nobel do Parlamento Norueguês. Isso deveria ser muito natural, se não, teríamos que acabar com tudo. Mas todo mundo está sujeito a informações certas e erradas. Não é sempre, tão fácil saber a verdade.

Uma revista norueguesa, eristã, consciente do presente, "Igreja e Cultura", convidou, na sua edição de setembro deste ano, a um debate sobre a concessão a personalidades norueguesas de outorgar o Prêmio Nobel da Paz. Especialmente dois artigos mereciam ser lidos O da Sra. Inger Inadomis: "Prêmio Nobel da Paz" - um estudo do nacionalismo norueguês" e o do Sr. Henry Nortakers: "A agitação contra Bom Helder Câmara". Nesses artigos, segundo a minha opinião, são esclarecidos todos os aspectos do problema.

Devemos participar daquele debate, mas num nível um pouco elevado do que até agora.

H. Rieber-Mohn.

P.S.- Esse artigo pode servir, também, como resposta ao Sr. B. Andersen, que no jornal "Arbeiderbladet", de 27 de outubro, pergunta se eu fui mal interpretado pelo redator do "Morgenbladet", e posso dizer que fui mesmo.

ANEXO XXXII

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 605 (29/12/1971) - Prêmio Nobel da Paz de 1971 ao Chanceler Willy Brandt. Comentários sobre a provável candidatura de Dom Helder Câmara para 1972.

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

SECRETO

AIG/DC/AEO/640.91(77)
540.91
540.432
Visto a anotação
na AIG. *[assinatura]*

Visto DC
Sum

605

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DIREÇÃO DE ARQUIVO 29/XII/1971
AIG-74 DC-91
5 JAN 1972
CORRESPONDÊNCIA

A SECRETARIA DE ESTADO

Concessão do Prêmio Nobel da Paz de 1971 ao Chanceler Willy Brandt, Comentários sobre a provável candidatura de Dom Helder Câmara para 1972

Referência à numerosa correspondência sigilosa sobre o assunto e, em particular, aos ofícios nºs 557, 565 e 590, todos do presente ano. Conforme informei, oportunamente, não havia, ainda, o Senhor Willy Brandt recebido o honroso e merecido Prêmio Nobel de 1971, quando numerosas personalidades norueguesas já se manifestavam em prol da candidatura de Dom Helder Câmara. Se certas pessoas, como o líder do "Partido Cristão do Povo", Senhor Lars Korvald, declararam (vide ofício nº505/71) que "O Comitê deveria ter dado o Prêmio a Dom Helder Câmara", em 1971, os mais exaltados adeptos da candidatura do Prezado brasileiro, sem perda de tempo, e reconhecendo a inutilidade de lamentarem, pura e simplesmente, mais uma derrota, relançaram suas teses em favor de nova tentativa, no ano vindouro.

2. Da leitura e da análise dos artigos e editoriais da imprensa norueguesa e das declarações de influentes personalidades locais, emergiram duas linhas básicas de opiniões com relação à concessão do galardão de 1971. A primeira foi, justamente, a "constatação da real e efetiva candidatura de Dom Helder Câmara, tido como favorito pela maior parte da imprensa" (ofício nº565/71) Esse fato evidenciou, imediatamente, que o nome do Arcebispo do Olinda e

4
RSS/11 *[assinatura]*

Continuação (2)

O artigo de Henry Notaker "A agitação contra Dom Helder Câmara", citado no parágrafo 3 desta página, foi colocado como anexo a esta Correspondência Especial de nº 605. Como foi reproduzido minuciosamente por Jayme de Souza Gomes neste documento, omitimos sua publicação por duplicidade de informação.

COPIA Emb.Oslo/605/71/2.

Olinda e Recife será, quase certamente, de novo, apresentado à Comissão Nobel, em 1972. É oportuno lembrar que outro vencedor de 1971, o poeta Pablo Neruda, foi constantemente submetido à consideração do Juri para o Prêmio Nobel de Literatura durante 10 anos. A segunda linha básica foi a série de restrições feitas à vitória do Senhor Willy Brandt, por diversas razões, não obstante o reconhecimento de sua vigorosa, mas discutida personalidade no campo da política européia e seus esforços cujos resultados, ainda que embrionários, poderão propiciar uma distensão efetiva entre as relações dos blocos socialista e ocidental.

3. A prova da persistência do Arcebispo brasileiro e de seus defensores em pleitear a máxima recompensa de luta pela paz mundial, fornece, mais uma vez, o artigo, publicado recentemente, embora com data de setembro passado, no periódico "Kirke og Kultur", ("Igreja e Cultura") intitulado "A Agitação contra Dom Helder Câmara" de autoria de um Senhor Henry Notaker. Do referido autor, e estampado no mesmo número de "Kirke og Kultur", foi remetido à Secretaria de Estado, com o ofício nº 578/71, outro artigo, denominado "Brasil", no qual o autor apresentou e analisou o livro homônimo de autoria de Thomas Gerholm e Irene Matthis, publicado em norueguês, pela editora "PAX". A revista mensal "Kirke og Kultur", por seu turno, é um órgão religioso que aceita e publica, igualmente, artigos de autores católicos e protestantes.

4. A monografia, com o título de "A Agitação contra Dom Helder Câmara" - e a data de sua publicação é a mais clara evidência dessa constatação - visou a reforçar a posição do religioso nordestino no seio da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês para o Prêmio de 1972. Seu autor, juntamente com o padre católico de Oslo, Reverendo Hallvard Rieber-Mohn, sobre quem teci comentários no parágrafo 10 do ofício secreto nº 565/71, foram os dois únicos autores que tocaram nos fundamentais argumentos usados na campanha de esvaziamento

Continuação (3)

Parágrafo 3 – Diz Jayme de Souza Gomes sobre o artigo supracitado de Henry Notaker: “Todos os parágrafos do Senhor Notaken revelam conhecimento profundo das manobras e das personalidades envolvidas na referida campanha [de neutralização], e apenas a Embaixada do Brasil em Oslo foi feliz e ‘milagrosamente’ poupada, isto é não foi sequer envolvida nos acontecimentos.”

COPIA. Emb. Oslo/605/71/3.

esvaziamento de candidatura Dom Helder, no Brasil e em Oslo, como poder-se-á verificar da simples leitura do artigo citado, que remeto, em anexo, devidamente traduzido para o idioma português.

5. Inicialmente, o Senhor Henry Notaker, após constatar que "um dos candidatos mais relevantes ao Prêmio Nobel da Paz, do outono passado, foi o Arcebispo brasileiro Dom Helder Câmara", afirma que "a revista brasileira, em favor do Governo, "O Cruzeiro" apresentou sua explicação" para que não se lhe desse o galardão em 1970: trata-se da conhecida série de artigos do jornalista David Nasser, já do conhecimento da Secretaria de Estado.

6. Todos os parágrafos do Senhor Notaker revelam conhecimento profundo das manobras e das personalidades envolvidas na referida campanha, e apenas a Embaixada do Brasil em Oslo foi feliz e "milagrosamente" poupada, isto é não foi sequer envolvida nos acontecimentos, o que aliás não ocorreu com o Embaixador da Alemanha, neste país, vítima de injustas acusações na concessão do Prêmio Nobel deste ano (vide ofício nº590/71, parágrafos 9 a 11). Com respeito a David Nasser, aquêle escritor norueguês afirmou:

"O artigo de David Nasser em "O Cruzeiro" foi publicado na escandinávia num jornal com uma tiragem de 700.000 exemplares (a tiragem certa foi de cerca de 25.000), que servia para informar o "Storting" (Parlamento) norueguês sobre a candidatura de Dom Helder Câmara ao Prêmio Nobel da Paz. Deve-se dar o Prêmio deste ano a um ex-fascista e simpatizante de Hitler, que considera o uso da violência como o melhor meio para resolver os problemas sociais? perguntou o jornalista Arild Lillebø no "Morgenposten". Por causa dos procedimentos secretos do Comité Nobel é provavelmente impossível descobrir se "O Cruzeiro" tem razão, e por quais contatos noruegueses a revista obteve suas informações. Seria mais interessante ainda, saber-se de onde o redator de política exterior do "Morgenposten" obteve suas informações, quando ele, no artigo acima mencionado, escreveu o seguinte:

"O Comité Nobel, atualmente, reduziu o número de candidatos ao Prêmio da Paz para 7. Um deles é Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, no Brasil".

"Será que alguém dos membros do Comité Nobel - (Bernt Ingvaldsen, Sjur Lindebraekke, Ase Lionaes, Helge refsum, John Sanness) - tenha dito alguma coisa ao Sr. Lillebø? Ou ao proprietário do "Morgenposten", Sr. Munck? Uma coisa de que não há dúvida nenhuma, é

Emb.Oslo/605/71/4.

é que o Sr. Munck, com seus investimentos no Brasil, e com as suas boas relações com o regime político naquêlê país, não deseja que um Prêmio da Paz, norueguês, seja dado a um homem que combate esse regime."

7. Com essas palavras, em apenas quatro parágrafos, o Senhor Notaker ligou os artigos de Nasser aos do jornalista norueguês Lillebø e ao industrial Munck, pessoas que efetivamente atuaram contra as pretensões do Arcebispo Dom Helder, naquêlê ano. Por outro lado, no restante de sua defesa do prelado brasileiro, a articulista escreve ainda:

"O prestígio internacional de Dom Helder Câmara, nos últimos anos, levou-o a várias viagens de discursos aos EUA, ao Canada e à Europa. Nos seus discursos, ocupou-se, principalmente da relação entre os países ricos e pobres, criticou a política econômica dos países industriais com relação aos países em desenvolvimento, e não hesitou em chamar esse processo de "novo colonialismo". Também não deixou de apontar as circunstâncias sociais e econômicas injustas em seu próprio país, Brasil, com contraste gritante entre os ricos proprietários e industriais, de um lado, e uma grande massa de trabalhadores pobres, proletários e favelados, de outro. Num discurso, em Paris, em maio de 1970, ele falou, pela primeira vez, no exterior, contra as torturas de prisioneiros políticos, nas prisões do Brasil, uma prática que aumentou intensamente, nos últimos anos, e que é documentada por uma série de Organizações Internacionais (Amnesty International, A Comissão Jurídica Internacional, etc.)"

8. A par das boas e precisas informações de que dispôs o Senhor Henry Notaker, fato que nem sempre acontece a quem escreve neste país a favor do Arcebispo de Olinda e Recife, acredito merecer atenção especial a habilidade do autor em refutar, uma por uma, as acusações que, em 1970, impediram a premiação de Dom Helder Câmara. O parágrafo acima e o que se segue são ótimos exemplos dessa tentativa de contrarrestar as afirmações de que aquêlê prelado está ligado aos comunistas e que representa, por suas idéias, um risco sério para o sistema capitalista e a propriedade privada. Proseguindo, cito novamente o articulista norueguês:

"As fortes reações dos correspondentes da classe alta brasileira, aos discursos críticos de Dom Helder Câmara, no exterior, são causadas porque êles sentem que Dom Helder Camara enfraquece a honra e a posição internacionais do Brasil. Êles são bem conscientes de que o Brasil é a maior Nação da America

Continuação (5)

Veja-se mais adiante outro trecho significativo do Notaker citado por Jayme de Souza Gomes quando aquele tece considerações sobre o arcebispo de Diamantina Dom Geral Proença Sigaud, grande opositor de Dom Helder: Sigaud "é famoso por suas afirmações de que 'reforma agrária é roubo', e de que 'o Papa João XXIII era influenciado por comunistas'". Em uma viagem à Europa, respondendo "sobre as torturas no Brasil", disse Sigaud que a polícia agia exatamente como nos outros países, e completou: 'Não acho que em outros países é possível fazer os terroristas falar, através de doces'(...) 'torturas somente se usam para obter confissões, no Brasil, e não como penalidade'.

CÓPIA. Emb. Oslo/605/71/5.

América do Sul, e tentam obter uma posição de liderança nessa parte do mundo. Por isso é difícil, se não impossível para eles entender que Dom Helder Câmara, no exterior, prefere falar sobre a pobreza do Nordeste, em vez do desenvolvimento econômico (porém controlado por estrangeiros). Em vez de se ocuparem do conteúdo da crítica de Câmara, apontam que suas afirmações causam dano ao progresso que faz o Brasil para se tornar uma grande Potência."

Outro trecho significativo é citado:

"Um dos críticos mais duros dentro do clero, é o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença Sigaud. Ele é conhecido como um líder da "Associação de Proteção de Tradição, Família e Propriedade", e é famoso pelas suas afirmações de que "reforma agrária é roubo", e de que "o Papa João XXIII era influenciado por comunistas". Numa viagem na Europa, em julho de 1970, perguntou-se ao Arcebispo Sigaud sobre as torturas no Brasil, e respondeu ele que a polícia, lá é exatamente como a polícia em qualquer outro país. "Não acho que, em outros países é possível fazer os terroristas falar, através de doces", disse ele, e acrescentou que "torturas somente se usam para obter confissões, no Brasil, e não como penalidade", considerando isso uma boa desculpa".

"Um outro crítico é o Governador de São Paulo - Sr. Roberto Abreu Sodre, que, segundo ele mesmo, agiu de acordo com seus deveres ao dar "informações corretas sobre o nosso país, para substituir as notícias distorcidas sobre nós, que são publicadas no exterior". Ele visitou Londres, Paris e Hamburgo, onde fez discursos, e quando voltou, disse numa entrevista à imprensa: "Dom Helder Câmara é um Fidel Castro vestido de Padre, apoiado pelos Partidos comunistas na Europa, para fazer propaganda contra o Brasil".

Sr. Sodré trabalhou ativamente para que Dom Helder Câmara fosse removido. Entre outras coisas, enviou uma carta ao Cardeal Rossi, em São Paulo (Sr. Rossi foi, outrossim, transferido para o Vaticano, mais tarde e junto à carta, ele enviou 55 anexos para documentar que Dom Helder Câmara era comunista. Essa carta e seus anexos, constituíram o núcleo na campanha, de agitação, por parte do crítico mais duro de todos, o jornalista de "O Cruzeiro", Sr. David Nasser, que dispõe de uma a duas páginas na revista, e ele mesmo declarou que se decidiu usar essas páginas para combater Dom Helder Câmara e a "pequena, mas ativa minoria" do clero que está no seu lado. O Sr. Nasser se considera um bom católico e sublinha que não ataca a Igreja, mas "certos Padres que traem os princípios mais profundos da Igreja" - Mas, acrescentou ele, com um suspiro - há sempre um Judas na mesa de Deus".

9.

Notaker:

De volta ao artigo de David Nasser, escreve o Senhor

"O Sr. Nasser não acha suficiente, porém, chamar Dom Helder Câmara de comunista, terrorista, etc. Ele

Continuação (6)

Parágrafo 10 - Notaker refuta a acusação de fascista e comunista a Dom Helder.

3
OPIA. Emb. Oslo/605/71/5.

América do Sul, e tentam obter uma posição de liderança nessa parte do mundo. Por isso é difícil, se não impossível para eles entender que Dom Helder Câmara, no exterior, prefere falar sobre a pobreza do nordeste, em vez do desenvolvimento econômico (porem controlado por estrangeiros). Em vez de se ocuparem do conteúdo da crítica de Câmara, apontam que suas afirmações causam dano ao progresso que faz o Brasil para se tornar uma grande Potencia."

Outro trecho significativo é citado:

"Um dos críticos mais duros dentro do clero, é o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Proença Sigaud. Ele é conhecido como um líder da "Associação de Proteção de Tradição, Família e Propriedade", e é famoso pelas suas afirmações de que "reforma agrária é roubo", e de que "o Papa João XXIII era influenciado por comunistas". Numa viagem na Europa, em julho de 1970, perguntou-se ao Arcebispo Sigaud sobre as torturas no Brasil, e respondeu ele que a policia lá é exatamente como a policia em qualquer outro país. "Não acho que, em outros países é possível fazer os terroristas falar, através de doces", disse ele, e acrescentou que "torturas somente se usam para obter confissões, no Brasil, e não como penalidade", considerando isso uma boa desculpa".

"Um outro crítico é o Governador de São Paulo - Sr. Roberto Abreu Sodré, que, segundo ele mesmo, agiu de acordo com seus deveres ao dar "informações corretas sobre o nosso país, para substituir as notícias distorcidas sobre nos, que são publicadas no exterior". Ele visitou Londres, Paris e Hamburgo, onde fez discursos, e quando voltou, disse numa entrevista a imprensa: "Dom Helder Câmara é um Fidel Castro vestido de Padre, apoiado pelos Partidos comunistas na Europa, para fazer propaganda contra o Brasil".

Sr. Sodré trabalhou ativamente para que Dom Helder Câmara fosse removido. Entre outras coisas, enviou uma carta ao Cardeal Rossi, em São Paulo (Sr. Rossi foi, outrossim, transferido para o Vaticano, mais tarde e junto a carta, ele enviou 55 anexos para documentar que Dom Helder Câmara era comunista. Essa carta e seus anexos, constituíram o núcleo na campanha, de agitação, por parte do crítico mais duro de todos, o jornalista de "O Cruzeiro", Sr. David Nasser, que dispõe de uma a duas paginas na revista, e ele mesmo declarou que se decidiu usar essas paginas para combater Dom Helder Câmara e a "pequena, mas ativa minoria" do clero que está no seu lado. O Sr. Nasser se considera um bom católico e sublinha que não ataca a Igreja, mas "certos Padres que traem os principios mais profundos da Igreja - Mas, acrescentou ele, com um suspiro - ha sempre um Judas na mesa de Deus".

9. De volta ao artigo de David Nasser, escreve o Senhor

Notaker:

"O Sr. Nasser não acha suficiente, porém, chamar Dom Helder Câmara de comunista, terrorista, etc. Ele

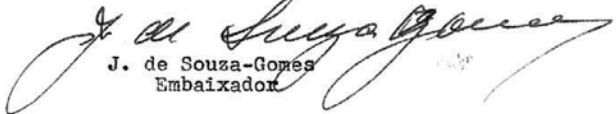
Continuação (7)

CÓPIA.

Emb.Oslo/605/71/7.

também em 1972, o Arcebispo de Olinda e Recife será reapresentado como candidato, e com fortes probabilidades de vitória, na tentativa de obtenção do Prêmio Nobel da Paz, como tem ocorrido nos últimos dois anos. A reportagem acima analisada, portanto, mostra como se vêm articulando sua campanha, de ano para ano. Participe desta pode-se considerar, também, a recente publicação, em forma de livro, editado em norueguês, do discurso de Dom Helder Câmara - "Espiral de Violência" - Helder Câmara, Vold - Løsning eller Tragedie - com prefácio justamente do Padre Hallvard Rieber-Mohn, objeto de comentários no ofício nº505/71. Em anexo, e a título ilustrativo, remeto fotocópia da propaganda do referido livro difundida com frequência na imprensa local, onde se lê claramente o nome do referido prefaciador.

12. Finalmente, a par do longo artigo de autoria do jornalista Henry Notaker, minuciosamente comentado neste ofício, vale a pena salientar que somente o padre dominicano Hallvard Rieber-Mohn tocou em outro ponto fundamental dos esforços realizados para a neutralização da candidatura Helder Câmara, este ano, ao Prêmio Nobel da Paz, quando os vinculou aos riscos dos capitais noruegueses, em caso de uma esquerdização no Brasil, do futuro, assunto largamente relatado em várias comunicações, das quais a mais recente se encontra condensada no parágrafo 10 do ofício secreto nº565/71 e em seus respectivos anexos.



J. de Souza-Gomes
Embaixador

ANEXO XXXIII

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 37 (14/01/1972) - Prêmio Nobel da Paz. Re-
 apresentação da candidatura de Dom Helder Câmara e convite para visitar a Noruega

OPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

[Handwritten signature]

SECRETO

AIG/DC/AEO/640.91(77)
540.91
540.432

Visto a anexo na AIG. [Signature]

Visto DC 21/1/72 [Signature]

Visto [Signature]

S. do E. das RELAÇÕES EXTERIORES
DIVISÃO DE ARQUIVO
~~AIG-69 DC-90~~
21 JAN 1972
Nº 343
CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL

37
14/I/1972

A SECRETARIA DE ESTADO

Prêmio Nobel da Paz. Reap-
 resentação da Candidatura de
 Dom Helder Câmara e convite
 para visitar a Noruega.

Aditamento ao ofício secreto nº605, de 29/XII/71.

Não se tratou absolutamente de uma previsão quando, logo após a concessão do Prêmio Nobel da Paz de 1971, ao Chanceler este-alemão Willy Brandt, a Embaixada em Oslo escreveu - vide ofício nº565, de 2/XII/71 - que a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, seria fatalmente reapresentada em 1972, e com crescentes possibilidades de vitória. Era a própria lógica dos acontecimentos que impôs essa constatação, ou seja a polêmica que se seguiu à outorga do máximo galardão no ano findo, a qual se afirmou o nome do prelado brasileiro, repetidamente, como, também e mais do que nunca, merecedor daquele prêmio. Por outro lado, a tenacidade com que Dom Helder Câmara sempre se apresenta diante do público internacional, em calculada e bem organizada missão de autopropaganda reforçou e fortalece ainda esse ano, aquela certeza de sua sempre regenerada candidatura.

2. Ora, quando se sabe que o regulamento da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês prevê o encerramento das inscrições dos candidatos ao Prêmio Nobel da Paz, a primeiro de fevereiro, até a publicação, na Noruega, de um livro transcende ao mero fato

6

RSS/11

Continuação (2)

COPIA. Emb. Oslo/37/72/2.

fato editorial e se inscreve no que se pode denominar proselitismo em favor da candidatura Helder Câmara. Não se trata, evidentemente, de uma coincidência, nem a data escolhida para o lançamento da tradução, do francês, de "Espiral da Violência", denominado em norueguês "Vold - Løsning eller Tragedie", ou seja "Violência - Solução ou Tragédia", nem a série de artigos que, com o pretexto de criticar e apresentar o livro que é uma coletânea de discursos e conferências repetidamente levanta a candidatura de seu autor ao Prêmio Nobel da Paz. É a certeza que nos vem, por exemplo, do exame de três recentes artigos aparecidos na imprensa local e que remeto, em anexo. Trazem, respectivamente, as datas de 30 de dezembro ("Espiral de Violência ou ...", publicado pelo diário "Aftenposten"), 4 de janeiro ("A Espiral da Violência", editado pelo "Dagbladet") e de 10 de janeiro ("O Pequeno Livro Vermelho de Câmara", divulgado no "Arbeiderbladet").

3. Dos artigos presentemente encaminhados à Secretaria de Estado, os dois primeiros são os mais interessantes e ricos de exemplos de como Dom Helder Câmara é apresentado ao público norueguês. Não creio necessário repetir, mesmo resumidamente, alguns daqueles conceitos já do amplo conhecimento público. O terceiro artigo, o menor dos três, além de ser hábil suma das mais importantes teses do prelado brasileiro, apresentadas, inclusive, de modo esquemático, lança o plano de um convite a Dom Helder Câmara para "neste país, pregar a idéia da paz e da revolução".

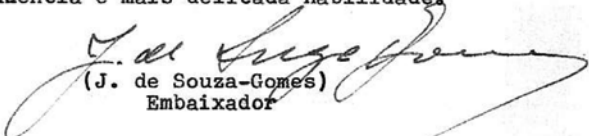
4. A idéia foi assim lançada. E é esse um dos casos em que se pode invocar para o artigo em aprêço o auxílio de um provérbio para constatar que "tamanho não é documento". O "Arbeiderbladet", ainda que não seja um dos três maiores órgãos da imprensa de Oslo, é o jornal do "Partido Trabalhista da Noruega" atualmente no poder, e de inegável importância no país. De qualquer modo, o articulista não apenas se ocupou de lançar a "semente" de ser efetuado um convite à Dom Helder, mas foi mais além quando escreveu: "Acho que haveria

COPIA.

Emb.Oslo/37/72/3.

haveria suficientes pessoas para juntar a necessária quantia para esse fim - e especialmente agora, na época do Natal. E depois poderíamos discutir como ajudá-lo no seu trabalho e no movimento "Justiça e Paz". Pressupõe isso uma campanha popular?

5. Não resta a menor dúvida de que a presença, em Oslo, do Arcebispo de Olinda e Recife viria a fortalecer, ainda mais, sua candidatura àquêlê prêmio, no presente ano. A Embaixada em Oslo que, por dois anos consecutivos, conseguiu evitar, com diferentes argumentos, que se lhe concedesse aquêlê almejado galardão, vê essas novas manobras com evidente preocupação, pois sente que aquela tarefa se torna cada vez mais árdua e difícil, e, por outro lado, exige maior prudência e mais delicada habilidade.


(J. de Souza-Gomes)
Embaixador

Continuação (4)

Tradução de Recortes de jornais da época. Documento anexo à Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 37 (14/01/1972)

COPIA.

EMB. EM OSLO 37/1972 Anexo nº 2

AFTENPOSTEN

Oslo, em 30 de dezembro de 1971

ESPIRAL DE VIOLÊNCIA, OU.....

O Arcebispo Dom Helder Câmara, do nordeste do Brasil, transformou-se no principal porta-voz da tática da não-violência na infeliz América Latina. Apesar de temer que o mundo, agora, tenha entrado num período cada vez mais violento, êle acredita que o ser humano, um dia, entenderá que violência não tem sentido. O livro "Violência - Solução ou Tragédia", comentado, hoje, pelo jornalista Svein Johs. Ottesen, neste jornal, é uma coleção dos artigos e discursos de Dom Helder Câmara.

(De Svein Johs. Ottesen)

DOM HELDER CÂMARA:

"Violência - Solução ou Tragédia"
Traduzido por:
Aasmund Brynildsen e
Johan Falkenberg
Editora: Dreyer

- Encontramo-nos diante de uma ameaça real, a de ver o mundo entrar num período de violência cada vez maior - numa espiral de violência.

O Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, que escreveu isso durante os últimos anos é justamente o homem que deve ter sido lançado, mais frequentemente, como candidato ao Prêmio da Paz. O seu nome tornou-se o símbolo da Igreja latino-americana, que está acordando - e em contraste com a imagem do "Padre guerrilheiro" Camillo Torres. Não porque os dois não desejassem a mesma coisa, mas porque êle achou uma outra resposta para a mesma desesperança.

COPIA.

II

Dom Helder Câmara tornou-se o principal porta-voz da tática da não-violência. Ao contrário de Martin Luther King, êle conseguiu sobreviver aos ataques. E isso ocorreu não porque tivesse mais cuidado, nem em sua maneira de falar, nem em sua ação.

Êsse porta-voz da maioria desprivilegiada do mundo, naturalmente foi chamado de comunista, como tantos outros. Contudo, nem êsse livro, nem os outros aspectos da sua atividade o caracterizam como o tal. Êle não é nem comunista, nem capitalista. Talvez seja alguma coisa no meio de ambos, que ainda não tem um seu nome.

A citação feita no início deste artigo, pode significar que se trata de um profeta do juízo final, mas também, não é isso. Dom Helder Câmara encontra-se no meio da desesperança, no meio de uma situação séria, que êle vê, de uma maneira mais objetiva do que a maioria. Vê-se no meio de uma situação que parece tornar-se cada vez mais difícil, e que êle espera vencer com o amor e a verdade. Sòmente o amor é construtivo e forte, declara êle.

Dom Helder Câmara fala da violência. Da violência que representa a estrutura da sociedade. A violência estabelecida. Essa violência nº1, cria a violência nº2: aquela do rebelde, que luta para obter um mundo mais justo e humano. A violência nº3 é a reação das autoridades, porque se acham obrigadas a manter a ordem pública.

E o mundo continuará assim? Dom Helder Câmara acredita que não. Êle acha que é possível que o ser humano, no fim, entenderá que guerra e violência não têm sentido.

Ê êle ingênuo? Não - mas não quer abrir mão da esperança em um mundo feito de humanidade. Êle quer estimular um movimento de justiça e de paz. Lutar para mudar as estruturas econômicas, sociais, culturais e políticas existentes, nos países subdesenvolvidos. Fazer com que os países desenvolvidos entreguem as massas subdesenvolvidas nas suas sociedades e realizem uma revisão total do comércio internacional com os países subdesenvolvidos. Pois se êsses países não tiverem a coragem de realizar uma mudança profunda da política de comércio internacional, os países pobres continuarão a nutrir os países ricos com o seu sangue, a sua riqueza.

Continuação (6)

COPIA..

III

Mas existe a ajuda para o desenvolvimento, não? - Existe? É absolutamente necessário que os países desenvolvidos entendam que não é possível uma mudança de estrutura nos países em vias de desenvolvimento, se eles não realizarem uma profunda mudança na sua própria estrutura. Esta é a resposta de Dom Helder Câmara. A fome de um povo miserável, não é somente a fome de pão, como também de honra, de responsabilidade e de liberdade. Aquêles que acreditam que se pode reduzir o problema do desenvolvimento ao problema de controle da natalidade precisam ser psico-analisados. Apôio paternalístico é o que se tem dado aos países em desenvolvimento.

Dom Helder Câmara é duro também, na sua crítica às classes que governam os países em desenvolvimento. Ele fala de um colonialismo interno. Isso também representa estruturas que têm que ser transformadas e, por essa razão, é incluído na revolução mundial das estruturas, que ele prega.

Mas ele fala em favor de uma revolução sem violência, pois acredita que a espiral da violência não tem fim. De um ponto de vista democrático e cristão, reconhece a fraqueza humana, que deve ser vencida através de uma certa pressão moral, justa e forte. Ele apela para todo mundo, para as personalidades importantes das classes privilegiadas, para os líderes das organizações religiosas, das universidades, da imprensa, e até, para os militares. Mas antes de tudo, ele fala à juventude. Muitos das suas esperanças em um mundo mais justo e humano encontram sua força e seu apoio na juventude, declara ele.

Falava-se, há muito tempo, do perigo de uma politização do Evangelho Cristão. Naturalmente, isso seria um mal. Mas acontece que o seu primeiro Artigo de Fé é o primeiro da nossa Declaração de Fé. No seu longo prefácio, o Sr. Hallvard Rieber-Mohn refere-se às palavras de Grundtvig: "Existir primeiro, ser cristão depois".

Dom Helder Câmara não deixa de responsabilizar também os cristãos pela injustiça que se encontra, por exemplo, na América

COPIA.	IV
	<p>Latina, Mas apesar disso, a cristandade existe, com suas exigências de justiça e fraternalidade, com sua mensagem de redenção eterna. Na realidade, o nosso amor com relação a pessoas é inspirado por um amor interno que o renova de um modo radicalmente novo. Dessa maneira, a cristandade também representa uma força motora no trabalho em prol do desenvolvimento total, inclusive o desenvolvimento econômico. Pois, a Bíblia ensina que Deus criou o ser humano à sua imagem, e que êle deu ao homem o poder de conquistar a natureza e de se elevar até a perfeição escreve o Arcebispo. É claro que o Prelado acha que essa perfeição é bem possível, após a queda da humanidade e sua luta contra Deus. Se alguém realmente reconheceu a enorme força do pecado, essa pessoa deve ser êle.</p> <p>Mas nem Dom Helder Câmara nem nós, temos o direito de desistir. Poi, o amor de Deus e o Mandamento do Amor de Deus exigem que continuemos. Mas como o fazer?...</p> <p>Hoje, 85% e amanhã 90% vivem na sua miséria para possibilitar que 15% e amanhã 10%, da população do mundo, possa viver em um luxo exagerado. Quem ainda não entendeu que é preciso uma revolução estrutural, no terceiro mundo? pergunta êle.</p> <p>Dom Helder Câmara sabe que a situação desesperada que êle vê em volta de si, pode resultar numa catástrofe, porque as massas oprimidas não mais aguentam a pressão, e utilizam o meio mais simples de todos: a violência. Êle não os condena, nem Torres, nem Che Guevara mas êle espera e deseja que uma outra solução seja utilizada: a do amor.</p> <p>O livro de Dom Helder Câmara - uma coleção de seus artigos e discursos dos últimos anos - é um livro muito sério e chocante. Porque êle, sem mercê, acusa aqueles que acreditam não ter culpa, aqueles que adotaram a atitude dos indiferentes. Há uma guerra, uma guerra e uma luta para a sobrevivência da maioria do mundo. Nem as conferências da UNCTAD, nem as Declarações De Direitos Humanos resolv</p>

COPIA.	V
	<p>Não bastam as migalhas recolhidas nas mesas dos ricos, nem as declarações de simpatia e nem mesmo os Prêmios da Paz (se êle o obterá um dia). É a espiral da violência que tem que ser interrompida. A "bomba da miséria" está se desenvolvendo no terceiro mundo. E essa bomba pode se mostrar mais violenta do que todas as bombas atômicas do mundo.</p> <p style="text-align: center;">*****</p>

Continuação (9)

COPIA.

EMB. EM OSLO 137 / 1972 Anexo nº 4

DAGBLADET

Oslo, em 4 de janeiro de 1972

A ESPIRAL DA VIOLÊNCIA

(De Svein Blom)

O Arcebispo brasileiro Dom Helder Câmara é um dos mais corajosos lutadores pela liberdade, da América Latina. Ele acha, porém, que a violência não leva a outra solução que a novas violências. Seu ponto de vista é exposto claramente num livro que foi, agora, traduzido para o norueguês. "Violência - Solução ou Tragédia". Nesse livro, ele mostra, entre outras coisas, que é preciso uma mudança estrutural, nos países ricos, para se obter justiça nos países em desenvolvimento.

"Sou um homem com fome e sede de justiça", declara ele. - "Peço-lhe que me escute como uma pessoa que mora num enorme continente, que se encontra quase no início de uma revolução, mas também, como uma pessoa que não tem direito nem a trair o povo latino-americano, nem a pecar contra a luz ou o amor."

É o conhecido Arcebispo brasileiro Dom Helder Câmara que pronuncia essas palavras. Ele se encontra no mercado de livros norueguês, este ano, pela publicação de "Violência - Solução ou Tragédia", tradução da publicação, em francês, denominada "Spirale de Violence". Essa é a primeira coleção dos discursos e artigos de Dom Helder Câmara, que existe em língua norueguesa. Em sueco, já existem, há muito tempo, os livros "Espiral da Violência" e "Corrid com o tempo", publicadas pela Editora "Gummesson", e em dinamarquês existe o livro "Um mundo dividido por pão não partido", impresso pela Editora "Økumene".

DPIA.

II

Dom Helder Câmara trabalha para a libertação do seu povo no Brasil, na América Latina e no mundo inteiro. Esse trabalho consta de duas frentes. Ele visita organizações, instituições e grupos, na parte "desenvolvida" do mundo, para os lembrar dos problemas das nações pobres, e tenta mobilizá-los na luta contra a injustiça. Seu trabalho, também, é local, entre seus compatriotas, nos municípios de Olinda e do Recife, no nordeste do Brasil. Essas regiões são exemplos típicos de regiões pobres, e sua atividade lá, foi de estabelecer cooperativas de compra e venda, pequenas casas de reparação, cooperativas de pesca, e serviços sociais. Iniciou projetos de construção e desenvolvimento de uma rede de auto-falante para politizar o povo, etc.

A CONTRADIÇÃO INTERNA DO CAPITALISMO

No livro "Violência - Solução ou Tragédia", ele mostra o "Background" do seu trabalho. Primeiro, ele acentua a enorme diferença econômica e social entre países ricos e pobres, mas menciona que, também, os países ricos têm suas regiões subdesenvolvidas - suas "zonas cinzentas". Isso demonstra a contradição interna do capitalismo, acredita ele, e isso significa que os países ricos, também, têm que realizar mudanças estruturais. Isso é, realmente, necessário para um desenvolvimento real, no terceiro mundo, e para uma paz duradoura entre as pessoas. Pois, a paz somente pode se basear na justiça, e a justiça só será obtida quando os países ricos adotarem uma outra política econômica com relação aos países pobres o que, por sua vez, depende de uma mudança estrutural. Mas os países em desenvolvimento também têm que se livrar das suas próprias oligarquias nacionais, de acabar com o "colonialismo interno".

Dom Helder Câmara não acredita que os rebeldes violentos possam realizar isso. "Violência atrai violência", afirma ele, e declara que o mundo somente se envolverá ainda mais na "Espiral da Violência", se tais métodos forem adotados. A violência

Continuação (9)

COPIA.

III

institucional dos opressores é a violência nº1, que provoca a violência nº2, que é a violência dos rebeldes. Essa violência, por seu turno, resulta na contra-violência aberta - a violência nº3 - e na intensificação da violência nº1, etc.

Em vez disso, o corajoso Arcebispo propõe os métodos da não-violência - "a forma de violência dos pacifistas! Ele incita todo mundo a formar grupos básicos, que podem funcionar como criadores de opinião e grupos de pressão, com relação aos poderosos e aos centros de poder. Esses grupos juntarão material para documentar a situação sub-humana existente nos países em desenvolvimento, e apresentarão os fatos lamêntáveis a universidades, à imprensa, a líderes religiosos e políticos, a estudantes, juristas, associações de juventude, etc. Quando todos êsses indivíduos fôrem convencidos para a causa da libertação, aqueles grupos poderão continuar o trabalho de documentação num nível mais alto, e efetuar uma "pressão moral" sôbre os reais detentores do poder. Assim, êle espera obter mudanças estruturais, nos países ricos e pobres.

DESPERTAR E ANIMAR

O livro de Dom Helder Câmara é mais uma publicação que visa a despertar e a animar do que uma pesada análise. Despertar para aqueles que ainda não perceberam o maior problema no mundo - a injustiça global, e animar aqueles que estão conscientes do problema, mas que estão "perdendo a coragem".

Pode-se, naturalmente ter objeções contra certas formulações do livro. Entre outras coisas, êle fala repetidas vezes de "abusos no radicalismo e na utilização de violência", de uma maneira que parece que radicalismo é um "abuso" e que necessariamente tem que estar ligado à violência armada. Êle também declara, sôbre a "luta pelo desenvolvimento" que "chegamos com dois séculos atrasados", e com relação a isso, êle fala sôbre os nossos "pecados de

DPIA.

IV

omissão". Mas também não é verdade que o "subdesenvolvimento" é uma necessidade para o "super-desenvolvimento". Os países pobres não se encontram na fase pre-industrial ou pre-capitalista, mas fazem importante parte da nossa fase pós-industrial e capitalista. Não deixamos os pobres "para si", mas baseamos a nossa riqueza em sua miséria (a teoria metropole/satelite de André Gunder Frank).

A não-violência também só é apresentada como "pressão moral", nesse livro. Esquece que a não-violência, também inclui a repressão social, política e econômica.

Mesmo que a publicação conste de frases de propaganda em certas partes, dá uma boa impressão geral, no seu patos e por seu objetivo. Especialmente a parte "Apêlo à juventude" é muito interessante.

O Padre católico Hallvard Rieber-Mohn apresentou o livro com um prefácio muito digno de se ler.

Continuação (13)

COPIA.

EMB. EM OSLO/37 / 1972/Anexo nº 6 e ult

ARBEIDERBLADET

Oslo, em 10 de janeiro de 1972

De Georg A. Stousland Møller:O PEQUENO LIVRO-VERMELHO DE CÂMARADom Helder Câmara: "Violência - Solução ou Tragédia"
Editora: Dreyer

Começa-se ler êsse livro com curiosidade e excitação. Mas logo se fica um pouco desapontado, porque a matéria parece conhecida. Isso é somente porque a publicação do livro, neste país deu-se com muito atraso. Os pensamentos de Dom Helder Câmara já são conhecidos. Mas é bom que sejam apresentados em conjunto.

Um jornalista norueguês escreveu, num dos maiores jornais deste país, que a classe média no Brasil tem vastas possibilidades de desenvolvimento, interrompidas, porém, pelo trabalho de Dom Helder Câmara. Por isso, êle tem que ser controlado. Dom Helder Câmara não podia desejar uma ilustração melhor para o que êle chama de "Violência nº1", ou seja o fato de que as autoridades oprimem os pobres e os que sofrem, que os militares e a polícia mantenham uma forma de ordem, que somente serve aos interesses do capital.

"Violência nº2" é a defesa pessoal das massas, contra essa "ordem", e, por isso, é chamada de rebelde.

"Violência nº3" é a tentativa das autoridades de combater essa defesa pessoal. Dom Helder Câmara declara, com muita lógica, "... que estamos diante de uma real ameaça de ver o mundo entrar num período de violência, que aumentará cada vez mais - numa espiral da violência".

COPIA.

II

- "Espiral da Violência" é, também, o título do livro.

Dom Helder Câmara discute muito as possibilidades dos princípios de Gandi no nosso mundo, e nesse ponto é otimista. Ele acha que as autoridades perceberão que é possível escolher "a forma de violência dos pacifistas - a pressão moral, que tem a liberdade como finalidade".

O autor discute, também, como será possível criar uma tal pressão.

Sua conclusão final é: "Sòmente aquêles que obtêm uma unidade interna, em si mesmos, e que possuem uma visão aberta para o mundo, serão instrumentos úteis para o que acontecerá quando a violência dos profetas, a verdade de Cristo e o espírito revolucionário do Evangelho forem reunidos - sem a queda do amor."

O Chanceler Willy Brandt pronunciou um "discurso-Nobel" muito profundo. Provavelmente, nunca chegaremos a ouvir Dom Helder Câmara proferir um tal discurso.

Êsse livro apresenta os antigos pontos de vista do autor.

Não seria uma idéia convidar Dom Helder Câmara para, neste país, pregar a idéia da paz e da revolução?

Àcho que haveria suficientes pessoas para juntar a necessária quantia para êsse fim - especialmente agora, na época de Natal.

E depois poderíamos discutir como ajudá-lo no seu trabalho e no movimento "Justiça - Paz".

ANEXO XXXIV

Correspondência Especial da Embaixada em Oslo nº 122 (28/02/1972) - Prêmio Nobel da Paz de 1972. Encerramento das Inscrições. Situação dos candidatos. Contém 8 páginas.

COPIA.

EMBAIXADA DO BRASIL
EM OSLO

SECRETO

AIG/AEO/DC/640.91(77)
540.91
540.432

Visto
Ao Senhor M. de
República
J. de C. Câmara
10/4/72

S. de E. DOS RELACIONOS EXTERNAIS 122
DIVISÃO DE ARQUIVOS
28/II/1972
9 MAR 1972
No 1010
CORRESPONDÊNCIA ESPECIAL
Visto em DS
SECRETARIA DE ESTADO

Premio Nobel da Paz de 1972.
Encerramento das inscrições.
Situação dos principais candidatos.

O Sr. Ministro de Estado tem o
conhecimento. De ordem, à DSF.

Visto
S. de E. (Arquivos)
DC
10/4/72

Conforme foi prometido na parte final do telegrama nº8, de 2 do corrente, procuro reconstituir, através do resultado de pacientes indagações junto a personalidades ligadas à Comissão Especial do Parlamento Norueguês, um resumo da situação atual dos trabalhos relativos à concessão do Premio Nobel da Paz deste ano, bem como a posição dos principais candidatos ao cobiçado galardão.

2. Assim, de conformidade com o disposto no art.3 das Disposições Especiais baixadas pelo Instituto Nobel desta Capital, aprovadas pela Comissão Especial do Parlamento da Noruega, encerrou-se, a 1ª do mês em curso, o prazo de recebimento das inscrições ao Premio Nobel da Paz de 1972.

3. Segundo informações colhidas em fontes merecedoras de crédito, e embora guardadas as devidas reservas por tratar-se de assunto extremamente sigiloso, foi todavia possível apurar-se que sobe a algumas dezenas o número de candidatos inscritos, dentre os quais figura, pela terceira vez, o nome de Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife. Dentre os demais candidatos, apontam-se os nomes do economista e pacifista francês Jean Monnet, dos padres católicos norte-americanos Philip e Daniel Berrigan e da escritora e jornalista norueguesa Elise Ottesen-Jensen, para só mencionar os

JSG/alrs

Emb.Oslo/122/72/2

PIA.

pretendentes que parecem reunir maiores probabilidades de êxito na competição do ano em curso.

4. Na data de 23 do corrente, a Comissão Especial do Parlamento Norueguês realizou a sua primeira reunião ordinária, na sede do Instituto Nobel nesta Capital, a fim de tomar as primeiras medidas ao examinar a forma e o mérito no processo de seleção dos vários candidatos ao Premio da Paz de 1972. Ainda segundo informes recém recebidos, a reunião contou com a presença dos cinco membros da Comissão Especial do Parlamento, composta de:

I - Senhora Aase Lionaes, Presidente do "Lagting" (Câmara Alta do Parlamento) e também Presidente da Comissão Nobel;

II - Senhor Bernt Ingvaldsen, Presidente do "Storting" (Parlamento), membro da Comissão Diretora do Partido Conservador e Vice-Presidente da Comissão Nobel;

III - Doutor Helge Refsum, Juiz do Tribunal de Justiça da cidade de Bergen;

IV - Senhor Sjur Lindebraekke, Diretor do Conselho de Administração do "Bergens Privatbank", e

V - Senhor John Sanness, Presidente do Instituto de Política Exterior da Noruega, sediado em Oslo.

5. A Comissão Nobel foi devidamente assessorada, durante a sua primeira reunião, pelo Professor Prebe Munthe, Consultor em História Política, pelo Senhor Jakob Sverdrup, Consultor em Economia Social e pelo Professor Torkel Opsahl, Consultor em Direito Internacional. Estiveram, por fim, presentes à reunião, o Senhor August Schou, Diretor do Instituto Nobel e o Senhor Sverre Svanes, Secretário do referido Órgão.

6. Numa tentativa de indicar a posição dos cinco candidatos que, de início, parecem possuir mais possibilidades de vitória, no renhido pleito, e com as devidas reservas de notícias filtradas através de discreta e arriscada cooperação de personalidades ligadas a esta Embaixada, procurarei destacar, em rápida súmula, a análise das possibilidades atuais dos mencionados candidatos, cuja posição,

Continuação (3)

Emb.Oslo/122/72/3

COPIA.

obviamente, poderá ser alterada em face de variadas circunstâncias que se apresentem no decorrer do ano em curso, até a seleção final do nome do agraciado, a ser anunciada em fins de outubro vindouro.

7. I - DOM HELDER CÂMARA - Conforme havia previsto esta Embaixada em numerosas comunicações sigilosas enviadas à Secretaria de Estado, nos últimos tempos, dentre as quais sobressaem os ofícios nos. 565/71 (par.12), 605/71 (par. 11) e 37/72 (par.5), o Arcebispo de Olinda e Recife teve renovada a sua candidatura, como foi acentuado no mencionado telegrama nº8/72. A sua candidatura foi apresentada por um grupo de membros do Parlamento da República Federal Alemã, pertencentes ao Partido Cristão-Democrata, que se encontra em oposição ao Governo do Chanceler Willy Brandt, detentor do Premio Nobel da Paz de 1971. O nome do prelado brasileiro mereceu o apóio de parlamentares noruegueses, suecos e holandeses, além de várias associações de caráter político, social e religioso. As informações obtidas por esta Missão diplomática coincidem, em linhas gerais, com os informes retransmitidos pelo despacho-telegráfico nº12/72, que transcreve o teor do telegrama enviado à Secretaria de Estado pela Embaixada em Bonn. Este ano, o nome do religioso brasileiro aparece apoiado por figuras de alta representação do mundo parlamentar, político e eclesiástico e os seus adeptos, diante da derrota por dois anos consecutivos, procurarão, sem dúvida, aperfeiçoar os seus meios de luta através de intensa campanha jornalística, como relatam várias comunicações desta Embaixada, e mais recentemente, os ofícios nos. 439/71, 488/71, 557/71, 565/71, 605/71 e 37/72. Por outro lado, parece tomar corpo a idéia, pelo menos nos meios políticos e religiosos ligados a Dom Helder Câmara, de convidar-se o prelado brasileiro a vir à Noruega, pessoalmente, a fim de dar entrevistas e efetuar palestras nos centros culturais do país, nas estações de rádio e televisão, para difundir a obra social em que está empenhado (ver ofício mencionado nº37/72). É óbvio que a presença física do Arcebispo de Olinda e Recife neste país, com o seu aspecto de aparente humildade e com sua oratória teatral, deverá, sem dúvida, influenciar o julgamento final

Emb.Oslo/122/72/4

PIA.

da Comissão Nobel, fortificando, assim, a sua posição de candidato favorito. E para finalizar, não seria temerário prever-se que, salvo "um passo em falso", como ocorreu no ano passado, Dom Helder Câmara aparece como o mais provável vencedor ao Premio Nobel da Paz de 1972.

8. II - JEAN MONNET - A candidatura do denominado "Pai da Europa", por ter sido uma das personalidades que mais se devotaram para a criação do Mercado Comum Europeu foi, ao que apreço, lançada por um grupo de parlamentares de diversos países participantes da Comunidade Econômica Européia, tendo obtido o apêlo do Premio Nobel da Paz de 1968, René Cassin, Presidente do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Sem dúvida, o Senhor Jean Monnet é uma personalidade que se impõe por seus serviços prestados à paz e à humanidade. Antigo Secretário-Geral Adjunto da extinta Liga das Nações, foi um dos organizadores do Comité-Franco-Britânico de Coordenação. Fez parte do Comité Francês de Liberação; foi criador do plano econômico-financeiro que leva seu nome (Plano Monnet); participou do denominado Plano Schumann; foi, ainda, elemento de valor na criação da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA), tendo, por fim, sido um dos artífices, como representante do seu país, na criação do Mercado Comum Europeu. Exerceu as funções de Presidente do Comité para a criação do utópico plano dos Estados Unidos da Europa. É possuidor de diferentes títulos e distinções, tais como, Premio Wateler da Paz, Premio Carlos Magno, Premio da Liberdade, Premio Émile Cornez, Medalha Presidencial dos Estados Unidos para a Paz e o Premio Robert Schumann. Autor de várias obras, das quais se destaca "Les États Unis d'Europe ont commencé". É, nos dias de hoje, o mais forte concorrente de Dom Helder Câmara, na conquista do Premio Nobel da Paz de 1972.

9. III e IV - PHILIP E DANIEL BERRIGAN - Dentre os candidatos inscritos, os padres católicos norte-americanos Philip e Daniel Berrigan tiveram os seus nomes, ao que se pôde saber, apoiados por vários membros do Parlamento da Suécia e por associações católicas de seu país. Vêm-se distinguindo há vários anos pela suas idéias

Continuação (5)

Emb.Oslo/122/72/5

COPIA.

anti-racistas e pacifistas e especialmente contrárias à participação armada dos Estados Unidos da América na Guerra do Vietnam. Recentemente, o prestígio dos irmãos Berrigan foi fortemente afetado, sobretudo o do Padre Philip, pelo processo que lhe move a Justiça norte-americana por ter, em fins de 1970, participado do exercício de atividades subversivas, juntamente com um grupo de seis companheiros, acusados de conspiração e tentativa de rapto do Assessor da Casa Branca, Senhor Henry Kissinger e de lançamento de bombas em edifícios públicos em Washington. Por outro lado, o Padre Daniel Berrigan, também participante de protestos violentos contra a política exterior dos Estados Unidos na Ásia, foi processado e condenado à pena de três anos de prisão e, há poucos dias, liberado condicionalmente, após dezoito meses de detenção, devido ao seu precário estado de saúde. Não se pode negar, contudo, que os irmãos Berrigan, veteranos da II Grande Guerra, constituem os líderes da ala radical da Igreja Católica nos Estados Unidos e os seus esforços contra a discriminação racial e a favor da paz mundial transcendem as fronteiras de seu país. Mas, apesar disso, parece que a candidatura dos padres Philip e Daniel Berrigan não estará à altura de concorrer com o prestígio de que gozam os nomes de Dom Helder Câmara e de Jean Monnet.

10. V - ELISE OTTESEN-JENSEN - Trata-se de ardorosa feminista, escritora e jornalista de nacionalidade norueguesa, ultimamente radicada na Suécia. Destacou-se, nos últimos tempos, pela sistemática campanha de controle de natalidade em países do Terceiro Mundo. A sua candidatura ao Premio Nobel da Paz deste ano foi, ao que se supõe, lançada por um grupo de parlamentares suecos, apoiada por organizações de assistência social do país vizinho. Tanto quanto é possível prever-se, presentemente, o seu nome tem reduzidas possibilidades de ser indicado como vencedor do Premio da Paz do corrente ano.

11. CONCLUSÃO - Pela leitura da presente comunicação e dentro do difícil cálculo das probabilidades, verifica-se que no

Emb.Oslo/122/72/6

PIA.

momento atual - logo após a realização da primeira reunião anual da Comissão Nobel encarregada de examinar as credenciais de cada um dos inscritos e de promover a depuração inicial - dois candidatos se impõem: o Arcebispo de Olinda e Recife e o economista e financista francês Jean Monnet, sendo que, aparentemente, o primeiro parece merecer a preferência da Comissão Parlamentar. Conforme foi acentuado no parágrafo final do ofício nº37/72, evidencia-se cada ano mais difícil a ação desta Embaixada no sentido de tentar obstar a vitória da candidatura Helder Câmara. De fato, os argumentos utilizados nos dois últimos anos tiveram o fim precípuo de tornar polêmica a figura do prelado brasileiro aos olhos da Comissão Nobel, mas não podem ser repetidos "ad infinitum". Em 1970, o Arcebispo brasileiro foi apresentado como antigo nazi-fascista, dados os seus laços do passado com a extinta Ação Integralista Brasileira, circunstância que o incompatibilizou, até certo ponto, nos círculos ligados à Comissão Nobel, pelos ressentimentos da ocupação do país pelas forças alemãs durante a II Grande Guerra (vide ofício nº172/71, pars. 9 a 12). Em 1971, foi sobretudo realçada a ameaça que pairava sobre os capitais noruegueses investidos no Brasil pelo eventual risco de sua expropriação, nacionalização ou ainda estatização, caso fosse vitoriosa a candidatura do Arcebispo de Olinda e Recife, pelo aumento de seu prestígio junto às classes populares brasileiras, a sua ambição política e a sua liderança na ala progressista da Igreja Católica do Brasil (vide ofício citado). Outro argumento empregado foi a tentativa de demonstrar sua deficiente cultura econômica, ao serem contrarrestadas as duas sistemáticas críticas à política econômico-financeira dos três últimos governantes do Brasil. Esse objetivo foi atingido pela discreta difusão, dentre os membros da Comissão Nobel do Parlamento Norueguês, da monografia de autoria do Padre Felix A. Morlion, O.F., intitulada "The Political Dialectics of Dom Helder Câmara" (vide telegramas nos. 100/71 e 101/71). E, finalmente, sua leviana entrevista concedida ao mensário ilustrado italiano "Le Ore del Mese" foi veladamente explorada por esta Missão diplomática, que

Continuação (7)

Emb.Oslo/122/72/7

COPIA.

fez circular sigilosamente, entre os membros da Comissão Nobel, inclusive sua Presidente, um exemplar da pornográfica revista, acompanhada de tradução em idioma norueguês do texto da entrevista concedida (vide telegramas citados).

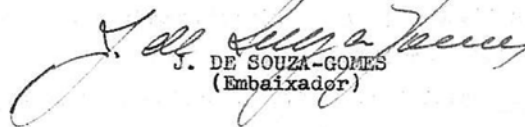
12. Por outro lado, ainda debilitam mais a posição desta Embaixada o fato de que os dois argumentos básicos utilizados na polemização da personalidade do Arcebispo brasileiro foram fartamente difundidos na imprensa deste país, por meio dos virulentos artigos de crítica ao Governo brasileiro e de louvores ao candidato vencido do Premio da Paz (de autoria dos jornalistas Henry Notaker e Padre Rieber-Mohn - vide ofícios nos. 565/71 e 37/72).

13. Acresce, por fim, a circunstância de que personalidades integrantes ou intimamente ligadas a membros da Comissão Nobel que, confiantes na discreção desta Embaixada, muito a auxiliaram no fornecimento de informações sigilosas e na circulação dos argumentos destrutivos da personalidade do prelado brasileiro, se mostram cada vez mais retraídas e temerosas de empreender qualquer ação que os venha novamente envolver em tentativas de pressão a favor ou contra qualquer dos candidatos ao Premiã da Paz. Tal fato, aliás, já sucedeu por mais de uma vez, como o episódio do semanário inglês "Private Eye" e do jornal norueguês "Dagbladet" que ameaçou arrastar, numa tentativa de chantagem, dois membros prestigiosos da Comissão Especial Parlamentar e um importante investidor de capitais no Brasil (vide ofício nº111/71). Novos ensaios de envolvimento repetiram-se, mais tarde, através das penas dos mencionados jornalistas Henry Notaker e Padre Rieber-Mohn (vide ofícios citados no par.12). E, por fim, nem diplomatas estrangeiros foram poupados pela imprensa adepta de Dom Helder Câmara. Foi o que sucedeu com o Embaixador da República Federal Alemã, Senhor Gerhard Ritzel, o qual, acusado de ter tentado pressionar a Comissão Parlamentar a fim de conseguir o Premio da Paz de 1971 para o Chanceler Willy Brandt teve, para defender-se, de travar desagradável polêmica jornalística (vide ofício nº590/71, pars. 9, 10 e 11).

Emb.Oslo/122/72/8

DPIA.

14, Nessas condições, tendo como objetivo fundamental evitar a suspeita de qualquer interferência do Governo brasileiro ou de sua Representação diplomática neste país, no que se refere à tão delicado assunto, acredito que a ação desta Embaixada terá que limitar-se, este ano, ao atento acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos ligados à escolha do Premio Nobel da Paz de 1972, na esperança de que seus esforços, empreendidos nos anos de 1970 e 1971, ainda sejam capazes de deter, ou pelo menos minorar, a pertinaz campanha dos adeptos de Dom Helder Câmara neste país e no exterior, que não se deixarão abater enquanto o Arcebispo de Olinda e Recife não receber a glória de ser, por fim, um galardoado com o Premio Nobel da Paz.


J. DE SOUZA-GOMES
(Embaixador)

Parte do discurso do Excepcionalista governador do Estado de Pernambuco, Eduardo Henrique Accioly Campos, na solenidade de posse dos nove membros do Conselho Estadual da Memória e Verdade Dom Helder Câmara.

A democracia não é uma dívida. Ela resulta de uma construção coletiva que avança passo a passo, geração a geração. Às vezes, esses passos são rápidos e longos. Em outras vezes, curtos e lentos. Em alguns momentos apenas é possível ir à frente, pé ante pé, para que a marcha não pare, para que - mesmo sob o peso da escuridão - continue a buscar a luz que nos orienta.

[...] O Brasil venceu a escuridão. Pernambuco venceu a escuridão. E hoje, nesta solenidade, damos um largo passo para consolidar a democracia no nosso Estado e no nosso País. Porque não basta avançar. É preciso ter rumo. De contrário, ficamos os como o marinheiro que, tendo vento em suas velas, não sabe ajustar o leme para chegar mais cedo ao seu destino.

Eduardo Henrique Accioly Campos



CEPE
COMPANHIA ESTADUAL DE
PERNAMBUCO


Pernambuco
ESTADO DE


CONSELHO ESTADUAL DA
**MEMÓRIA
E VERDADE**
DOM HELDER CÂMARA